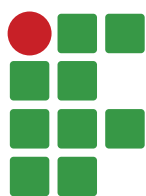


RELATOS DA ENCHENTE DE MAIO DE 2024

*Memórias da catástrofe climática
que atingiu o Rio Grande do Sul*

**RELATOS DA ENCHENTE
DE MAIO DE 2024**



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Rio Grande do Sul

RELATOS DA ENCHENTE DE MAIO DE 2024

Memórias da catástrofe climática
que atingiu o Rio Grande do Sul

Organização

Pró-reitorias de Ensino, Pesquisa e Extensão do IFRS



Reitor - Júlio Xandro Heck

Pró-reitora de Administração - Tatiana Weber

Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional - Lucas Coradini

Pró-reitor de Ensino - Fábio Azambuja Marçal

Pró-reitora de Extensão - Marlova Benedetti

Pró-reitora de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação
- Flávia Santos Twardowski Pinto

Comissão do Edital

Aline Terra Silveira

Fábio Azambuja Marçal

Flávia Santos Twardowski Pinto

Lisiane Delai

Marcelo Vianna

Marlova Benedetti

Neudy Alexandro Demichei

Conselho Editorial do IFRS

Aline Terra Silveira

Núbia Marta Laux

Silvia de Castro Bertagnolli

Greice da Silva Lorenzetti Andreis

Luciano Manfroi

Minéia Frezza

Maria Cristina Caminha de Castilhos França

Deloize Lorenzet

Erik Schuler

Iury de Almeida Accordi

Marcus André Kurtz Almança

Juliana Marcia Rogalski

Maurício Polidoro

Paulo Roberto Janissek

Carine Bueira Loureiro

Marina Wöhlke Cyrillo

Daiane Romanzini

Viviane Diehl

João Vitor Gobis Verges

Marcio Luis Vieira

Cintia Mussi Alvim Stocchero

Roberta Schmatz

Marcelo Vianna

Rafael Alfonso Brinkhues

Gustavo Simões Teixeira

Denise Mallmann Vallerius

Edison Silva Lima

Os textos deste livro foram avaliados e aprovados por pareceristas ad hoc.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

R382

Relatos da enchente de maio de 2024 : Memórias da catástrofe climática que atingiu o Rio Grande do Sul [recurso eletrônico] \ organização Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Pró-reitorias de Ensino, Pesquisa e Extensão do IFRS. - 1.ed. - Bento Gonçalves, 2025.

1 arquivo em PDF (221 páginas).

ISBN Digital 978-65-5950-157-1

DOI 10.35819/ISBN978-65-5950-157-1

1. Rio Grande do Sul - Inundações - 2024. 2. Memória. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.

CDU: 82-94:551.311.2

Catalogação na publicação: Aline Terra Silveira CRB10/1933



© [2025] Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - PROPI
Rua General Osório, 348 – Bairro Centro – Bento Gonçalves/RS
CEP: 95700-086

AGRADECIMENTO AOS AVALIADORES

A Comissão Organizadora do Edital Conjunto nº 02/2024 – Chamada para submissão de textos para o livro sobre os relatos das memórias da catástrofe climática ocorrida no Rio Grande do Sul em 2024 – agradece aos colegas pelas avaliações realizadas nos textos submetidos. A publicação contou com a dedicação de servidores dos Institutos Federais do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, que gentilmente disponibilizaram seu tempo para essa importante contribuição.

Andressa Grazielle Brandt - IFC

Bárbara Hees Garré - IFSul

Bianca Goncalves de Moraes - IFSC

Camila Angelica Baum - IFRS

Camila Gasparin - IFSC

Cimara Valim De Mello - IFRS

Claudia Redecker Schwabe - IFSul

Cristhianny Bento Barreiro - IFSul

Daniela De Campos - IFRS

Daniela Nicoletti Favero - IFRS

Débora De Lima Velho Junges - IFC

Diogo Labiak Neves - IFPR

Edison Silva Lima - IFRS

Estevão Da Fontoura Haeser - IFRS

Fabio Roberto Krzyszczak - IFRS

Gabriel Augusto Quinato - IFPR

Herbert Walter Hermann - IFSC

Jaison Schinaider - IFSC

Laiane Frescura Flores - IFFar

Lucas Martins Flores - IFFar

Marcelo Vianna - IFRS

Margarida Maria Sandeski - IFPR

Maria Cristina Castilhos França - IFRS

Milena Silvester Quadros - IFRS

Orlando Rogerio Campanini - IFSC

Patricia Thoma Eltz - IFSul

Rilton Ferreira Borges - IFFar

Roberta Macedo Ciocari - IFSul

Rogerio Foschiera - IFRS

Samantha Dias De Lima - IFRS

Soraya Colares Leão Carvalho - IFPR

Vagner Zamboni Berto - IFPR

DEDICATÓRIA

Aos servidores, estudantes e todas as comunidades do IFRS.

Este livro é dedicado às vozes que se ergueram em meio à tragédia climática de maio de 2024 no Rio Grande do Sul. Cada texto aqui presente carrega reflexões, vivências e aprendizagens que iluminam o impacto de uma das maiores catástrofes de nossa história recente.

Que estas páginas sejam um testemunho do sofrimento enfrentado, da solidariedade que emergiu e da força coletiva que nos guiou à reconstrução. Que sirvam, também, como um convite à reflexão e à ação para um futuro mais resiliente e consciente.

Com respeito, admiração e esperança,

Comissão Organizadora

EPÍGRAFE

A tinta mais fraca vale mais que a memória mais forte.

Provérbio Chinês

SUMÁRIO

Prefácio	11
Introdução	13
SOS comunidade surda: surpresas e desafios.....	15
A experiência psicossocial no acolhimento das famílias atingidas pelas enchentes em Bento Gonçalves e região.....	21
A formação de uma rede dialógica de aprendizagem para enfrentamento de situação de catástrofe - caso do IFRS – <i>Campus Canoas/RS</i>	26
Vivendo o campus Canoas do IFRS como um abrigo temporário para os desabrigados pelas enchentes de 2024.....	32
A anatomia de uma catástrofe.....	39
Sobre não saber quando ela volta.....	43
O dia depois do amanhã e das chuvas: cartas para Pessoa(s).....	47
A atuação do Grupo de Pesquisa Sítios de Memória e Consciência frente a catástrofe climática no Rio Grande do Sul.....	54
A cadeira no galho conta a nossa história.....	62
O estado submerso: jornada de um estudante em busca de refúgio.....	66
O desaparecimento das “mil coisas” e a suspensão da vida.....	72
...E eu me pergunto: mas o que ainda é como antes?	
A experiência de gestão educacional na calamidade climática no RS.....	76
Toda criança merece brincar.....	82
Recursos tecnológicos de apoio durante a inundação no Rio Grande do Sul em 2024.....	90
As contribuições da tecnologia na enchente do ano de 2024 no estado do Rio Grande do Sul em 2024.....	97

O dia que nunca mais vou esquecer.....	104
As restrições impostas pela tecnologia durante a inundação.....	110
Uma história, uma dobradura de papel, uma atividade investigativa de matemática: um movimento de educação em prol do próximo.....	116
Memórias e registros de um gestor escolar: O caso da enchente em Canoas/RS maio de 2024.....	125
Sobre palavras e ações: pensando a catástrofe climática que atingiu o Rio Grande do Sul em maio de 2024.....	133
Rio Grande do Sul: entre estiagens e enchentes, a esperança!.....	139
Uma reflexão sobre a enchente de maio.....	146
Campus Porto Alegre: de Acolhedor ao Acolhido.....	151
O espaço prelúdio.....	159
O devir das águas: vivências e memórias da grande enchente de 2024.....	165
As memórias de quem resgata a memória.....	173
Memórias de um desastre natural.....	181
O estudo sobre a crise ambiental: COLECAS enquanto um espaço de criticidade acerca dos fenômenos climáticos.....	188
Em 2024 vai ser pior do que 1941.....	194
Lanchas à deriva: nas águas da adversidade, as vozes da resiliência relatam memórias de sobrevivência num empreendimento náutico, em Porto Alegre.....	201
Aristóteles e a amizade: uma odisseia inesperada.....	207
Contribuições dos Institutos Federais para a reconstrução solidária do Rio Grande do Sul: ações emergenciais e estruturantes.....	215

“Relatos da Enchente de Maio de 2024: Memórias da Catástrofe Climática Ocorrida no Rio Grande do Sul”

Que alegria receber o convite para prefaciar esta obra! E que desafio, que se fez ainda maior após a leitura dos trinta e dois relatos emocionantes aqui apresentados. São histórias, casos, depoimentos e manifestos trazidos por servidores e estudantes que fazem parte do “Mundo IFRS” e também por pessoas externas à nossa comunidade, mas que agregam olhares e experiências que em muito enriquecem a obra.

Que sufoco o maio de 2024 para o Rio Grande do Sul! Vivemos um “evento” jamais visto pelas gerações contemporâneas. No apagar das luzes do mês de abril o Rio Grande do Sul foi atingido por uma quantidade de chuva absolutamente fora de qualquer padrão já registrado. E assim iniciamos maio. Chuvas que caíam e águas que se acumulavam em várias regiões do estado, principalmente nas regiões sul, serra, vales e metropolitana, nas quais estão instaladas várias das nossas unidades.

Milhares e milhares de pessoas perderam tudo: casas, roupas, móveis, memórias....e no IFRS não foi diferente: telhados destruídos, unidades invadidas pelas águas, equipamentos e mobiliários encharcados, documentos perdidos e, principalmente, servidores e estudantes atingidos.

Mas o que se sucedeu não foi resignação e muito menos abatimento. O que se viu foi luta e resiliência. Se nunca vimos tanta chuva e tanta gente em sofrimento ao mesmo tempo, também jamais vimos tanta solidariedade, vinda dos gaúchos e dos brasileiros de todos os cantos. E, como não poderia ser diferente, o IFRS teve um protagonismo enorme neste momento tão difícil, com várias ações sendo coordenadas e executadas pela nossa comunidade: servimos de abrigo e moradia para centenas de pessoas desabrigadas; organizamos centrais de recebimento e distribuição de alimentos, roupas, produtos de limpeza e outros materiais; produzimos e entregamos alimentos e móveis para doação; consertamos aparelhos eletrônicos danificados; executamos projetos de extensão voltados ao enfrentamento da calamidade. Enfim, fomos presentes e atuantes e, mais do que nunca, honramos nossa tradição de solidariedade e cuidado com quem precisa. Por um momento deixamos em segundo plano as nossas atividades de “educação, ciência e tecnologia” para sermos uma instituição de solidariedade.

De fato, foi um período complicado demais e que esperamos que jamais se repita. E esta obra chega em boa hora, com uma tripla missão (na minha opinião): primeiro, a de proporcionar uma reflexão crítica e propositiva sobre as mudanças climáticas que o mundo experimenta e qual nosso papel neste cenário; segundo, a

de reforçar a importância de que estejamos preparados para eventos similares que possam atingir nosso estado novamente; e, por último e não menos importante, a missão de preservar a memória e transmitir às gerações futuras um pouco do que vivemos durante as enchentes de maio de 2024. Desejo ótima leitura e finalizo parabenizando os autores e autoras desta obra tão necessária e importante.

Júlio Xandro Heck
Reitor do IFRS

Uma nota: Experiências e reflexões compartilhadas como memória da catástrofe climática

Quando falamos de memórias, há muitas associações possíveis. Elas podem ser entendidas como recordações de momentos significativos, parte de nostalgias, saudosismos e traumas que nos formam, rememorados por meio de objetos, paisagens e movimentos. Elas compõem lembranças que compartilhamos para afirmar nossa trajetória pessoal e para elaborar nossa identidade. Algumas se “perdem” com o tempo, silenciadas pelo esquecimento; outras são revisitadas e retraduzidas por novos contextos, assumindo valores sociais inesperados. Mas as memórias, como evocações do passado, podem ser compreendidas como uma construção coletiva, uma forma de compartilhar vivências pelo grupo em suas diferentes dimensões, ao combinar experiências do passado e percepções do presente, constituindo novos sentidos aos envolvidos.

Por que mencionar uma memória coletiva? As inundações de fins de abril e início maio de 2024 trouxeram uma devastação sem precedentes no Rio Grande do Sul, sendo uma das mais graves ocorrências na história do país. A catástrofe climática, motivada pelas mudanças climáticas provocadas pelo aquecimento global, pela devastação do meio ambiente e pela desigualdade social representada na ocupação urbana, foi vivenciada por todos no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.

Vivenciar momentos difíceis, como guerras, tragédias e desastres ambientais, preconceitos e exclusão social, podem ser eventos catalizadores de memórias inomináveis e de silêncios impostos. Nem sempre elas são traduzíveis em sua plenitude, mas são marcas que todos carregam por suas vidas. No entanto, quando possível, compartilhar as memórias é um meio de entender o quanto cada um ressignificou esses momentos difíceis, retirando-os do esquecimento. Mais do que isso, nos ajuda entender o quanto de resiliência, solidariedade e outros sentimentos estiveram presentes em cada um e o quanto dessas experiências têm em comum frente ao terrível contexto que se impôs à época.

Os textos que compõem esta obra envolvem relatos e reflexões, a partir de memórias pessoais, de saberes, de projetos, ações e iniciativas desenvolvidas no contexto das inundações. O longo percurso para alcançar um local seguro, as perdas de objetos de afeto, o papel das tecnologias na divulgação de informações, o olhar sobre as contribuições dos IFs, a experiência de gestão educacional, a volta ao campus atingido (Porto Alegre) ou a atuação em um campus que se tornou abrigo (Canoas),

entre outras contribuições, corroboram para formar uma importante memória da catástrofe climática. E como tal, ela deve contribuir – a partir de cada experiência e reflexão compartilhados pelos autores – para constituir uma consciência histórica, o que Jörn Rüsen observou dar “estrutura ao conhecimento histórico como um meio para entender nosso presente e antecipar o futuro” (Schmidt et al, 2010, p.36). Sem dúvida, é um dos caminhos para gerarmos conhecimentos que permitam efetivamente aprender com o passado de uma tragédia climática, ambiental e social, tornando-nos mais críticos e atuantes a partir de nossas vivências como membros do Instituto. O Núcleo de Memória parabeniza a todos envolvidos nesta iniciativa e deseja uma boa leitura.

Marcelo Vianna
Núcleo de Memória do IFRS

REFERÊNCIAS

Schmidt, M.; Barca, I.; Martins, E. (Org.). **Jörn Rüsen e o ensino da História**. Curitiba: UFPR, 2010.

SOS comunidade surda: surpresas e desafios

RENATA OHLSON HEINZELMANN BOSSE¹

ALESSANDRA DA ROSA GOULART²

MAITÊ MAUS DA SILVA DE AMORIM³

NELSON GOETTERT⁴

THÚLIO INÁCIO SILVA JAHNKE⁵

1 UM POUCO DO QUE VIVENCIAMOS

O presente texto tem como objetivo relatar as experiências vividas pela comunidade surda durante as enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul. A narrativa foi construída a partir das vivências de três líderes surdos e duas intérpretes, além de fatos relatados por outros membros da comunidade, entre 4 de maio e 31 de julho de 2024.

Trabalhar com a comunidade surda é uma experiência rica e repleta de surpresas. Cada dia traz novos desafios que exigem flexibilidade e criatividade para a busca de soluções adequadas. Em maio de 2024, uma enchente inesperada atingiu o Rio Grande do Sul, afetando muitas famílias. Contudo, para as pessoas surdas, a falta de acessibilidade nos meios de comunicação agravou a situação, causando graves prejuízos. Sem receber alertas de emergência adequados, essas pessoas enfrentam maior dificuldade e apreensão quando a água invadiu suas casas, sem qualquer orientação ou suporte adequado. Segundo Heinzelmann; Laguna; Rodrigues (2024, p.91) a Libras é a segunda língua oficial do Brasil e mesmo depois de vinte anos de sua publicação e, ainda é instrumento de poder com pouca visibilidade e baixa utilização pelo poder público como recurso inclusivo de cidadania.

¹ Doutora em Estudos Culturais em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande e graduada em Letras/Literatura (UNILASALLE) e Letras/Libras (UFSC). Atualmente é professora titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul e líder do Grupo de Estudos sobre Educação, Linguística, Tradução, Cultura e Comunidade Surda (GEELTS) registrado no CNPq.

² Pós-graduada em Tradutor/Intérprete de Libras e Educação Especial e Inclusiva, graduada em Pedagogia (UNINTER). Atualmente é intérprete na Central de Interpretação de Libras (CIL/POA), professora para formação do curso de profissional Tradutor/Intérprete de Libras (UNILASALLE) e Presidente da Associação Gaúcha de Intérpretes de Língua de Sinais (AGILS).

³ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução e graduada em Bacharelado Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é tradutora de Língua Brasileira de Sinais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sócia da Associação Gaúcha de Intérpretes (AGILS) e da Associação de intérpretes de conferência (APIC).

⁴ Doutor em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é Professor da Libras Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) do Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras.

⁵ Graduado em Letras Libras pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci e especialista em Libras - Língua Brasileira de Sinais (UNIASSELVI). Atualmente é voluntário de marketing e coordenador dos cursos virtual e presencial na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) desde 2017 e trabalha na Central de Interpretação de Libras (CIL/POA).

Diante dessa situação, diversas instituições e associações, como as associações de surdos, centrais de Libras e os tradutores e intérpretes de Libras, se uniram em prol da comunidade surda, culminando na criação do grupo SOS Comunidade Surda. O projeto, que surgiu a partir do esforço coletivo de voluntários, tinha o objetivo de auxiliar surdos desabrigados, já que a falta de comunicação em Libras impediu que essas pessoas recebessem o mesmo atendimento emergencial que os ouvintes.

O SOS Comunidade Surda iniciou suas atividades no dia 4 de maio de 2024, após reuniões com a diretoria da Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul (SSRS). Foi identificado que os surdos gaúchos estavam desinformados, uma vez que as mídias tradicionais não ofereciam acesso à Libras. A SSRS, então, mobilizou intérpretes voluntários para divulgar informações em Libras e, com o auxílio de novos líderes da comunidade surda, criou um grupo no WhatsApp para maximizar o alcance das informações e oferecer ajuda.

Uma das ações principais foi a abertura da Colônia de Férias da SSRS, localizada em Capão da Canoa, que foi adaptada para receber surdos desabrigados. Esse espaço, tradicionalmente utilizado durante o verão, passou a oferecer segurança e acolhimento a essas pessoas. A escolha de manter os surdos em um local específico visava assegurar a comunicação e evitar que eles enfrentassem dificuldades em abrigos voltados majoritariamente para ouvintes.

Um associação bem consolidada contribui com a união de forças e pensamentos individuais na perspectiva de defender e reivindicar direitos, assim como construir identidade enquanto pessoas com surdez, distintas e livre, pois muito surdos vivem, na maioria das vezes, isoladas... (HEINZELMANN; LAGUNA; RODRIGUES, 2024 p.89).

A falta de informações adequadas sobre a enchente para a comunidade surda foi notável em várias situações. Em um episódio, surdos ficaram por último na fila do almoço porque a equipe de ouvintes voluntários os avisou por meio de gritos, que, obviamente, não foram percebidos. Esses desafios evidenciam a importância de uma comunicação eficaz e acessível.

Com o aumento do número de desabrigados, mais pessoas se uniram à causa, como Adriana Herculano, que mobilizou doações essenciais para garantir alimentação, saúde, vestuário e até apoio psicológico às vítimas. Gradualmente, mais voluntários se juntaram à iniciativa, oferecendo serviços essenciais como logística, coleta e distribuição de doações, e manutenção da colônia. A equipe também contou com apoio tecnológico, aproveitando os recursos de eletricidade e internet para manter a comunicação e divulgação de informações em Libras, especialmente por meio de redes sociais e playlist⁶ do canal da SSRS OFICIAL.

⁶ Encontra várias informações em Libras, disponível no link: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLKdghvRIX5xC6vakU6LTw7ZJ91Ijvcx9s>. Acesso em 13.09.2024.

Imagem 1: Estúdio da SOS comunidade surda



Fonte: Álbum de fotos da SSRS OFICIAL (2024)⁷

A atuação da SOS Comunidade Surda foi fundamental para assegurar que a comunidade surda, muitas vezes excluída de serviços básicos em situações de emergência, recebesse o apoio necessário. Diversas histórias de superação e dificuldades vividas pelos surdos durante as enchentes revelam as barreiras de comunicação que essa população enfrentou. Desde famílias que perderam tudo até idosos que ficaram isolados em suas casas, a falta de acessibilidade exacerbou os desafios enfrentados.

2 SURGIMENTO SOS COMUNIDADE SURDA

Inicialmente, não imaginávamos quanto tempo ficaríamos naquela situação. Conforme a elevação do Guaíba aumentava cada vez mais e não havia escoamento das águas, decidimos que estava na hora de agir. Maitê Silva, uma CODA (Children of Deaf Adults, filhos de adultos surdos), ligou para Renata Heinzelmann, na época era presidente da associação da SSRS, informando que outras CODAs também precisavam de socorro. Sensível à situação, Renata decidiu abrir a colônia de férias, estendendo o acolhimento também a essas famílias.

No dia 5 de maio, começamos a ir à Colônia de Férias dos Surdos, localizada em Capão da Canoa. As primeiras pessoas a chegarem eram surdos desalojados, que não foram diretamente atingidos, mas estavam sem luz, sem água e com acessos interditados, como edifícios com o primeiro andar alagado, essas pessoas se tornaram os primeiros voluntários.

⁷ Disponível do site <https://www.flickr.com/photos/ssrsocial/53716499265/in/album-72177720316858728/>. Acesso no dia 10/09/2024.

No dia 8 de maio, recebemos a primeira família de desabrigados, que havia perdido sua casa. A colônia não possui funcionários fixos, apenas durante as férias, e os diretores surdos voluntários que estavam lá ajudaram a organizar o local. Mesmo com a falta de experiência e os desafios trazidos pela enchente, os voluntários se dedicaram a diversas tarefas, como controle de alimentos, limpeza e manutenção.

As comunicações começaram com surdos ligando para conhecidos, cheios de dúvidas e medos. À medida que o sinal de alerta aumentava, entidades abriram suas portas para abrigar a comunidade. Alessandra Goulart, CODA, secretária da SSRS, presidente da Associação Gaúcha de Intérpretes de Língua de Sinais (AGILS) e intérprete da Central de Intérpretes de Libras de Porto Alegre/RS (CIL), começou a fazer um levantamento de onde os surdos estavam abrigados, visitando abrigos para reunir informações e garantir que essas pessoas tivessem o apoio necessário.

Relatos emocionantes surgiram⁸, destacando as dificuldades enfrentadas pela comunidade surda durante a enchente. Por exemplo, uma mulher surda em Canoas acordou com a água subindo até sua cama e, sem conseguir abrir a porta, fugiu pela janela. Outro surdo caminhou com a água até o pescoço, segurando o celular acima da cabeça para avisar a família. Um casal de idosos ficou isolado em seu apartamento por três dias sem conseguir se comunicar, até que um vizinho os alertou sobre o perigo.

Muitas pessoas surdas enfrentam dificuldades para se comunicar e acessar serviços nos abrigos, pois os responsáveis não sabiam se havia surdos entre os abrigados. Alessandra e outros voluntários surdos adotaram a estratégia de sinalizar em Libras nos abrigos para chamar a atenção dos surdos e coletar informações.

Durante a campanha de arrecadação, recebemos inúmeras doações que foram distribuídas para diversos públicos, incluindo idosos, crianças e até animais de estimação. As doações incluíam alimentos, roupas, materiais de higiene e produtos específicos para os cuidados com os animais. Além disso, realizamos eventos para continuar arrecadando fundos e apoiando as necessidades da colônia de férias.

Por fim, o trabalho com a comunidade surda demonstrou a importância de disseminar informações de forma acessível. A cultura surda é muito visual, e muitas pessoas dependem de vídeos em Libras para se informar. Continuamos nos empenhando para fornecer apoio e garantir que as famílias surdas afetadas pela enchente tenham acesso aos recursos necessários.

3 A UNIÃO FAZ A SOS COMUNIDADE SURDA

Concluimos este relato destacando que a situação das pessoas surdas durante a recente enchente no Rio Grande do Sul foi abordada em uma matéria publicada pela Agência Pública. A reportagem revelou a dramática realidade vivida por essa

⁸ Link do vídeo disponível dos relatos desabrigados com tradução em português : <https://www.youtube.com/watch?v=swMRIW7qT8k&list=PLKdghvRIX5xC6vakU6LTw7ZJ91Ijvcx9s&index=3>. Acesso em 13.09.2024.

comunidade, especialmente pela falta de intérpretes de Libras em momentos críticos de socorro e comunicação. Esse cenário expôs a urgente necessidade de políticas públicas mais inclusivas. Mesmo com a criação de um grupo no WhatsApp para que intérpretes voluntários gravassem notícias, a informação muitas vezes não chegava à comunidade, já que muitos estavam sem internet ou até sem celular.

Após o desastre, a iniciativa SOS Comunidade Surda intensificou suas ações, prestando suporte essencial a 12 lares afetados, ajudando na limpeza, fornecendo móveis, além de auxiliar em 10 processos documentais e realizar 85 entregas de kits de emergência (cestas básicas, produtos de higiene e limpeza). Com o apoio de 25 voluntários, 15 líderes, 4 intérpretes, além das equipes do CIL POA, ICOM, UFRGS e AGILS, 5 carros e 150 parceiros, conseguimos mobilizar uma grande rede de solidariedade. Todas as ações foram registradas em fotos, vídeos e através de duas páginas publicadas no site www.ssr.org.br.

Imagens 2 e 3 - Doações realizados na associação de surdos do RS



Fonte: Álbum de fotos da SSRS OFICIAL (2024)⁹

⁹ Álbum de fotos da SOS Comunidade surda disponível no link: <https://www.flickr.com/photos/ssrsoficial/albums/72177720316858728>. Acesso no dia 10/09/2024.

O SOS arrecadou valores em dinheiro, que foram utilizados de várias maneiras. O principal objetivo foi a doação de quantias para famílias afetadas. Mais detalhes sobre a alocação desses recursos podem ser consultados no site da SSRS mencionado acima.

Queremos expressar nossa profunda gratidão a todas as pessoas envolvidas no projeto SOS Comunidade Surda. Em especial, destacamos os líderes em suas respectivas áreas de atuação, cujo papel foi essencial para o sucesso desta missão de solidariedade e apoio. Continuamos comprometidos em promover a inclusão e oferecer suporte à comunidade surda, garantindo que suas vozes sejam ouvidas e suas necessidades atendidas, especialmente em momentos de crise.

REFERÊNCIAS

APUBLICA - Agência de jornalismo investigativo. “**Acordei com cheiro da água**”: a tragédia climática do Rio Grande do Sul vivida por surdos. Disponível em: <https://apublica.org/2024/06/acordei-com-cheiro-da-agua-a-tragedia-climatica-do-rio-grande-do-sul-vivida-por-surdos/>. Acesso em 21 de agosto de 2024.

HEINZELMANN, R. O.; LAGUNA, M. C. V.; RODRIGUES, K. J. M. **Um breve histórico da SSRS: Aspectos da trajetória da existência da Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul em um percurso de 60 anos.** Curitiba: Editora CRV, 2024. 124 p.

SSRS - Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul. **SOS Comunidade surda gaúcha:** doações. Disponível em: <https://ssrs.org.br/>. Acesso em 28 de agosto de 2024.

SSRS - Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul. **SOS Deaf Community Southern Brazil:** donations. Disponível em: <https://ssrs.org.br/sos-english/>. Acesso em 28 de agosto de 2024.

A experiência psicossocial no acolhimento das famílias atingidas pelas enchentes em Bento Gonçalves e região

THAÍS SAALFELD¹

ANA CLÁUDIA KIRCHHOF²

SUSANA ZANDONÁ²

Aquelas duas semanas foram, sem sombra de dúvida, semanas muito desafiadoras, dias intermináveis, histórias inenarráveis, pesadelos que se tornaram realidade. O impensável adquiriu forma e naquele momento tínhamos que tomar uma atitude, enfrentar, encarar o absurdo e auxiliar minimamente as pessoas; pois o que nós estávamos vendo, as pessoas estavam sentindo na pele; uma realidade muito dura, cruel e desanimadora. Precisávamos agir.

Após dias intensos de chuva que iniciaram no final do mês de abril, deslizamentos de terra e ao perceber que não era uma situação normal que estávamos passando, na quinta-feira, dia 02/05/2024, instaurou-se um centro de recebimento e distribuição de donativos à população atingida pelas enchentes, tanto em Bento Gonçalves quanto na região. A intenção era que esse local pudesse apenas ser um ponto de coleta, classificação das doações e que posteriormente essas doações fossem encaminhadas por diferentes grupos de voluntários para as cidades atingidas na região. Este local foi o ginásio de esportes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS Campus Bento Gonçalves.

Rapidamente começaram a chegar voluntários que, em conjunto com os docentes, discentes e técnicos administrativos do Campus Bento Gonçalves e da Reitoria, foram recepcionando e classificando as doações recebidas por diversas entidades, empresas e pessoas vindas de diversas regiões que se solidarizaram com a situação de calamidade que já era visível naqueles dias.

No domingo, dia 05/05/2024, vieram as primeiras famílias moradoras das localidades mais atingidas de Bento Gonçalves em busca de auxílio, pois souberam que o Campus estava recebendo doações. A partir desse dia, alguns Psicólogos que estavam trabalhando como voluntários em outras funções começaram a atender essas famílias.

No dia seguinte, a equipe de trabalho da assistência estudantil do Campus Bento Gonçalves, composta pela Assistente Social Thaís Saalfeld e pelas Psicólogas Ana Cláudia Kirchof e Susana Zandoná, em conjunto com outros profissionais,

¹ Assistente Social no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS/ *Campus* Bento Gonçalves.

² Psicóloga no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS/ *Campus* Bento Gonçalves.

Psicólogos e Assistentes Sociais voluntários, formaram um grupo com cerca de 25 profissionais para atuarem no atendimento dessas famílias.

As pessoas vinham até nós em busca de um “sei lá o quê de atenção”, de uma escuta, um café quente, um lanche, um abraço. Coisas tão simples, mas tão acolhedoras naquele momento. Histórias que ouvimos e que jamais deixarão de soar em nossas mentes, por mais que o tempo passe e que sigamos a vida em nossas atribuições, paixões, compromissos, amores, prazeres, dores, começos, recomeços, finais... enfim, enquanto possamos viver. Todos os profissionais envolvidos nesta ação voluntária entendiam que o mais importante naquele momento era acolher, abraçar as histórias que chegavam até nós, receber as pessoas de forma carinhosa, mantendo a escuta profissional que nos cabia.

Segundo Romanini, (2017)

O acolhimento pode ser considerado um dispositivo de construção do comum, concretizado nos encontros cotidianos entre profissionais e usuários[...] Como um efeito de ‘sentir-se acolhido’ também provoca os mais variados sentimentos: alegria, confiança, tristeza, cansaço, impotência. Nesse fluxo de afetos, o acolhimento, portanto, é uma conquista, na árdua tarefa de construção do comum nos serviços de saúde e nos encontros (ROMANINI, 2017, p.497).

Psicólogos e Assistentes Sociais desempenham um papel importante em emergências e desastres: realizando uma escuta sensível e acolhedora, prestando apoio emocional e buscando reconhecer as emoções que as pessoas afetadas podem sentir após a catástrofe. Essas emoções eram visivelmente variadas, muitos questionamentos do motivo pelo qual aquilo estava acontecendo em sua vida, preocupações com os vizinhos, com a comunidade onde residiam, com os animais. Eram muitas perguntas sem resposta.

No acolhimento às famílias, a prioridade era haver uma escuta sensível de cada situação. Conforme Barbier (2007, p.94): “A escuta sensível apoia-se na empatia”. Ou seja, colocar-se no lugar do outro, conectar-se com ele e buscar uma ação de troca mútua entre a pessoa que fala e quem escuta. A atuação dos profissionais voluntários nesse primeiro momento era estar atento às demandas apresentadas pelas famílias, do jeito delas, não da forma que acreditávamos que precisavam.

Algumas pessoas tinham a necessidade de falar e contar o que lhes havia acontecido, como foram socorridas, quem ficou para trás, como estava sua casa, isso quando ainda havia casa para retornar. Muitos chegavam apenas com a roupa do corpo e ainda assim tínhamos que insistir para receber a doação de roupas, calçados, produtos de higiene e outros itens básicos para a sobrevivência. Sabiam que precisavam, mas não conseguiam verbalizar isso. Outras pessoas apenas enchiam seus olhos de lágrimas e conseguiam agradecer pelo que estavam recebendo naquele momento. A experiência “brusca” de perderem tudo

repentinamente não permitia que conseguissem expressar seus sentimentos, que ainda eram muito confusos.

Entendemos que a escuta sensível visa oferecer sentido ao sujeito, para isso, nas escutas realizadas, primou-se pelo diálogo. Desse modo, buscou-se consolidar uma relação de confiança com os sujeitos, de entendimento do que estava sendo vivenciado. No decorrer da conversa, por vezes, também era possível identificar se as pessoas necessitavam de algum encaminhamento adicional, como, por exemplo, se haviam perdido a receita dos medicamentos de uso contínuo ou controlado. Sempre que necessário, fazíamos também estes encaminhamentos para a Unidade de Pronto Atendimento - UPA.

O propósito das intervenções foi conter um pouco as ansiedades, auxiliar na descarga emocional, cuidando sempre para não sermos invasivas e respeitando o momento de cada um. Histórias como a de um casal que, após caminhar quilômetros para seu resgate e se deparar somente com a roupa do corpo, e exaustos, se descobriram 'grávidos'. Um momento de tanta dor, desespero e incertezas, que deu lugar a uma nova vida. As pessoas nos trouxeram suas dores da luta pela sobrevivência, tudo muito forte, relatos de dor, cansaço e acima de tudo, de esperança. Pessoas que sequer imaginaram passar por uma situação parecida com a que viveram.

A equipe tinha ciência de que a ação de acolhimento realizada era emergencial, pontual, visando um atendimento humanizado das pessoas afetadas pelas enchentes na cidade e região e de pessoas que buscavam por donativos para suas famílias e amigos. Foi uma intervenção que buscou oferecer serviços básicos como alimentação, água, abrigo e higiene. Entendemos que não bastava apenas realizar um acolhimento imediato sem um acompanhamento futuro que perpassa, além da saúde mental, as demais políticas públicas às quais temos direito enquanto cidadãos.

Pensando nisso, foi criada uma ficha de atendimento com base em informações como nome, endereço, telefone e se a família possuía inscrição no Cadastro Único do governo federal. A intenção era repassar esses cadastros posteriormente para a Prefeitura de Bento Gonçalves para o acompanhamento e orientação dessas famílias sobre seus direitos e também no encaminhamento dos auxílios que seriam disponibilizados pelo governo federal.

Koury (2024) fala sobre a importância dos órgãos públicos na resposta à população atingida:

Em resposta a consequência dessas calamidades é que se faz possível desenvolver um trabalho profissional nas políticas públicas para estes locais. São estas consequências que se podem atenuar determinantes no diálogo quanto ao papel das profissões e do Estado frente às situações de calamidade pública. Tais situações exigem para a sociedade, além de serviços públicos, a atuação imediata das profissões e o planejamento orçamentário quanto à resolução das mazelas deixadas por estes eventos naturais, humanos, tecnológicos ou criminalmente qualificados (KOURY, 2024, p.30).

Sabemos ainda que, em sua maioria, as pessoas atingidas já eram pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica e que a região onde residiam demonstrava muitas vezes isso. O Sistema Único de Assistência Social - SUAS, através da Proteção Social Especial de Alta Complexidade, normatiza o papel da política de Assistência Social nesses casos de emergência e calamidade pública. Cabe à gestão municipal reunir esforços para subsidiar a atenção a essa população atingida que já estava em situação de vulnerabilidade e que, diante do desastre, sofreu mais perdas.

Os atendimentos encerraram dia 14/05/2024, tendo cerca de 500 pessoas atendidas a partir dos cadastros realizados. O término da ação se deu por uma demanda excessiva de pessoas que foram chegando diariamente. Após verificarmos que não teríamos condições de atender tantas pessoas pela falta de pessoal e estrutura, a equipe compreendeu que o acolhimento emergencial ao qual nos propusemos havia sido realizado e que essas famílias que começaram a chegar poderiam ser atendidas pelos Centros de Referência em Assistência Social –CRAS.

Finalizamos as atividades felizes pelo atendimento realizado, pelas escutas e experiências que contribuíram muito em nossa caminhada profissional, mesmo que preocupadas com o cenário que ainda se fazia presente em razão do tempo instável e sem sabermos que medidas seriam tomadas pelo poder público em relação ao futuro dessas famílias.

Conforme relatamos, foram dias intermináveis, cansativos, um cansaço físico e mental, chegávamos em casa exaustas naqueles dias, sentindo o peso das histórias ouvidas, precisando ser cuidadas por nossas famílias. Por outro lado, cada história que passou por nós permitiu que enxergássemos a vida humana com mais empatia, não houve como sair dessa experiência sem ser modificada por ela.

No momento da escrita deste relato, ainda existem pessoas desaparecidas nas enchentes, ainda existem famílias que não conseguiram enterrar seus entes queridos. Sabemos que é um estado inteiro que foi abalado pelos fatos ocorridos, que são inúmeros fatores envolvidos que vão interferir na reconstrução do que foi perdido. O que nos cabe agora é exercitar a importância da empatia, colocar-se no lugar do outro que foi atingido, que perdeu pouco ou muito, que ainda não conseguiu viver seu luto por não ter encontrado o corpo do seu ente querido, reconstruir diariamente, aprender a conviver com as dores e sentimentos gerados naqueles dias que jamais passarão.

REFERÊNCIAS

BARBIER, René. A pesquisa-ação. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/pesquisa-acao-rene-barbier-livro-academico/267859748>. Acesso em 12/09/2024.

CONSELHO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Resolução CNAS nº 109 de 11 de novembro de 2009. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/suas/resolucao-cnas-nº109-2009-tipificacaonacional-de-servicos-socioassistenciais>. Acesso em 12/09/2024.

KOURY, Leonardo. O trabalho do Assistente Social em situações de calamidade pública. Revista Conexão Geraes, 11 ed, ano 8, 1/2019. Disponível em: <https://cress-mg.org.br/Upload/Pics/92/9298d8a3-b7b4-4e38-a982-bb06840f35d2.pdf>. Acesso em 12/09/2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) na gestão integral de riscos, emergências e desastres / Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia, Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. — 1. ed. — Brasília : CFP, 2021. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas-os-na-gestao-integral-de-riscos-emergencias-e-desastres/>. Acesso em 10/09/2024.

ROMANINI, Moisés. O conceito de acolhimento em ato: reflexões a partir dos encontros com usuários e profissionais da rede. Revista Saúde debate. Volume 41, número 133, abril - junho de 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-110420171131>. Acesso em 12/09/2024.

A formação de uma rede dialógica de aprendizagem para enfrentamento de situação de catástrofe - caso do IFRS – *Campus Canoas/RS*

CLAUDIA DA SILVA GOMES¹

GIOVANA LOPES DOS SANTOS²

ALINE DA SILVEIRA MUNIZ³

1 INTRODUÇÃO

Ao final do mês de abril de 2024, no transcorrer de uma semana, o estado do Rio Grande do Sul (RS) sofreu com deslizamentos de terra e enchentes sem precedentes, catástrofe ocasionada por evento meteorológico singular, que impactou 428 de seus 497 municípios e boa parte de seu território. Um evento climático de contínua e elevada precipitação que mobilizou não apenas o estado, mas todo o país e até o exterior.

Em sete dias e ao longo de quase trinta, o RS sucumbiu com seus municípios afetados, sendo que, em algumas localidades, a destruição foi absoluta, registrando mais de 165 mil desalojados, cenário “comparável aos mais violentos fenômenos da natureza, como tornados e furacões e no topo da escala de intensidade”. Sias e Nachtigall (2024, p. 20). Para estes especialistas, o evento pode ser explicado por diversas variáveis meteorológicas que se sobrepuseram, resultando em um grande contraste térmico.

O marco inicial da catástrofe ocorreu ao final do mês de abril e início de maio, em um período de sete dias. Fenômeno nunca antes registrado, em termos de frequência e volume de chuva, conforme registros do Instituto Nacional de Meteorologia e Centro Nacional de Monitoramento de Desastres. A partir daí, além de grandes deslizamentos de terra, elevados volumes de água, escoados desde a Região Central do estado e Serra, através dos rios contribuintes, avolumaram sobremaneira o Guaíba e seus afluentes, alterando seus leitos e, conseqüentemente, provocando as enchentes. Os sistemas de contenção não foram suficientes e/ou não suportaram a sobrecarga, impactando no desalojamento de milhares de pessoas e prejuízos sob todas as esferas, sem distinções.

¹ Pedagoga lotada no Setor Pedagógico do IFRS – Campus Canoas. Doutoranda em Educação e Ciências – UFRGS, mestra em Informática na Educação – IFRS, especialista em Orientação Educacional, Psicopedagogia e TICS pela UFRGS.

² Estagiária no Setor Pedagógico do IFRS – Campus Canoas. Estudante de Pedagogia na Unilasalle.

³ Assistente em administração lotada na Coordenadoria de Assistência Estudantil do IFRS – Campus Canoas. Mestranda em Psicologia Social e Institucional – UFRGS e especialista em Direitos Humanos e Políticas Públicas - UNISINOS.

Na cidade de Canoas, região metropolitana de Porto Alegre, o impacto da enchente também foi severo, com cerca de dois terços da cidade inundada, todos os serviços de infraestrutura colapsados, e mais de 17 mil pessoas resgatadas e levadas para abrigos temporários. Entre estes abrigos, o *campus* Canoas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS) foi um deles, abrigando por cerca de trinta dias, 576 pessoas e mais de 50 animais.

O *campus*, que vinha com suas atividades escolares a pleno, interrompidas apenas na semana anterior à catástrofe devido à adesão de técnicos e docentes à greve dos servidores públicos federais em educação, a partir do dia 4 de maio, passou a acolher e abrigar as vítimas de diversos bairros da cidade. Uma mobilização voluntária que envolveu a comunidade acadêmica e profissionais de diversas áreas, prestando atendimento, organizando doações e a rotina diária de um *campus* que se tornara abrigo. De forma presencial e remota, uma ampla rede de atendimento foi criada às pressas, associando as políticas públicas institucionais emergenciais, mobilizações assistenciais e movimentos internos da própria comunidade acadêmica. Ainda que o *campus* tenha registrado a presença de apenas um de seus alunos entre os abrigados, convivia diariamente com as demandas emergenciais de cidadãos canoenses e, em paralelo, através de um movimento similar ao de busca ativa por parte dos docentes, com um panorama apenas descrito em mensagens trocadas com os discentes.

Passados os quase trinta dias, o *campus* encerrou o abrigamento, passando a mobilizar-se estruturalmente e administrativamente para o retorno de suas atividades acadêmicas. Nas duas semanas que antecederam o retorno das atividades letivas, em junho/2024, fosse na reunião inicial com a direção geral, diretorias de assessoramento e setores pedagógico e de assistência estudantil ou nos demais espaços onde todos os servidores estavam presentes, o desconforto em não saber o que dizer e em como lidar com as possíveis reações em sala de aula eram a constante. Entre as discussões, a única certeza acordada com os servidores é que a primeira semana de retorno deveria ser de acolhimento e reintegração vagarosa da rotina escolar. Igualmente acordada, foi a missão de provocarmos uma leitura crítica e reflexiva sobre as relações do homem com a natureza e a ciência, mas na perspectiva de “construção de uma rede de saberes que entrelaça cultura, trabalho, ciência e tecnologia em favor da sociedade”, cumprindo a dimensão de institucionalização e simbolismo da Rede de Institutos Federais (PACHECO, p. 18, 2011).

Reinícios de anos letivos, de férias ou greves, de certa forma, são recomeços previsíveis. Mas como recomeçar após uma catástrofe onde já sabíamos que, pelo menos, um terço da comunidade escolar havia sido afetada de acordo com o mapeamento efetuado? Sabíamos, também, que outros tantos poderiam ainda estar incomunicáveis ou impactados de forma ainda mais extrema, sob o âmbito da saúde física ou mental. Em termos administrativos, de reorganização do calendário letivo

ou desenvolvimento dos componentes curriculares, dependíamos apenas de ajustes, mas sobre o recomeço após um desastre, não tínhamos conhecimento. Parecia nos faltar a certeza de que seríamos capazes de acolher os olhares, as palavras, lágrimas, narrativas e tantas faltas que a comunidade encontrava naquele momento.

A partir desse sentimento de que precisávamos nos preparar para cuidar e acolher nossa comunidade escolar é que alguns setores ligados ao ensino se mobilizaram para preparar um material para ser distribuído emergencialmente e, em um primeiro momento, a todos os coordenadores de curso. Material que se consolidou na cartilha – *Sugestões de práticas de cuidado de pessoas e orientações em episódios de catástrofe*.

Sob o âmbito de atuação profissional do pedagogo na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, diretamente ligada ao ensino, a atividade de orientador educacional está descrita entre as suas atribuições, pois consiste em integrar instituição de ensino, famílias e comunidade. A orientação educacional, amparada em lei desde 1968, é uma atividade que almeja a qualificação do processo de ensino e aprendizagem, tendo como seu objeto a assistência ao educando, visando o desenvolvimento integral e harmonioso de sua personalidade, ordenando e integrando os elementos que exercem influência em sua formação e preparando-o para o exercício das opções básicas. (BRASIL, 1973). Sob a ótica de número de profissionais em exercício na Rede Federal, analogamente à Pascoal *et al* (2008), o que percebemos é a oferta precarizada dessa atividade através de um profissional já sobrecarregado por distintas atividades ou despreparado para tal função.

Logo, especialmente nesse episódio histórico, a atividade constitui-se como uma das peças-chave na formulação de uma rede dialógica de aprendizagem para enfrentamento de uma das maiores catástrofes já registradas em nosso país e sofrida pela comunidade do IFRS *campus* Canoas/RS.

Diante disso, esse relato de experiência, compreendido por Mussi *et al*. (2021) como uma modalidade de escrita acadêmica que contribui para a produção do conhecimento, sobretudo, na qualificação de ações científicas e profissionais, tem como objetivos descrever o panorama acadêmico de retomada do ano letivo do *campus* Canoas/RS após a catástrofe de uma enchente histórica e tensionar a atuação do pedagogo como orientador educacional na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Visa-se também, compartilhar um episódio vivido de grande impacto na comunidade acadêmica e do entorno, e as estratégias de manejo possíveis encontradas.

2 METODOLOGIA

Valendo-se da experiência vivida no contexto acadêmico; da descrição, valorização através do esforço acadêmico-científico explicativo e empenho crítico-

reflexivo com apoio teórico-metodológico (MUSSI, 2021), emprega-se esse relato de experiência como uma ação de ensino que, sem pretensão inicial, acabou por também configurar uma ação extensionista, na medida em que extrapolou a comunidade interna, reverberando na mídia institucional do IFRS, universidades privadas e profissionais liberais da área de saúde mental.

A experiência foi iniciada dado o clima de incerteza revelado nas reuniões que antecederam o reinício do calendário acadêmico (24 de junho/2024) sobre como proceder o acolhimento e o cuidado da comunidade escolar, pois entre os atingidos diretamente, além de estudantes, estavam também servidores e funcionários terceirizados. O primeiro passo foi o reconhecimento de insuficiência de informações para manejo e compreensão do processo de retomada. Na sequência, no transcorrer de três dias, um grupo de trabalho - GT de adesão voluntária, constituído por quatro servidoras e uma estagiária de pedagogia, lotadas nos setores de Registro Escolar, Coordenadoria de Assistência Estudantil e Setor Pedagógico do campus Canoas, iniciaram a busca e leitura de materiais que pudessem auxiliar na formulação de um norteador mínimo para atuação nesse recomeço. O GT também possuía a clareza da necessidade de constituição de algo não impositivo ou normativo, mas com respaldo técnico, fluido e positivo, tensionando à sensibilização.

Inicialmente, pensou-se na formulação de um folder. Contudo, ao nos depararmos com informações importantes e que poderiam subsidiar uma prática de acolhimento e de cuidado ainda mais qualificadas, uma vez que também traziam elementos a serem atentados em razão das peculiaridades da população, a exemplo da violência e insegurança social, o material consolidou-se em uma cartilha com 11 páginas. O conteúdo baseou-se em documentos formulados pelo Ministério da Saúde; Guia para professores do RS, desenvolvido por profissionais da Universidade FEEVALE e de material de formação promovida pela Coordenação da Política Estadual de Saúde Mental e da Força Nacional do Sistema Único de Saúde - SUS. Findados os três dias desta força-tarefa para confecção do material e atuando de forma remota, na sexta-feira anterior à semana de reinício, optamos por uma ampla divulgação interna, divulgando a cartilha através do e-mail institucional e do grupo de aplicativo de mensagem a todos os servidores do *campus*.

3 DISCUSSÃO DE RESULTADOS PARCIAIS

O recomeço das atividades acadêmicas, além de eminente, pairava sob um clima de insegurança e incerteza. Se por um lado sabíamos que o currículo se imporia, assim como os trâmites temporais e burocráticos em uma instituição de ensino, também sabíamos que a situação era delicada, que iria exigir sensibilidade, cuidado, escuta e ações assertivas dentro de um panorama nunca vivenciado.

Assim, já na mesma noite de envio da cartilha, vários servidores manifestaram contentamento pela ação e ajuda na elucidação sobre possíveis manejos, além

das referências a cuidados importantes acerca do comportamento e formas de demonstração de sofrimento pelas possíveis perdas. No primeiro dia de retorno, 24 de junho, houve o relato positivo por parte dos docentes, de forma direta, sobre a contribuição e certo alívio por possuírem algum norte e também por agora melhor compreenderem os silenciamentos percebidos até em seus círculos pessoais, ainda que os sujeitos estivessem praticamente apenas com a roupa do corpo. Também tomamos conhecimento através dos docentes de que o material fora compartilhado com profissionais de universidade privadas e também com profissionais liberais da área da saúde mental de seus convívios. Ao longo da semana, a cartilha foi disponibilizada na página institucional do IFRS a toda a comunidade.

Importante também destacar que, possivelmente, a partir de uma melhor preparação para recepção da comunidade, canais de comunicação foram facilitados, pois algumas demandas de alimento, material escolar, roupas, equipamentos entre outros chegaram através do conhecimento dos docentes ou dos próprios colegas, que auxiliaram na identificação e facilitação do processo de assistência emergencial.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos as servidoras do IFRS – Campus Canoas, Aline Viero Kowalski, assistente social na Coordenadoria de Assistência Estudantil e a Roniele Belusso, assistente em administração na Coordenadoria de Registros Escolares, pelas contribuições das ideias originais e consolidação da cartilha.

REFERÊNCIAS

BRASIL, 1973. DECRETO No 72.846, DE 26 DE SETEMBRO DE 1973. **Regulamenta a Lei nº 5.564, de 21 de dezembro de 1968, que provê sobre o exercício da profissão de orientador educacional.** Acesso em 20 jul. 2024. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/d72846.htm#:~:text=DECRETO%20No%2072.846%2C%20DE,da%20profiss%C3%A3o%20de%20orientador%20educacional>

ESTRELA, Giovana. **Veja como ficou Canoas após enchente histórica no Rio Grande do Sul.** Metrôpolis. Mai. 2024. Disponível em: < <https://www.metropoles.com/brasil/veja-como-ficou-canoas-apos-enchente-historica-no-rio-grande-do-sul>>. Acesso em 19.07.2024.

PASCOAL, Miriam; HONORATO, Eliane Costa; ALBUQUERQUE, Fabiana Aparecida. O orientador educacional no Brasil. Educação em Revista. Belo Horizonte, n. 47, p. 101-120. jun. 2008.

SIAS e NACHTIGALL. **Lauda Meteorológico.** METSUL Meteorologia. Mai. 2024.

Pacheco, Eliezer. INSTITUTOS FEDERAIS UMA REVOLUÇÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA. 2011.

Ricardo Franklin de Freitas Mussi, Fábio Fernandes Flores, Claudio Bispo de Almeida.
PRESSUPOSTOS PARA A ELABORAÇÃO DE RELATO DE EXPERIÊNCIA COMO
CONHECIMENTO CIENTÍFICO. 2021.

Vivendo o campus Canoas do IFRS como um abrigo temporário para os desabrigados pelas enchentes de 2024

PATRÍCIA NOGUEIRA HÜBLER¹

ALEXANDRE TADACHI MOREY²

OMAR JÚNIOR GARCIA SILVEIRA³

1 COMO O CAMPUS CANOAS SE PRONTIFICOU A CONTRIBUIR NESSE MOMENTO DESAFIADOR DO ESTADO DO RS E DA CIDADE DE CANOAS

O ano de 2024, principalmente os meses de abril e maio, marcou a história do Rio Grande do Sul, devido ao volume de chuva ocorrida em algumas regiões do estado. No dia 03 de maio de 2024, uma sexta-feira, devido ao volume de água no Rio dos Sinos, problemas em partes da estrutura da barragem e sistema de escoamento, as águas começaram a invadir alguns dos bairros mais populosos da cidade de Canoas/RS: Rio Branco, Fátima, Mato Grande, Central Park, Cinco Colônias, Harmonia, Mathias Velho e São Luís. Foi o início da maior enchente e alagamento da história do município, que desalojou de suas casas mais de 140 mil pessoas. Neste mesmo dia (03), a equipe diretiva do campus passou a acompanhar de perto a situação do município. A movimentação na cidade ficou intensa, numa tentativa de alocar os moradores dos bairros citados. O Campus Canoas do IFRS fica localizado no bairro Igara, região que não foi atingida pela enchente. Assim, servidores e estudantes entravam em contato, para que o campus fosse aberto para receber os desabrigados. A resposta da Direção-Geral do campus foi a de que estava atenta à situação e buscando informações. Além disso, que aguardava pelo movimento da Prefeitura de Canoas, pois entendia que o campus não poderia ser aberto de forma unilateral, sem que tivesse a ciência e o apoio formal da Prefeitura.

No dia 03, ainda, a Diretora-Geral, Professora Patrícia, residente em Gravataí, região metropolitana de Porto Alegre, com o acompanhamento dos demais membros da equipe diretiva, assumiu o compromisso de ir a Canoas no turno da manhã do sábado, 04 de maio, para buscar informações e verificar, presencialmente, como estava o funcionamento e o atendimento dos abrigos temporários já em andamento.

De sexta-feira (03) para sábado (04), a situação se agravou por conta do rompimento de pontos do dique (barragem), tornando a situação caótica, era o início

¹ É professora EBTT do Instituto Federal do Rio Grande do Sul desde 2010. Doutora em Ciência da Computação e docente do Campus Canoas. Atualmente, é Diretora-Geral do campus.

² É professor EBTT do Instituto Federal do Rio Grande do Sul desde 2017. Doutor em Microbiologia e docente do Campus Canoas. Atualmente, é Diretor de Ensino do campus.

³ É professor EBTT do Instituto Federal do Rio Grande do Sul desde 2012. Doutor em Física e docente do Campus Canoas. Atualmente, é Coordenador de Ensino do campus.

da catástrofe. Os abrigos temporários, até então abertos, começaram a lotar um após outro. A situação foi se tornando cada vez mais tensa e a espera pela definição se o Campus Canoas se transformaria em um abrigo provisório tornou-se na prática um compromisso para a equipe diretiva do campus. A Diretora-Geral passou a manhã em Canoas, no sábado (04), e acompanhou o funcionamento de um dos abrigos já em andamento. Nesse momento, sinalizou novamente à Prefeitura de Canoas a disponibilização das instalações do Campus Canoas, caso necessitassem.

Em torno das 17h deste mesmo dia (04), o Coordenador de Ensino, Professor Omar, saiu de Porto Alegre para ir a Canoas, mesmo sem a certeza se o campus se tornaria um abrigo, mas com a convicção de que estaria lá se ele se tornasse. A viagem de Porto Alegre a Canoas foi tensa e durou em torno de 3 horas e meia, por conta do intenso trânsito e tumulto na região metropolitana. A Professora Patrícia, com seu carro cheio de doações recebidas de moradores de sua cidade, Gravataí, foi ao encontro de um grupo de amigos, também com seus carros com doações e se dirigiram a Canoas, com o objetivo de destinar as doações aos necessitados, mas os locais não estavam recebendo. Em torno das 18h, ainda na cidade de Canoas, ela recebeu uma ligação, solicitando que o Campus Canoas fosse aberto como abrigo provisório e perguntando quanto tempo seria necessário para que iniciassem o alojamento dos desabrigados. A resposta da Diretora-Geral, aos prantos, foi de que precisaria de 20 minutos, o tempo para chegar na instituição, abrir os portões e organizar, minimamente, os espaços.

Imediatamente, foi enviada uma mensagem no grupo de whatsapp dos servidores do campus, informando que o campus seria aberto para receber as pessoas e que, se possível, se dirigissem para lá, como forma de auxiliarem na ação, ainda totalmente desconhecida e sem precedentes. O Campus Canoas, a partir desse momento, anoitecer do dia 04 de maio, iniciava uma total transformação, de uma instituição de ensino a um abrigo provisório e temporário, onde passariam centenas de pessoas necessitando de ajuda humanitária.

2 FUNCIONAMENTO DO ABRIGO PROVISÓRIO E TEMPORÁRIO CAMPUS CANOAS

Chegando ao Campus Canoas, as doações foram descarregadas dos carros e vários colegas servidores e estudantes começaram a chegar, voluntariamente. As salas de aula foram esvaziadas e preparadas para se tornarem dormitórios à espera de desabrigados da cidade, que à essa altura já chegavam aos milhares. A recepção de doações de roupas, produtos de higiene, limpeza e alimentação foi minimamente organizada.

Em torno das 19h, as pessoas desalojadas começaram a chegar. Ônibus, caminhões, camionetes, pessoas molhadas, cansadas, com seus pets e com, apenas, a roupa do corpo. Ao mesmo tempo que mais e mais pessoas chegavam para se abrigar no campus, também eram recebidas mais doações de roupas, comidas e cobertas. Para cada pessoa desabrigada que chegava, tentava-se encontrar uma muda de roupa seca

e era entregue um prato de comida, tudo recebido de doações. Tudo, acontecendo ao mesmo tempo.

Todos os colchonetes e tatames, utilizados para as aulas de Educação Física, foram disponibilizados para as pessoas em seus dormitórios adaptados, que antes eram salas de aula. Mesmo assim, a maioria estava sentada no chão, pois não havia material suficiente para a quantidade de desabrigados que chegavam. Apesar disso, tinha-se a certeza de que, mesmo nesta situação, era melhor estarem no campus do que estarem nas ruas, na chuva, pois não parava de chover um segundo.

As pessoas chegavam e fazia-se um registro muito simples, coletando apenas o nome num primeiro momento, anotado em folhas de papel. Tudo foi tão rápido que não houve tempo de organizar qualquer fluxo. O foco era atender e receber as pessoas. Vale ressaltar que muitos não tinham documentos, pois saíram de suas casas às pressas e com o mínimo de pertences. Com o passar do tempo, o registro evoluiu para uma planilha e, depois, para um sistema informatizado, o AlojajIF, desenvolvido por professores e estudantes do Campus Canoas, em tempo recorde.

No contato e consulta feitos pela Prefeitura de Canoas, inicialmente, foram disponibilizadas 250 vagas nas instalações do campus, no Bloco F. Em pouco tempo foi possível perceber que haviam mais de 250 pessoas precisando do campus e outras mais chegavam, necessitando adaptar outros espaços da instituição. Assim, outros blocos foram abertos, totalizando 18 salas, provisoriamente como dormitórios. Um exemplo da ocupação das salas de aula e de outros espaços pode ser visualizado nas figuras 1 e 2.

Figura 1 - Ocupação dos espaços do campus



Fonte: Arquivo do Campus Canoas (2024).

Figura 2 - Pets ficavam com seus tutores nas salas e demais espaços



Fonte: Arquivo do Campus Canoas (2024).

Após a liberação de mais salas, acreditava-se que seriam, aproximadamente, 400 pessoas ocupando os espaços do campus. Este número, entretanto, foi superado, e muito. Considerando os três primeiros dias de atendimento, foram registradas 742 pessoas abrigadas de forma oficial, após apuração dos dados realizada com o desenvolvimento do Alojaf. Algumas pessoas saíram do abrigo logo no início, nos primeiros dias, e foram para casas de amigos e familiares. Assim, ficaram, aproximadamente, 500 pessoas por vários dias. Além dos abrigados, também atuaram no campus vários voluntários (estudantes, servidores e comunidade externa) e pessoas que ficaram alojadas, vindas de outros estados do Brasil, para auxiliar. Os voluntários também se organizavam na realização de atividades de entretenimento, como atividades esportivas, apresentações de mágica, de teatro, bolhas de sabão, atividades de pintura, entre outras.

As pessoas que permaneceram abrigadas no campus recebiam roupas, produtos de limpeza e de higiene, e quatro refeições diárias: café da manhã, almoço, lanche da tarde e jantar. O café da manhã e os lanches eram recebidos de doadores externos e também preparados pelos voluntários que atuavam no campus. Os almoços e os jantares eram disponibilizados por marmitas, recebidas de fornecedores voluntários externos ao campus.

A estrutura montada nos primeiros dias, com apoio de voluntários, se manteve por praticamente todo o período de abrigo. Em outros espaços da instituição se teve fornecimento de alimentos, sala de equipe médica, de enfermagem, veterinária, local de armazenagem de alimentos e de doações, sala para guardar e organizar as roupas, sala para guardar e organizar materiais de limpeza e higiene e salas de repouso/dormitório para voluntários que dormiam no campus. A rotina foi mudando ao longo do tempo, conforme as necessidades, que incluía horários para as refeições, cadastro e identificação das pessoas abrigadas, horários para banho e para dormir e ronda de seguranças. Tudo organizado e mantido por servidores, estudantes e pessoas da comunidade externa, todos voluntários. Durante todo o período, 24 horas por dia, houve um ou mais representantes da equipe gestora do campus à disposição para auxiliar ou atender às demandas do abrigo, juntamente com o apoio de servidores do campus e de outras unidades do IFRS e da Reitoria, sendo que alguns desses permaneciam dias consecutivos em prol do abrigo, pernoitando no local.

Houve uma união de esforços para que o Campus Canoas fosse, temporariamente, um local acolhedor a essas pessoas, que estavam passando por um grande, ou o maior, desafio de suas vidas. Apesar das grandes dificuldades nos primeiros dias, principalmente pela falta de água, que era abastecida por caminhões-pipa, volume de pessoas, ausência de instalações para banho no campus, gestão e logísticas das doações, a força coletiva e a vontade de fazer algo pela população e pela cidade de Canoas davam motivação e esperanças. O entendimento da importância e relevância das instituições públicas diante da catástrofe e calamidade na cidade conduzia a trajetória, dia após dia, nessa missão.

3 ACOLHIMENTO SEM DISTINÇÃO

Dentre as várias histórias marcantes que podem ser contadas, há uma que merece um destaque especial. Quando o abrigo já estava com a sua ocupação acima da projetada, na madrugada chuvosa de sábado (04/05) para domingo, foi preciso que servidores voluntários ficassem em frente ao campus, solicitando que os motoristas de ônibus, camionetes, caminhões e carros buscassem outros abrigos. Eles não paravam de chegar durante toda a madrugada, buscando locais e vagas, conforme os resgates aconteciam. Infelizmente, por espaço, tivemos que negar a entrada de muitas pessoas. Triste demais!

Entretanto, houve uma situação para a qual se abriu exceção. Não se tem muita certeza do horário, pois as horas já não eram controladas, quando parou uma camionete em frente ao campus. A Professora Patrícia saiu correndo para indicar que fossem levados para outro abrigo. No mesmo instante, o casal que estava nos bancos da frente informou que já era o terceiro abrigo que os recusava. Então, ela olhou para a carroceria e viu um casal, os dois molhados e cansados. Com eles, 5 cães. O nosso campus aceitava os pets (figura 2) que vinham com seus tutores, pois se entendia o amor envolvido entre eles e a representação desses laços diante das fragilidades e impactos nesse momento tão impactante, mas, essa não era a prática de muitos outros locais. Assim, comovida pela situação, não teria como mandá-los embora pela terceira vez. Então, foram aceitos, entraram, se alimentaram e se aqueceram. Dias depois, quando foi realizada uma reunião com representantes das salas (dormitórios), a senhora, que estava na camionete com os cães, comentou que era mãe de um egresso do Curso Técnico Integrado em Administração, do Campus Canoas, e que seu filho, ex-aluno, pediu que ela agradecesse pelo seu acolhimento. São tantas e tantas histórias, mas essa foi imensamente gratificante e tocou fortemente, gerando uma mistura de satisfação, uma instituição de ensino, atuante nessa ação humanitária para o município de Canoas.

4 A CONTINUIDADE DO ABRIGO NO CAMPUS E MOMENTOS FINAIS

Os primeiros dias do abrigo no campus foram enlouquecedores! 24 horas de atendimento e com um volume de atividades imprevisíveis, sendo muitas delas com tomada de decisão imediata. Foram situações de atendimento médico, veterinário, solicitações de roupas, produtos de higiene, produtos de limpeza, medicamentos, aparatos específicos e especiais e alimentação, incluindo restrições alimentares. Todas essas atividades, organizadas e encaminhadas por voluntários, buscando fazer, da melhor forma possível, o que nunca tinham feito. Muitos casos foram inéditos e com aprendizados na prática.

Na primeira semana do abrigo no campus, o Prof. Alexandre, Diretor de Ensino, estava em São Paulo visitando a família e havia viajado um dia antes do pico da catástrofe, da sexta-feira (03) para sábado (04). No entanto, por conta do alagamento do aeroporto Salgado Filho (Porto Alegre), houve a interrupção das

atividades deste e o Prof. Alexandre não conseguia alocação em voo para retornar ao Rio Grande do Sul. Assim, contatava e organizava, a distância, grupos voluntários e doações especialmente para o campus, articulando com quem estava em Canoas. Isso aconteceu durante todo o tempo que ele teve que permanecer em São Paulo, à espera de alocação em voo, bem como segurança para chegar a Canoas, por conta das estradas danificadas e bloqueadas. Finalmente, após 9 dias de abrigo no campus, conseguiu chegar ao RS, na cidade de Caxias do Sul, depois do primeiro avião (voo) arremeter e retornar a SP. Mas, num segundo voo, em outro dia, foi possível pousar. No entanto, a viagem de Caxias de Sul para Canoas durou 9 horas e meia (tempo médio, em situação normal, é de 1,5h). Muitos pontos de bloqueios nas estradas e áreas danificadas, além de desvios. A situação do trajeto entre essas duas cidades ficou pior com a avaria da pilastra de sustentação da ponte sobre o Rio Caí, na BR-116, no dia 12 de maio.

Para que todas as atividades pudessem ser realizadas, muitas doações foram recebidas. As doações vinham de pessoas das proximidades do campus, que traziam diretamente; de pessoas de longe e de empresas, que enviavam as doações via caminhões. Doações de todas as regiões do Brasil chegaram. Uma alegria enorme a cada chegada de doações!

Com o passar dos dias, as atividades e demandas foram se organizando e se tornaram mais administráveis. O número de abrigados diminuía a cada semana. Já na primeira semana, todos tinham seu próprio colchão, recebidos de doação, bem como travesseiros, roupas de cama, cobertores, roupas e produtos de higiene básica. A logística relacionada às doações de roupas foi constante, pois não se tinha como realizar a lavagem das roupas usadas, necessitando ofertar continuamente. Na sequência, numa fase mais tardia, quando algumas partes dos bairros já estavam sem alagamento, passou-se, então, à etapa de captação e distribuição de produtos de limpeza. Algumas pessoas iam aos bairros para limpar suas casas e, quando possível, com condições mínimas e seguras, retornavam para seus lares, mas com novos desafios, relacionados à recuperação de bens. Ouvir os relatos dos abrigados sobre seus lares e a destruição foi um momento bastante desafiador, necessitando de muito equilíbrio, na tentativa de oferecer um apoio mínimo e palavras de conforto e esperanças.

Foram, ao todo, 30 dias de abrigo no campus, iniciando em 04 de maio e finalizando as atividades no dia 03 de junho de 2024, para que se pudesse organizar a instituição para a retomada das atividades letivas. Alguns abrigados, que ainda necessitavam de locais de acolhimento, em torno de 40, foram encaminhadas a outros abrigos administrados pelo município.

Não teve sequer um dia desse período que os olhos não tenham ficado cheios de lágrimas. Muitas histórias, muitas lembranças fortes, mas muitas certezas de que a dor de se perder tudo e que a bondade do ser humano são imensuráveis quando se quer ajudar o próximo. Muitos voluntários atuaram nestes 30 dias de abrigo no

campus, pessoas incríveis que tornaram o atendimento a outras pessoas possível. Fica sempre a certeza de que não se consegue fazer tudo, mas se cada um fizer um pouco é possível amenizar a dor de muitos.

AGRADECIMENTOS

Tudo nesses dias foi muito intenso, do primeiro minuto ao último. Emoções, sentimentos, histórias, problemas, desafios, cuidados, amparo, críticas, ... todos estavam passando por uma situação dramática inimaginável pela qual não estavam preparados. Mas, o sentimento de humanidade se sobrepôs a tudo, e foi com ele, e por causa dele, que se conseguiu realizar essa ação, esgotados emocionalmente, mas firmes. De tudo isso que se viveu, fica o agradecimento às pessoas que se voluntariaram das mais diversas formas: àquelas que atuaram nos abrigos, às que atuaram produzindo as refeições e às que atuaram na busca de doações.

A anatomia de uma catástrofe

SHEILA KATIANE STAUDT
IFRS CANOAS

Viver é muito perigoso.
Guimarães Rosa

DOS SECOS

A emoção que senti ao ouvir a voz embargada de outra pessoa me ocorreu duas vezes na vida: ao escutar da boca de uma amiga que não conseguia engravidar há anos que estava grávida antes de um congresso na PUCRS e depois ao ouvir o choro do meu próprio filho ao nascer. No entanto, idêntica sensação se apossara do meu ser uma terceira vez ao ouvir aquele áudio de WhatsApp da diretora do IFRS Canoas: “o IFRS *campus* Canoas vai abrigar 250 pessoas daqui a vinte minutos”. Não sei se era o tempo exato, se eram as notícias midiáticas de dias pré-apocalípticos ou a emoção de se estar em greve há dois dias e ver a escola cheia novamente. A frase ainda retumba em meus ouvidos, era como um chamamento ao *front*, à batalha, à luta que estávamos prestes a enfrentar como soldados que se preparam a vida toda e percebem que o momento para colocar em prática os treinamentos no quartel se avizinha.

Mas que treinamento? Que quartel? O que vimos e sentimos a partir daí era de um despreparo geral de servidores e professores amadores (no duplo sentido que essa palavra poderia (e deveria) ter...) em suas tentativas e erros, fracassos comunicativos, discussões internas e inépcia no comando de estudantes voluntários, inúmeros diversos, muitos destes também desabrigados e alojados nas dependências de nossa escola-casa-lar provisório. Parecíamos baratas tontas em meio à iminente vitória inimiga.

A cada dia um aprendizado novo. Era como uma graduação de 24h apenas com aulas práticas e teorias aprendidas e criadas *a posteriori*. O olhar e o abraço em um rosto conhecido era um alento. Sem chuveiros e com 580 pessoas (e não apenas 250 como nas palavras do áudio que recebemos), falar em caos era pouco para o que estávamos vivendo.

E a chuva não cessa...

Maná – era assim que eu enxergava as doações que chegavam de todos os lados e esvaziavam prateleiras de pessoas físicas e mercados próximos em um primeiro momento, e depois chegavam de cidades vizinhas e mais adiante de outros estados do Brasil e, até mesmo, de outras nações. Da mesma forma que esvaziávamos e repartíamos as doações de água (ironia dizer que não tínhamos água potável em

meio a chuvas torrenciais, nem mesmo água nas torneiras ou descargas), frutas, biscoitos, alimentos não-precíveis, sanduíches prontos, marmitas quentinhas, etc. recebíamos mais e mais a qualquer hora do dia e da noite, de alguém que conseguiu chegar meia-noite naquele endereço ou às 3h da manhã para acalantar o suplício por que passavam pessoas varridas pela enchente histórica que atingiu o Rio Grande do Sul em 2024. Eu nunca me enganei com anos bissextos, um ano torto ou remendado que serve para dar jeito no calendário gregoriano imperfeito, como todas as obras humanas, bem como as cidades construídas e projetadas por mãos humanas.

Nessa guerra, nós éramos os secos, aliados dos molhados e dos ilhados. Nossa tarefa era tentar lembrá-los que eles também eram secos como nós, mas provisoriamente estavam na condição de molhados-ilhados-desalojados.

Batalha número 1: foi conseguir reestabelecer a dignidade que todos temos direito a ter: três refeições ao dia, dormir debaixo de um teto, protegidos, com colchão improvisado sob nossos ossos moídos. As comidas vieram em formatos de sanduíches no dia 1 da batalha na guerra contra a fome, um tanto quanto esquecida em meio à luta pela sobrevivência. Era visível que nem o inimigo sabíamos distinguir: era a fome ou era a chuva? Ou ainda ambos? Em muitos casos foi sede por água limpa que foi impossível de encontrar nas primeiras 24 horas. Dormir em colchonetes em número insuficiente e colchões recebidos das casas que tinham um reserva naquela noite de tragédia geral foi a vitória conquistada.

Batalha número 2: conseguir os colchões e quiçá um travesseiro, ou melhor 500 colchões e 500 travesseiros através de pedidos via WhatsApp nos grupos, nas redes sociais, enfim, gritar a quem pudesse escutar e pudesse contribuir, e ainda pudesse chegar ao campus, uma vez que estar ilhado em terra firme parecia não ser uma metáfora... Eis que uma doação generosa se concretiza, mas solicita a busca *in loco* dos travesseiros e colchões, estes em Porto Alegre distante apenas 30 minutos de Canoas – isso no passado próximo e como costumava ser. A batalha foi perdida! Nenhum soldado conseguia sair ou buscar as doações com transporte adequado, pois o traslado ficava entre 4h30min no mínimo ou 5h30min para ir e o mesmo tempo para retornar. O que ouvi de uma aluna que mora em Canoas era: “Professora, a cidade se reduziu para 3 bairros apenas...” Como assim? O 3º maior PIB do estado encolheu do dia para a noite? Realidade dos secos que abrigavam os molhados no lado seco e seguro (ou quase isso...) da cidade.

Maná – outra vez!!! Pensei eu, agora não mais no formato de comida, mas em chuvas de colchões. Foi exatamente o que assistimos com um caminhão de uma grande loja de produtos - a Magazine Luiza - que realizou a doação de 400 colchões de solteiro novinhos em folha!!! A fila de formigas trabalhadeiras composta por estudantes voluntários, servidores e comunidade externa descarregavam até as salas de aula, digo, quartos improvisados reavendo aos molhados uma parcela mínima de sua dignidade provisória. Nesse movimento, com portas abertas alguns colchões foram entregues a famílias que passavam solicitando todo o tipo de doação, foi aí que pensamos em

fechar os portões e ter um controle de entrada e saída de pessoas. Em uma escola, conhecemos os alunos com seus crachás e por ficarem 4 anos conosco, mas aquela situação de escola-lar-provisório com pessoas jamais vistas antes nos fez entender que novos mecanismos deveriam ser ajustados para avisarmos o poder público de quem eram, de fato, os molhados-ilhados que estávamos abrigando por exatos 29 dias. Essa era uma situação de calamidade extrema, um estado inteiro atingido por uma catástrofe climática e nós, soldados rasos, ali no meio do olho do furacão.

DOS MOLHADOS

Viver é adaptar-se.

Euclides da Cunha

A minha pergunta, enquanto seca, pelos corredores de nossa Instituição-abrigo aos molhados foi como eles não conseguiram tirar seus pertences de suas casas antes, já que chovia e as previsões alertavam chuvas volumosas. A resposta de todos era a seguinte: “Foi tudo muito rápido” ou “Nunca tinha entrado água na minha casa antes” ou ainda “Jamais pensamos que uma coisa dessa pudesse acontecer”.

A palavra a ser evitada no abrigo: casa! Como ela doía e como ela se tornou uma ferida aberta naquelas pessoas e famílias inteiras retiradas à fórceps de seus lares. De início, ficavam agarrados às mochilas ou sacolas que se tornavam seus únicos pertences de toda uma vida. Conforme os dias iam passando, eles começavam a circular pelo campus e reconhecer naquele *locus amoenus* um pouco de proteção.

Estar exposto a outras pessoas totalmente estranhas na hora de dormir e socializar com pessoas de uma forma um tanto quanto abrupta durante um mês não deve ter sido tarefa fácil. A chuva constante forçava ainda mais essa aproximação durante a noite e o dia. Entretanto, a dor comum parecia unir todos eles.

As quatro refeições diárias forçavam a locomoção ordenada dos que ali ficaram e sem ter para onde voltar, retornavam àquelas salas-quarto-casa improvisados, com suas mudas de roupas recebidas e escolhidas no saguão para se aquecerem de noites geladas que estavam por vir.

Havia pets também sem tutores e com tutores. Passarinhos, gatos, cães e um cavalo que vieram com suas famílias e necessitavam de cuidado e atenção. Um parto de uma cadelinha foi realizado na madrugada com ajuda do professor de física e coordenador de ensino.

Os auditórios, palcos para tantas palestras, eventos e reuniões, tornaram-se armazéns de produtos de higiene e limpeza (auditório 2) e montanhas de roupas, cobertores, lençóis, sapatos (auditório 1) que necessitavam sempre ser separados por, no mínimo, tamanho e gênero, um trabalho infinito que se repetia dia após dia. As salas do administrativo no prédio A viraram leitos ou enfermarias improvisadas e super movimentadas já que funcionavam 24 horas.

O nosso novíssimo Espaço de Línguas e Culturas, na sala A11, que não permitia a entrada de qualquer líquido ou comida do mundo exterior, a fim de não sujar sofás, tapetes, almofadas, livros, dicionários, bandeiras e Alexas que eram utilizados naquele espaço tão sonhado pelas professoras da área de Letras há anos, virou o depósito oficial de todo o repertório gastronômico recebido pelo abrigo desde garrafas de água, caixas de leite, sucos, pães de sanduíche, bolos feitiños na hora por mães de alunos que moravam ali perto, doces, balas, biscoitos variados, pipocas, salgadinhos, enfim, a proibição anterior fora esquecida completamente ou não fazia nenhum sentido naquele momento. Depois de dez dias as garrafas de água tiveram que ser realocadas no almoxarifado e no estacionamento, pois a sala de línguas não comportava tanta doação desse item em especial.

O que ficou para mim dessa experiência única em minha vida foi poder contribuir, ainda que minimamente, para minimizar a perda daquelas pessoas tão fragilizadas e que ainda teriam pela frente muitas batalhas para enfrentar. O gosto de escutar o barulho da chuva cair já não é mais o mesmo para mim e acredito que também não é para meus companheiros de abrigo... Ter medo de que algo semelhante ocorra novamente me assombra a cada pingo que cai do céu, mas percebo que tudo aquilo passou e começo a entender que tudo é passageiro nessa vida. A impermanência é parte constituinte da própria essência da vida.

Eu achei que voltaria à escola e choraria ao dar aula naquelas salas-quarto ou na sala de Línguas espaço lúdico que era nosso tesouro, pois recebia todo afeto de longe e de perto em forma de alimento feito ou doado por mãos que queriam, como nós, ajudar de alguma maneira. Entretanto, não chorei nenhuma vez. As pessoas saíram, umas voltaram para suas casas, outras foram para outras cidades, outras para cidades-provisórias e isso me reconforta, pois a vida está seguindo seu rumo, por linhas tortas, sim, mas segue em frente.

Presenciar por dentro a anatomia desta que foi a maior catástrofe climática de nosso Estado e da cidade de Canoas me fez repensar minhas próprias escolhas e minhas prioridades na vida. “O sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CUNHA, 2003, p.77), mas em 2024, podemos atualizar a frase de Euclides da Cunha para “o gaúcho é, antes de tudo, um forte”, não há dúvida disso. Seja pela falta de chuva, seja pelo excesso dela, a força desses povos e de tantos outros que lutam pela sobrevivência precisa ser exaltada, aqui e agora.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2003.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Sobre não saber quando ela volta

RAFAEL VEBBER¹

1 NÃO LEMBRO QUANDO COMEÇOU

Eu não lembro quando começou, talvez tenha sido no final de abril. A única coisa que sei é que comecei a me acostumar com o barulho da chuva batendo no telhado. Na casa onde moro com minha mãe, parte do telhado é de zinco, e o som estridente da chuva nele acaba invadindo nossos pensamentos. Chega ao ponto de não conseguirmos focar em nada sem que a chuva faça parte daquilo que estamos pensando, mesmo quando tentamos escapar do que está acontecendo.

Lembro da última vez que vi uma goteira aqui em casa. Eu devia ter menos de dez anos, e minha mãe ou meu pai espalharam uns três baldes pelos pontos estratégicos da casa, visando proteger o piso de madeira. Certamente, depois disso, eles consertaram o telhado, e desde então, nunca mais vi a água entrar sem ser convidada, a não ser quando alguém esquecia uma janela aberta e demorava demais para lembrar de fechá-la, deixando que algumas gotículas entrassem e molhassem tudo pelo caminho. Mas nada comparado ao que está acontecendo agora. O quintal virou uma grande piscina e as goteiras ressurgiram na nossa realidade.

Não lembro com clareza, porque é antes do meu tempo, mas aparentemente existia um banhado nessa região onde hoje é minha casa. Certamente a vegetação e a fauna do terreno eram diferentes. Até uns 20 anos atrás, todo o terreno era circundado pela água de uma nascente que passava por aqui, e havia até um pequeno lago de uns 6 metros quadrados onde, durante muitos anos, meu pai criou alguns patos. Mas nossa rua não é mais a mesma. Primeiro veio o calçamento, depois o asfalto. Nossa casa era uma das poucas da rua; de ambos os lados, estendiam-se florestas que foram o cenário das melhores aventuras da minha infância. Nunca soube de onde vinha aquela água, mas sempre achei que havia uma nascente, e a água era boa. Mais de uma vez, quando faltou água no bairro, alguns vizinhos vieram até nosso poço buscar dessa água, que ajudou muitas pessoas a enfrentar os dias sem abastecimento. O progresso do asfalto engoliu nosso poço. A rua teve de ser alargada, e o poço virou história. Hoje, ele estaria localizado mais ou menos na divisa entre o acostamento e a calçada. Já a nascente, espero que ainda exista e que tenha encontrado, por debaixo da terra e do concreto, outro local para despejar sua água, nem que seja em algum bueiro escuro da rua.

Nossa “piscina” de água da chuva não é nada útil. Já faz uns 10 dias que a água está ali acumulada e vai continuar por mais 10 dias depois que parar de chover

¹ É Produtor cultural, estudante da Licenciatura em Matemática e da Especialização na docência em Educação Básica e Profissional no IFRS Campus Caxias do Sul.

– se é que vai parar de chover. Outros seres que habitam minhas memórias de dias de chuva na infância também não existem mais no nosso quintal, que, em outros tempos, também era um lar para sapos e rãs. Talvez eles tivessem ficado felizes com a abundância de água no quintal agora.

Este final de semana é Dia das Mães. Será o oitavo Dia das Mães que passo com minha mãe desde que voltei a morar em Caxias do Sul. Vamos receber algumas visitas: a esposa e as duas filhas de um amigo meu, que está passando alguns dias aqui em Caxias. Sua morada oficial é em Esteio, onde parte da cidade está debaixo d'água. A esposa dele, professora na sua cidade e em São Leopoldo, está há duas semanas sem dar aulas. Uma de suas escolas está debaixo d'água, e a outra está servindo de abrigo para as famílias dos estudantes cujas casas foram inundadas. Eles decidiram passar o Dia das Mães em Caxias porque, aqui, pelo menos a água escoo mais facilmente. Não é culpa da cidade, mas da geografia: a maior parte da água que cai aqui acaba descendo os rios e chegando até o Guaíba.

A situação fora do meu quintal apresenta alguns pontos de tensão. Próximo ao Instituto Federal, onde estudo e trabalho, uma das principais ruas de acesso está interditada. As aulas de maio ainda não começaram, e não se sabe ao certo o que vai acontecer. Alguns professores estão realizando encontros remotos e/ou enviando atividades. O grande vilão dessa história, além da chuva incessante, é o iminente rompimento da bacia de captação localizada ao lado do Instituto Federal, que fica acima da moradia de centenas de famílias. Essa é a grande preocupação dos últimos dias: se a represa romper, a força da água levará grande parte dessas casas consigo e inundará mais de meia dúzia de bairros até alcançar o arroio Tega, arrastando móveis, eletrodomésticos, roupas, fotografias e tudo o mais que encontrar pela frente para outras cidades, que já estão sobrecarregadas de memórias e tristezas em suas águas.

As famílias da região de maior risco estão abrigadas em alguns ginásios pela cidade. Há alguns dias, lembrei das frutas que estavam armazenadas na geladeira do Instituto Federal e que já deveriam ter sido entregues aos estudantes nos intervalos. Eram cerca de 60 kg de bananas, bergamotas e maçãs. Conversei com a assistência estudantil e com a direção de ensino, e recebi autorização para ir até o Instituto e levar essas frutas para um dos abrigos. Fiz isso ontem pela manhã. Para minha surpresa, muitas das famílias estavam sendo liberadas para voltar às suas casas, pois, desde o final da tarde anterior, havia sido descartada a possibilidade de a represa estourar. Segundo me informaram, conseguiram controlar o nível da água, liberando parte dela para o rio. A represa resistiu até onde pôde, mas, para evitar um desastre maior, foi necessário liberar mais água, além da que já caía com as chuvas, para os rios. Parece que sempre é preciso escolher um mal menor para evitar um mal maior. Assim como todos que estavam lá, fiquei feliz com a notícia, e as famílias puderam levar suas frutas para casa.

Não me lembro de ter entrado antes em um abrigo de refugiados de qualquer tipo. Muitos voluntários estavam por todos os lados, tentando ser úteis. Em cada pequeno núcleo familiar, objetos, sacolas e malas contavam a história de cada um

daqueles grupos. Não consigo imaginar como foi para essas pessoas ficarem naquela situação por uma semana, e acho ainda mais difícil imaginar como tem sido, e como será, para todas aquelas pessoas de outras cidades que passarão meses nessas condições.

Aqui em casa, uma cena rara: minha mãe e eu estamos recebendo uma família indiretamente afetada pelas enchentes. Não posso deixar de sentir um pouco de nostalgia por ter crianças em casa; talvez até sinta um pouco de saudade de ser criança eu mesmo e não ter que encarar o mundo como ele é — cheio de dificuldades, responsabilidades, ansiedades e angústias diante de situações que não podemos mudar num estalar de dedos. Toda essa situação me fez lembrar dos dias em que ficávamos sem luz quando eu tinha oito anos; esses eram meus dias favoritos. A falta de luz nos fazia sair da rotina, criar novas brincadeiras, e a casa ganhava um novo significado, como se aquilo fosse uma oportunidade para viver algumas horas, ou uma noite inteira, de maneira diferente.

Conforme os dias passam e a chuva não para, os efeitos da tragédia se anunciam por meio das discussões e dos encontros online com amigos. De um lado, pessoas de outros estados perguntando sobre a situação real no Rio Grande do Sul, na Serra Gaúcha, na minha cidade e na minha família. Todos alarmados pela enxurrada de notícias que recebiam continuamente durante um mês. Minha única reação é explicar que, comigo e com as pessoas próximas, está tudo bem, mas que a situação, no geral, não é boa — a cada dia se agrava mais. Pior do que isso é que não parece ser algo passageiro; muito pelo contrário, a sensação de insegurança só aumenta. Mesmo que a situação presente se encerre e a água recue, não há clareza nem perspectivas de políticas públicas fortes o suficiente para impedir que enchentes como essas voltem a acontecer no próximo ano, ou até em poucos meses. Relembro que apenas seis meses antes o estado do Rio Grande do Sul já havia sofrido enchentes, embora de proporções menores.

Do outro lado estão as conversas com pessoas do Rio Grande do Sul. Meus amigos de Porto Alegre relatam, dia após dia, uma crescente preocupação. E eu, à distância, sem conseguir imaginar tantos lugares onde já vivi e pelos quais tenho imenso afeto sendo engolidos pela água e pela lama. Em poucos dias, o inevitável aconteceu, e parte da cidade ficou submersa. Um professor me contou que, todo final de tarde, ele vai até o ponto mais alto do bairro e observa o quanto a água avançou, sentindo ao mesmo tempo preocupação e alívio, já que tudo indica que a água não chegará até sua casa. Outra amiga relatou que ela e o marido começaram a atuar como voluntários, preparando refeições para os abrigos. Essa amiga acabou de adotar um cachorro em um abrigo para animais perdidos na enxurrada. Um amigo, que não vejo há anos e mora no centro histórico de Porto Alegre — bairro bastante afetado — disse que a água já chegou à sua calçada. Se a enchente avançar até a Avenida Ipiranga, há uma grande chance de chegar ao apartamento térreo onde morei em 2019. Um conhecido de Canoas relatou o caos dos bairros submersos e as dificuldades de convivência nos alojamentos. Em Pelotas e Rio Grande, pais de amigos aguardam

o inevitável: a água que está descendo da Lagoa dos Patos inundará vários bairros. Uma amiga disse que seu pai, incrédulo, se recusa a sair de casa. Outra professora, preocupada, fala sobre seus pais idosos que moram sozinhos em Rio Grande e não têm muitas opções de fuga.

Em Caxias do Sul, e na Serra em geral, a água escoou, mas não antes de provocar deslizamentos de terra, que, assim como a enxurrada, tiram o ar das pessoas e dificultam o acesso a algumas regiões. Aqui, algumas pessoas perderam suas vidas dessa forma. Entendo que, para alguns, as mudanças climáticas ainda parecem algo distante, como se não pudessem nos atingir, já que por tantas décadas permanecemos com a sensação de estarmos imunes, enraizados em nossos terrenos e casas. O negacionismo, em alguns casos, encontra solo fértil entre aqueles que não querem aceitar que essa mudança está, literalmente, nos matando.

Não se consegue pensar em outra coisa a não ser nas perdas de vidas, nos prejuízos, em todo o processo de reconstrução e, até mesmo, se esse processo é viável. Meus pensamentos estão nas cidades mais devastadas — lugares que eu nunca nem visitei — e fico me perguntando de onde essas pessoas vão tirar coragem para começar a reconstruir. Eu teria essa coragem ou simplesmente viraria as costas e recomeçaria em outro lugar, longe da tragédia?

Os dias seguem, acompanhados pelas notícias, mas a cada dia me interessam menos pelos noticiários. Não sei como lidar com tanta destruição. Faço o mínimo: arrecadar doações e levá-las aos postos de coleta. No mais, estou tomado pela ansiedade e me refugio na literatura. Não lembro de ter lido tantos livros em um único mês antes de maio de 2024.

2 ALGUMAS SEMANAS DEPOIS

O tempo passou e já estamos quase na primavera. A água baixou, as ruas e as casas foram limpas. Não tenho certeza se todas queriam ser limpas. Agora, o país está em chamas, e passamos dias novamente sem enxergar o céu azul. Quando chove, a chuva cai suja. O sentimento de desesperança em relação ao clima permanece e martela na minha cabeça: quando isso vai acontecer de novo? Nas disputas eleitorais dos municípios que acompanho, não vejo os assuntos climáticos ganharem a devida importância. Acho que isso não rende votos. O momento dos alagados passou, maio de 2024 ficou para trás. Quando falo com meus amigos de fora do Rio Grande do Sul, eles me perguntam como estão as coisas, impressionados por não receberem mais notícias sobre a reconstrução e os desdobramentos. Respondo que também não tenho essas informações e me pergunto o porquê. Sei que não há um único “porquê”, e que não vou conseguir listar todos os motivos, muito menos evitar, sozinho, que eles continuem existindo.

O dia depois do amanhã e das chuvas: cartas para Pessoa(s)

DANIELA CORTE REAL¹

LIANA FERREIRA DA ROSA FERNANDES VIANNA²

*Ah, na minha alma sempre chove.
Há sempre escuro dentro de mim.
Se escuto, alguém dentro de mim ouve
A chuva, como a voz de um fim...³*
(Fernando Pessoa)

1 1ª CARTA – A CHUVA COMO A VOZ DE UM FIM...

Querido Pessoa, esperamos encontrá-lo bem. Não sei se vocês, por aí, ficaram sabendo da confusão que as chuvas de maio, nada poéticas, trouxeram para o Estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2024. Nem um pouco lembravam aquelas águas de março que fecharam o verão. Soturnas meu amigo. Sorrateiras e subterrâneas (não faça aqui uma leitura literal), simplesmente decidiram que aquilo que já sabíamos e que você, em seu poema explicitou, deveria ser um pouco mais concreto. Tudo isso para ver se alguém, além de nós, das pessoas ou de você, ouviria! Gritaram silenciosamente: **“na alma do mundo sempre chove!”** E apresentou-se a chuva como a voz de um fim...

Ainda estamos tentando deixar menos visíveis as marcas da enxurrada nas cidades e regiões mais atingidas, nos nossos corpos e almas. Funesto e lastimoso fim anunciado que teimamos em ignorar, sob a personificação de *N'toto* (divindade que representa a Terra em Banto/u)⁴.

Não sabemos se *N'toto* e a nossa ancestralidade Banto/u conseguiriam prever tais dimensões e impactos. Não sabemos se você sabe, mas os povos Bantu acreditam que a natureza é habitada por uma variedade de espíritos amorais e reativos. Esses espíritos são vistos como intermediários entre os seres humanos e as divindades, e são frequentemente invocados para obter proteção, orientação ou cura. Com certeza fomos avisados por eles, mas... ignoramos os sinais.

¹ Professora Visitante – Educação Inclusiva, IFRS - *Campus* Caxias do Sul. daniela.real@caxias.ifrs.edu.br

² Servidora Efetiva - Técnica Administrativa, IFRS *Campus* Caxias do Sul. liana.vianna@caxias.ifrs.edu.br

³ Excerto do poema: **Chove? Nenhuma chuva cai...** de Fernando Pessoa. Fonte: <https://comofazerum-poema.com/poemas-sobre-a-chuva-poesia-poetas-portugues/> Acesso em: 17 set 2024.

⁴ O Rio Taquari. “Taquariguaçu” é um termo oriundo da língua tupi. Significa “grande água de taquara”, através da junção de takúara (“taquara”), ‘y (“água, rio”) e gúasu (“grande”). Fonte: <https://maniadehistoria.wordpress.com/mini-dicionario-tupi-guarani/> Acesso em: 17 set 2024.

Observe que o RS, estado rico, produtivo, revolucionário e progressista, não soube ver, ouvir ou (RE)conhecer as pistas. Ignorou as memórias da enchente de 1941 e deixou que as marcas do tempo (e das águas) se apagassem.

Figura 1 - Enchente de 1941 (Porto Alegre)



Fonte: <https://metsul.com/grande-enchente-de-2024-e-os-ecos-do-desastre-de-1941/> Acesso em: 17 set 2024.

E o fez deliberadamente. Deixou de considerar o que os povos originários referendavam: a ‘grande água de taquara’⁵, o ‘rio dos jacus’ (que significa rio enxuto e temporário em tupi-guarani), o *caá-y*⁶... Esqueceu que, assim como em 1941, inúmeras pessoas perderam suas vidas e que, outras milhares, abandonaram suas casas sem saber se poderiam voltar um dia. Que prédios públicos, hospitais e escolas foram também engolidos pelas águas. Que a ordem das coisas foi maculada no mais profundo do seu ser, sua alma.

Ao mesmo tempo em que enviamos as primeiras notícias, queríamos tranquilizar você em relação a nossa situação. Não fomos diretamente atingidas. Isso quer dizer que as casas onde moramos nós duas e, as da maior parte de nossos familiares, não foram atingidas. Nem a instituição na qual trabalhamos. Mas muitos conhecidos, professores, estudantes e amigos, hoje, ainda tentam voltar a sorrir. Não fomos diretamente atingidas, mas solidariamente compartilhamos das aflições e (DES)esperança.

E perguntamos:

⁵ Caá significa mato, y significa água. Fonte: Dicionário de Tupi-Guarani. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto43/FO-CX-43-2739-2000.pdf> Acesso em: 17 set 2024.

⁶ Excerto do poema: **Chove? Nenhuma chuva cai...** de Fernando Pessoa. Fonte: <https://comofazerumpoema.com/poemas-sobre-a-chuva-poesia-poetas-portugues/> Acesso em: 17 set 2024.

*Onde é que chove, que eu ouço?
Onde é que é triste, ó claro céu?
Eu quero sorrir-te, e não posso,
Ó céu azul, chamar-te meu...⁷*

2 2ª CARTA – NENHUMA CHUVA CAI ...

Querido Pessoa, desde nossa 1ª carta, algumas coisas aconteceram (queríamos ser mais Pollyanas e escrever que ‘muitas coisas’ aconteceram, mas isso seria parcialmente verdadeiro). “*Eu quero sorrir-te, e não posso*”. O fato é que o inverno chegou e se foi, com uma rapidez inesperada. E lá sei foi também o agosto, tímido, seco e perturbador. Cinza, como as partículas das queimadas que ocorrem no país inteiro (isso está ocorrendo neste momento – desculpe lhe darmos esta notícia assim, de ‘sopetão’). De um cinza, que não tem a capacidade de estimular ou tranquilizar. De um cinza, dotado de compostura e solidez. De um cinza – com tons de sentença.

Achamos por bem, nesta carta dialogar com você ajustando nossas lentes àquilo que impactou (e continua impactando), e muito, nosso trabalho. Somos servidoras de uma instituição de ensino pública, referência no Ensino Médico Técnico Integrado e Subsequente, por conseguinte, nos preocupamos com os efeitos dessa situação catastrófica na educação, no ensino, pesquisa e extensão. Em especial, nos preocupamos com nossos técnicos, professores e estudantes que foram atingidos pela enchente.

Não sabemos se você já sabe, mas após o ocorrido foi necessário realizar o **Mapeamento da Situação dos Estudantes do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS afetados pelas chuvas no RS**⁸. A Diretoria de Assistência Estudantil foi a responsável por esta pesquisa que teve como objetivo geral realizar o mapeamento da situação dos estudantes do IFRS, após os desastres de maio de 2024 no estado. A pesquisa permitiu analisar os diferentes níveis dos impactos da calamidade nas comunidades acadêmicas de cada unidade do IFRS. Assim como, favoreceu o estabelecimento de estratégias de enfrentamento gerais (enquanto IFRS) e específicas (por unidade) que puderam direcionar recursos e forças de trabalho de modo estratégico e equitativo para as diferentes necessidades identificadas.

Para além disso, foi possível traçar linhas de ações pedagógicas e de ensino, bem como, da assistência estudantil e dos núcleos de ações afirmativas como: o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NAPNE); o Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena (NEABI); e o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGSS).

⁷ O Mapeamento ainda não disponibilizado para o público. As informações foram extraídas da apresentação realizada na reunião de 04 de junho de 2024 pela Pró-Reitoria de Ensino do IFRS.

⁸ Fonte: <https://ifrs.edu.br/editais/edital-ifrs-no-42-2020-cadastro-de-estudantes-que-necessitem-de-auxilio-inclusao-digital/> Acesso em: 17 set 2024.

Figura 2 – Abrangência do Mapeamento



Fonte: Apresentação do **Mapeamento da Situação dos Estudantes do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS afetados pelas chuvas no RS**

A abrangência do **Mapeamento** foi pensada considerando os níveis de afetamento como: desabrigamento; desalojamento; alojamento; outras (falta de água, luz, internet etc.); e não atingidos. E esses níveis permitiram que as unidades fizessem a leitura das suas situações: em relação ao todo; ao número de estudantes que estavam desabrigados; quantos precisaram mudar de território; quantos tiveram perdas humanas e materiais; e quantos não tiveram redes de apoio familiar. Considerando: identificação; situação de moradia; situação acadêmica; situação de trabalho; perspectivas/necessidades; e aspectos pedagógicos/assistenciais (como podemos observar na figura 2).

Caro Pessoa, sei que você (assim como as outras pessoas) deve estar querendo saber quais ações foram feitas e/ou quantos estudantes foram identificados no IFRS. Calma, os dados ainda estão sendo tabulados. Mas já podemos adiantar duas ações significativas desenvolvidas: 1) **Auxílio de inclusão digital**: voltado para os estudantes que ficaram impossibilitados de frequentar as aulas em virtude da situação de calamidade pública do Estado (de acordo com o Decreto nº 57.600 de 04 de maio de 2024); e 2) De acordo com informações da Pró-reitoria de Ensino (PROEN), mais de 2.000 estudantes se inscreveram para receber o **Auxílio Emergencial** (benefício destinado a estudantes que tiveram a residência danificada pelas chuvas e disponibilizado pelo Ministério da Educação).

Sobre o **Auxílio de inclusão digital**⁹ gostaríamos de contar a você que 52 estudantes do ifrs – caxias do sul foram contemplados com uma das modalidades concedidas: auxílio para acesso a equipamento (tablet); auxílio para acesso à internet

⁹ Idem a nota 7.

na categoria programa alunos conectados (chip); e auxílio para acesso à internet na categoria programa alunos conectados (chip) e acesso a equipamento (tablet).

Em relação ao **Auxílio Emergencial** cabe informar que 1.434 estudantes de diferentes *campi*, foram beneficiados de acordo com as informações divulgadas na **Primeira Lista de Estudantes do IFRS contemplados**, informação disponibilizada no site: <https://ifrs.edu.br/auxilio-emergencial-primeira-lista-de-estudantes-do-ifrs-contemplados-e-divulgada/>. Do total de beneficiados, 68 são estudantes do IFRS campus Caxias do Sul, 34 do gênero feminino e 34 do masculino, destes, 3 do gênero feminino e 4 do masculino tiveram seus pedidos indeferidos, como você pode observar no gráfico abaixo. O que significa que a maioria dos nossos estudantes que informaram necessitar do auxílio, conseguiram! Essa é uma boa ‘nova’!

Figura 3 – Gráfico Inscrições Estudantes IFRS – Campus Caxias do Sul: auxílio emergencial

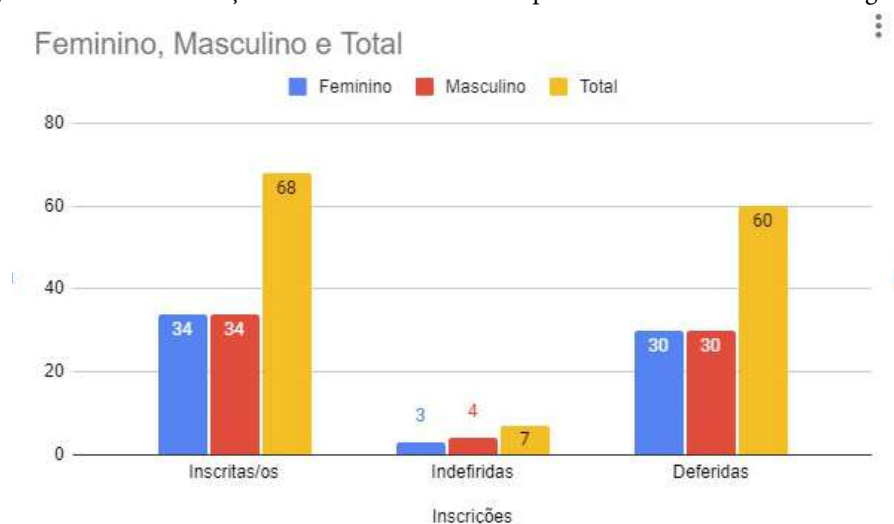


Gráfico elaborado pelas autoras. Fonte: Resultado preliminar das solicitações de auxílio emergencial para os estudantes do IFRS atingidos pelas chuvas no RS. Disponível em: https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2024/05/Resultado_preliminar_auxilio_emergencial_21_05_assinado-1.pdf
Acesso em: 17 set 2024.

*E eis que ante o sol e o azul do dia,
Como se a hora me estorvasse,
Eu soffro... E a luz e a sua alegria
Cai aos meus pés como um disfarce¹⁰*

3 A ÚLTIMA CARTA – A LUZ E A SUA ALEGRIA: CAI AO MEUS PÉS COMO UM DISFARCE

Estimado amigo, seguem notícias do mundo de cá. As coisas parecem estar se ajeitando. Um grande processo de reconstrução está em pleno desenvolvimento

¹⁰ SOARES, Bernardo. **O silêncio que sai do som da chuva espalha-se**. Disponível em: (PDF) Do Livro do Desassossego - Bernardo Soares | Inge Chrismann - Academia.edu Acesso em: 17 set 2024.

aqui no RS. As pessoas estão se organizando de modo a mitigar os impactos de tão selvagem reação da natureza sobre o humano. Reconhecemos os séculos de violência e descaso a ela impelidos.

Nossos sentimentos se misturam e compreendemos que não há sossego, nem nunca haverá! Pois como teu amigo/irmão, Bernardo Soares, bem escreveu naquele texto: **O silêncio que sai do som da chuva espalha-se:**

Um sopro leve de vento, que por detrás da janela não sinto, rasga em desnivelamentos aéreos a queda rectilínea da chuva. Clareia qualquer parte do céu que não vejo. Noto-o porque, por detrás dos vidros meio-limpas da janela fronteira, já vejo vagamente o calendário na parede, lá dentro, que até agora não via¹¹.

Segue o calendário escolar (impossível parar o tempo) e um setembro mais alegre se anuncia. Os desafios da crise climática exigem o repensar da própria estrutura da escola e dos conteúdos pedagógicos. Toda questão curricular passa por uma reflexão sobre como o homem está lidando com um mundo híbrido, flexível, imprevisível... Espera-se uma mudança! Precisa-se dela!

Emerge a necessidade de revistarmos o Decreto nº 55.885, de 17 de maio de 2021, que dispõe sobre o **Programa de Educação Ambiental Colaborativo** e institui o **Comitê Gestor Multidisciplinar** do Estado do Rio Grande do Sul. Prevem-se amigo, no documento, ações na educação formal e não formal, de maneira integrada e colaborativa, baseadas em uma visão sistêmica, cidadã, ética, responsável e sustentável, com instituições públicas e privadas (art. 2º). Entre os objetivos ambiciona-se a formação, especialização e atualização dos professores em Educação Ambiental para a cidadania e a cultura da sustentabilidade; a implementação e o desenvolvimento da Educação Ambiental como uma prática educativa integrada, contínua e permanente; a sensibilização e a mobilização dos indivíduos e dos grupos sociais considerando o meio ambiente local, regional e global; etc.

Anuncia-se aderência aos **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**¹² que fazem parte da Agenda 2030. Trata-se de um pacto global assinado durante a Cúpula das Nações Unidas em 2015, pelos 193 países membros. São 17 objetivos ambiciosos e interconectados, desdobrados em 168 metas que tem como foco superar os principais desafios de desenvolvimento enfrentados pelas pessoas no Brasil e no mundo.

O calendário, incansável, mostra que os esforços ainda são parcos. Prevê-se uma educação de qualidade (ODS 4): que assegure a educação inclusiva, equitativa

¹¹ **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**. Fonte: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs> Acesso em: 17 set 2024.

¹² Fonte: **V Relatório Luz da Sociedade Civil - Agenda 2030 – desenvolvimento sustentável Brasil** (2021). Disponível em: https://gtagenda2030.org.br/wp-content/uploads/2021/07/por_rl_2021_completo_vs_03_lowres.pdf Acesso em: 17 set 2024.

e de qualidade, além de promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. Expectativas!

No entanto, vivemos o paradoxo da redução de valores nas diferentes modalidades da educação, com destaque para a queda do orçamento na educação profissional técnica de nível médio cuja execução financeira caiu de R\$15 bilhões em 2016, para a R\$13,3 bilhões em 2020, apesar do incremento do número de matrículas¹³. Realidade!

Apresenta-se o contraditório. Busca-se ser a cor do plácido e azul encanto. Pergunta o homem a si próprio: quando serei o céu mais útil que meu pranto?

Querido amigo, ainda que nossa última carta esteja um pouco mais sombria, entenda esse nosso recordar como potência de mudança. Pois refletir sobre o que experienciamos e sentimos durante e após a catástrofe climática ocorrida no Rio Grande do Sul em 2024 desacomoda, perturba e exige movimento. Porque não é o mais forte quem sobrevive, tampouco o mais inteligente e sim aquele que se adapta às mudanças. Mande lembranças nossas ao Charles e diga que numa próxima carta gostaríamos de ler o que ele acha disso.

Um abraço carinhoso,

Dani e Lia

¹³ Povos Bantu: grupo étnico que abrange diversas etnias africanas, com línguas e culturas semelhantes, que se espalharam por grande parte do continente africano. Fonte: <https://religio.app/mitologia-povos-bantu-ancestrais-espirtos-vida-africana/> Acesso em: 18 set 2024.

Na mitologia dos povos Bantu, os ancestrais são considerados figuras sagradas e respeitadas, mas não controlam diretamente a vida dos vivos. Eles são vistos como intermediários entre os seres humanos e os deuses, capazes de interceder em favor da comunidade. Menosprezada pela história, a herança banto/u é um pilar da formação do Brasil. Fonte: SILVA, Vagner Gonçalves da. *et al. Através das Águas: os Bantu na formação do Brasil*. HUCITEC Editora, 2023. Disponível em: *Através das águas: os bantu na formação do Brasil* | Portal de Livros Abertos da USP Acesso em: 18 set 2024.

A atuação do Grupo de Pesquisa Sítios de Memória e Consciência frente a catástrofe climática no Rio Grande do Sul¹

GIOVANE RODRIGUES JARDIM²

MARIA CLARA DOS SANTOS LIMA³

INTRODUÇÃO

O Grupo de Pesquisa Sítios de Memória e Consciência: Passados Traumáticos, Esfera Pública e Democracia (GP)⁴, está certificado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, *campus* Erechim, desde o ano de 2023, e reúne atualmente mais de vinte pesquisadores nacionais de diferentes instituições acadêmicas e de memória, em parceria com a Rede Brasileira de Pesquisadores de Sítios de Memória e Consciência (REBRAPESC), e com a Coalizão Internacional de Sítios de Memória e Consciência (CISC). Importa, o presente relato, situar a atuação do Grupo de Pesquisa (GP) no enfrentamento à catástrofe climática que ocorreu no estado do Rio Grande do Sul em abril e maio de 2024.

Então, logo que as notícias foram tomando conta das frentes midiáticas nacionais e internacionais, os meios de comunicação do grupo – que incluem redes sociais e um site na internet – foram sendo demandados em informações sobre os acontecimentos, bem como, sobre possibilidades de atuação dos integrantes e pesquisadores como voluntários. No início, no processo de ajuda às pessoas e, na sequência, no que se relaciona ao mais específico da atuação de cada um, ou seja, na preservação da memória e na recuperação do patrimônio em perigo. Compreendeu-se, desde o início, a importância de uma atuação na perspectiva de orientação e informação quanto aos grupos e coletivos que estavam atuando diretamente nas comunidades atingidas, e que poderiam melhor contribuir na assistência mais imediata, na perspectiva material. Ao mesmo tempo, foi-se também compreendendo a importância de atuar no que se refere ao processo educacional sobre o que está para

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas; Docente do IFRS *campus* Erechim. E-mail: giovane.jardim@erechim.ifrs.edu.br.

³ Arquiteta e Urbanista. Mestranda em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo. Universidade de São Paulo (USP). E-mail: eucajuina@usp.br

⁴ O Grupo de Pesquisa foi criado no ano de 2022 com três linhas de pesquisa, a saber: 1- Memorialização e musealização de memórias traumáticas; 2- Necroarquitetura e patrimonialização de lugares de memória; 3- Sítios de memória e democracia. Atualmente é liderado por Giovane Rodrigues Jardim e Ana Paula Brito. Desde sua criação tem desenvolvido atividades permanentes de pesquisa entre seus membros e encontros mensais de discussão e sociabilização de metodologias. Informações em: <https://www.rebrapesc.com.br/grupos-de-pesquisa>.

além da perda de um objeto, ou seja, das referências que uma materialidade possui para além de seu valor econômico, o que então se refere a um processo mais amplo e longínquo que não nos deteremos. Importa, relatar esta resposta mais imediata do grupo de pesquisa as demandas de seus parceiros e colaboradores.

1 SOBRE A ATUAÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA E DA REBRAPESC

Como os integrantes do Grupo de Pesquisa (GP) e da REBRAPESC estão em diferentes lugares do país, existiu uma solicitação para os que estavam no Rio Grande das Sul acerca de informações quanto ao que estavam passando, e em seguida, de como poderiam colaborar. Então, discutiu-se sobre a criação de um canal de doações. Entretanto, avaliou-se que já haviam inúmeros meios criados pela sociedade para a colaboração financeira, bem como, alguns números PIX⁵ e de contas bancárias bastante suspeitas, o que foi demonstrado no momento posterior como parte de muitos golpes de indivíduos e/ou grupos que se aproveitaram da situação para obter lucro financeiro⁶. Entidades parceiras, integrantes da rede, etc., requisitavam saber quais entidades poderiam colaborar e divulgar em suas redes, e quais não. A resposta a estas solicitações foi a primeira, e talvez mais contundente, colaboração do Grupo de Pesquisa nesse primeiro momento, a qual podemos nomear como “imediata” a esse evento.

O GP, então, tendo presente que todos os seus integrantes estavam em condições de segurança e sem demandas pessoais e/ou familiares a serem atendidas pelo coletivo, o que também não significa que não estivessem com suas casas alagadas e/ou sem eletricidade, água e/ou internet, como os que vivem na região metropolitana de Porto Alegre, deu início ao processo de verificação dos meios possíveis e confiáveis para doações ao estado. Assim, surgiu a publicação de um boletim diário nas redes sociais e na página da REBRAPESC na internet⁷, e divulgações entre grupos de WhatsApp dos mais diversos seguimentos. A primeira publicação trazia apenas a forma oficial de doação, via PIX, de um grupo promovido pelo próprio governo do estado do Rio Grande do Sul. Mas desde a primeira publicação, devido ao debate intenso nas redes sociais e na imprensa sobre a destinação dos recursos por este meio, reiniciamos o diálogo e a procura de formas mais específicas e relacionadas a demandas mais pontuais, como por exemplo, dos povos indígenas na região. Porque, infelizmente, mesmo a solidariedade é seletiva e, neste sentido, muitas doações foram organizadas em algumas regiões e conduzidas para outras sem, entretanto, atender às carências de comunidades locais e de suas necessidades mais imediatas.

O estabelecimento de diálogo entre os integrantes e movimentos, associações, entidades das mais diversas, que possuíam campanhas em andamento e sobre as quais seria possível a verificação em campo das distribuições foi a opção mais

⁵ PIX é Sistema de Pagamento Instantâneo criado pelo Banco Central do Brasil.

⁶ Como foi noticiado por diferentes órgãos de imprensa. Dentre eles, pelo RBS Notícias em <https://globo-play.globo.com/v/12675696/>.

⁷ Página na REBRAPESC na internet: <https://www.rebrapesc.com.br/>.

viável para contribuir naquele momento. Escolhendo por não conduzir um meio próprio para as doações, passou-se então a atividade de contato e verificações de formas para a doação financeira, a verificação destas instituições e de sua atuação no momento mais imediato, e a sua divulgação nacional por canais próprios, por meio da campanha *Não caia em golpe na hora de ajudar!* (Figura 1).

Figura 1: Campanha de informação para a ajuda ao Rio Grande do Sul



Fonte: REBRAPESC

Esta campanha envolveu a coordenação de comunicação de REBRAPESC que elaborou a arte e as publicações diárias, a coordenação geral e a liderança do GP no contato com entidades e grupos para a verificação de demandas, e os demais integrantes na atividade de visita *in loco* de abrigos, locais de distribuição, etc. Para se ter uma ideia, os posts entre os dias 8, 9 e 10 de maio, que marcam o início desta campanha externa, registraram o acesso de mais de 3 mil usuários únicos na página (Figura 2), sendo estes de diferentes cidades e estados do Brasil, com ênfase em São Paulo, e de outros países, suas capitais e cidades, como Lisboa (Portugal), Villa Martelli (Argentina), Budapest (Hungria), Bogotá (Colômbia), Antony (França), Boksburg e Johannesburg (África do Sul), Warsaw (Polônia) e New York (Estados Unidos).

Figura 2: Mapa de acesso aos Posts dos dias 8, 9 e 10 de maio de 2024



Fonte: Relatório de Tráfego do Wix (rebrapesc.com.br)

A opção pelo direcionamento a entidades e grupos verificados, bem como a promoção de beneficiados nem sempre prioritários para a institucionalidade e governo, possibilita a aproximação do GP com estas iniciativas, inclusive algumas organizadas pelo próprio IFRS, mas não resulta em uma aferição da efetiva doação que possam ter sido realizadas. Mas qualitativamente, verificou-se que as cidades/ estados e os países que mais acessaram a campanha correspondem, diretamente, aos lugares em que os integrantes do grupo e da rede estão inseridos, demonstrando assim a abrangência das múltiplas divulgações para além da página oficial. Ademais, verificou-se a importância de atividades educativas e de orientação, de combate às informações falsas, uma vez que estas não só prejudicam aos que estão dispostos a contribuir como, principalmente, os destinatários destas doações que já estão prejudicados pela catástrofe climática.

Quanto à arrecadação de materiais de doação, diretamente de roupas e de alimentos, a campanha orientou seus integrantes a promoção de meios também já estabelecidos regionalmente, na intenção de diminuir custos para o deslocamento das doações até o estado. Nessa perspectiva, as instituições de memória que organizaram coletas para o envio através das ações do GP e, conseqüentemente, da REBRAPESC centralizaram os envios através do serviço gratuito oportunizado pelos Correios. Desta forma, o Grupo de Pesquisa acompanhou somente as iniciativas de integrantes na cidade de São Paulo (SP) e na cidade de Belo Horizonte (MG), realizadas em instituições de memória, e encaminhadas ao Rio Grande do Sul pelos Correios. Não há assim como quantificar estas doações, uma vez que parte da atuação do GP se concentrou em promover e divulgar este meio de contribuir e não necessariamente em intermediar o recebimento e o encaminhamento das mesmas.

Quando ocorre uma catástrofe climática como a do Rio Grande do Sul, como também é comum em tragédias e desastres de outras naturezas, é normal que as pessoas se proponham a colaborar de forma voluntária em resposta a determinado evento. E a temática do voluntariado atravessa não só as atividades do GP e da REBRAPESC, como também é uma preocupação entre os seus pesquisadores. Aqui, para além da ajuda imediata às pessoas e as suas necessidades frente a perda de seus bens materiais, a estarem sem ter onde dormir ou o que vestir ou comer, relaciona-se com a temática que reúne os nossos integrantes, ou seja, a temática da memória e do patrimônio, e mais especificamente, dos sítios e lugares de memória.

Se por um lado as falsas campanhas de arrecadação foram um problema enfrentado pelo trabalho de verificação e divulgação de formas para as doações, tanto discursos de que não precisamos do Estado seguiram como uma ameaça às inúmeras ações institucionais de enfrentamento da catástrofe, bem como, ao não tensionamento das responsabilidades de um evento que embora possua uma dimensão natural, também é resultante da ação ou omissão humana. Neste sentido, no que se refere à atuação profissional mais específica dos pesquisadores que integram o GP e a REBRAPESC, quais são os limites para a atuação voluntária no

que se refere a salvaguarda e a recuperação de arquivos danificados pelas águas? Este é um tensionamento necessário, pois, há servidores públicos e há outros profissionais autônomos e/ou que atuam na iniciativa privada e que integram e colaboram gratuitamente com as atividades promovidas. Mas até onde pode ir o voluntariado?

Diversas foram as listas no estado do Rio Grande do Sul quanto a disponibilidade de atuação emergencial no resgate e na orientação sobre como diminuir os prejuízos em documentos, acervos museológicos, etc. Profissionais como museólogos, historiadores, restauradores, arquivistas e arquitetos, foram demandados para atividades presenciais e virtuais, para cursos e formações, dentre outros. Integrantes e pesquisadores do GP e da REBRAPESC, em diálogo e colaboração com instituições acadêmicas e de memória, atuaram de forma voluntária nessa “resposta imediata”. E para além deste momento? Constatou-se que parte significativa do prejuízo causado pelas enchentes a arquivos e documentos, em museus, memoriais e arquivos, tem também relação a como estão acondicionados, ou seja, a importância que as instituições os atribuem e, ao mesmo tempo, a ausência de profissionais em número adequado para o atendimento corriqueiro das demandas. Então, a atuação voluntária no período não pode, a despeito das especificidades de cada atuação profissional, naturalizar estas desconsiderações e ausências, e desta forma a tarefa tem sido o apoio virtual às solicitações de orientações por instituições públicas e coletivos, mas também, a cobrança pelo devido investimento do Estado no patrimônio cultural e na memória.

Ademais, um Grupo de Pesquisa e uma rede de pesquisadores, podem dar continuidade a um trabalho amplo de apoio e de incentivo, de educação e conscientização, que ultrapassem ações imediatas e que, embora necessárias, não necessariamente transpõem os limites e as demandas de um campo de atuação marcado no Brasil por não investimentos. Assim, situa-se a própria atuação voluntária e colaborativa da REBRAPESC no que se refere a ser um espaço e tempo de diálogo, de aprendizagem, de compartilhamento de saberes teóricos e práticos, tendo como ênfase sítios de memória e de consciência que em sua maioria ainda demandam pelo reconhecimento e pelo financiamento estatal para a sua existência e atuação. Não obstante, seus integrantes e pesquisadores empenharam-se para atender as demandas recebidas sem, entretanto, receber alguma contrapartida financeira, tampouco passagens e/ou diárias para os devidos deslocamentos. Passado este momento mais imediato de necessidade, no que se refere a salvaguarda, torna-se fundamental que se reflita sobre a importância das ações voluntárias sem, entretanto, que o voluntariado e ou a extensão universitária venham a contribuir com a não efetivação de profissionais e/ou a devido contratação de serviços e de pessoal pelas instituições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos determos em uma atuação do Grupo de Pesquisa, bem como da REBRAPESC, no âmbito mais prático, não era nosso objetivo destacar o viés educacional que foca na importância de discutir além da perda material e seus valores agregados – o

que demandaria muito mais produção e análise – mas sim no que efetivamente foi feito na campanha, no sentido de uma resposta imediata não só às necessidades da população do Rio Grande do Sul frente a catástrofe ocorrida em abril e maio de 2024, mas à sociedade, aos parceiros e colaboradores da instituição. Sendo um conjunto de pessoas dedicados a pesquisa, mas também extensão e inserção junto a sociedade, o GP e a REBRAPESC têm como função não só analisar os acontecimentos, discutir e produzir acerca das bases teóricas e acadêmicas, mas também atuar no enfrentamento das demandas do campo social e político em que seus integrantes estão inseridos. Compreender, e colaborar com o entendimento através da divulgação foi a tarefa empreendida. Neste sentido, o processo de verificação de meios possíveis e confiáveis para recebimento e distribuição de doações, seja no aspecto financeiro ou material, foi advindo da carência social imediata e, portanto, um rumo indispensável na escolha de qual ação organizar e priorizar. Ademais, uma ação coletiva frente a desinformação e as campanhas fraudulentas.

A segunda publicação, replicada diariamente nos perfis em redes sociais e no site, produziu um eco de republicações dos parceiros e colaboradores da rede. O maior resultado disso foi a visibilidade a instituições que tem dificuldades em arrecadar fundos próprios, sem auxílio de outros agentes, principalmente por já estarem circunscritas em uma situação de isolamento social. Divulgar demandas mais específicas como a dos povos indígenas, a dos discentes e egressos do curso de Museologia da UFRGS, a de territórios atingidos do MST e cidades menores, como Agudo ou São João do Polêsine, não foi uma escolha baseada no mito da meritocracia ou em uma “balança de sofrimento”. Em situações de catástrofe natural e, conseqüentemente, trauma, não há como mensurar como foram afetadas cada uma das pessoas, já que a perda é coletiva, no entanto, foram anexados a essa campanha os coletivos que chegaram até nós pelos prejuízos associados a solidariedade seletiva, como já mencionado, as notícias de desvios de mantimentos e a vulnerabilidade social e financeira.

O resultado da campanha foi um número de acessos impressionante de inúmeros países o qual nos possibilita concluir que existiu um interesse e, conseqüentemente, uma busca por esses canais de assistência. De maneira totalmente orgânica, sem injeção financeira alguma para patrocinar, a *‘Não caia em golpe na hora de ajudar!’* colaborou para a divulgação de canais confiáveis, em um trabalho de *fact checking* coletivo intercambiado pelos membros que estavam em outros estados do país e os residentes do Rio Grande do Sul, como também para a otimização do processo de chegada de mantimentos: a promoção de meios já estabelecidos no estado tinha a intenção de diminuir os custos de deslocamento das doações até o RS. Desse modo, as instituições de memória que organizaram os envios através das ações do GP centralizaram suas doações no serviço gratuito dos Correios, como também, ao fazer esse movimento, incentivaram outras pessoas a fazerem o mesmo.

Esse processo – de propagar uma informação sobre como agilizar a chegada dos mantimentos – ganha força principalmente pelo meio de comunicação escolhido para

disseminação das diretrizes e dos canais de doação: redes sociais, como o *Instagram*, tem um impacto coletivo: a ação de uma pessoa colocada em uma vitrine virtual acaba incentivando outras a fazerem o mesmo. Foi também por conta da abordagem virtual do voluntariado de maneira ativa por inúmeros outros perfis que aconteceu um ‘inchaço’ de pessoas chegando ao Rio Grande do Sul para atuar diretamente no resgate de vítimas ou em serviços essenciais, essas nem sempre preparadas. Esta é a dicotomia da presença online: muitas vezes as correntes criadas ajudam, incentivam e fomentam, de outra maneira também podem atrapalhar.

Porém, embora não seja possível efetivamente quantificar quantas doações foram feitas motivadas pela campanha desenvolvida pelo GP e a REBRAPESC, é válido ressaltar que essa iniciativa partiu muito mais do aspecto horizontal que nos atravessa do que do próprio assistencialismo emergencial em si: a temática que reúne os integrantes é a memória, o patrimônio, os sítios e os lugares de memória. Ressaltar que o *fact checking* foi uma iniciativa necessária e imediata ao momento não é obliterar o objetivo inicial da instituição. Fomentar a discussão acerca do papel importante do Estado frente às ações institucionais de enfrentamento da catástrofe e tensionar os debates acerca do desastre que, embora tenha um rótulo de natural, é resultado da negligência humana, também é um suporte não só da Rede e do GP, mas também dos profissionais que integram a rede. É indispensável visibilizar o trabalho dos pesquisadores não como remediadores ou voluntários na recuperação pós-intempérie, mas no dia-a-dia, nos processos de conservação e salvaguarda habituais, muitas vezes vistos como trivialidade ou banalidade.

O emprego de todas as horizontalidades, previstas ou não, no escopo de trabalho da REBRAPESC e do Grupo de Pesquisa é uma dificuldade sistêmica, mas também uma obrigação, justamente agregada a já mencionada demanda social. Atravessar os limites que apartam os problemas reais da sociedade das discussões acadêmicas deve ser um objetivo contínuo, não só para, nesse caso, evitar a naturalização da negligência nacional com a memória, mas também para que exista uma cobrança do Estado acerca do investimento na salvaguarda do patrimônio fora do meio acadêmico, já que a sociedade, no que tange ao indivíduo, às instituições públicas e coletivos, é diretamente afetada pelos infortúnios associados a essa omissão, mas nem sempre recebem orientação adequada para reivindicar. O ofício de apoiar e incentivar através da educação, não só pelas ações imediatas também necessárias, demanda uma longevidade e uma recorrência que podem ajudar a sanar as limitações acerca do campo do patrimônio que, no Brasil, enfrenta extremas dificuldades de financiamento. A existência, ou melhor, resistência, de espaços de diálogo e compartilhamento de saberes e valores, como a REBRAPESC e o GP, prescinde de uma tomada de decisão dos órgãos – que sempre foca na necessidade imediata e não no prolongamento das ações – e visa um futuro com menos assistencialismo e mais assistência social, de forma que o voluntariado nunca subverta a contribuição diária de pessoas qualificadas para atuar diretamente na salvaguarda da memória.

REFERÊNCIAS

RBS NOTÍCIAS. **Golpe do Pix desvia dinheiro de doações para o RS**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12675696/>. Acesso: 13 jul. 2024.

REBRAPESC. **Grupo de Pesquisa Sítios de memória e consciência: passados traumáticos, esfera pública e democracia**. Disponível em: <https://www.rebrapesc.com.br/grupos-de-pesquisa>. Acesso: 13 jul. 2024.

REBRAPESC. **Rede Brasileira de Pesquisadores de Sítios de Memória e Consciência**. Disponível em: <https://www.rebrapesc.com.br/>. Acesso: 13 jul. 2024.

A cadeira no galho conta a nossa história

ROSEANA RAQUEL DAS NEVES¹

1 O ABRIL DE 2024

Na noite de segunda-feira, 29 de abril de 2024, começou a chover e de maneira incessante em Caxias do Sul. Os primeiros alertas do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) começaram a circular pelos veículos de comunicação. Na manhã de terça, 30 de abril, véspera do feriado do dia dos trabalhadores, fui lecionar em uma das escolas que atuo como professora. Notei que naquela manhã compareceram poucos estudantes à escola. A chuva estava forte e em nenhum momento ela permitia uma “trégua”. Neste dia já havia notícias de pessoas desaparecidas e mortes em cidades da região central do estado, como Santa Maria. Porém, até este momento, não havíamos entendido a gravidade do evento climático extremo que se desenhava no Rio Grande do Sul.

Às terças à tarde tenho aula do mestrado no IFRS- Campus Farroupilha. Lembro que fiquei muito preocupada em me deslocar até a cidade vizinha, local do campus, já que a chuva estava muito forte, o que dificulta dirigir até lá. Também pensei nos possíveis buracos que já existiram no asfalto. Meus colegas do mestrado e vários dos professores do curso, residem em cidades próximas e também precisam se deslocar. Naquela tarde, entendendo todo esse contexto, a coordenação do curso optou pelo cancelamento da aula.

Na terça (30) choveu o dia e a noite inteira. Lembro dos sons estrondosos, das luzes. Raios, trovões. Vento, muito vento. A manhã de quarta, feriado do dia nacional do trabalhador, foi de grande tristeza. De perdas, sofrimento, comoção.

2 1º DE MAIO- CALAMIDADE PÚBLICA

A partir deste dia e para as semanas que seguiram, o cenário da tragédia teve proporções inimagináveis. Ao menos para a minha memória. O país e o mundo noticiavam os impactos trágicos da enchente, das inundações e deslizamentos. Cobrou-se do poder público nas três esferas. Tudo muito rápido e intenso. Nas redes sociais, de anônimos e celebridades, os alertas, pedidos de socorro e o início de grandes ações. Eu, com 36 anos de idade, tive uma outra e nova dimensão para a palavra “mobilização”. E como se então ela fizesse sentido, não só na teoria, nos discursos. Eu vi acontecer e participei. Ninguém descansava mais, não havia tempo para isso. E a chuva, seguia forte, torrencial.

¹ Licenciada em História e Geografia (UCS), Especialista em Metodologias do Ensino da Geografia e da História na Contemporaneidade (UFRGS), Mestranda em Educação Básica- Políticas Públicas e Inclusão (IFRS-Campus Farroupilha).

Neste mesmo dia houve o pronunciamento do governador do estado do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite. No dia seguinte e o posterior (02 e 03 de maio) as aulas da rede pública estadual foram canceladas. Nas redes municipais o comunicado partiu de seus prefeitos, conforme avaliação da situação. Nas privadas e instituições de ensino superior, as decisões de paralisação foram sendo avaliadas. Essas diferenças deixaram ainda mais claras as disparidades sociais, o acesso à educação e visões gestoras. O problema é urbano, afeta a mobilidade de todos, e é para a segurança geral, para garantir proteção (quando esta é possível), liberando o tráfego de ambulâncias, bombeiros, defesa civil, por exemplo.

3 GALÓPOLIS EM LUTO

O histórico bairro de Caxias do Sul, Galópolis enfrentou situação de desespero na quinta-feira, 02 de maio. Oito pessoas desapareceram, sendo posteriormente encontradas soterradas e sem vida. Tragédia, tristeza. Todos nós caxienses ficamos arrasados com o ocorrido. A área de acesso ao bairro foi devidamente bloqueada pela defesa civil. Praticamente todos os moradores do local deixaram suas casas e foram recebidos em abrigos (que começaram a ser montados, e isso foi uma realidade em todo estado do RS).

As notícias seguem sendo atualizadas de minuto em minuto. Cidades próximas, cidades um pouco mais distantes, 463 das 497 foram afetadas. Pessoas e animais sendo resgatados. E assim foram os dias e semanas seguintes. Todos os estados do Brasil realizando mutirões. Neste momento me deparei ressignificando o termo “solidariedade”. Nunca havia visto nada nessa dimensão. Eu, historicamente e no tempo presente, na maior tragédia de evento climático extremo já registrado no país. E, saliento, esses fatos com grande pesar, administrando os impactos que foram causados em pessoas que eu não conhecia e em outras que eu pude conhecer posteriormente.

4 AÇÕES EFETIVAS- MEMÓRIA DAS DORES E A RESILÊNCIA

Como grande parte das pessoas que vivenciaram estes dias de abril e maio de 2024, eu quis colaborar efetivamente. Fiz mutirões para arrecadação de itens para os desabrigados, depois realizei trabalho voluntário em um dos centros de triagem destes itens. Os dias foram passando e por me sentir disposta em ajudar as pessoas que, neste momento, estavam debilitadas física e psicologicamente, procurei um grupo de voluntários que realizava limpeza em casas diretamente atingidas pelas enchentes. Este grupo chama-se “Limpa Tchê RS”.

Grupo de voluntários de Caxias do Sul e região. Muito organizados e com planejamento bastante efetivo. Materiais, itens de limpeza e de segurança, produtos, além de donativos destinados às famílias. Saímos aos sábados pela manhã com destino a cidade de São Sebastião do Caí.

No primeiro dia que participei do mutirão de limpeza, em 30 de maio, tive um choque muito grande com os impactos do transbordamento do Rio Caí na cidade. Nos muros, nas casas, nas árvores. Não deixei transparecer isso para ninguém. Estávamos ali para dar um suporte, ajudar. Era necessário ser forte. E fui, fomos. Ao mesmo tempo que limpávamos as casas, interna e externamente, conversávamos com as pessoas e elas faziam seus relatos. Na sequência, um registro fotográfico do interior de uma destas casas.

Fotografia 1- Interior de uma casa no momento da higienização

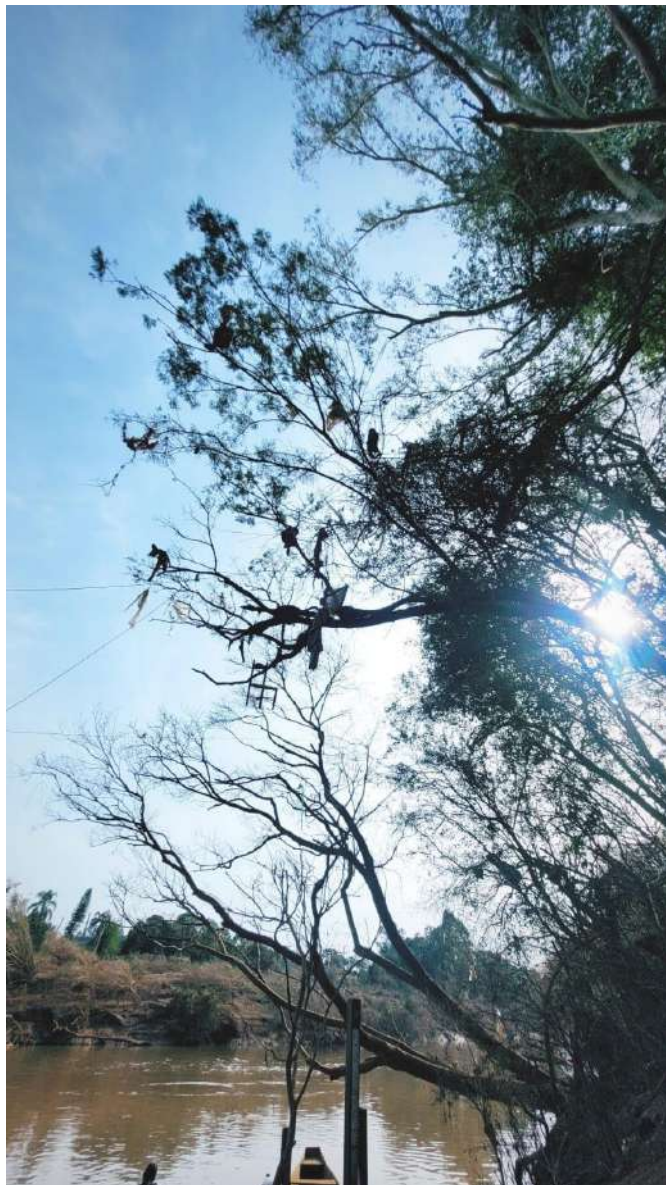


Fonte: AUTORA (2024).

Neste momento sentíamos sim as dores das perdas, mas já havia uma energia muito forte para seguir em frente, reconstruir a cidade, restabelecer os lares. E este sempre foi o principal objetivo deste grupo de voluntários e voluntárias. E a gente conseguiu. Essa será sempre a minha principal memória. A força resiliente das pessoas que encontrei em São Sebastião do Caí me fizeram enxergar os espaços que ocupamos de maneira muito mais “global”, menos fronteira, muito além da geografia física, espacial, urbana, mas para as construções humanas que poderão, ou não, restabelecer novas formas de viver frente às mudanças globais.

Remetendo ao título escolhido para esse texto, que submeto a seleção do livro “*Relato das memórias da catástrofe ocorrida do Rio Grande do Sul em 2024*”, explico-o por meio de registro fotográfico, em um dos dias de trabalho voluntário.

Fotografia 2- Árvore às margens do Rio Caí



Fonte: AUTORA (2024).

E nos galhos não se vê somente as folhas. Eles seguram e asseguram sobre a força da devastação. Roupas, calçados e uma cadeira contam parte da história desta catástrofe climática no estado do Rio Grande do Sul. Esta fotografia captada por mim em 08 de junho de 2024 inspirou o título e o desejo em escrever esse texto com os relatos de minhas vivências, perspectivas e memórias.

O estado submerso: jornada de um estudante em busca de refúgio

MARCIUS ANDREI ULLMANN¹

1 A FUGA DA METRÓPOLE SUBMERSA

Em maio de 2024, o Rio Grande do Sul enfrentou uma das piores catástrofes naturais de sua história: chuvas torrenciais e enchentes que deixaram um rastro de destruição e desespero por todo o Estado. Em meio ao caos, muitos enfrentaram jornadas épicas em busca de segurança e reencontrar seus entes queridos. Este relato narra a minha própria odisseia: uma viagem angustiante de Montenegro a Nova Petrópolis, em meio a paisagens que se assemelhavam a um cenário de pós-guerra. Trata-se de recorte pessoal da calamidade, uma crônica da viagem mais angustiante que eu já houvera feito, em meio à desordem e impulsionada pela vontade de estar com a família.

Por volta do meio-dia de 3 de maio, com o abastecimento de água sustado em Montenegro, as condições de vida se deterioravam a cada dia. Decidi partir rumo à casa da minha família em Nova Petrópolis, na Serra Gaúcha. Naquela data, o estado do Rio Grande do Sul já contabilizava 265 municípios afetados pelas cheias, com mais da metade de seu território vítima da fúria da natureza. O Lago Guaíba ultrapassa a marca histórica de 1941, atingindo o nível inédito de 4,77 metros, e causando inundações em diversos bairros da capital gaúcha, incluindo o centro histórico de Porto Alegre (A CRONOLOGIA, 2024). O cenário era caótico e desesperador: milhares de pessoas desabrigadas e cidades inteiras submersas. São Sebastião do Caí era uma dessas cidades, com suas rodovias transformadas em rios caudalosos. A sombra da inundação iminente pairava sobre toda a região metropolitana, e a fuga parecia ser a única opção antes que todas as vias de acesso à Serra fossem engolidas pelas águas.

2 CAMINHO DE DESTRUIÇÃO

A viagem de retorno iniciara em Montenegro; no entanto, em pouco tempo, me vi num posto de gasolina da cidade vizinha, passando por interiores até então desconhecidos para mim. A paisagem que se descortinava a cada quilômetro percorrido era um retrato da violência que o mundo natural pode tratar o ser humano. Ao chegar a São José do Maratá, notei como a cólera dos afluentes invadia casas. Uma delas, arrastada pela enxurrada, despejava água pela janela como se a própria abertura fosse uma cascata improvisada, vertendo a tristeza daqueles que perderam tudo. São Sebastião do Caí, outrora vibrante, jazia submersa. As principais rodovias, artérias vitais da região, haviam se transformado em rios caudalosos, encobertas por uma massa de água que levaria dias para recuar.

As ruas, cobertas por uma espessa camada de lama, eram testemunhas da força implacável da natureza. Em Bom Princípio, onde parei para pedir informações sobre um caminho alternativo para subir a Serra, contornando a cidade de Feliz, observei

¹ Estudante do curso de Licenciatura em Química do IFRS - Campus Feliz.

os funcionários do passeio municipal em uma luta árdua contra a lama. Munidos de caminhões pipa e compressores, tentavam limpar a estrada, mas a sujeira e os resíduos se acumulavam ao longo de toda a RS122, especialmente nos pontos onde as pontes eram mais baixas.

A esperança de encontrar um caminho secundário para a Serra, contornando Feliz, desvaneceu-se com a informação de que todas as rotas estavam comprometidas. A única opção era seguir em frente e tentar a sorte pela Ponte de Ferro da cidade de Feliz.

Sem alternativas, rumei em direção à Ponte de Ferro. Após uma hora e meia de angústia, a ponte, que passava por uma inspeção preventiva, foi finalmente liberada. A estrada que costeava o Rio Caí, até a altura da Picada Cará, era a única esperança, pois a ponte original, outrora símbolo de união, havia sido engolida pela monstruosa tromba d'água de um rio assoreado. A Figura 1 mostra como o volume de água modificou o leito do rio. No detalhe à esquerda é possível ver o que restou dos pilares da ponte, quase unidos um ao outro. Num dos pilares se pode observar o que um dia foi a marcação de nível.

Figura 1 – Foto panorâmica do local da ponte levada pela enchente do Rio Caí.



Fonte: Arquivo do autor (2024)

Atravessar a Picada Cará, na altura de Feliz, me deu novamente aquela impressão de adentrar um cenário de guerra. Deparei-me com a devastação. Moradores com a lama na altura da cintura lutavam para limpar suas casas, resgatando o que restava de seus lares. As ruas, tomadas pelo barro, pareciam feridas abertas na paisagem. A chuva, persistente, como um lamento incessante, teimava em não dar trégua. A argila vermelha, trazida pela enxurrada do Rio Caí, tingia as ruas, criando um quadro surreal e angustiante.

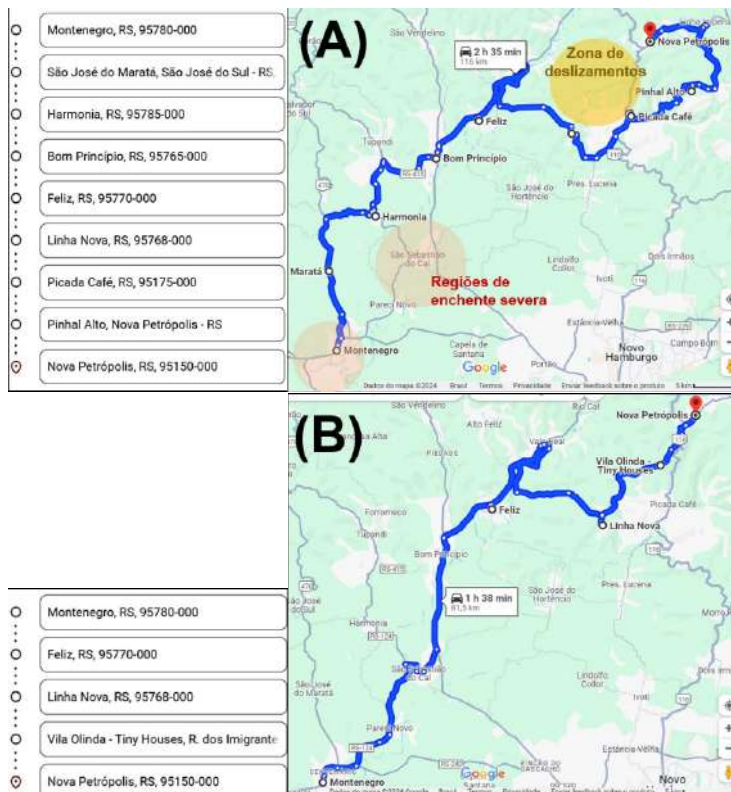
A Estrada Picada Cará, antes ladeada por plantações e construções, também estava tomada pelos sedimentos que o rio havia depositado. Plantações inteiras foram soterradas, e telhados de casas, galpões e silos emergiram do lodo, como testemunhas silenciosas da tragédia. Havia locais em que os estábulos estavam tão submersos, que apenas o cume dos telhados era visível. O mundo natural dava seu recado e havia deixado marcas profundas na paisagem, transformando o panorama familiar em irreconhecível solo ocre de desolações.

A travessia do Rio Caí, além de aflitiva, não significava o fim da jornada. Muitas estradas haviam sido destruídas pela desestabilização dos solos, saturados pela água. As estradas que levavam ao meu destino, pela Linha Nova e pela BR116, na altura de

Picada Café, estavam interditadas. A saturação do solo e os deslizamentos de terra haviam tornado as vias intransitáveis. Alguns trechos estavam tão danificados que era impossível sequer reconhecer o traçado original das estradas. Imaginar que, por ali, um dia havia passado uma estrada asfaltada, apesar de sua exígua extensão, tornara-se um exercício mental de grande esforço intelectual. Sem alternativa, fui obrigado a dirigir pelo interior de Picada Café, passando por Joaneta e Jammerthal para acessar o distrito de Pinhal Alto pela rua Vicente Pietro. A escuridão aproximava-se, aumentando a apreensão.

No vilarejo de Jammerthal, onde a estrada se estreitava, a natureza revelava sua força bruta. Do alto do morro, avistei a formação de um veio d'água intenso, que descia a encosta como uma avalanche líquida, formando pequenas cascatas nas pedras e ameaçava engolfar a estrada de chão. A natureza, antes serena, agora se mostrava implacavelmente ameaçadora. Não obstante a cada curva houvesse um crescente de inquietação, o imperativo humano de averiguar a integridade física dos entes queridos distantes, bem como o sentimento de regozijo ao imaginar-me nos braços de minha esposa querida me impeliavam a seguir em frente. A Figura 2A ilustra o itinerário que fiz para escapar das áreas alagadas e retornar ao lar. A Figura 2B mostra o trajeto comumente realizado, passando por um número muito menor de cidades.

Figura 2 – Ilustração do itinerário que fiz: (A) devido à enchente e (B) rota sem enchente.



Fonte: Rotas definidas através do Google Maps em <https://www.google.com.br/maps> (2024)

3 REENCONTRO E SOLIDARIEDADE

Meu destino, a cidade de Nova Petrópolis, na Serra Gaúcha, encontrava-se parcialmente isolada, inacessível para qualquer transporte de carga ou veículo que não tivesse as dimensões de um carro de passeio. O acesso restrito impedia a chegada de suprimentos e ajuda humanitária àquela altura dos eventos. Com sorte, e após quase seis horas de uma viagem que, em condições normais, não levaria mais do que uma hora e meia, cheguei em casa e pude reencontrar minha família, especialmente minha esposa, de quem a distância, imposta por motivos profissionais, me mantinha afastado durante a semana. Chegar em casa foi um alento em vista de todo caos que se instaurou no Estado. A distância física, imposta pelo trabalho, tornava cada encontro ainda mais especial, e naquele momento, a gratidão por estarmos juntos era imensa.

Coincidentemente, no dia seguinte, como voluntário e escotista-chefe da União dos Escoteiros do Brasil e após ter enfrentado tanta dificuldade pela falta de água ajudei nos mutirões que acondicionam água em garrafas e bombonas e distribuem-na às comunidades isoladas da Serra Gaúcha. A experiência da viagem e o contato com a realidade daqueles que perderam tudo fortaleceram ainda mais meu compromisso em ajudar. Ajudar na captação, armazenamento e distribuição de água potável era uma forma de canalizar a angústia em ações concretas, de transformar a impotência em solidariedade.

4 UM LAMENTO EM VERSOS

As imagens da destruição, a angústia da incerteza e a solidariedade das pessoas se fundiram em um turbilhão de emoções. Profundamente impactado pelo que vi durante o longo trajeto, desviando de áreas alagadas e buscando alternativas entre estradas interditadas e pontes que haviam desaparecido, expressei o drama do nosso habitat no soneto “Águas de Maio”, que transcrevo a seguir. As imagens da destruição, as histórias de perda e sofrimento, e a angústia da incerteza ficaram gravadas em minha memória. A necessidade de expressar a dor e a esperança que me invadiam encontrou vazão nos versos do poema. Nele, lamento as consequências das mudanças climáticas, aponto o desmatamento como uma de suas causas [SIRANGELO, F. R., 2014], e clamo por um futuro em que a natureza e a humanidade possam coexistir em harmonia.

Águas de maio

Não é que a natureza se revolte,
cuspa sem parar chuvas e trovões,
abandonando o solo a própria sorte
que, em maio, soltou pedras e grilhões.

Não se personifica o ambiente humano
que era floresta há não mais que um ano
que deixou descoberto o verde manto
transmutando em concreto a selva em pranto.

Não é um Deus em fúria, assim, irado:
é a resenha da terra devastada,
dum planeta esquecido e explorado.

Humanidade débil de morada:
de reza a natureza está bem farta.
o que, de fato, falta ao chão é a mata!

5 MARCAS PERSISTENTES

Quase cinco meses após o evento climático extremo, as marcas da tragédia ainda são visíveis, mesmo agora, em setembro de 2024. Muitas pontes, incluindo a que foi levada pelo Rio Caí na cidade que hospeda o IFRS - campus Feliz, na véspera da minha viagem, ainda não foram reconstruídas. A travessia, que ligava o centro do município às localidades de São Roque e Picada Cará e ao município de Linha Nova, permanece interrompida. Um lembrete constante da força devastadora das águas daquela tarde fatídica, em que o nível do rio havia atingido a marca impressionante de 13,92 metros no município de Feliz (VÍDEO, 2024).

A necessidade de manutenção da Ponte de Ferro, prevista para os meses de julho e outubro de 2024, fechou a principal via de acesso da região serrana a Feliz, onde se localiza o Instituto Federal (IFRS). Alunos, incluindo eu, foram impedidos de frequentar as aulas, e a vida acadêmica foi interrompida, mais uma consequência da fúria da natureza. Para poder rever minha família, sou obrigado a utilizar vias alternativas tão precárias que, vez por outra, também são interditadas. O acesso pela Ponte do Bananal (Figura 3), por exemplo, é bloqueado quando há acúmulo de entulho sobre a ponte ou quando o rio a cobre completamente.

Figura 3 - Ponte do Bananal, acesso precário à região da Serra Gaúcha



Fonte: Arquivo do autor (2024)

A odisseia que vivi durante as enchentes de maio de 2024 ficará gravada em minha memória. A destruição, o medo e a incerteza fizeram parte da viagem mais incômoda da minha vida, no entanto, também testemunhei a força da solidariedade humana e a capacidade de superação. As chuvas de maio de 2024 deixaram um rastro de destruição e sofrimento no Rio Grande do Sul. Pontes destruídas, estradas intransitáveis, casas inundadas e vidas perdidas são apenas algumas das marcas deixadas pela tragédia. No entanto, em meio aos escombros, a solidariedade e a resiliência do povo gaúcho florescem.

As marcas da tragédia ainda são visíveis, mas a reconstrução está em andamento. Quero acreditar que, apesar do rastro de dor deixado pela tragédia, o senso de comunidade do povo gaúcho fortaleceu-se. A reconstrução será longa e árdua. Todavia, a esperança de um futuro melhor, com medidas eficazes para mitigar os efeitos das mudanças climáticas, permanece acesa em meio aos escombros.

O apoio ao nosso pequeno e “Pálido ponto Azul”, como diria Carl Sagan (SAGAN, C., 2019), deve ser reforçado por toda nossa capacidade científica e tecnológica. Desviar o foco de objetivos bélicos e mirar nas mudanças climáticas, suas causas e consequências, deve ser o único foco daqui por diante. É necessário que se perpetue de forma indelével as memórias dos eventos hodiernos das novas gerações, para que não se esqueçam jamais desse objetivo tácito de recuperar a natureza de nosso planeta. Que não esqueçam das consequências da ganância pelos recursos do planeta, porque, mais cedo ou mais tarde, intuímos a cobrança do pedagogo. Afinal, como disse o cientista, esse ainda é o único lugar seguro que temos para viver: nosso pequeno pálido ponto azul é onde todo drama da nossa existência, de nossos antepassados e de nossos descendentes se descortinará. Por enquanto, não há outro palco para a aventura humana acontecer. Portanto, preservemos a nave que nos mantém a salvo para que ela própria não seja nosso derradeiro jazigo.

REFERÊNCIAS

A CRONOLOGIA da tragédia no Rio Grande do Sul. **BBC News Brasil**, 11 mai. 2024. Principais notícias. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd1qwpq3z77o>. Acesso em: 15 set. 2024.

SAGAN, Carl. **Pálido ponto azul: uma visão do futuro da humanidade no espaço**. Companhia das Letras, Tradução: Rosaura Eichenberg. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 336 p.

SIRANGELO, Fabiana Rauber. **Relação entre a ocorrência de inundações e enxurradas e os índices morfométricos das sub-bacias hidrográficas da Região Hidrográfica do Guaíba, Rio Grande do Sul, Brasil**. 2014. 134 p. Dissertação (Mestrado em Sensoriamento Remoto) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

VÍDEO: Ponte é levada pelo Rio Cai em Feliz. G1, 2 mai. 2024. Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/02/video-ponte-e-levada-pelo-rio-cai-em-feliz.gh.html>. Acesso em: 15 set. 2024.

O desaparecimento das “mil coisas” e a suspensão da vida

CÁTIA ALVES MARTINS¹

“[...] esse objeto vale o ar”

Clarice Lispector, 1999

Quando o desastre climático² afetou o Rio Grande do Sul em maio de 2024 a vida ficou suspensa. Suspenderam-se as idas e vindas, as festividades, as aulas, a correria cotidiana, os projetos de futuro.

O trânsito não fluiu mais, pois as estradas e os caminhos foram progressivamente sendo interrompidos pelas águas, pelos desmoronamentos ou pelos próprios riscos de tráfego. O percurso rotineiro, via trem urbano, na região metropolitana foi cancelado drasticamente. Os aviões já não mais pousavam nem decolavam (nem pista tinham para isso). As viagens foram desmarcadas. Os negócios e os passeios tiveram que ser postergados.

Os encontros com os amigos, as reuniões nos cafés e bares, as comemorações de aniversários, as uniões de casamento, as vibrações das formaturas não mais aconteceram.

As idas à escola, o movimento frenético dos transportes escolares no interior da cidade, as brincadeiras do recreio, a troca de livros na biblioteca, a “pegadinha” com o professor, o seminário temático, o convidado para a aula, nada disso mas ocorreu.

A vida agitada do relógio, o império da rotina, o tomar o café da manhã rápido, o pegar o ônibus, o ultrapassar o vermelho na sinaleira, o levar o filho na escola, chegar ao trabalho, concluir a tarefa programada, postergar outra, jogar bola com os amigos, ir ao curso de formação, participar do ensaio da apresentação, tudo ficou na vontade e, por que não, na saudade, de voltar a existir.

A construção da casa, a reforma de parte dela, a viagem de férias, a conclusão do curso, a defesa da dissertação, a troca do carro, a reunião com a família, a recepção do bebê que chegava, a colheita promissora da lavoura, a reprodução do rebanho sadio, tudo ficou na dúvida de como, quando e se de fato aconteceria.

Viver a normalidade já não era possível. A rotina e o planejamento de futuro estavam ferozmente paralisados. Mesmo diante de tecnologias que nos permitem movimentar de um lugar ao outro com rapidez, segurança e conforto não podíamos

¹ Doutoranda em Educação UFRGS, linha de pesquisa História, Memória e Educação, docente da área da Pedagogia Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Feliz.

² (Reis; Mattedi; Barrios, 2017)

transitar pelo dia-a-dia de nossas próprias vidas. O tempo estava suspenso para as rotinas, para os projetos, para a vida.

E como humanos não estávamos e ainda não estamos preparados para sermos arrancados de nossas vidas pela água. Sim, pelas águas, sinônimo de vida e vida em abundância. Somos constituídos de 70% de água, nosso planeta recebe o codinome de planeta azul por ser avistado do espaço nessa tonalidade, afinal 75% de água o recobre. Segundo os cientistas não existe vida em outros planetas por, entre outros fatores indispensáveis, não haver água. E foi essa mesma água, que caindo dos céus, recebida por muitas gerações como dádiva que permite a continuação da vida, que nos fez repensar de sua grandiosa gentileza. A graça de permitir a existência e sobrevivência da vida demonstrou seu potencial de consumir variedades de vidas inteiras quer humanas, vegetais ou minerais.

Diante da catástrofe milhares de gaúchos perderam os lares, o chão, os amigos, os familiares, os vizinhos, os animais de estimação, a identidade de moradia em um bairro. Perderam os objetos de afeto de uma vida inteira que viverão daqui para frente somente no lócus das lembranças e das memórias, sem a materialidade da existência. Uma expressão ecoava em muitas falas de amigos próximos ou pessoas distantes: “perdi tudo”. E o que é perder tudo? Segundo Levi (1988, p. 33):

Imagine-se, agora, um homem privado não apenas dos seres queridos, mas de sua casa, seus hábitos, sua roupa, tudo, enfim, rigorosamente tudo que possuía; ele será um ser vazio, reduzido a puro sofrimento e carência, esquecido de dignidade e discernimento – pois quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo.

Perder tudo é dissipar uma existência que caracteriza uma identidade de gente, de diferenciar-se do outro, de constituir-se a si mesmo. Entre as perdas escutava-se repetidamente o clamor por não ter tido tempo de salvar o primeiro sapatinho do filho, o retrato do bisavô, o caderno do primeiro ano escolar da filha, o diário de recordações, o disco digital versátil (DVD) com a gravação da formatura, o vestido usado no altar, o álbum de fotos. Ah, as fotos! E pensar que estamos em tempos demasiadamente digitais em que fazemos registros fotográficos de forma instantânea e rotineira com nossos *smartphones* e enchemos nossas galerias com poses repetidas. Tudo estaria salvaguardado ao alcance dos dedos ou na nuvem, em arquivos no ciberespaço preservados para a eternidade.

Esse perder tudo nos mostrou que não é assim que as coisas funcionam. As fotos registraram os momentos da vida que não voltam mais e que, se não fosse pela força da imagem material que produzem, viveriam encarceradas em nossas memórias, à espera do esquecimento, que se aproxima mais e mais, com a passagem do tempo. Essas imagens registram e comprovam nossa existência e nossos feitos. As mais preciosas fotografias foram perdidas e, por conseguinte, choradas por seus donos no desastre. Não é possível recuperá-las, pois a correnteza as levou, não eram digitalizadas; o computador que as armazenava também emergiu na enchente;

foram produzidas em momentos festivos por profissionais que não se tem mais o contato; foram presentes de uma geração analógica que os precedeu. Ou ainda, foram encontradas molhadas e sujas em meio à lama, sem mais a definição dos rostos que provavelmente sorriam.

Em tempos digitais temos a falsa impressão de que a vida pode se fazer acontecer na imersão às telas. Entretanto, o aroma e a textura do primeiro sapatinho do filho se perderam. O único retrato do bisavô conservado de geração em geração e, revelado no vapor de mercúrio, sucumbiu. O caderno já com folhas amareladas e pequenas dobras nas pontas, guardando a caligrafia desenhada a lápis, letra por letra da filha, hoje adulta, não pode ser reproduzido pelo fato de que ela cresceu e sua impressão sobre o papel tem outros contornos mais firmes e definidos. O diário de recordações armazenava o bilhete do primeiro amor, a confissão de um desejo secreto, o registro de uma amizade, a embalagem do chocolate na primeira viagem de avião, entre tantas outras guardas que escapam à memória e, só conseguiam ser revividos, pelo movimento nostálgico de virar folha por folha. O registro do dia que celebrava a conquista da conclusão de um curso, capturado pelas lentes da filmadora que deteve a irreverência de alguns colegas, o discurso do orador, as lágrimas emocionadas, os abraços calorosos. Tudo foi perdido. Não é possível recuperar a leitura das imagens do DVD, caso ele ainda seja encontrado em meio aos destroços, pois o aparelho que o reproduzia não o reconhece mais, visto a umidade que o corrompeu. A vestimenta da noiva, desenhada por ela mesma, um modelo único, empreendida de bordados e brilhos, finamente costurada, guardada cuidadosamente em uma caixa em cima do guarda-roupa, não poderá ser utilizada pela filha ou pela neta. Não existe mais na cor clara e nem nos detalhes que lhe foram arrancados pela correnteza.

Perderam-se “mil coisas” das quais ninguém estava preparado para perder, mesmo que o objeto estivesse guardado a anos sem ser tocado e considerado por alguns da casa como “tralha”, ocupando espaço em armários, gavetas e caixas. O fato de saber de sua existência era suficiente para compreender que as memórias preciosas da vida estavam seguras e ao alcance das mãos.

Houve quem perdeu a casa que não havia terminado de quitar, o carro novo, os móveis sob medida que preenchiam a casa. Milhares choraram por essas perdas e pelo que elas impactam na continuidade de suas vidas. Mas o reencontro com o que sobrou da casa e de seus pertences tornou-se dramático e comovente quando o dono encontrava uma das “mil coisas” destruídas pela água, lama e sujeira.

Não eram somente “mil coisas”. Eram memórias de existência. Chorou-se, em meio ao caos, pela perda dos objetos de afeto, artefatos carregados de sentimentos e função memorial. Lembrou-se constantemente de que os objetos que nos cercam tem um valor sensível e uma importância simbólica sobre a identidade de cada um e de quem o cerca (Bonnot, 2014). Os objetos da casa, dispostos no cenário comum da vida doméstica, outros acondicionados sob a proteção de barreiras de acesso como vidros ou altura diferenciada e, aqueles guardados fora do alcance do olhar, zelados unicamente por seus donos.

Os objetos adquirem funções diferentes de sua origem e carregam histórias, lembranças e esquecimentos. Muitas histórias vividas pelos donos ou por sua rede de sociabilidade passam a ser memorizadas pela sua presença. Por vezes é a existência material do objeto que carrega a memória de fatos e feitos, de forma análoga a um *hard disc* (HD) externo, no qual se deposita os dados que não poderiam ser alojados nos computadores. Por vezes armazenam-se no HD as informações que não se pode perder, como uma forma de assegurar-lhe a existência. Os objetos de afeto podem carregar parte da memória dos sujeitos. Segundo Candau (2012) a memória está dialeticamente imbricada com a identidade se nutrindo, produzindo trajetórias de vida, histórias e narrativas. Relação essa que ratifica quando um objeto é utilizado para relatar uma experiência de vida de seu dono. As “mil coisas” ou, cada uma das mil, estabelecem conexões com seu proprietário e são cúmplices de seus hábitos e histórias. São capazes de construir elos afetivos com as suas identidades de sujeitos.

Perder tudo, ter os objetos arrastados pelas águas, é um pouco desconectar-se bruscamente de sua própria identidade de sujeito histórico, situado em um tempo e lugar. E diante disso somos afetados pela falta de palavras para explicar o sofrimento daqueles que enfrentaram a perda de suas “mil coisas”. Levi (1988) nos faz pensar que diante de sofrimentos extremos o ser humano ainda não conseguiu produzir pela linguagem, termos que traduzam fidedignamente essa sensação fronteira com o medo, com o vazio, com a perda. Não se perde somente a peça, perde-se a sua identidade de sujeito.

O desastre climático de maio de 2024 deslocou para as montanhas de entulhos milhares “mil coisas”, quer sejam utensílios domésticos ou relíquias, que guardavam, pela sua simples existência, muitos “eus” de crianças, mulheres e homens.

E na falta de palavras para expressar tamanho sofrimento, de ser arrancado de sua própria identidade, dizemos ao outro: “força, vai passar”. Nossas rotinas não serão as mesmas, pois todos tiveram as vidas individuais ou coletivas suspensas e, mantêm-se à procura das “mil coisas” para narrar a sua própria existência.

REFERÊNCIAS

BONNOT, Thierry. *L'attachement aux chose*. Paris: CNRS Éditions, 2014.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução: Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

REIS, Clóvis; MATTEDI, Marcos; BARRIOS, Yanet Reimondo. Mídia e desastres: panorama da produção científica internacional de 1996 a 2016. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Computação*, [S.l.], v. 40, n. 2, p. 77-92, 2017.

**...E eu me pergunto:
mas o que ainda é como antes?
A experiência de gestão educacional
na calamidade climática no RS**

DIOLINDA FRANCIELE WINTERHALTER¹

Para refletir sobre nossos processos de ensino e aprendizagem, tenho feito a analogia com as pilhas de móveis encharcados e destruídos que se observa pelas ruas. Esses não podem mais ser aproveitados, mas algo ainda restou e pode ser recuperado após a limpeza das casas e dos objetos alcançados pela água. Com as aulas, neste período, podemos lidar da mesma forma. Sabemos que o rendimento e o desempenho de todos/as, após tudo isso, não será como antes e eu me pergunto: mas o que ainda é como antes?
[Conteúdo de e-mail enviado pela Direção de Ensino aos docentes em 10.05.24]

1 IDENTIFICANDO O CENÁRIO...

O texto relata a experiência de uma pedagoga na gestão educacional, durante a calamidade climática no Rio Grande do Sul. A servidora efetiva, além de seu cargo de lotação, assumiu também a responsabilidade de atuar como diretora de ensino no *Campus Feliz* do IFRS. Trabalhando no *Campus* há oito anos, entre setor pedagógico e a coordenação do NAPNE (Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas), quando aceitei esse desafio profissional não poderia imaginar o cenário que estava por vir, exatamente no início da vigência da gestão no ensino.

O *Campus Feliz* fica localizado no vale do Rio Caí e, apesar da cheia não ter atingido diretamente a sede da instituição, toda a sua comunidade acadêmica foi impactada pelos efeitos da calamidade climática. Alguns/algumas estudantes e servidores/as tiveram suas casas invadidas pela água. Outros/as precisaram socorrer amigos e familiares, inclusive em cidades distintas, enfrentando também barreiras e dificuldades de deslocamento nas estradas, ou seja, ninguém escapou ileso desta catástrofe que inundou moradias, alagou histórias, afogou sonhos, soterrou expectativas, trouxe tantos medos e mudou o curso de inúmeras vidas para sempre.

Era o penúltimo dia de abril quando a chuva chegou com força. As aulas tinham iniciado há cerca de dois meses e meio. Tudo corria bem até que a água parou de escoar e as inundações começaram na vida de todos/as! Fomos pegos/as de surpresa e, de repente, arrastados/as por uma enxurrada de fatos novos, jamais vistos ou experienciados.

¹ Pedagoga no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus Feliz*.

Sim, o cenário, com as condições de ensino e aprendizagem, iria passar por muitas mudanças... Esse será o enfoque deste capítulo: a narrativa da experiência de gestão educacional, na calamidade climática no Rio Grande do Sul/RS. O recorte será a atuação na Direção de Ensino para que se possa compartilhar estratégias utilizadas nos processos de organização escolar, na Educação Básica e Profissional, durante o enfrentamento da crise ambiental que modificou bruscamente o contexto de desenvolvimento das aulas.

2 OLHAR PARA A COMUNIDADE ACADÊMICA E MAPEAR AS REALIDADES

Alguns de nossos/as estudantes e colegas foram brutalmente atingidos, outros nem tanto. A comunidade do *Campus Feliz* é bastante diversa e foi afetada de diferentes formas. Enquanto alguns ainda estão passando por dificuldades, outros já estão buscando retomar a vida. Temos visto que alguns caminhos já são possíveis e a manutenção das aulas, ainda que não presenciais, além de permitir a construção de aprendizagens, traz também a sensação reconfortante de que restou algo e de que é possível continuar. Para outros/as, tem sido a oportunidade de manter o vínculo ativo com a instituição, colegas e servidores/as. Também oferece a chance de olhar e se ocupar, em meio ao caos, com algo diferente do cenário de destruição e tragédia, trazendo a esperança de que ainda exista certa “normalidade”. Essas são impressões que temos ouvido de nossos/as estudantes.

[Conteúdo de e-mail enviado pela Direção de Ensino aos docentes em 10.05.24]

O *Campus Feliz* é um dos campi do IFRS e atua com cursos de ensino médio integrado, superiores de tecnologia, licenciaturas e pós-graduação. De acordo com Libâneo (2012), a organização e a gestão oportunizam as condições e os meios utilizados para o bom funcionamento da escola. A organização escolar de uma instituição com diferentes níveis de ensino é desafiadora, pois a comunidade acadêmica é formada por estudantes com perfis, faixas etárias e necessidades de aprendizagem bastante diversas. Essa é, portanto, uma das particularidades e potencialidades dos Institutos Federais (Brasil, 2008).

Apesar dessas diferenças entre os níveis de ensino, no *Campus Feliz*, anualmente, consegue-se estabelecer um calendário acadêmico que comporte a distribuição das aulas e demais atividades letivas de acordo com as necessidades discentes e docentes, nas diferentes áreas do conhecimento e cursos ofertados. Os Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC) indicam as especificidades dos perfis formativos, sendo a maioria dos cursos presenciais e, em determinados casos, apenas alguns componentes curriculares com carga horária de ensino a distância.

No *Campus Feliz*, as aulas estavam acontecendo de modo presencial, seguindo o previsto no calendário acadêmico de 2024. Entre os dois últimos dias do mês de abril e os primeiros dias de maio, o Rio Grande do Sul foi, fortemente, atingido por chuvas intensas que impuseram a situação de calamidade pública.

As atividades presenciais no *Campus* foram suspensas, inicialmente no dia 30/04 e, na sequência, nos 02 e 03/05, através de comunicado da Direção Geral. O

trabalho administrativo continuou de forma remota, seguindo a ideia do teletrabalho, já em vigor. Iniciei as atividades na Direção de Ensino justamente em 02/05. Como os impactos das cheias dos rios já tinham sido imensos, a equipe de gestão do *Campus* decidiu manter todas as atividades de forma remota, com a orientação de realização das aulas na modalidade de atividades pedagógicas não presenciais (APNPs), conforme já havia ocorrido durante a pandemia. Essa foi uma medida de cuidado, segurança e preservação de todos.

A mudança na modalidade de oferta das aulas trouxe a necessidade de muitas adequações e orientações por parte da equipe de gestão do ensino. Por isso, foi preciso desenvolver e propor vários instrumentos de escuta discente e docente para a compreensão das realidades enfrentadas nas diferentes cidades em que reside a comunidade do *Campus* Feliz. Com a definição de que seguiríamos com as atividades não presenciais, foram enviadas orientações aos docentes, por e-mail, sobre a organização das aulas e manutenção das atividades de ensino, com a indicação do *Moodle* como espaço formal das aulas. Também foi lançada a possibilidade de aulas síncronas, mas com o alerta de que os/as discentes poderiam estar sem condições de acesso à internet e que, por esse motivo, as atividades assíncronas eram consideradas mais oportunas.

Sabemos que as condições de ensino de forma remota não são as ideais e que podem causar prejuízos, tendo em vista as especificidades de alguns conteúdos e componentes curriculares. No entanto, neste momento, entendemos que não se pode pensar no ideal, mas naquilo que é possível, frente ao que todos/as já enfrentaram até aqui [Conteúdo de e-mail enviado pela Direção de Ensino aos docentes em 10.05.24].

A respeito das atividades avaliativas, sugeriu-se que não ocorressem naquele momento, pois muitos/as poderiam não estar em condições de realizá-las. Sobre os prazos previstos no calendário acadêmico vigente, orientou-se que deveriam ser flexibilizados, pois, quando houvesse maior estabilidade dos fatos, seriam reorganizados.

Os/as estudantes também foram informados/as por e-mail sobre a continuidade das aulas pelo *Moodle*. O site institucional e as redes sociais do *Campus* também foram usados para comunicação. A equipe de gestão do *Campus* se reuniu, de forma híbrida, para construir algumas definições.

A primeira decisão foi de produzir a escuta das pessoas para compreender a realidade dos sujeitos. De imediato, fizemos várias reuniões com diferentes grupos: representantes discentes do Ensino Médio Integrado, coordenadores/as de curso do Ensino Médio Integrado e Superiores, docentes representantes de área e uma conversa por *whatsapp* com a representante do Diretório Acadêmico do Curso de Engenharia Química.

Identificou-se que a maioria dos discentes e docentes estava bem, na medida do possível e que, poucos tinham sido afetados diretamente pela enchente. Em busca de mais informações sobre as realidades de nosso público, criamos um questionário, pelo *Google*, no qual os discentes informaram seus dados pessoais, curso, local e condições de moradia, acesso à internet e dispositivos para o acompanhamento das aulas.

Outro formulário específico foi voltado aos docentes como forma de escuta. A partir das informações coletadas nas reuniões e questionários, percebeu-se a necessidade de criar Diretrizes com orientações para a organização das atividades letivas de modo não presencial. O documento foi disponibilizado aos docentes, por e-mail, quando as atividades não presenciais foram prorrogadas até 17/05. De modo complementar, foi divulgada capacitação sobre o ensino a distancia e uso do *Moodle*. Os/as discentes também receberam, por e-mail e pelos grupos de *whatsapp*, um card específico com “Informações e orientações importantes para auxiliar na organização com as atividades estudantis”.

Os dados de ambos os questionários afirmavam que a maioria dos discentes e docentes estava segura fisicamente e com condições de estrutura para os estudos não presenciais. Porém, havia muitas dificuldades emocionais para lidar com a calamidade e seus efeitos, mesmo por parte daqueles/as que não tinham sido afetados/as diretamente.

Existia também a preocupação com o deslocamento até o campus, já que as estradas estavam danificadas, as vias de acesso interrompidas e os transportes públicos fora de circulação. Em 16/05, realizou-se a reunião com o corpo docente para escuta de todos e partilha de algumas informações sobre as condições de vida, moradia e estudos da comunidade acadêmica do *Campus*, com base nos dados coletados. Em 22/05, tivemos nova reunião com os representantes discentes e docentes (coordenadores de cursos e representantes de área) para a escuta das percepções e avaliação das aulas remotas.

As movimentações para escuta e diagnóstico da realidade do *Campus Feliz* viabilizaram os processos de tomada de decisão por parte da equipe de gestão, seguindo os princípios da gestão democrática. Para Freire (1996), ensinar exige saber escutar e disponibilidade para o diálogo. Isso foi o que pautou as ações para a reorganização das atividades de ensino no período da calamidade no IFRS - *Campus Feliz*, bem como planejamento para a retomada do ensino presencial, que ocorreu em 03/06/2024.

O “diagnóstico é o instrumento do processo que tem a capacidade de levantar, no empírico, a temática a ser trabalhada como ação prático-reflexiva pelo planejamento participativo” (Falkemback, 2003, p. 138). O planejamento participativo é tido como instrumento teórico-prático capaz de facilitar a convergência entre o refletir e o agir de indivíduos e grupos no espaço escolar, pois os sujeitos que se reúnem numa prática intencionada que, por meio da participação, vai sendo organizada de modo democrático.

Assim, o planejamento e tomada de decisão envolveram desde a definição sobre a continuidade ou interrupção das aulas, a modalidade em que seriam oferecidas, se presencial, remota, síncrona ou assíncrona, orientações sobre as avaliações, o registro das aulas, bem como o retorno às atividades presenciais. Tais informações foram sistematizadas no formato de Diretrizes de modo a oferecerem uma orientação institucional aos docentes e discentes.

Para Libâneo (2012, p. 411), na escola, a organização e a gestão referem-se ao “conjunto de normas, diretrizes, estrutura organizacional, ações e procedimentos que asseguram a racionalização do uso de recursos humanos, materiais, financeiros e intelectuais, assim como a coordenação do trabalho das pessoas”. Assim, houve o esforço para que, mesmo em condições precárias de comunicação, as decisões ocorressem de forma colegiada, por meio de representações, com a participação de todos/as, buscando corresponder às necessidades e possibilidades identificadas para o contexto institucional do *Campus Feliz*.

Para Veiga (2003), a gestão democrática inclui a ampla participação dos representantes dos diferentes segmentos da escola nas decisões administrativas e pedagógicas.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E A SITUAÇÃO DE CALAMIDADE NO RS

Vimos, presencialmente e pelas mídias, que muitas escolas e instituições de ensino foram devastadas. Nesses casos, não há possibilidade de retorno. A nossa instituição não foi atingida diretamente e isso, além de alívio, traz a esperança de que é possível seguir, retomar, para alguns, recomeçar. Se antes a educação pública e a profissionalização já eram consideradas instrumentos de transformação das vidas, agora, para muitos/as, podem ser a única oportunidade de continuidade ou renovação.

[Conteúdo de e-mail enviado pela Direção de Ensino aos docentes em 10.05.24].

As memórias e reflexões sobre a experiência de gestão do ensino no período da calamidade climática revelam os desafios da inexperiência, do novo, do inesperado. Com isso, evidenciam que a organização escolar deve ocorrer de modo participativo, com destaque para a escuta ativa como instrumento de participação dos sujeitos na gestão escolar. O diálogo é uma ferramenta indispensável na gestão educacional, pois oportuniza a participação e o engajamento de todos/as.

Destaca-se também o potencial das ideias e proposições que surgem na discussão entre pares, pois é a organização das vivências dos sujeitos que está sendo pensada e proposta. Por fim, quando se consegue oferecer a oportunidades de escuta, diálogo e participação, nota-se indícios de certa tranquilidade que emerge dos coletivos ao identificar suas participações nas decisões adotadas e, assim, sentirem-se representados/as.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Lei no 11.892, de 29 de dezembro de 2008.

_____. Conselho Nacional da Educação. Resolução nº 03, de 13 de maio de 2024. Define diretrizes orientadoras aos sistemas de ensino, instituições e redes escolares, públicas, privadas, comunitárias e confessionais para a retomada segura das aulas na Educação Básica e na Educação Superior.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FALKEMBACH, Elza Maria. Planejamento participativo: uma maneira de pensá-lo e encaminhá-lo com base na escola. In: VEIGA, Ilma P.; *Projeto Político-Pedagógico da Escola: uma construção possível*. 29ª Edição. Campinas - SP: Papirus, 2013, p. 131-142.

IFRS. Instrução Normativa nº 07, 23 de maio de 2024, Proen/Reitoria. Dispõe sobre orientações para a retomada do calendário acadêmico, para os campi com atividades letivas suspensas, no contexto de calamidade pública do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2024/05/IN-PROEN-7-2024.pdf> Acesso em 15 set 2024

LIBÂNEO. José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza. *Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização*. 10ª edição. São Paulo: Cortez, 2012.

VEIGA, Ilma P.; *Projeto Político-Pedagógico da Escola: uma construção possível*. 29ª Edição. Campinas - SP: Papirus, 2013.

Toda criança merece brincar

THAÍS RAMOS VIEGAS¹

MARCELO PARAVISI²

LUANA MACHADO AURÉLIO³

BRUNO CHAGAS ALVES FERNANDES⁴

TERRIMAR I. PASQUALETTO⁵

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2024, o estado do Rio Grande do Sul foi palco de uma das maiores catástrofes climáticas de sua história, afetando mais de 2,4 milhões de pessoas e deixando 4 mil desalojadas (Accioly, 2024). Causada por chuvas intensas e ininterruptas, a enchente devastou comunidades inteiras, deixando um rastro de destruição e desespero. Milhares de pessoas perderam suas casas, e a infraestrutura de várias cidades ficou comprometida. Nesse cenário, a resposta comunitária emergiu como um elemento vital para a sobrevivência e recuperação das populações afetadas.

A enchente de 2024 impactou profundamente diversas cidades gaúchas, sendo que esse desastre ambiental se refletiu na mobilização da população brasileira para apoiar e auxiliar com doações e ações voluntárias. Nesse contexto, a cidade de Osório, localizada em uma área que não foi diretamente atingida pelas águas, tornou-se um ponto de apoio para ações de socorro e coordenação de esforços humanitários (Luz, 2024). Desta forma, a comunidade de Osório se organizou para realizar doações para amparar as pessoas que estavam em situação de vulnerabilidade.

Neste cenário, o IFRS Campus Osório não ficou de fora desses esforços, disponibilizando, junto às autoridades competentes, sua estrutura física, como ponto de coleta, e humana para apoiar as ações que estavam sendo coordenadas pelos demais órgãos governamentais. Seguindo as orientações oficiais e as respectivas solicitações, o campus utilizou dos seus meios de comunicação para convidar e orientar a comunidade acadêmica em como realizar doações que fossem ao encontro das necessidades elencadas pela defesa civil do estado do Rio Grande do Sul.

Com isso, muitos servidores, estudantes e seus familiares realizaram doações para os centros de coletas localizados na cidade, bem como atuaram como voluntários para realizar a triagem e separação das doações recebidas nos pontos de armazenamento e distribuição. Nesse espaço de tempo, as aulas presenciais e os

¹ Docente do Ensino Básico e Tecnológico no IFRS - *Campus* Osório.

² Docente do Ensino Básico e Tecnológico no IFRS - *Campus* Osório.

³ Estudante do Curso Técnico em Informática do IFRS - *Campus* Osório.

⁴ Docente do Ensino Básico e Tecnológico no IFRS - *Campus* Osório.

⁵ Docente do Ensino Básico e Tecnológico no IFRS - *Campus* Osório.

projetos (de ensino, pesquisa e extensão) foram realizados de forma remota, o que tornou a infraestrutura do campus disponível para apoiar ações que beneficiassem as pessoas afetadas por essa tragédia. Em meio às demandas, a equipe técnica e gestora do Habitat de Inovação WindMaker identificou, dentre as solicitações de doações, a necessidade de brinquedos e jogos para entreter as crianças que haviam sido atingidas pela catástrofe das enchentes. A partir disso, a equipe do WindMaker se organizou de forma a proporcionar algum conforto às crianças afetadas pela tragédia, de maneira que a ideia de produzir brinquedos começou a tomar forma.

Sendo assim, este capítulo tem como objetivo documentar as experiências vivenciadas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Osório, durante a catástrofe ambiental ocorrida no estado do Rio Grande do Sul no ano de 2024. Em particular, destacamos a iniciativa dos professores e alunos do Habitat de Inovação Windmaker, que se uniram para produzir brinquedos e jogos a partir de equipamentos de fabricação digital, sendo que esses brinquedos foram, e continuam sendo, destinados a crianças em abrigos, hospitais e escolas que foram atingidas pela enchente ou que acolheram estas pessoas. Através deste relato, buscamos compartilhar as lições aprendidas e inspirar futuras ações de solidariedade e inovação em tempos de crise.

2 PRODUÇÃO NO HABITAT DE INOVAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

O WindMaker, Habitat de Inovação está localizado no Campus Osório, é dedicado à criatividade e ao desenvolvimento de soluções para os mais diversos tipos de problemas, com especial ênfase aos ligados à Educação. Para Maruyama (2022), Habitat de Inovação é mais do que um espaço físico, ele é um ambiente social de troca, convivência e criatividade, no qual a troca de conhecimentos é capaz de ampliar as habilidades e capacidades dos pesquisadores, estudantes, extensionistas e da comunidade externa. Assim sendo, diante da crise vivenciada pelos gaúchos, professores e alunos decidiram usar os recursos disponíveis no WindMaker para fazer a diferença na vida daqueles que viram tudo o que tinham, ser tomado pela água. A ideia era simples, mas poderosa: criar brinquedos e jogos que pudessem levar um pouco de alegria às crianças que haviam perdido tudo.

O processo começou com reuniões rápidas para definir quais brinquedos poderiam ser produzidos com as ferramentas e materiais disponíveis. A produção foi dividida em etapas: (a) design dos modelos digitais, (b) impressão 3D das peças, (c) corte de peças na máquina de corte a laser e (d) acabamentos envolvendo lixamentos, pinturas, etc . Assim, utilizando as tecnologias disponíveis no laboratório, como impressoras 3D e máquinas de corte a laser, professores e alunos, movidos pelo sentimento de compaixão, uniram suas forças e experiências e passaram a produzir brinquedos e jogos educativos.

Figura 1 - Modelos de brinquedos produzidos



Fonte: Autor.

Os brinquedos produzidos no WindMaker foram pensados para atender às diferentes faixas etárias, estimulando a criatividade e a imaginação. Optou-se por brinquedos simples, como aviões, quebra-cabeças e jogo da memória, pois tinham fabricação rápida e prática. Porém, durante as produções destes primeiros produtos, observou-se que poderiam ser criados outros modelos, como pode-se observar na Figura 1, o que resultou na produção de 14 modelos de brinquedos e jogos.

Foram produzidos, até o momento desta publicação, 42 fazendas com animais em MDF, 146 jogos de dominó, 11 quebra-cabeças em MDF com o tema dinossauro, 14 quebra-cabeças em MDF com o tema casinha, 52 quebra-cabeças em MDF com o tema animais, 268 aviões em MDF, 103 jogos da memória em MDF, 269 livros de colorir com lápis ou giz de cera, 250 livros de atividades, 78 jogos de dama, 13 bingos, 33 jogos de ludo, 100 brinquedos em plástico e 61 jogos de Conecta-4.

Figura 2 - Cuidado com a apresentação dos brinquedos



Fonte: Autor.

Os desafios foram muitos e envolvem alta demanda, assim como tempo, bastante limitado frente à urgência da situação. Além disso, havia limitações técnicas, como a capacidade das impressoras 3D, da máquina de corte a laser e a disponibilidade de materiais. No entanto, a determinação da equipe foi inabalável. Alunos e professores trabalharam por longas horas, muitas vezes concluindo a montagem em casa, para garantir que os brinquedos estivessem prontos o mais rápido possível.

Conforme iam ficando prontos, os brinquedos foram cuidadosamente embalados (Figura 2) e, inicialmente, enviados para abrigos por meio de servidores do IFRS ou entregues no centro de arrecadação na cidade de Osório. Com o passar do tempo, passou-se a organizar os brinquedos em formato de kits individuais, a fim de evitar a necessidade de separação nos centros de triagem de doações.

Figura 3 - Brinquedoteca itinerante



Fonte: Autor.

A partir desse contato com a realidade dos abrigos humanitários, percebeu-se a possibilidade de organizar um material mais completo que representasse uma brinquedoteca coletiva para uma entidade, atendendo várias crianças ao mesmo tempo. Desta forma foi desenvolvida uma brinquedoteca itinerante (Figura 3), com diferentes brinquedos, jogos e livros de atividades, gentilmente acondicionada em uma caixa de arquivo e identificada com adesivos personalizados. Essas brinquedotecas passaram a ser distribuídas a hospitais, abrigos de crianças e escolas afetadas pelas enchentes. Essa distribuição contou com a parceria de outras instituições, garantindo que os brinquedos chegassem às mãos das crianças que mais precisavam.

Os relatos de alegria e gratidão que chegaram até o Campus Osório foram comoventes. Para muitas crianças, aqueles brinquedos representavam um raio de esperança em meio à escuridão da tragédia. Professores e alunos do WindMaker puderam ver, em primeira mão, o impacto positivo de seu trabalho, o que fortaleceu ainda mais o senso de comunidade e solidariedade.

3 LIÇÕES APRENDIDAS

A experiência do Windmaker durante a catástrofe de 2024 reforçou a importância da inovação e da solidariedade em tempos de crise. Foi acompanhando reportagens e conversas, que se notou a necessidade de focar nas crianças. Essa escolha se deu, pois brincar é fundamental para o desenvolvimento infantil (Vygotsky, 1984), sendo inclusive um direito previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), especialmente em momentos de crise, quando as crianças precisam de distração e conforto. A produção e distribuição dos brinquedos mostrou que, mesmo diante de uma tragédia de grandes proporções, pequenas ações podem ter um impacto significativo na vida das pessoas. Além disso, a iniciativa destacou a relevância de espaços como o WindMaker, que, além de promoverem o desenvolvimento tecnológico, podem fornecer apoio em momentos críticos.

Durante o processo de produção, percebemos que alguns dos jogos criados exigiam instruções detalhadas para que pudessem ser plenamente aproveitados. Isso nos levou à elaboração de manuais explicativos, nos quais descrevemos de forma simples e clara as regras de cada jogo. A criação desses manuais foi um desafio importante, pois precisávamos garantir que fossem fáceis de entender, mesmo para crianças e adultos sem familiaridade com o tipo de jogo. Dessa forma, o manual se tornou uma peça fundamental para garantir que os brinquedos pudessem proporcionar momentos de diversão e aprendizado.

Outro ponto crucial ao longo do processo foi a atenção especial à apresentação dos brinquedos. Sabíamos que, além da qualidade dos materiais e do design, o modo como os brinquedos eram entregues também faria uma grande diferença para as crianças que os receberiam. Por isso, nos dedicamos a embalar cada brinquedo com cuidado, utilizando materiais adequados para proteger as peças e garantir que chegassem intactos aos abrigos e escolas. A forma no qual eram embalados também reforçava o carinho e a atenção com que cada item foi produzido, mostrando às crianças que aquele presente era especial e feito pensando nelas.

Para a comunidade acadêmica, a experiência foi transformadora. Professores e alunos não apenas aprimoraram suas habilidades técnicas, mas também desenvolveram um profundo senso de responsabilidade social. Essa combinação de conhecimento técnico e compromisso humanitário se revelou um recurso na resposta à catástrofe.

CONCLUSÃO

Este capítulo apresenta apenas um recorte das ações realizadas pela comunidade acadêmica do Campus Osório durante a catástrofe de 2024, deixando lições profundas para todos os envolvidos. A união de professores e alunos foi fundamental para o sucesso da iniciativa, assim como a colaboração entre diferentes áreas do conhecimento que permitiu a criação de soluções inovadoras e eficientes.

Logo, a experiência de produzir brinquedos para crianças afetadas pela enchente demonstrou o poder da inovação quando aliada à solidariedade.

À medida que olhamos para o futuro, é essencial que continuemos a desenvolver e aprimorar nossas capacidades de resposta a crises. Uma vez que o mundo está cada vez mais suscetível a desastres naturais, iniciativas como essa nos lembram da importância de estarmos preparados, não apenas com tecnologia, mas com um espírito de cooperação e empatia. Acredita-se que o WindMaker, com sua combinação única de recursos tecnológicos e engajamento comunitário, servirá como um modelo para outras instituições que buscam fazer a diferença em tempos difíceis.

Ademais, o envolvimento dos professores e alunos na ação solidária durante a crise humanitária gerada pelas enchentes trouxe inúmeros benefícios psicológicos para todos os envolvidos. À medida que se dedicavam a produzir brinquedos e organizar doações, eles experimentaram um forte senso de propósito, colaborando para aliviar o sofrimento de crianças afetadas pela tragédia. Esse sentimento de contribuição para algo maior ajudou a reduzir a ansiedade e o estresse causados pela situação de crise, fortalecendo o vínculo comunitário e a resiliência emocional de cada participante. Além disso, a solidariedade proporcionou uma sensação de pertencimento e de empatia, gerando não só impactos positivos nas crianças beneficiadas, mas também no bem-estar mental de quem atuou diretamente nas ações, reforçando a importância de ajudar o próximo em tempos difíceis.

AGRADECIMENTOS

Aos colegas servidores que se envolveram fazendo doações e colaborando na produção de alguns brinquedos. Em especial, ao doutorando David Christopher Pellejero que auxiliou na produção de brinquedos junto às impressoras 3D.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, D. et al. **TRAGÉDIA NO RS MOSTROU QUE BRASIL PRECISA SE PREPARAR PARA MUDANÇAS NO CLIMA**. Agência Senado, 2024. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2024/06/tragedia-no-rs-mostrou-que-brasil-precisa-se-preparar-para-mudancas-no-clima#:~:text=Nos%20dias%20finais%20de%20abril,173%20mortos%20e%2038%20desaparecidos.>> Acesso em: 31 de agosto de 2024.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90. São Paulo, Atlas, 1991

LUZ, O. **MUNICÍPIO SEGUE MOBILIZAÇÃO PARA AUXILIAR DESABRIGADOS ATINGIDOS POR ENCHENTES**. Jornal Momento, 2024. Disponível em: <<https://jornalmomento.com.br/municipio-segue-mobilizacao-para-auxiliar-desabrigados-atingidos-por-enchentes/>> Acesso em: 31 de agosto de 2024.

MARUYAMA, Úrsula et al. **O 'APRENDER FAZENDO' JUNTO COM A REDE FEDERAL: REDE MAKER**. XLII Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 2022. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Marize-Passos/publication/364496292_O_'APRENDER_FAZENDO'_JUNTO_COM_A_REDE_FEDERAL_REDE_MAKER/links/638d1ef2ca2e4b239c8d2ba0/O-APRENDER-FAZENDO-JUNTO-COM-A-REDE-FEDERAL-REDE-MAKER.pdf> Acesso em: 09 de setembro de 2024.

VYGOTSKY, L. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Recursos tecnológicos de apoio durante a inundação no Rio Grande do Sul em 2024

ANELISE LEMKE KOLOGESKI¹

ANA CLARA SOUZA CECCONELO²

MATHEUS BONNATI³

GABRIEL LINHARES BITTENCOURT⁴

1 INTRODUÇÃO

Os desastres naturais sempre aconteceram na história da humanidade, porém, por causa da ação humana, alguns deles vêm se tornando cada vez mais comuns. Desta forma, a necessidade da criação de meios para auxiliar as vítimas se faz necessária. Sendo assim, este trabalho visa proporcionar suporte às comunidades do Rio Grande do Sul (RS) afetadas pelas enchentes do ano de 2024, enfatizando a importância da educação da população sobre o uso das tecnologias disponíveis, que desempenharam uma importante contribuição para a redução nos impactos da enchente. Este trabalho explora diversas tecnologias empregadas para enfrentar os desafios decorrentes desse evento catastrófico, como uma pesquisa colaborativa entre os autores que busca informar a população sobre tais recursos, bem como inspirar iniciativas para fortalecer a resiliência comunitária diante de adversidades extremas.

Usar tecnologias é fundamental para a gestão de grandes desastres naturais. A complexidade dos fatores que contribuem para as enchentes é imensa, como mudanças climáticas e infraestrutura urbana, deixando evidente a importância de estratégias que atenuem esses desastres, alertando de forma precoce, para proteção de comunidades vulneráveis, além de iniciativas locais e internacionais para apoiar vítimas e promover resiliência frente a este tipo situação. Assim, o avanço e a aplicação das tecnologias desempenham um papel importante de resposta eficaz e suporte/auxílio para a população.

2 DESASTRES SIMILARES

Numa dimensão muito maior, o terremoto de magnitude 7.0 que atingiu o Haiti em 2010, com mais de 220 mil mortos, 300 mil feridos e 1,3 milhões de

¹ Professora de Informática no IFRS - *Campus* Osório.

² Estudante do terceiro ano do Curso Técnico de Informática integrado ao Ensino Médio do IFRS - *Campus* Osório.

³ Estudante do terceiro ano do Curso Técnico de Informática integrado ao Ensino Médio do IFRS - *Campus* Osório.

⁴ Estudante do quarto ano do Curso Técnico de Informática integrado ao Ensino Médio do IFRS - *Campus* Osório.

desabrigados (Patriota 2010), foi o que levou o país a usar essa catástrofe como oportunidade para se reconstruir, mesmo com um forte processo migratório resultante (Borges e Barros 2018). Os recursos tecnológicos foram cruciais na divulgação de locais e métodos de doações. Também houve a liberação de ferramentas de mapeamento e imagens de satélite com o objetivo de ajudar na identificação de danos. Além disso, a equipe do laboratório de *Lincoln* do MIT, ajudou nas operações de socorro através do *Airborne Ladar Imaging Research Testbed* (ALIRT), um sistema de imagem de radar a laser, capaz de mostrar estruturas 3D, podendo assim apontar os locais onde era possível pousar helicópteros e andar pelas ruas sem ter que lidar com os destroços, e que também ajudava a identificar pessoas (Ryan 2015).

Outro desastre também muito importante foi o rompimento da barragem em Mariana/MG. Lopes (2016), introduz o leitor sobre a barragem, que pertencia a Samarco S/A e que se rompeu em 5 de novembro de 2015, causando a morte de diversas pessoas e animais, além da destruição de florestas e poluição de rios e lagos, fazendo uma abordagem sobre as prováveis causas do rompimento sem ignorar os efeitos socioambientais e econômicos. Com o objetivo de ajudar as vítimas de Mariana, se fez necessário o uso de diversos recursos, como a divulgação de uma conta do Banco do Brasil para doações. Além disso, diversas notícias foram responsáveis por divulgar locais que estavam recebendo doações e voluntários, como divulgado pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Proteção Animal do Distrito Federal (Sema/DF 2015), com o objetivo de arrecadar fundos para os animais. Por último tivemos a disponibilização de auxílios financeiros através da Fundação Renova, entidade que não possui fins lucrativos e visava reparar os danos causados por esse desastre. Essa entidade possuía um *site* onde as vítimas poderiam se cadastrar e informar sobre os impactos sofridos, porém, é importante ressaltar que essa fundação sofreu com algumas controvérsias relacionadas a negação de auxílios prometidos às vítimas (Jaborandy *et al.* 2023).

3 EDUCAÇÃO DA POPULAÇÃO PARA LIDAR COM A SITUAÇÃO

Diante do contexto de calamidade, a educação da população sobre o uso das tecnologias disponíveis desempenha um papel fundamental na atenuação dos danos. A disseminação do conhecimento sobre ferramentas tecnológicas de apoio, como sistemas avançados de alerta meteorológico, plataformas online para coordenação de doações e utilização de drones para entrega de suprimentos, foi essencial. Ao informar os cidadãos sobre a existência e o funcionamento dessas tecnologias, aumentamos a conscientização sobre os riscos associados às enchentes e a necessidade de se preparar antecipadamente, possibilitando que as pessoas estejam melhor preparadas para tomar medidas preventivas, como a evacuação precoce de áreas de risco, com base em informações atualizadas fornecidas pelos

sistemas de alerta meteorológico. A educação sobre o uso de plataformas para coordenação de doações também é fundamental para mobilizar recursos de maneira eficiente durante e após as enchentes, facilitando a arrecadação e distribuição de alimentos, água, medicamentos e outros itens essenciais para as comunidades afetadas, garantindo que a ajuda chegue rapidamente onde é necessária. Por fim, a utilização de drones para a entrega de suprimentos em áreas de difícil acesso pode salvar vidas, proporcionando assistência humanitária imediata. Ao educar a população sobre essas tecnologias e incentivar seu uso correto e eficaz, fortalecemos a capacidade de resposta das comunidades diante de desastres naturais, promovendo uma adaptação mais resiliente e preparada para enfrentar desafios. Portanto, investir na educação e na familiarização da população com tecnologias de apoio durante os desastres não apenas minimiza danos imediatos, mas também constrói uma base sólida para uma resposta eficiente e colaborativa em situações de emergência.

4 RECURSOS IDENTIFICADOS

Para citar os recursos identificados, estabelecemos algumas categorias que observamos de forma prática com as enchentes no RS, vivenciando toda a situação de perto. São elas: animais, abrigos, cadastro de resgatados, divulgações da defesa civil, doações e auxílios do governo. Para cada categoria, listamos as tecnologias que conseguimos mapear e que auxiliaram diversas pessoas afetadas diretamente pela enchente no RS.

Animais: Foi registrado pela Defesa Civil que mais de 15 mil animais foram resgatados e abrigados (Gehm 2024), e muitas campanhas de adoção já aconteceram de forma presencial e virtual, por meio das redes sociais. Diversos *sites* foram criados ou passaram a ser usados com o intuito de auxiliar na causa, sendo um deles o site do Grupo de Resposta a Animais em Desastre (Grad)⁵, que está disponibilizando uma opção de doação para ajudar os mesmos. Também temos a prefeitura de São Paulo, que através do Departamento de Tecnologia da Informação e Comunicação criou um *site*⁶ onde é possível cadastrar os animais que foram resgatados das enchentes, para que assim os donos possam encontrá-los. Outro método usado foi a criação de uma plataforma que utiliza inteligência artificial, chamada Pets RS⁷, onde o dono pode cadastrar as características de seu animal perdido e comparar com os animais cadastrados, podendo assim dar *match* entre ambos, aumentando as chances de achar seu animal perdido. Se tratando da divulgação dos animais afetados, surgiram várias páginas nas redes sociais, que foram responsáveis por divulgar os animais resgatados. Além disso,

⁵ Disponível em: <https://gradbrasil.org.br/>

⁶ Disponível em: <https://cadastroanimais-rs.smsprefeiturasp.com.br/>

⁷ Disponível em: <https://petsrs.com.br/>

a prefeitura da cidade de Porto Alegre divulgou alguns locais onde havia animais que poderiam ser adotados. Por fim, temos a Secretaria de Comunicação do RS, que criou uma página⁸ voltada à assistência para os animais, com informações pertinentes relacionadas a eles, sendo uma delas uma plataforma para doação de animais chamada Arcanimal⁹, onde você pode achar animais para adotar e verificar a localização de todos os 353 abrigos existentes.

Abrigos: Com milhares de pessoas desabrigadas, os abrigos se tornaram uma necessidade. A prefeitura de Porto Alegre, divulgou que a Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana e a Empresa Pública de Transporte e Circulação, trabalharam em conjunto para oferecer transporte coletivo no gerenciamento do atendimento às vítimas, disponibilizando um número para contato caso precisasse transportar as mesmas até os abrigos. Um exemplo semelhante aconteceu no Pontal Shopping, local que se tornou um centro de apoio aos resgatados, com uma equipe que fazia contato com abrigos municipais para verificar as vagas disponíveis, ou que entrava em contato com familiares para que eles buscassem seus parentes (Gomes 2024), sendo que um dos autores deste trabalho atuou como voluntário neste local. Também houve a ampla divulgação de notícias sobre os locais onde haviam abrigos. Junto disso, a Secretaria de Comunicação do RS, criou um espaço online¹⁰ com dados relacionados aos abrigos.

Cadastro de Resgatados: Um sistema unificado de cadastro para resgatados foi implementado, coordenado pela Defesa Civil e as Forças Armadas, integrando dados das cidades afetadas, centralizando informações sobre resgates, abrigos e assistência humanitária. A operação mobilizou mais de 15 mil militares, policiais e agentes, utilizando aeronaves, embarcações e viaturas para resgatar e prestar socorro a milhares de pessoas e animais, conforme dados da Secretaria de Comunicação Social (2024). Assim, foi criado o portal “SOS Rio Grande do Sul”¹¹, disponibilizando informações sobre a situação nos municípios, números de resgatados, desalojados e locais de abrigo, consolidando dados de diferentes fontes para facilitar a coordenação de esforços. Na plataforma Tô Salvo¹², os resgatados que estavam em abrigos eram cadastrados, para que as famílias pudessem localizá-los.

Divulgações da Defesa Civil: Para complemento de informações, prevenção contra notícias falsas e auxílio às pessoas sob a calamidade gaúcha, o governo do Estado disponibilizou, via *site* da Defesa Civil, avisos e alertas, dentre outros serviços. O sistema de alerta sobre eventos climáticos traz notícias frequentes sobre precipitações, volume de chuva e até mesmo se há previsão de granizo, por

⁸ Disponível em: <https://sosenchentes.rs.gov.br/assistencia-para-animais>

⁹ Disponível em: <https://arcanimal.com.br/>

¹⁰ Disponível em: <https://sosenchentes.rs.gov.br/abrigos>

¹¹ Disponível em: <https://sosenchentes.rs.gov.br/inicial>

¹² Disponível em: <https://www.tosalvo.org.br/>

exemplo; também se encontra informações sobre a temperatura, frentes frias e quentes. Todas essas informações se dão por influência dos estudos do Instituto Nacional de Meteorologia e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Doações: Doações foram fundamentais para suprir as necessidades da população. As redes sociais foram predominantemente utilizadas para compartilhar campanhas e coordenar esforços de assistência. Outro recurso foi o uso de aplicativos de mensagem, que permitiram a comunicação direta entre as equipes. *Sites* e aplicativos especializados também permitiram arrecadar fundos de maneira rápida e eficiente, possibilitando ajuda financeira para arrecadação de suprimentos. Um exemplo é a Central Única das Favelas (CUFA), que é uma organização brasileira reconhecida internacionalmente nos campos político, social, esportivo e cultural, que disponibilizou seu *site*¹³, coordenando uma ampla operação humanitária no Rio Grande do Sul, colaborando com líderes locais para enfrentar a crise emergencial. Com o objetivo de atender às necessidades imediatas e planejar a recuperação a longo prazo, a CUFA identificou que abrigos e cozinhas comunitárias foram fundamentais nesta conjuntura, não apenas como locais de acolhimento, mas como centros de sustento para os mais afetados. A maioria dos pedidos de doações são feitos por aplicativo, mas em momentos de calamidade, a dependência exclusiva de plataformas e canais digitais pode representar um desafio significativo. Os afetados podem não ter acesso fácil ou imediato a tecnologias como internet, smartphones ou computadores devido às condições adversas, como falta de eletricidade, danos às infraestruturas locais e deslocamento forçado, podendo dificultar a participação de algumas comunidades mais afetadas no processo de doação, limitando seu acesso aos recursos necessários para assistência humanitária imediata e reconstrução a longo prazo. Portanto, é essencial considerar abordagens complementares para garantir que todos os atingidos tenham acesso equitativo à assistência, independentemente das barreiras.

Auxílios do Governo: O governo gaúcho ativou novamente a chave Pix (CNPJ: 92.958.800/0001-38), mantida pelo Banrisul, utilizada em setembro de 2023 quando ocorreu uma enchente no Vale do Taquari, noticiando¹⁴ que as contribuições financeiras estavam abertas para auxiliar as vítimas das enchentes, com a promessa de que todos os fundos seriam direcionados integralmente para o suporte humanitário aos afetados e para a reconstrução das infraestruturas urbanas afetadas. A fiscalização e auditoria dos fundos foram conduzidas pelo poder público, assegurando uma gestão eficiente para o auxílio humanitário e a reconstrução. Além dos auxílios estaduais, o governo federal disponibilizou o Auxílio Reconstrução, dando um apoio financeiro de R\$ 5.100 para as pessoas

¹³ Disponível em: <https://cufa.org.br/doar/> e <https://www.cufars.org.br/doacao-institucional/>

¹⁴ Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/governo-reativa-canal-de-doacoes-via-pix-para-auxilio-as-vitimas-das-enchentes>

que residiam na chamada mancha de inundação. Também é importante citar que, por exemplo, na cidade de Canoas, se criou quatro programas sociais¹⁵. O primeiro é o Auxílio Canoense de Reconstrução, para contemplar 5 mil pessoas com 5 parcelas de R\$ 400, precisando possuir uma renda per capita menor ou igual a meio salário mínimo, e realizar o processo de inscrição, para participar. Para receber o auxílio se fará necessário a realização da limpeza do município por um dia, e no final, o pagamento será efetuado. O segundo é o Aluguel Social Canoense, onde 2 mil famílias receberão R\$ 1.000, sendo que, novamente, será elegível apenas para famílias com renda per capita igual ou inferior a meio salário mínimo, e somente para quem possuir Cadastro Único ativo e atualizado, priorizando, nesse caso, pessoas em abrigos. Também tem o Auxílio Empreendedor Canoense que contemplará 1.000 Microempreendedores Individuais (MEIs), que receberão 5 parcelas de R\$ 1.000, e 500 microempresas, que receberão 5 parcelas de R\$ 3.000, sendo o pagamento por meio da Secretaria Municipal da Fazenda (SMF). Por último, a Estadia Solidária Reconstrução será concedida para pessoas que abrigaram entre 5 e 15 pessoas, sendo R\$ 100 por pessoa, que devem estar inscritas no Cadastro Único, tendo duração de até um ano, devendo ser usado exclusivamente para alimentação, medicamentos, mantimentos para pets, gás de cozinha e higiene pessoal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, as enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul representam um grande desafio, mas a tecnologia foi capaz de atenuar os seus impactos, transformando a resposta aos danos de forma ágil, contribuindo para salvar vidas. Com o contínuo avanço dessas tecnologias, a capacidade de gerenciar e mitigar desastres naturais se torna cada vez mais eficiente. Essas tecnologias desempenham um papel fundamental na resposta de emergência, na gestão de crises e na recuperação das comunidades afetadas, oferecendo suporte para minimizar os prejuízos e facilitar a reconstrução. Os eventos climáticos extremos estão se tornando mais frequentes e severos em várias regiões do mundo, e por isso o uso dos recursos tecnológicos, se bem empregado, pode contribuir de maneira efetiva para o auxílio das vítimas e reconstrução das áreas atingidas.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

¹⁵ Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/aprovados-programas-sociais-para-familias-e-em-presarios-atingidos-pela-enchente/>

REFERÊNCIAS

- Borges, L.M.; Barros, A. F.O. (2018). Reconstrução em Movimentos: Impactos do Terremoto de 2010 em Imigrantes Haitianos. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/FKKmgrpN6CP3BK6DRsVkpqBD/#>> Acesso em: 25 jun. 2024.
- Gehm, B. (2024). Dois meses depois da enchente, animais resgatados vivem situação limite nos abrigos do RS. Disponível em: <<https://sul21.com.br/noticias/meio-ambiente/2024/07/dois-meses-depois-da-enchente-animais-resgatados-vivem-situacao-limite-nos-abrigos-do-rs/>> . Acesso em: 06 set. 2024.
- Gomes, L. (2024). À beira do Guaíba, Pontal Shopping é convertido em centro de resgate e solidariedade. Disponível em <<https://sul21.com.br/noticias/geral/2024/05/a-beira-do-guaiba-pontal-shopping-e-convertido-em-centro-de-resgate-e-solidariedade/>> Acesso: 26 jun. 2024.
- Jaborandy, C. C. M.; Silva, R.T. de B.; Júnior (2023). Uma análise crítica do desastre de Mariana/MG. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/vd/a/DTwBGcv9Fr5zc9KX9sVks8b/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 23 jun. 2024.
- Lopes, L.M.N. (2016). O rompimento da barragem Mariana e seus impactos socioambientais. Disponível em <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/sinapsemultipla/article/view/11377/9677>> Acesso em: 23 de jun. 2024.
- Patriota, A. de A. (2010). Haiti: Desafios e Oportunidades no Pós Terremoto. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3393/1/bepi_02_Haiti.pdf> Acesso em: 25 jun. 2024.
- Ryan, D. (2015). *Technology confronts disasters*. Disponível em: <<https://news.mit.edu/2015/technology-confronts-disasters-1020>> Acesso em: 26 jun. 2024.
- Secretaria de Comunicação Social (2024). Número de resgatados no Rio Grande do Sul sobe para 46 mil. Disponível em: <<https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2024/05/numero-de-resgatados-no-rio-grande-do-sul-sobe-para-46-mil>>. Acesso em: 26 jun. 2024.
- Sema/DF (2015). Animais vítimas da tragédia em Mariana precisam de ajuda. Disponível em: <<https://sema.df.gov.br/animais-vitimas-do-rompimento-da-barragem-em-mariana-precisam-de-ajuda.>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

As contribuições da tecnologia na enchente do ano de 2024 no estado do Rio Grande do Sul em 2024

ANELISE LEMKE KOLOGESKI¹

ANA CLARA SOUZA CECCONELO²

MATHEUS BONNATI³

GABRIEL LINHARES BITTENCOURT⁴

1 A ENCHENTE NO RIO GRANDE DO SUL

As enchentes são eventos naturais catastróficos que frequentemente afetam várias partes do mundo, resultando em danos materiais, perdas de vidas e impactos socioeconômicos significativos. No estado do Rio Grande do Sul, essa situação aconteceu recentemente. Desde o dia 27 de abril de 2024, o estado enfrentou sua pior enchente já registrada, colocando comunidades inteiras em estado de emergência. Conforme o relatório da Defesa Civil divulgado no dia 14 de junho (Defesa Civil 2024), foram 478 municípios impactados, 422 mil desalojados, 10.793 pessoas em abrigos, 2,3 milhões de pessoas afetadas, 806 feridos, 39 desaparecidos e 176 óbitos registrados.

Muitos danos foram provocados, gerando grandes inundações em áreas urbanas e rurais, produzindo destruição de residências, interrompendo o fornecimento de energia elétrica e comprometendo o acesso à água potável, afetando inclusive diretamente os autores deste trabalho. Adicionalmente, diversos municípios do sul do país foram completamente destruídos, e ainda não se tem clareza sobre quantas cidades precisarão ser realocadas.

A dimensão das enchentes ocorridas ressaltou a necessidade imediata de ações eficazes para enfrentar e mitigar suas consequências. O estado do Rio Grande do Sul sempre foi conhecido por sua diversidade geográfica e climática, que desempenha um papel crucial na ecologia e na vida das populações locais. No entanto, nos últimos anos, o estado tem enfrentado um aumento preocupante na frequência e na severidade das enchentes, eventos que têm impactado profundamente as comunidades e a infraestrutura regional, e que podem ser observados frequentemente em noticiários locais, seja por meio da televisão, de jornais ou de *sites*. Diante dessa situação de calamidade, a população iniciou uma mobilização significativa para oferecer ajuda

¹ Professora de Informática no IFRS - *Campus* Osório.

² Estudante do terceiro ano do Curso Técnico de Informática integrado ao Ensino Médio do IFRS - *Campus* Osório.

³ Estudante do terceiro ano do Curso Técnico de Informática integrado ao Ensino Médio do IFRS - *Campus* Osório.

⁴ Estudante do quarto ano do Curso Técnico de Informática integrado ao Ensino Médio do IFRS - *Campus* Osório.

às vítimas. Houve uma expressiva demonstração de empatia e solidariedade em toda a comunidade. Além das tradicionais campanhas de arrecadação de alimentos, roupas e materiais de higiene, surgiram também iniciativas inovadoras apoiadas pela tecnologia, que são exploradas neste trabalho.

2 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A OCORRÊNCIA DE ENCHENTES

Os meteorologistas costumam considerar múltiplos fatores para as enchentes, e explicam que a catástrofe resulta da interação de pelo menos três fenômenos na região, exacerbada pelas mudanças climáticas, conforme descrição a seguir.

O primeiro fator a ser mencionado é o encontro de massas, isso é um dos fatores que explica o que aconteceu no Rio Grande do Sul, conforme a Metsul Meteorologia (Nachtigall e Sias 2024). O estado foi afetado por uma massa de ar frio que avançou do sul do continente e se encontrou com uma massa de ar quente predominante no centro-norte do Brasil. Havia um cavado, uma corrente intensa de vento atuando sobre a região, o que contribuiu para a instabilidade do tempo, somando-se ao corredor de umidade vindo da Amazônia. Quando essas massas se encontram, a água tende a condensar, passando do estado gasoso para o líquido. Esse processo resulta na formação de nuvens e, conseqüentemente, na ocorrência de chuvas. Essa massa de ar quente criou uma espécie de barreira (Nachtigall e Sias 2024).

A segunda causa mencionada pelos meteorologistas é o aquecimento de uma área do oceano Índico, localizada ao longo da costa da África, que também contribui para explicar as chuvas intensas no Rio Grande do Sul. Uma reportagem do Uol⁵ demonstra que esse aquecimento fora do comum está relacionado ao fenômeno do aquecimento global, que consiste no aumento anormal da temperatura média do planeta devido ao reforço do efeito estufa. Também se fez presente a chuva torrencial, que causa inundações e saturação do solo, esse fenômeno envolve uma poderosa corrente de ar descendente, desprendida das nuvens de tempestade em direção ao solo. Os ventos resultantes podem superar os 100 km/ h provocando impactos significativos na região afetada.

Já a terceira causa não se justifica apenas na ação da natureza, mas sim na interferência humana. Problemas estruturais, como o transbordamento de diques, a falta de manutenção das bombas e o mau gerenciamento de barragens, exacerbaram o problema das enchentes. Além disso, a urbanização desordenada contribui para um crescimento urbano sem planejamento adequado, o que leva muitas vezes à impermeabilização do solo. Construções de edifícios, estradas e estacionamentos reduzem as áreas permeáveis, o que significa que menos água da chuva pode ser absorvida pelo solo. E isso aumenta o escoamento superficial e a probabilidade de

⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/05/11/chuvas-rio-grande-do-sul-rs-temporais-alagamentos-previsao-tempo.htm>

enchentes. Além disso, a conversão de áreas naturais, como florestas e campos, em áreas urbanas ou agrícolas pode alterar significativamente a capacidade do solo de absorver água. O que também pode ter acontecido pela remoção da cobertura vegetal, por exemplo, que reduz a infiltração e aumenta o escoamento superficial, contribuindo para picos rápidos de cheias. Igualmente, a ocupação de áreas de várzea, margens de rios e encostas íngremes, sem considerar os riscos de inundação, pode expor as populações locais a perigos significativos, pois essas áreas são naturalmente propensas a inundações.

Em resumo, a ocupação do solo desempenha um papel crucial na gestão de enchentes. Um planejamento cuidadoso e sustentável é essencial para minimizar os impactos negativos, protegendo tanto as comunidades quanto o meio ambiente.

3 DESASTRE SIMILAR: O FURACÃO KATRINA

Quando se fala em desastre climático, especialmente se tratando do triste caso gaúcho durante o final do mês de abril e início de maio do ano de 2024, compara-se suas condições em relação ao furacão Katrina, de *New Orleans*, em 2005, que resultou em 1,4 mil mortos e mais de um milhão de desabrigados, segundo Corrêa (2024). *New Orleans* contava, em 2005, com um sistema de diques capazes de barrar a água, e que também servia de propósito de desvio para agricultura via rio Mississippi. Após o rompimento dos diques em 30 de agosto de 2005, estudos mais tarde feitos pelo *US Army Corp of Engineers* provaram que a construção dos diques era defeituosa, tal como as comportas do lago Guaíba e do rio Gravataí no caso do RS (Campos, 2024); dentre os problemas, os diques e as comportas se pautavam em dados antigos e desatualizados⁶, derivando em um design defeituoso⁷ e sem melhorias.

Para superar o impacto do furacão Katrina, em termos de avanço científico, várias tecnologias foram utilizadas: drones foram empregados para fornecer imagens de alta resolução e um ponto de vista superior, facilitando a inspeção de estruturas danificadas e a avaliação de áreas afetadas, como cita Murphy (2015). A implementação de redes sem fio *ad hoc*, com equipamentos alimentados por energia solar e baterias, permitiu a comunicação em áreas onde as redes convencionais falharam, assim também cita Hellweg (2005). Tecnologias de GPS e GIS também foram cruciais para acelerar a avaliação e preservação de locais históricos, permitindo que dados de mais de 40.000 estruturas fossem coletados e compartilhados rapidamente entre diversas organizações (Trimble 2010). Além disso, modelos de infraestrutura crítica e redundância nos sistemas foram essenciais para manter a resiliência dos serviços de emergência, demonstrando a importância da engenharia de sistemas para a recuperação em situações de crise (Steinberg 2011).

⁶ Esperava-se que as comportas do lago Guaíba aguentassem 6 metros de água, porém as infiltrações começaram com 4,5 metros (Campos, 2024).

⁷ Havia brechas de até 10 cm entre as portas e os muros, no caso do rio Guaíba (Campos, 2024).

4 RECURSOS QUE AUXILIARAM A POPULAÇÃO NO RS

Diante de todo o cenário que o Rio Grande do Sul enfrentou e ainda está enfrentando, existem tecnologias que foram cruciais para apoiar a população durante toda a situação de crise imposta pela enchente, e que foram presenciados pelos autores deste trabalho. Um exemplo da aplicação desses recursos foi a utilização de drones, conforme Lima e Nascimento (2024). Em razão do isolamento e das dificuldades de acesso provocadas pelo nível da água, essa tecnologia se tornou uma solução viável para a Força Aérea Brasileira (FAB). Os drones foram usados não apenas para identificar vítimas e facilitar operações de resgate, mas também para transportar suprimentos para locais de difícil acesso. Além disso, as operadoras de Internet ajudaram, liberando o acesso às redes móveis para melhorar a comunicação entre as pessoas durante esses períodos críticos. Essas medidas demonstram como a tecnologia pode desempenhar um papel crucial em situações de emergência, de acordo com Molin (2024). Outro exemplo relevante são as plataformas como o Google Maps, utilizadas para marcar áreas inundadas, identificar rotas alternativas e pontos de distribuição de ajuda emergencial.

Durante as inundações no sul do país, também tiveram várias ferramentas tecnológicas de importância física que ajudaram a resposta emergencial. A Força Nacional do Sistema Único de Saúde (SUS) estabeleceu hospitais de campanha em pontos estratégicos como nas cidades de Canoas, Guaíba, Porto Alegre e São Leopoldo, assegurando o acesso a unidades de saúde para as vítimas. A instalação desses hospitais é de particular importância dado o desativamento da maioria das estruturas de saúde locais. Além disso, a Força Nacional do SUS mobilizou 134 médicos e enfermeiros especializados em atendimento de emergência para os locais mais críticos (Freitas 2024; Braz 2024).

Outra medida importante relacionada à tecnologia física foi a disponibilidade de kits de emergência, pelo Centro de Operações em Emergência e Saúde (COE), que continham medicamentos e insumos médicos em quantidade suficiente para tratar até 300 mil brasileiros por 15 dias. Esses kits consistem em luvas, seringas, ataduras e outros itens do gênero utilizados para fins de tratamento emergencial “(Braz, 2024)”. Além da infraestrutura de saúde, o trabalho de resgate e a migração da população afetada precisavam de infraestruturas especiais, como botes infláveis e equipamentos de salvamento. Também houve assistência estadual da própria nação, onde unidades do Nordeste enviaram grupos de resgate, profissionais de saúde e suprimentos especializados para ajudar a população (Freitas, 2024).

Contudo, as redes sociais foram o recurso mais utilizado pela população, e serviram como grande fonte de divulgação das situações relacionadas às enchentes. Junto delas, tivemos a criação de diversas páginas com o intuito de divulgar, informar, conscientizar, doar e etc. Além dos *sites*, tivemos também as reportagens, que passavam diariamente na televisão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é resultado de um projeto de pesquisa, e tem o propósito de concentrar e disponibilizar informações cruciais para a população, facilitando o acesso a recursos e soluções durante os momentos de crise, especialmente no RS. Além de servir como um trabalho de prestação de serviço à comunidade, entendemos que é um dever da nossa instituição e dos alunos do curso de Técnico em Informática perante a sociedade, contribuir para a resiliência e a recuperação das áreas afetadas pelas enchentes, já que somos parte integrante de uma região que também sofreu com as enchentes do ano de 2024 no RS. Sendo assim, este trabalho apresenta uma reflexão sobre as tecnologias que ajudaram a minimizar os impactos das inundações no RS, em 2024. O uso de drones, plataformas de GPS, redes sociais e a infraestrutura de emergência investida pelos governos municipais, estadual e federal, e também pelos civis, foram fundamentais para a recuperação das comunidades.

O uso de drones por parte da Força Aérea Brasileira (FAB) foi um dos principais usos do fator tecnológico. Esta tecnologia ajudou a resgatar sobreviventes e a entregar mantimentos em áreas inacessíveis, além de fornecer informações mais precisas sobre a tragédia que a pé não seriam possíveis. A segunda tecnologia de destaque foi o uso de plataformas de GPS, para mapear áreas de inundações, rotas alternativas e locais de distribuição de mantimentos de socorro. Essas ferramentas de comunicação foram muito instrumentais na organização de recursos no momento da tragédia. A mídia social, por outro lado, foi imprescindível ao ser usada como meio de comunicação de informações e mobilização de apoio. O uso de páginas particulares que informam e educam o público em geral, por exemplo, tornou possível a disseminação geral de informações relevantes, o que permitiu a coordenação de iniciativas solidárias.

A Força Nacional do SUS mobilizou a construção de hospitais de campanha em várias regiões estratégicas, incluindo as cidades de Canoas, Guaíba, Porto Alegre e São Leopoldo. O COE, no entanto, disponibilizou kits de emergência, em hospitais de campanha, com os quais as vítimas podiam ser tratadas, em grandes quantidades, e em um período curto de tempo.

Também foi importante a mobilização em nível estadual e nacional, pois os profissionais ativos, especializados nas entidades de resgate, médicos e outros suprimentos do estado foram complementados pelos mesmos ativos provenientes de outras regiões, para auxílio emergencial. Assim, a cooperação interestadual foi evidência clara da importância de uma resposta coordenada e eficaz em tempos de desastres.

Os problemas estruturais, como o transbordamento de diques, a falha na manutenção de bombas e a má gestão de barragens, foram agravados pela urbanização caótica. A impermeabilização do solo e a ocupação inadequada das áreas propensas a inundações agravaram a situação das inundações. Assim, além das tecnologias de curto prazo, um bom planejamento urbano, considerando a sustentabilidade e uma manutenção adequada das estruturas existentes, são fundamentais.

Assim, este estudo destaca o papel das tecnologias na promoção do desenvolvimento e reconstrução urbano sustentável e na redução de desastres naturais. A tecnologia de monitoramento, comunicação, salvamento e a conscientização da população por meio da informação e integração são vitais para aumentar a resiliência comunitária e minimizar os efeitos das inundações. A tecnologia e o empoderamento da comunidade são atributos que não devem deixar de ser investidos, de forma contínua, ao tentar superar os desafios das mudanças climáticas e garantir segurança e sustentabilidade do bem-estar das comunidades.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

REFERÊNCIAS

- Braz, L. (2024). Enchentes no Rio Grande do Sul: instalação de hospitais de campanha, envio de recursos, de medicamentos e de equipes da Força Nacional do SUS. Em: Brasil. 61, Disponível em: <<https://brasil61.com/n/enchentes-no-rio-grande-do-sul-instalacao-de-hospitais-de-campanha-envio-de-recursos-de-medicamentos-e-de-equipes-da-forca-nacional-do-sus-pdms242847>>. Acesso em: 26 jun. 2024.
- Campos, G. (2024). Entenda as falhas do sistema antienchente de Porto Alegre. *Poder 360*. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/infraestrutura/entenda-as-falhas-do-sistema-antienchente-de-porto-alegre/>> Acesso em: 25 jun. 2024.
- Corrêa, A. (2024). O que o Rio Grande do Sul pode aprender com as falhas na resposta ao Katrina nos EUA. *BBC News Brasil*. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cekllzvjmymo>> Acesso em: 25 jun. 2024.
- Defesa Civil (2024). Defesa Civil atualiza balanço das enchentes no RS – 14/6, 9h. Disponível em: <<https://defesacivil.rs.gov.br/defesa-civil-atualiza-balanco-das-enchentes-no-rs-10-6-9h-666c88c935ebc>> Acesso em: 26 jun. 2024.
- Freitas, J. (2024). Enchentes do Sul 2024: Nordeste envia ajuda humanitária e tecnologia. Em: Dataísmo. Disponível em: <<https://dataismo.com.br/enchentes-do-sul-2024-nordeste-envia-ajuda-humanitaria-e-tecnologia/>>. Acesso em: 26 jun. 2024.
- Hellweg, Eric. (2005). Technology responds to Hurricane Katrina. MIT Technology Review”. MIT Technology Review. Disponível em: <<https://www.technologyreview.com/2005/09/02/274351/technology-responds-to-hurricane-katrina/>>. Acesso em: 25 jun. 2024.
- Lima, P.; Nascimento A. (2024). Como a tecnologia está sendo usada para ajudar vítimas da tragédia no Rio Grande do Sul. Em: G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2024/05/09/como-a-startup-de-whindersson-nunes-esta-usando-a-tecnologia-para-ajudar-na-tragedia-no-rio-grande-do-sul.html>> Acesso em: 27 jun. 2024.

Molin, P. D. (2024). Enchentes no RS: como a tecnologia auxilia no desastre natural. Em: Lumiun. Disponível em: <<https://www.lumiun.com/blog/enchentes-no-rs-como-a-tecnologia-auxilia-no-desastre-natural/>> Acesso em: 26 jun. 2024.

Murphy, R. (2015). *Drones Save Lives in Disasters, When They're Allowed to Fly (Op-Ed)*". *Expert Voices*. Disponível em < <https://www.space.com/30555-beginning-with-katrina-drones-save-lives-in-disasters.html>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

Nachtigall, L. F.; Sias E. (2024). Laudo Meteorológico sobre o Evento de Chuva Extrema e Enchentes Recordes. Disponível em: <https://metsul.com/wp-content/uploads/2024/06/metsul-laudo_V4_assinado.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2024.

Steinberg, L. (2011). *Baton Rouge Post-Katrina: The Role of Critical Infrastructure Modeling in Promoting Resilience. Homeland Security Affairs*. Disponível em: <<https://www.hsaj.org/articles/58>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

Trimble. (2010). *GPS and GIS technologies speed assessment of historic sites in post-Katrina New Orleans. Geography Realm*. Disponível em: <<https://www.geographyrealm.com/gps-historic-sites-katrina/>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

O dia que nunca mais vou esquecer

ANELISE LEMKE KOLOGESKI¹

1 O DIA 03 DE MAIO DE 2024

O dia 03 de maio de 2024 começou angustiante. Era uma sexta-feira, e me lembro muito bem que havia sido uma semana extremamente chuvosa. Chovia demais em todos os dias anteriores que precisei sair de casa, tanto que em muitos momentos precisei parar com o carro no acostamento, pois era impossível enxergar e continuar dirigindo. Na noite anterior, notícias de que água estava invadindo os bairros de Canoas começaram a invadir as redes sociais. Eu e minha família moramos em Canoas. Até que na madrugada do dia 03 o prefeito fez um pronunciamento dizendo que a situação estava controlada, dando um certo alívio para a população e permitindo que todos pudessem dormir tranquilamente. Mas não foi o que aconteceu. Na manhã do dia 03 de maio de 2024, ao acordar, não paravam de chegar notícias de que a água estava invadindo o bairro onde eu morava, sem qualquer pronunciamento da prefeitura alertando a população do bairro para a necessidade de uma evacuação.

Naquele dia, decidi não mandar minha filha de 3 anos para a escola, pois tudo estava caótico demais. Eram muitas notícias, especulações, mas nada muito concreto. Nenhuma notícia chegava por meio de pronunciamentos da prefeitura. A todo instante chegavam mensagens de alerta da Defesa Civil. Sites conhecidos na região sul, como o famoso portal ClicRBS, não apresentavam atualizações concretas, especialmente sobre as medidas da régua situada no Cais Mauá, utilizada para alertar a população sobre a elevação do lago Guaíba. Naquele dia, a régua havia caído, e a população estava sem informações oficiais. Meu marido também decidiu não ir trabalhar, pois não era mais possível chegar no centro de Porto Alegre de forma fácil.

Em casa, ficamos angustiados. Ora fazendo o possível para atender as demandas de uma criança de 3 anos, ora tentando lidar com a situação. Lá pelas 12h do dia 03, faltou energia elétrica. A partir daí, a comunicação com o mundo exterior já estava se tornando precária, pois nem sempre havia sinal disponível no telefone. Observamos muitos vizinhos colocando as malas no carro, e partindo. Naquele momento, pensei: “que exagero”. Mas não era exagero, eles fizeram o que era certo.

Muitas vezes saímos de casa para ver o movimento na rua, ver como os vizinhos estavam lidando com aquilo tudo. E cada vez mais se tinha notícias de que a água estava chegando perto. Lá pelas 15h daquele dia, a água chegou no portão de entrada do condomínio onde eu e minha família morávamos. Ali foi o momento em que decidimos que era necessário partir. A saída pelo portão dos fundos ainda estava livre de água, mas as ruas de saída do bairro já começavam a alagar cada vez mais.

¹ Professora de Informática no IFRS - *Campus* Osório.

Era um dia de calor, então preparei uma mala com roupas de verão, com poucos itens, afinal, na minha cabeça, eu iria retornar ali em 2 ou 3 dias. Peguei também cobertores e coloquei no porta malas do carro, pois a gente nem sequer sabia para onde ir, se tínhamos um colchão para dormir. Naquele momento, a BR 116 já apresentava pontos de alagamento, e o caminho para a cidade de Guaíba, onde reside minha mãe e minha irmã, também já estava interditado. Sorte da minha família foi que os vizinhos que moram ao lado da nossa casa se ofereceram para deixar o condomínio conosco, e nos levariam para a casa de um familiar deles. Junto comigo, minha filha e meu marido, também levamos nossos 3 gatos, que são como membros da família: o lema era de que ninguém ficaria para trás.

Durante a correria que foi fazer a mala, e colocar no carro itens essenciais, ainda cogitei deixar em casa minha mochila de trabalho, com meu notebook. Felizmente, trouxe ela comigo quando saí de casa. E ao mesmo tempo, meu marido se preocupou em subir para o andar de cima da nossa casa todos os itens que conseguiu, iniciando especialmente pelos brinquedos da nossa filha. Subimos com a geladeira, microondas, máquina de lavar, televisão, mesa, cadeiras, brinquedos... tudo o que poderia subir, subiu. Foi isso que meu marido fez, de forma cautelosa e cuidadosa, durante o período da tarde, enquanto eu me dividia em tentar buscar notícias, em ficar com a nossa filha de 3 anos, e em preparar a mala.

Entre 16h30 e 17h daquele dia, partimos. Com muita dor no coração, deixamos nossa casa para trás, sem nem saber como sairíamos daquele bairro que já estava parcialmente alagado, e sem ter a real noção de quando voltaríamos ali. Fomos de comboio, seguindo o carro dos nossos vizinhos. Passamos por pontos de alagamentos que até hoje não sei explicar como o carro conseguiu vencer. Saímos na rodovia chamada de Freeway, em direção à capital, Porto Alegre. Neste momento, tive o maior *insight* da minha vida. Até ali, eu sabia que a entrada de Porto Alegre estava fechada, pela Av. Castelo Branco, e pelo acesso ao bairro Humaitá, ao lado da Arena do Grêmio. Mas eu havia esquecido completamente que havia uma terceira saída. Estávamos na Rodovia do Parque, e fomos em direção a Canoas. Ali eu me encontrei. Sou professora de Informática no IFRS *Campus* Osório, e faço esse trajeto semanalmente, por mais de 7 anos, para chegar na instituição. Naquele momento eu sabia que estar na Freeway, em direção a Osório, era a nossa salvação.

Nossa gasolina estava na reserva, e esse era outro problema. Naquela semana, eu não havia abastecido o carro, pois chovia demais, e a cada saída, o combustível era utilizado mas não era repostado, pela dificuldade de abastecer com tanta chuva. Mas naquela sexta-feira, o combustível já estava escasso na região metropolitana. Então, tentamos a sorte, e fomos em direção ao posto de gasolina que fica na Freeway, sentido Porto Alegre-Litoral, próximo ao km 82. Lá conseguimos abastecer! E no meio de toda essa euforia que senti, ao chegar em um caminho seguro e conhecido por mim, acabei avisando por telefone nossos vizinhos que havíamos mudado de planos. Eles ficaram bem, e ficaram por um bom tempo na casa de familiares, em Canoas, em uma região que não foi afetada.

Dali seguimos pela RS 118, que liga Gravataí, Alvorada e Viamão, para assim poder entrar em Porto Alegre pelo outro lado da cidade. Com dois adultos, uma criança e 3 gatos dentro do carro. Fomos para casa da irmã do meu marido, que desde cedo nos oferecia abrigo. Apenas não tínhamos aceitado porque acreditamos até o fim que não seria necessário.

Lá fomos bem recebidos. Chegamos por volta de 19h30, ou seja, foram praticamente 3 horas para chegar num destino que normalmente fazemos em 50 minutos. Nesta casa, estava a minha cunhada, o marido dela, e o filho deles, de 5 anos. Para a minha filha, foi um passeio divertido, pois ela foi visitar o primo, e não tinha noção da realidade. Para os adultos, não sei nem explicar o que sentimos ao chegar ali. Alívio, pelas nossas vidas. Tensão, pela incógnita do que estava por vir.

A casa era grande, com 3 andares, e nós ficamos alojados no 3º andar, onde havia um escritório. Com sofá, televisão, Internet e banheiro, só para nós, além de muitos brinquedos infantis e acesso a *Streamings* que minha filha conhecia. Fomos muito bem acolhidos. E uma estadia que era para ser de 2 ou 3 dias, acabou sendo de 36 dias.

2 O QUE VEIO DEPOIS

No começo, foram longas horas e longos dias esperando notícias sobre a redução dos níveis dos rios. Mas essas notícias demoravam muito para chegar. No dia 04 de maio, pela manhã, falei com minha mãe, que morava em Guaíba, para saber se estava tudo bem. Minutos depois soube que a água do rio Jacuí estava passando por cima da BR 290 e entrando no bairro onde minha mãe morava. Ali eu me desesperei novamente. Pois eu já havia abandonado minha casa, e agora ela. Naquele momento, minha irmã, que também morava em Guaíba, numa região mais alta, já estava indo buscá-la em casa. Quando minha irmã chegou na casa da minha mãe, a minha mãe já estava com as malas prontas. Saíram rapidamente do bairro, deixando tudo para trás. Deixaram tanto, que esqueceram os animais. Felizmente, minha irmã e meu cunhado deixaram a minha mãe em local seguro, e estacionaram também em um local seguro, e voltaram lá para buscar as 2 cadelas. Quando retornaram na casa da minha mãe, a água já estava começando a invadir o pátio. E conseguiram resgatar as 2 cadelas! Caminharam com elas no colo, por uns 2 km, até chegarem em um local seguro novamente.

Na casa da minha mãe, a altura da água chegou em torno de 1,4 metros, e o nível da água baixou rapidamente, em torno de 4 ou 5 dias após o evento já era possível retornar no bairro para verificar os estragos. Minha irmã e meu cunhado, heroicamente entraram mais de uma vez na água da enchente, em busca de animais, no bairro onde fica a casa da minha mãe, para alimentar os gatos que ficaram nos telhados. Ajudaram diferentes ONGs, buscaram e entregaram doações, carregaram pessoas e animais no carro para onde fosse necessário. Minha cunhada, que nos abrigou, também não parava em casa. Passava o dia na rua ajudando como podia,

carregando doações de um lado para outro, trabalhando em abrigos, e ajudando especialmente as crianças autistas com seletividade alimentar (ela é nutricionista). No dia 07 de maio eu também tomei coragem e fui ajudar. Fui com a minha cunhada ser voluntária nas ações organizadas dentro do Shopping Pontal, em Porto Alegre. Naquele dia, ajudei famílias que ainda estavam recém saindo de suas casas. Trazendo animais. Com crianças picadas por insetos. Com adultos sem os seus remédios. Chegando só com a roupa do corpo, num dia frio, vindas da cidade de Eldorado do Sul, que fica entre Guaíba e Porto Alegre, local onde por anos eu passava diariamente para estudar, na capital.

Ali pude observar que haviam muitas pessoas engajadas. Havia uma imensa fila de pessoas aguardando para serem voluntárias. Havia policiais federais em botes, fazendo os resgates. Havia pessoas civis dando o máximo de si para acolher quem precisava. Médicos, veterinários, psicólogos, nutricionistas. Muitas áreas reunidas em prol de ajudar o próximo. Eu recebi inclusive muitas ajudas, como doações por PIX para mim e para a minha mãe, e doações de roupas, pois como relatei, saímos com poucas mudas de roupas de casa, e eram mudas de verão. Dois ou 3 dias após a saída de casa, fez um frio imenso, e nem estávamos preparados para isso. Ninguém estava. Foi quando a mobilização por ajuda se intensificou ainda mais, em busca de agasalhos e cobertores, para lidar com as baixas temperaturas. Tivemos amigos que nos receberam e nos acolheram, e fizeram comida para nós. Outros trouxeram roupas de frio e brinquedos, especialmente para nossa filha.

Ao mesmo tempo que tudo isso acontecia, vinham mensagens de apoio de muitas pessoas queridas. A todo instante alguém nos perguntava como estávamos, onde estávamos, o que havia acontecido com nossa casa. Nesse momento, já sabíamos que tinha em torno de 2 metros de água na nossa casa.

Então, além de tudo isso, começaram a surgir rumores de saques. De disputas de facções. De terra sem lei onde as águas haviam tomado conta. Agora não me recordo exatamente, mas em torno de 18 de maio meu marido tomou coragem para tentar acessar nossa casa. Ele passou um dia inteiro esperando carona nos barcos da Defesa Civil que estavam no viaduto da entrada da cidade de Canoas. Ele conseguiu. E foi triste demais. Ele viu animais mortos nas cercas das casas, animais ainda presos dentro das casas. Ele disse que o cheiro era horrível, assim como o silêncio. Quando ele acessou nossa casa, ainda havia uns 50 cm de água lá dentro. Mas na rua externa ao condomínio, a água estava em torno de 1,8 m, na altura das placas que indicam os nomes das ruas, nas esquinas.

Durante todo esse tempo que ficamos fora de casa, o pensamento sempre nos levava a crer que no dia seguinte a água teria baixado e que seria possível acessar a casa facilmente. Nós somente conseguimos acessar a casa em torno de 26 de maio, e com a ajuda dos caminhões do exército, pois a água nas ruas ainda era alta, e não era possível entrar lá com um carro comum. Também não havia luz, nem água potável. Então não era possível fazer muita coisa. Compramos botas, com muita dificuldade, pois era algo escasso, e fomos lá.

E ali foi um dos momentos mais tristes. Acessar nosso lar, construído e constituído com muito trabalho e sacrifícios, e vê-lo totalmente sujo de lama. Isso me dói só de lembrar.

No primeiro dia, foi um trabalho árduo, tirando para fora todo o tipo de lixo possível. Tudo que ficou no térreo de nossa casa se foi. Os sofás, a estante, os armários planejados da cozinha, e o quarto que havia nos fundos, com um roupeiro cheio de roupas de cama e toalhas. Era tudo lixo. Então, colocamos todo esse lixo para fora. Inclusive o “Pocotó” que eu utilizava para levar minha filha na escola, todos os dias. Ele também se foi.

Nos fundos do condomínio onde morávamos tem uma rua sem saída. Todos os moradores começaram a acumular os lixos de suas casas neste local. E aí novamente o caos voltou. As ruas começaram a ficar tomadas de lixo. E nós estávamos exaustos de tantas viagens carregando lixo para a rua. Somente após uns 3 meses é que a cidade de Canoas conseguiu dar conta de recolher tanto entulho nas ruas. Em uma mesma semana, furamos 3 pneus do carro.

Levamos 2 dias para tirar todo o lixo “fácil” para fora, com a ajuda da minha cunhada. Na época, o marido dela ficou cuidando da nossa filha. E a minha família, que mora em Guaíba, ainda não conseguia se deslocar até Canoas para nos ajudar. Ainda tinha o lixo “difícil”. Era preciso quebrar os móveis planejados para conseguir tirá-los. E eles eram pesados demais para carregar entre 2 pessoas. Foi quando, no feriado de Corpus Christi, em 30 de maio, minha cunhada conseguiu ajuda de pessoas que vieram de Curitiba, para ajudar os atingidos pela enchente. A professora da minha filha também veio nos ajudar. Neste dia, usando uma camionete, eles levaram os lixos pesados, como sofá e madeiras, para as pilhas de entulhos que estavam se formando na rua. E dentro de casa, haviam muitas pessoas ajudando na limpeza pesada. Foi lindo demais receber a ajuda de todos, e ver que ainda ajudaram nossos vizinhos no descarte dos itens pesados, com a camionete. Foi um dia muito intenso de trabalho, mas ali começou o nosso processo de reconstrução.

3 COMO ESTAMOS

Desde então, foram muitas lutas. Luta pela nossa casa de volta. Luta por encontrar um imóvel temporário, para que a gente pudesse organizar novamente nossa vida. Luta pela casa da minha mãe. Luta para receber o seguro do financiamento do nosso imóvel. Tristeza pelos auxílios que não nos contemplam, já que não nos encaixamos em situação de extrema pobreza para receber a maioria dos auxílios prometidos pelos governos municipais, estaduais e federal. E mesmo atingidos, continuamos lutando por muita gente.

Doamos boa parte das nossas roupas quando conseguimos acessar nossa casa. Recebemos um sofá de doação de uma amiga, para mobiliar nossa nova casa. Recebemos uma geladeira e um forno de um colega de trabalho, que foram destinados para a minha mãe. Ganhamos um rack para a televisão. Também

ganhamos 2 transformadores, pois agora, onde estamos, a voltagem é diferente da nossa casa de Canoas. Recebemos a doação de um colchão, ventilador, de uma cafeteira, de uma chaleira elétrica, de uma torradeira, de toalhas, de lençóis, de uma escada, e de muitos outros itens, de colegas e amigos. Compramos itens a baixo custo, por indicação de amigos. Tivemos a ajuda de um amigo, com um reboque, para o transporte desses itens. Minha mãe foi contemplada por uma ONG, e recebeu uma máquina de lavar, um fogão, camas e cozinha para mobiliar a sua casa. E essa mesma ONG também contemplou outras pessoas que eu conheço, e que ainda precisam muito de ajuda. Minha cunhada nos acolheu em sua casa por 36 dias, e nunca houve nenhum desentendimento entre nossas famílias, diferente do que muitas pessoas relataram, onde foram acolhidas. Minha filha, foi acolhida por duas escolas distintas, durante todo esse período, e foram pessoas maravilhosas, que nos ajudaram de coração, pois sabiam que eu e meu marido precisávamos nos ocupar com a limpeza da casa, enquanto ela ficava na escola. Mudar ela de escola não foi uma decisão fácil, mas foi necessário, pois agora também mudamos de endereço. E nos restabelecer psicologicamente também foi um processo lento, mas que foi tomando forma em meados de junho. Então eu também tive a oportunidade de contar com a compreensão e o auxílio dos meus colegas, do IFRS *Campus* Osório, que seguraram as pontas enquanto precisei estar ausente.

E diante de tudo isso, a única coisa que ainda nos falta, é a coragem de retornar. Ainda não iniciamos o processo de reforma da nossa casa. Ignorar o problema foi a forma como encontramos para lidar com isso, no momento. Além disso, todos os prestadores de serviço que precisamos estão ocupados, ainda trabalhando para outras pessoas, para os vizinhos. E todos que voltaram, se queixam do mofo que aparece semanalmente em suas casas. Então pacientemente estamos aguardando. Aguardando a coragem de iniciar uma obra, de reconstruir nosso lar, com a incerteza de talvez lidar novamente com episódios deste tipo. São coisas que nunca planejamos passar, e que ainda não sabemos exatamente como conduzir e enfrentar.

Mas ao mesmo tempo, temos muito a agradecer. Aos vizinhos, que saíram conosco. Aos amigos, que se preocuparam, que nos ajudaram, que nos acolheram. Aos colegas, que também nos ajudaram. Aos desconhecidos que doaram algum item, que mesmo sem saber quem somos, também nos ajudaram. Para todos que nos acolheram, sejam fisicamente, psicologicamente, em orações ou com palavras, o meu mais sincero agradecimento. E espero de coração que situações como essa não se repitam, pois não desejo a ninguém passar por esse tipo de situação.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

As restrições impostas pela tecnologia durante a inundação

ANELISE LEMKE KOLOGESKI¹

RAFAELA MATSUBARA CARUSO²

ANA CLARA SOUZA CECCONELO³

SUZANA PIMENTA LENTZ⁴

1 INTRODUÇÃO

As enchentes são desastres naturais que ocorrem em várias partes do mundo, gerando graves prejuízos materiais, danos irreversíveis à vida humana, fauna e flora, além de consequências socioeconômicas muito significativas. No estado do Rio Grande do Sul, essa realidade se fez presente de forma alarmante a partir de 27 de abril de 2024, quando o estado enfrentou sua pior enchente já registrada. O desastre atingiu 96% dos municípios do estado, colocando milhares de pessoas em estado de emergência. Segundo dados da Defesa Civil (2024), até 20 de agosto de 2024, 478 municípios foram impactados, com quase 2,4 milhões de pessoas afetadas. Milhares de pessoas ficaram desalojadas e foram levadas para abrigos, e o número de vítimas fatais chegou a 183, com 27 pessoas ainda desaparecidas. A enchente, que se estendeu por várias semanas, provocou a destruição de residências, a perda de bens pessoais, como carros, móveis e eletrodomésticos, além de comprometer a infraestrutura essencial de muitas cidades, incluindo o fornecimento de energia elétrica e o acesso à água potável, e de afetar severamente a saúde mental da população gaúcha.

Diante dessa tragédia, diversas iniciativas de auxílio emergiram para apoiar os atingidos. Não podemos negar que a tecnologia proporcionou muitos recursos de ajuda para os afetados pela enchente. Muitas dessas ações envolveram o uso de recursos tecnológicos, como cadastros online para acessar ajuda, e aplicativos de comunicação para a coordenação dos esforços de resgate e doações, além de aplicativos usados para diversos outros auxílios. A tecnologia, sem dúvida, foi um grande facilitador para mitigar os impactos das enchentes, proporcionando uma resposta ágil e organizada para muitas das ações desenvolvidas. No entanto, as condições extremas e atípicas enfrentadas pelos gaúchos criaram muitas barreiras para o devido acesso a esses recursos, causando muitas dificuldades de acesso para a população. Falhas no fornecimento de energia e internet, além da falta de familiaridade de algumas comunidades com essas ferramentas, agravaram as dificuldades de muitas pessoas em obter a ajuda necessária. Muitas pessoas perderam seus dispositivos eletrônicos na

¹ Professora de Informática no IFRS - *Campus* Osório.

² Estudante do Curso Técnico de Informática integrado ao Ensino Médio do IFRS - *Campus* Osório.

³ Estudante do Curso Técnico de Informática integrado ao Ensino Médio do IFRS - *Campus* Osório.

⁴ Estudante do Curso Técnico de Informática integrado ao Ensino Médio do IFRS - *Campus* Osório.

enchente, e não possuíam nem documentos, muito menos um telefone ou computador disponível para o acesso a muitos desses recursos.

Esse contexto ressalta o papel crucial da tecnologia em momentos de crise, mas também expõe a necessidade de garantir que esses recursos sejam amplamente acessíveis e inclusivos, principalmente em situações tão adversas como aconteceu no Rio Grande do Sul, permitindo que as pessoas tenham outra forma de lidar com necessidades sem ser necessariamente apenas pelos meios digitais.

Diante disso, o principal objetivo deste trabalho é refletir sobre as restrições que a tecnologia proporcionou para parte dos atingidos durante a inundação de 2024 no estado do RS.

2 O PREJUÍZO DOS DANOS E O AUXÍLIO DA TECNOLOGIA

Naturalmente, são presenciados desastres ambientais na sociedade. Entretanto, a imensidão dos impactos é regulamentada de acordo com o preparo governamental acerca das providências necessárias para a recuperação da região pós-desastre. Dado isso, percebe-se que no Brasil há um mau gerenciamento de riscos de catástrofes. Segundo estimativas noticiadas, o desastre do rompimento da barragem em Mariana causou um prejuízo inicial de R\$ 1,2 bilhão só em Minas Gerais, atingindo 35 municípios, sendo a ausência da necessária atenção e consciência para a necessidade de compromisso com uma gestão circular do risco um dos pontos mais destacados para o agravamento dos riscos e custos inerentes, consta Carvalho (2015).

São necessárias ações de união das entidades para lidar com o percorrer do processo, assim como os resultados. Sobre o furacão Katrina nos Estados Unidos, Moynihan (2008) afirma que a resposta mal dada ao furacão não foi somente um fracasso de organizações, mas também um fracasso de colaboração. A colaboração é fundamental porque não há uma única corporação que possa responder sozinha a uma crise de larga escala, visto que a humanidade nunca está preparada para a grandiosidade dos desastres ambientais.

Durante os primeiros meses de reconstrução do Rio Grande do Sul, o governo estadual criou uma área no Portal de Transparência dedicada ao detalhamento dos gastos com a reconstrução do estado após as enchentes (GOVRS 2024). De acordo com o Portal de Transparência, foram gastos R\$1.042.019.586,65 até o mês de setembro de 2024. Entre as despesas, estão os gastos com os auxílios às famílias, rede hospitalar, ações emergenciais e até as devoluções de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) a pessoas atingidas que compraram fogão, geladeira ou máquina de lavar. Segundo a Federação de Entidades Empresariais do Rio Grande do Sul (Federasul), serão necessários de R\$110 bilhões a R\$176 bilhões para a reconstrução da infraestrutura perdida no estado, maior do que o gasto nos últimos 30 anos para mitigar os prejuízos nacionais causados por catástrofes ambientais (Nakamura 2024).

Sem dúvida, a tecnologia trouxe várias oportunidades de auxílio para a população, como a divulgação de ações pelas redes sociais, especialmente organizadas por várias Organizações Não Governamentais (ONGs) que utilizaram

formulários digitais para receberem pedidos e cadastros. O pedido de auxílio e resgates por aplicativos de comunicação como WhatsApp, o uso de drones em áreas isoladas, o uso de kits emergenciais de saúde e montagem de hospitais de campanha, a telemedicina, os alertas emitidos pela Defesa Civil, as previsões das estações meteorológicas, e o uso de GPS indicando as áreas de inundação e de alagamento são outros exemplos. Moradias provisórias, com uso e geração de energia solar, enviadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) foram montadas para que fossem utilizadas pelos desabrigados (G1 2024). Instituições de ensino fizeram mutirões para o desenvolvimento de aplicativos e para a reparação de eletrodomésticos. Empresas liberam seus funcionários para o trabalho remoto, e para atuarem como voluntários em ações que precisavam de ajuda. A Internet 3G/4G foi liberada pelas empresas de telefonia, por um período, para facilitar que as pessoas conseguissem pedir ajuda.

Muitas foram as iniciativas que envolveram algum recurso disponibilizado por meio da tecnologia, inclusive os aplicativos assistenciais criados pelos governos municipais, estadual e federal. Contudo, alguns desses recursos apresentaram dificuldades de acesso pela população, mais prejudicando do que ajudando algumas pessoas, como mostrado a seguir.

3 AS LIMITAÇÕES DA TECNOLOGIA OBSERVADAS NA PRÁTICA

Contudo, em tempos de crise, ter acesso a recursos tecnológicos pode não ser uma tarefa fácil. Se em tempos “normais” muitas pessoas já não conseguem esse acesso, imagine então ao enfrentar uma situação de calamidade, como aconteceu no RS. Dificuldade de acesso aos aplicativos, dificuldade de acesso pelos idosos, e nem todos tinham acesso à Internet, além da escassez de sinal em muitas regiões, logo após a enchente, que durou semanas, já que várias estações de transmissão de dados e servidores de dados também foram atingidos.

Muitas pessoas perderam seus documentos, telefones e computadores, com a água. Não era possível fazer uma validação cadastral online que solicitava uma foto com o documento em mãos, como solicitado em certificações bancárias, pois nem todas as pessoas tinham esses documentos em mãos, já que estavam longe de casa, além de terem abandonado suas casas de forma abrupta, levando apenas itens de extrema necessidade. Além disso, essas pessoas também não podiam voltar, pois em alguns lugares a água levou em torno de até 4 semanas para baixar e permitir o retorno.

Muitas cidades não ofereceram uma forma presencial de assistência. Outras, abriram as portas de abrigos e centros de atendimento, mas não tinham recurso suficiente para o atendimento adequado de todos. As casas de bomba, que drenam as águas da cidade, falharam, pois seus sistemas foram inundados. Muitas pessoas ficaram sem água potável e sem energia elétrica, por conta do despreparo. Desta forma, com base na vivência dos autores deste trabalho, que participaram deste momento catastrófico, listamos algumas das limitações observadas na prática, conforme Tabela 1.

Como uma possível solução, nosso apelo neste trabalho não é tornar a tecnologia obrigatória em todas as situações. Sabemos que ela é essencial em muitos momentos, mas ela não pode ser soberana. Ela precisa ser utilizada com cautela, dando prioridade à vida, oportunizando o contato físico, o olho no olho, especialmente numa situação onde o psicológico das pessoas foi duramente afetado. Ela deve permitir tolerância, especialmente em uma situação de vulnerabilidade, já que nem todos possuíam os recursos necessários para o acesso naquela determinada ocasião.

Tabela 1 - Problemas observados em relação ao uso dos recursos tecnológicos utilizados para auxílio da população durante a enchente de 2024 no RS.

Problema identificado	Justificativa
Falta de acesso aos documentos	Muitas pessoas perderam seus documentos com a enchente, e não podiam fazer cadastros ou validações online pela ausência dos mesmos.
Falta de acesso a um smartphone ou notebook	Muitas pessoas perderam seus bens com a enchente, e no meio de todo aquele caos, não era possível sair e adquirir novamente. As vias estavam com a passagem obstruída em muitos locais, as entregas normalizaram após dois meses, e não era algo fácil de ser feito.
Falta de acesso à Internet	Mesmo com as operadoras disponibilizando a Internet gratuitamente por um período, como aconteceu, havia locais que não tinham mais acesso, pois as antenas, estações, servidores e cabamentos haviam sido danificados pelas águas.
Idade avançada ou condições debilitadas	Muitas pessoas afetadas eram idosas, ou debilitadas fisicamente, e nem todas elas tinham domínio sobre os recursos tecnológicos disponibilizados para ajuda. Muitas pessoas foram separadas fisicamente de suas famílias, por conta das condições de acesso.
Falta de conhecimento e/ou divulgação	Muitas pessoas nem souberam de diversos auxílios oferecidos, pois foram removidas de casa em condições precárias, ficaram em abrigos ou outros locais, sem acesso à informação, além de que algumas delas não possuem o hábito de usar aplicativos em dispositivos móveis.
Acesso a carteira virtual do plano de saúde	Ausência de dispositivo eletrônico ou de Internet para acesso ao plano de saúde.
Dificuldades com a telemedicina	Foi muito útil pois as pessoas não conseguiam se deslocar, pois as estradas estavam bloqueadas. Contudo, nem todas as pessoas tinham acesso adequado aos recursos eletrônicos necessários para conseguir este tipo de atendimento, e nem todas as pessoas conseguiam usar facilmente este recurso.
Rotas indisponíveis	Nem todos os aplicativos para uso de GPS estavam devidamente atualizados, indicando as rotas bloqueadas.
Gestão ineficiente de arrecadações	Informalmente, soubemos de locais que tinham excesso de algumas doações, e falta de outras, por conta de uma má gestão, má distribuição e má divulgação dos pedidos de auxílio.
Limitações das casas de bombas e sistemas de drenagem, bem como distribuição de energia elétrica	Os sistemas não foram planejados para ficarem submersos, assim, não deram conta de atender as demandas no momento da inundação, impactando no abastecimento de água potável e energia elétrica, necessitando de semanas para o reparo.

Fonte: Os autores, 2024.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desastres continuarão acontecendo diante de tantas mudanças climáticas, e isso é amplamente divulgado na mídia, pois já é de conhecimento de todos. Hoje mesmo, enquanto elaboramos este trabalho, observamos pela janela um dia cinza, sem a perspectiva de ver o sol novamente, por conta das queimadas que existem na região centro-oeste do Brasil. Contudo, precisamos cada vez mais aprimorar o uso da tecnologia a nosso favor, já que ela tanto nos ajudou nesse período de dificuldade enfrentado pelo RS durante a inundação de 2024. Contudo, não podemos esquecer que por alguns momentos, muitas pessoas atingidas também perderam o acesso aos recursos tecnológicos, além de outras pessoas que nunca sequer tiveram esse contato com a tecnologia. Desta forma, este trabalho propôs uma reflexão sobre a necessidade de alternativas aos meios que hoje oferecem soluções majoritariamente tecnológicas. Não podemos deixar que a tecnologia exclua as pessoas que mais precisam, especialmente em momentos de necessidade e de fragilidade, como aconteceu com muitas pessoas durante a enchente de 2024 no Rio Grande do Sul.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

REFERÊNCIAS

- Carvalho, D. W. (2015). O Desastre em Mariana 2015: o que temos a aprender com os desastres antropogênicos. Em: Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: <https://laprocon.ufes.br>. Acesso em: 25 ago. 2024.
- Nakamura, J. (2024). Entidade estima em até R\$ 176 bilhões valor necessário para reconstrução do RS após chuvas (01/06/2024). Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/entidade-estima-em-ate-r-176-bilhoes-valor-necessario-para-reconstrucao-do-rs-apos-chuvas/>. Acesso em: 13 set. 2024.
- Defesa Civil (2024) Defesa Civil atualiza balanço das enchentes no RS – 20/8. Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/defesa-civil-atualiza-balanco-das-enchentes-no-rs-20-8>. Acesso em: 12 set. 2024.
- G1 (2024). ONU envia 208 casas montáveis para atingidos por enchentes no RS; veja como elas são (23/05/2024). Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/23/onu-envia-208-casas-montaveis-para-atingidos-por-enchentes-no-rs-veja-como-elas-sao.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2024.
- GOVRS (2024). Painéis garantem transparência sobre gastos do Estado na reconstrução (12/08/2024). Secretaria da Reconstrução Gaúcha. Disponível em: <https://reconstrucao.rs.gov.br/paineis-garantem-transparencia-sobre-gastos-do-estado-na-reconstrucao>. Acesso em 13 set. 2024.

Moynihan, D. P. (2008). Colaboração em momento de crise: A atuação do Departamento de Defesa durante o furacão Katrina”. Em: Repositório Institucional da ENAP. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br>. Acesso em: 25 ago. 2024.

Uma história, uma dobradura de papel, uma atividade investigativa de matemática: um movimento de educação em prol do próximo

ALINE SILVA DE BONA¹
ANELISE LEMKE KOLOGESKI²

1 INTRODUÇÃO

A educação proporciona diferentes formas de ver o mundo, e diante de uma situação difícil e de calamidade, se perceber dotado de muitos sentidos, habilidades e competências, num coletivo de pares no que tange a situação, proporciona um momento único de reflexão, com a necessidade de ocupar o tempo, processando sem entender o que aconteceu, e buscar meios e formas de resolver a situação inusitada e inesperada. É por meio de ações coletivas de pensar, mediadas pela docência, que surgiu uma fonte de esperança e de alegria. Tudo é um processo, e dele aprende-se a aprender conforme nossos saberes, contextos e perspectivas.

Com isso, como já afirmava Paulo Freire (1996): “Educar é impregnar de sentido o que se faz a cada instante”, e Jean Piaget (1975): “A inteligência é o que você usa quando não sabemos o que fazer”. Diante de uma catástrofe, o que fazer para ajudar? Pois nem tudo se resolve com PIX (transferência imediata de valor monetário), e nem contemplaria todos, mas como promover, proporcionar, possibilitar uma ação de empatia e amor para com o próximo, através da educação? Assim, consideramos que a educação é uma ação de luta e movimento, e de que todos somos seres humanos capazes de resolver problemas. Desta forma, ações foram planejadas, como visitas aos abrigos com propostas investigativas, lúdicas e coletivas (do tipo multi seriados) para aprender brincando. Cada um trouxe seus saberes para ação, lhe proporcionando autoestima e alegria para enfrentar um tempo tão difícil, de nítida dor e desespero para aqueles que foram diretamente afetados, pois mesmo tendo sobrevivido, vive-se um mundo consumista, capitalista, e cada vez mais cheio de demandas, necessidades materiais e recursos. Como lidar com a tão sábia água, fonte de vida e riqueza, que não nos deixa viver sem ela, e que ao mesmo tempo colocou tudo a perder em poucos instantes para milhares de famílias?

Ser professora é ter empatia e a certeza de que sua “ciência” é necessária à vida, e a qualidade da nossa vida; é perpetuar a reflexão de geração em geração; é ressignificar muitos conceitos que estão imersos em todas nossas ações, mas muitas vezes “escondidos” num simples olhar.

¹ Professora de Matemática no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Osório.

² Professora de Informática no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Osório.

A matemática está contextualizada em situações diferentes, então planejou-se uma proposta de acolhimento às crianças, jovens e adultos, assim como demais interessados, de fazer uma dobradura de papel na forma de um barco de papel, com diferentes objetivos: 1) acolher e permitir sentir a tristeza; 2) perceber que não está sozinho; 3) acalmar-se e brincar com um papel, recurso viável a todos; 4) ler, observar, interpretar, fazer, e em coletivo construir um objeto que pode ser colorido, pode brincar, pode interagir; 5) pode-se criar muitas questões como: Qual tamanho para trazer todos que amo? Tudo que preciso (elementos psicológicos)? E em termos de conteúdo: Qual relação do tamanho inicial do quadrado com as dimensões do barco? Tem matemática aí? Têm ciências? E língua portuguesa? 6) Posso fazer este barco navegar? Animação no celular? E as crianças podem correr e brincar com ele? 7) Contação de histórias para com o barco e muitas outras propostas de aprender a aprender a partir de um pedaço de papel, mediada por um algoritmo com sua dobradura e a história de uma docente de matemática, que aplicou a proposta.

Com uma sequência de dias chuvosos que durou um bom período do mês de maio de 2024, surgiu uma oportunidade de movimentar a educação em prol de ajudar as pessoas, pois enquanto adultos trabalhavam para recuperação e sobrevivência, às crianças e idosos ficavam desorientados nos abrigos. Novos professores e pessoas se encontraram, além do espaço e lugar, mediados por tecnologias digitais da informação e da comunicação, para o planejamento de ações solidárias, e na certeza de que a educação move o mundo. Desta forma, fazendo o contexto ser interdisciplinar (já que havia envolvimento de mais de uma área do conhecimento - professora de matemática, de informática, de língua portuguesa, e outros, de diferentes instituições de ensino), projetos de pesquisa e extensão, com cunho acadêmico, coordenados por uma das autoras, no IFRS - *Campus Osório*, com participação de estudantes bolsistas e voluntários, ganharam espaço e realizaram ações para que os resultados das suas pesquisas em prol da educação matemática atingissem voos além dos muros da nossa instituição.

Uma geração jovem, diferente e inovadora, que percebe com acolhimento uma forma de ajudar a promover um tempo de aprender a aprender. Cria-se atividades de histórias clássicas com os Três Porquinhos e as dobraduras de papel de animais, assim como atividades plugadas mediadas pelo celular para atender a necessidade/curiosidade da criança ao adolescente. E o idoso aproxima-se, lembrando-se e desafiando-se, numa conexão de gerações. Os pais, adultos, ao verem as crianças “ocupadas”, produzindo, rindo, e interagindo ficavam aliviados para buscar soluções aos problemas, como já dizia Jean Piaget (1975): “A infância é o tempo de maior criatividade na vida do ser humano”, e essa época da vida precisa ser valorizada e muito bem construída com ações planejadas por professores que acreditam na educação, e em particular na educação matemática que proporciona um pensamento lógico e crítico sobre tudo em prol da sua vida melhor e de todos.

2 UMA HISTÓRIA, UMA DOBRADURA DE PAPEL, UMA ATIVIDADE INVESTIGATIVA DE MATEMÁTICA

Relata-se duas ações investigativas de matemática, pois foram várias, que aconteceram em mais de 6 (seis) abrigos do Litoral Norte Gaúcho do RS, que acolheram as pessoas que tiveram suas casas alagadas por completo, em diferentes momentos, iniciados em 5 de maio de 2024. Para fins de ética não identifica-se, e compartilha-se dados mesmo que quanti-qualitativos dos que conversamos com familiares ou os próprios se autorizavam para fins de estudo científico do projeto de pesquisa com fomento externo do CNPq e Fapergs quanto as Dobraduras Papel, a Educação Matemática e o Pensamento Computacional (GERMANO, NUNES, BONA, 2024; GERMANO, SOARES, BONA, 2024).

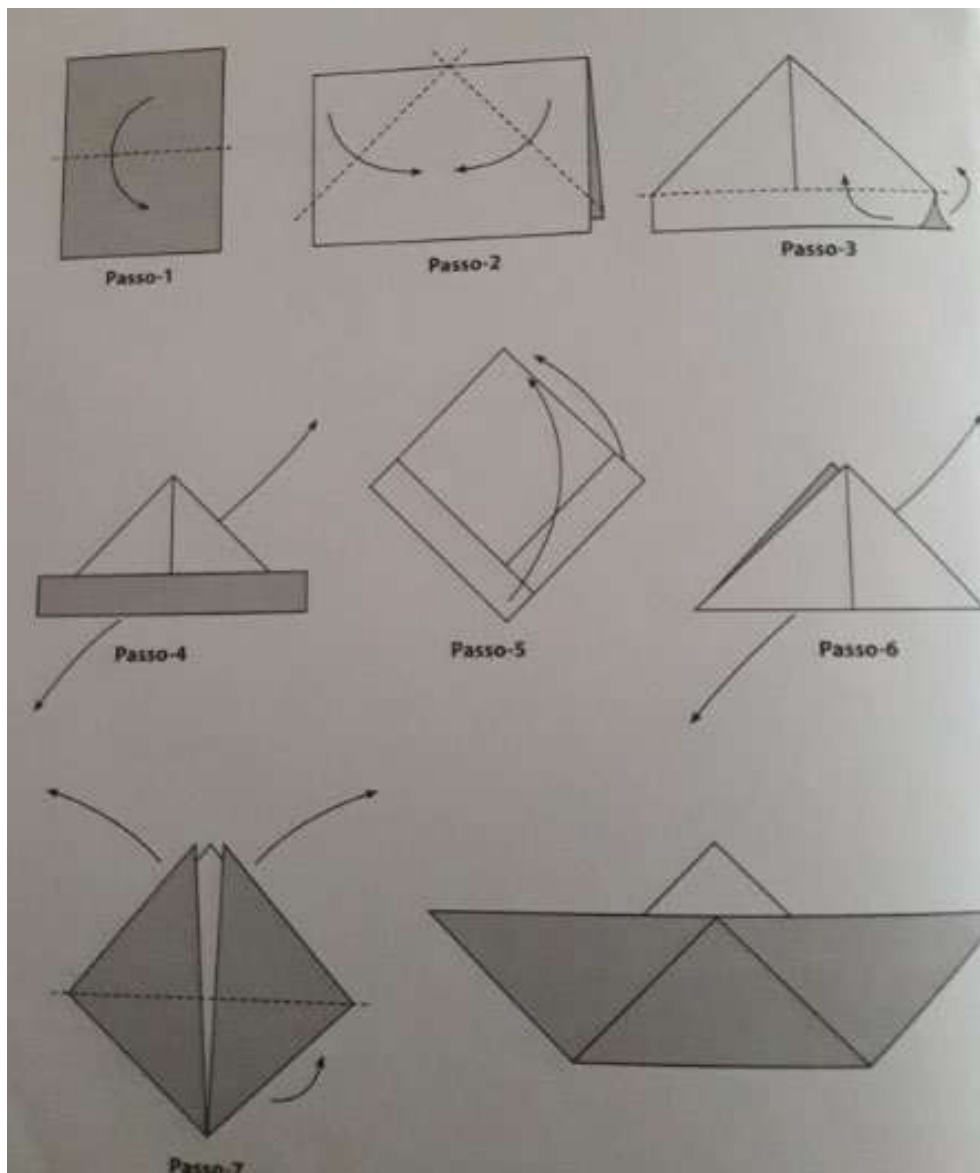
2.1 AÇÃO DO BARCO DE PAPEL

Na sexta-feira dia 3 de maio de 2024, ao assistir notícias sobre a situação de calamidade com alagamentos, inclusive atingindo colegas de trabalho e alunos do nosso *Campus*, uma das autoras deste trabalho se disponibilizou a ajudar abrigos com doações. E ao chegar em um abrigo, encontrou muitas crianças espalhadas e perdidas, assim como jovens no celular, e então surgiu a ideia de contribuir com a educação em prol do próximo, considerando que a educação é uma ferramenta poderosa e que transforma o mundo. Assim, ao voltar para casa, ela preparou a atividade do barco de papel com materiais reciclados, lápis de cor e outros recursos que tinha disponíveis em casa, conversando com alunos bolsistas e voluntários, decidindo “chamar para brincar”, como dizia ao chegar nos locais de abrigo.

A primeira ação tinha o objetivo de levar um momento de alegria e de autoconhecimento das pessoas, e criar um objeto - o barco, para depois pensar nele. A autora chegou lá, perguntou para quem estava organizando o abrigo se poderia convidar as crianças, jovens e interessados para fazer uma roda, num espaço possível, e ao trazer uma sacola com papéis coloridos já recebia a atenção das crianças, chamando-as: “Alguém quer aprender ou já sabe fazer barco de papel? Querem me ajudar?” Todos iam se organizando no local indicado, e as mães sugeriam aos filhos irem participar, pois tinham outras demandas.

A atividade foi iniciada questionado-se os saberes quanto a barcos, se estudavam e se amavam matemática, onde aconteciam risos, e convidando-os a fazer um barco de papel, distribuindo uma folha de papel para cada, ou duplas ou para quem desejava, dando o devido auxílio aos pequenos e solicitando a ajuda dos jovens. Com as orientações faladas, mas baseadas na leitura do algoritmo de imagem, conforme Figura 1, íamos nos concentrando e criando.... os barcos nas mãos das crianças que queriam colorir e começavam a interagir, e contar momentos difíceis vividos. A professora fez perguntas sobre como fazer um barco com o dobro do tamanho? Que medida tem? Cabe um lápis de cor ali dentro? E outras, além das perguntas que as crianças faziam.

Figura 1 - Algoritmo por Imagem da Dobradura de Papel do Barco que usa uma folha A4.



Fonte: Dados da Autora com fotos do material levado no primeiro dia ação, 2024.

Um menino de 9 anos disse: “Estou aprendendo na minha escola o quadrado, e estas diagonais. Se tivesse régua dava para medir (...)”. Enquanto outra menina com 7 anos disse: “Dobra aqui e conta os pedaços com tamanho de um dedo, pois a professora disse na escola que é tipo um centímetro (...)”. Muitas explorações incríveis e a presença da escola de cada um é revivida com entusiasmo. Uma jovem de aproximadamente 14 anos, colocou o celular no bolso, e veio fazer a atividade junto e disse: “Sabia fazer um chapéu de papel desta forma. A largura do barco será a base da folha escolhida que faz o primeiro quadrado, depois será metade da diagonal,

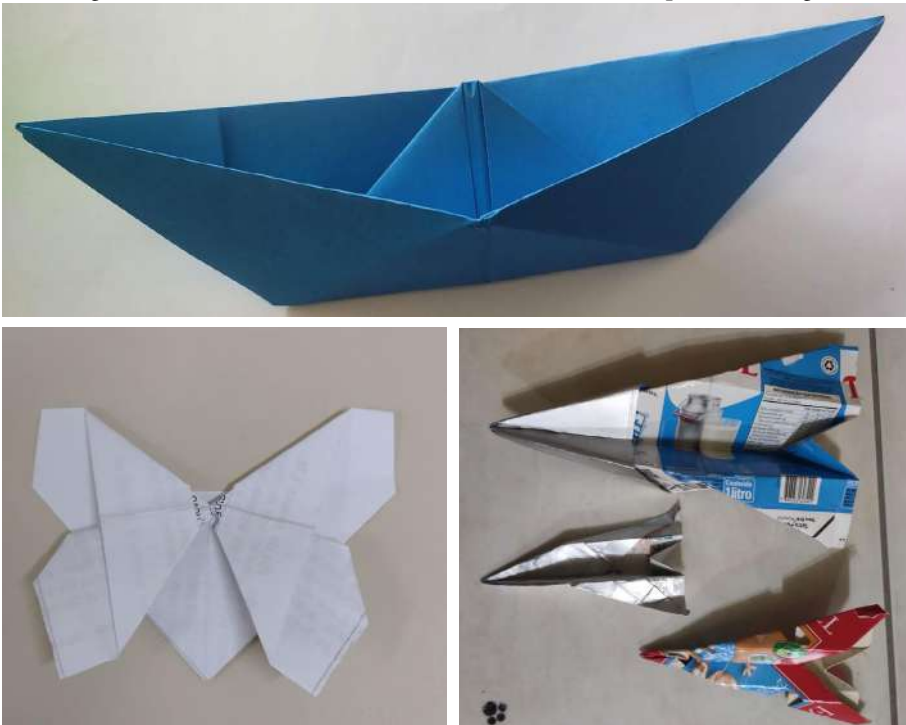
e o último é um quarto da diagonal do quadrado do início a lateral, e a base do barco a metade do quadrado (...).”

Destaca-se na fala acima o conhecimento de matemática da jovem, e seu interesse em participar e interagir, sendo uma dobradura de papel numa atividade em roda, um momento em que ela deixa o celular em prol de desenvolver-se com todos, trazendo à tona a importância das memórias e aprendizados da escola que a faz interagir com todos, pois inclusive quando ela fala e explica, ela é ouvida pelos demais, e acontece um pertencimento e respeito ao grupo que se inicia/constitui.

As transcrições acima são parciais, pois a emoção no dia foi muita e o que foi possível registrar com a ajuda dos jovens pedindo para eles repetirem os lindos e mágicos pensamentos. Nesse dia os jovens também lembraram de outros nomes relacionados com a matemática, como vértice e segmento, falaram em teorema de Pitágoras, área e volume, e foi incrível. Na roda, eram 12 crianças e jovens, de 5 anos até 16 anos, que estavam participando.

Depois de conversar “matematicamente” e desenvolver vários barcos de papel, com quase todos papéis levados, uma menina de 5 anos disse: “Posso dar para todos?”. Como consentimento, ela saiu a espalhar por quem estava deitado no colchão, ou chorava na janela, ou estava carregando mantimentos, e inclusive para um bebê no colo da mãe, correndo pelo abrigo como se espalhasse alegria. No mesmo dia também fizemos aviões e borboletas, conforme Figura 2.

Figura 2 - Dobraduras Desenvolvidas com Diferentes Papéis em Abrigos.



Fonte: Registros da Autora, 2024.

2.2 AÇÃO DA HISTÓRIA DOS TRÊS PORQUINHOS E UM PAPEL

Com o passar dos dias e a situação ficar ainda mais complexa, em vez de amenizar como todos gostariam, uma rede de pessoas em prol de ajudar, com ações educativas, aumentou no Litoral Norte Gaúcho do RS. Mas as demandas também aumentaram, com um número cada vez maior de crianças, e uma tristeza cada vez maior diante de todo acontecimento se intensificando. Então surgiu a ideia da contação de história, pois a imaginação é importante para acalmar e sonhar, além de ajudar os pais/responsáveis a resolver as questões emergenciais, já que as crianças e jovens estavam sem escola. Pesquisa-se o material do Programa de Alfabetização do Ministério de Educação denominado Conta para Mim - Três Porquinhos³, e uma dobradura de papel de animal, desenvolvida por uma bolsista de pesquisa, estudante do curso tecnólogo de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, que adaptou a atividade de pesquisa ao momento vivenciado, conforme Figura 3.

Figura 3 - Algoritmos por escrito e por imagem da Dobradura de Papel do Porco.

Material necessário:

Uma folha de papel quadrada A4; Lápis;

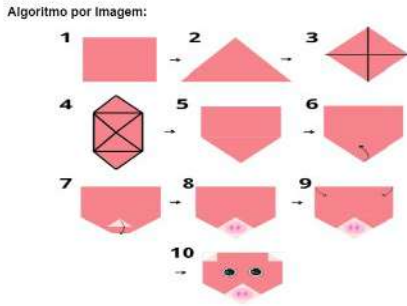
Público alvo: Destinado ao público em geral;

Algoritmo Escrito:

1. Pegue o quadrado e dobre na diagonal, formará um triângulo;
2. Vire o papel de modo que o triângulo fique para cima;
3. Dobre novamente, formando um outro triângulo;
4. Abra a folha e vire de forma que fique cada ponta num sentido;
5. Dobre o lado esquerdo até o centro;
6. Dobre o lado direito até o centro;
7. Dobre a parte superior em encontro a parte inferior;
8. Dobre a parte inferior com objetivo de formar o nariz do porco, formará um mini triângulo;
9. No triângulo menor do nariz do porco, pegue a ponta superior e dobre até a parte inferior;
10. Na parte superior, dobre as duas pontas para dentro, formando duas orelhas;
11. Com ajuda de um lápis, desenhe as narinas e os olhos do porco;
12. Pronto! Sua dobradura foi concluída com sucesso!



³ História Contada: <https://alfabetizacao.mec.gov.br/46-materiais/colecao-de-livros/180-os-tres-porquinhos>. Acesso: 10 set. 2024.



Algumas questões sobre a Dobradura de Porco:

1. Se você dobrar o papel ao meio, qual será a área de cada metade?
2. Se você dobrar o papel ao meio, qual será o perímetro do retângulo resultante?
3. Qual a relação entre a área total das duas orelhas e a área do papel original?
4. Qual foi o passo mais desafiador na criação do rosto do porco? Como você superou esse desafio?

Fonte: Registros da Autora, 2024.

A dinâmica era sempre a mesma, de convite, mas agora o número de crianças e jovens estava aumentando. Então um jovem foi escolhido para cada grupo de 3 crianças, e em pequenos grupos a explicação era passada aos jovens, e estes se aventuraram a fazer com os pequenos, e numa “roda de rodinhas”, com pequenos grupos, os textos eram lidos e interpretados, sempre com a professora orientando. Então, um acontecimento encantador foi observado: algumas senhoras idosas que estavam no abrigo vieram ajudar, e contaram outras histórias, fazendo reflexões sobre o que aprendemos com as histórias e muito mais.

Os momentos foram incríveis e memoráveis, pois chegar nos abrigos novamente e ser esperada pelos jovens, e estes fazerem pesquisas para contribuir é um momento inesquecível em prol da educação. Foram 6 abrigos contemplados aqui com estas atividades, e 108 crianças, jovens e idosos atendidos com as duas atividades propostas.

Além dos apontamentos destacados com saberes de matemática da escola, e o encantamento pela ação coletiva, relata-se agradecimentos dos pais num retorno quanto a imaginação despertada na ação das dobraduras de papel, assim como a saudade da escola, como um ressignificado na ausência, e a solidariedade dos jovens para com as crianças, desde a necessidade de correr pelo abrigo com o barco, com o avião, até a curiosidade de explorar propostas digitais e plugadas, deixadas para realizarem em outros tempos ainda no abrigo.

3 UMA CERTEZA PROVISÓRIA E UMA DÚVIDA PERMANENTE

Cada ação desenvolvida nos abrigos era um momento único, desde o pensar e planejar a sua ação, sempre ancorada na perspectiva da investigação para que todos fossem contemplados, e que sentissem-se convidados, acolhidos para participar, já que o novo coletivo daquele espaço era essencial. Através da ação ancorada na educação, pensava-se no próximo, e no aproveitamento do tempo num momento difícil em prol de desenvolvermos sempre como pessoas, estudiosos e cidadãos.

Ao longo da segunda semana, a professora recebeu telefonemas, como professores de outras instituições de ensino da região, desde municipais, estaduais e

outras federais, desejando colaborar com as “ações de educação com brinquedos de papel” ou com “as histórias com conteúdos”, como denominadas pelos responsáveis dos abrigos que fizeram a indicação. Foi uma grande alegria juntar esforços em prol da educação, mesmo em tempos difíceis.

Enfim, a inteligência humana é potente e move o mundo, e quando alinhada a imaginação e a empatia é capaz de encantar, acalmar, e proporcionar momentos mágicos de aprendizado de saberes e experiências, cada qual com suas necessidades e potencialidades no momento. E a matemática? Uma ciência viva, presente em tudo, e que pode ser um objeto de brincar e aprender, basta escolher o recurso e a forma de agir adequada para cada situação.

Adorei criar imaginar e poder pensar que crio meus brinquedos em qualquer lugar. Que posso aprender para me acalmar. Quando fiz essa redação sobre o poder de um barco de papel em dias de dor foi uma forma de dizer obrigada, e lembrei da música Aquarela⁴ do Toquinho e ela escutei quase todos dias ao acordar aqui, pois não queria estar aqui, mas preciso. Fiz muitas dobraduras de papel que achei na internet também, e vi a matemática das retas, segmentos, proporções, formas espaciais, assim como me senti uma plano com um cubo sobre mim, e depois eu era um vértice na face superior do cubo e até a ponta da pirâmide. Obrigada e ajudei adultos a se acalmar de noite, contando o que aprendi com uma “ação de papel” (...) (Jovem com 14 anos e 8 meses, toda família estava no abrigo, escreveu este bilhete que transcrevo com uma caixa cheia de dobraduras de papel e também folhas com desenhos e cálculos, com plano cartesiano inclusive, maio, 2024).

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 33 ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

PIAGET, J. *A Representação do Mundo na Criança*. Rio de Janeiro: Record, 1975

GERMANO, R. A; NUNES, N. B; BONA, A. S. D. *Espirais E Molas Na Matemática: Dobraduras E Pensamento Computacional*. Educação, trabalho e transformação social: caminhos para uma práxis pedagógica emancipatória. In: Albuquerque Jr, A. B. (Roinuj Tamborindeguy); Pereira, G. S; Rocha, B. B; Ivanicska, R. F. (orgs.). Educação, trabalho e transformação social: caminhos para uma práxis pedagógica emancipatória. Itapiranga: Schreiben, 2024. p. 308-318. e-book. Disponível: <https://www.editoraschreiben.com/livros/>

⁴ Contextualizo a música sugerida: <https://www.letras.mus.br/toquinho/49095/>. Acesso: 10 set. 2024.

educa%C3%A7%C3%A3o%2C-trabalho-e-transforma%C3%A7%C3%A3o-social%3A-caminhos-para-uma-pr%C3%A1xis-pedag%C3%B3gica-emancipat%C3%B3ria. Acesso em: 10 set, 2024.

GERMANO, R. A; SOARES, J. M; BONA, A. S. Explorando as Dobraduras e o Pensamento Computacional no Ensino de Matemática: uma Abordagem Integrada. Anais CIET: Horizonte, São Carlos-SP, v. 7, n. 1, 2024. Disponível em: <https://ciet.ufscar.br/submissao/index.php/ciet/article/view/2644>. Acesso em: 31 jul. 2024.

Memórias e registros de um gestor escolar: o caso da enchente em Canoas/RS maio de 2024

LUCIANO FRANCO MACHADO¹

JUDITE SANSON DE BEM²

1 INTRODUÇÃO

Em busca de lembranças e reflexões vividas durante a enchente de maio de 2024, que assolaram o Estado do Rio Grande do Sul, possivelmente muitos aspectos poderiam ser relacionados, como: os elementos da natureza, chuvas intensas, estruturas de controle de águas, etc. E dentre outros aspectos também existem aqueles que resultaram em danos ambientais, danos materiais, pessoas desaparecidas e vítimas da enchente Mas, todos esses aspectos estão diretamente preservados em nossas memórias, e alguns foram registrados de diversas formas – por fotografias, livros, reportagens, jornais, entre outros.

No dia 02/05/2024 (quinta-feira) foi emitido o comunicado do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (RS), sobre a suspensão das aulas devido ao alerta meteorológico/climático. Nas palavras do diretor “Alô professores conforme anunciado pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul, aulas suspensas, quinta-feira (02/05/2024) e sexta-feira (03/05/2024). Escola Bento Gonçalves, fechada” (SCHOTT, 02/05/2024)

A partir das chuvas intensas, foi se formando uma sequência de acontecimentos que desencadeou na enchente da Região Metropolitana de Porto Alegre. A tragédia estava sendo apresentada da pior forma! Mais de trinta dias, exatamente 44 dias desde 01/05/2024 quando da emissão do comunicado, até o dia 13/06/2024 entrega da escola limpa, serviço este realizado pelo Exército Brasileiro da cidade de Blumenau/SC, como resultado da primeira fase (limpeza) pós-enchente.

Nesse contexto, com o objetivo de identificar os registros e buscar lembranças da memória coletiva dos professores, decorrentes dessa tragédia climática de 2024, que assolou o Rio Grande do Sul, em específico a cidade de Canoas, no Bairro Mathias Velho, na E.E.E.M Bento Gonçalves, procurou-se tanto por meio do grupo

¹ Pós - Doutorado em Memória Social e Bens Culturais, pela Universidade La Salle (2022). Doutorado em Desenvolvimento Regional, pela UNISC (2022). Mestre em Avaliação de Impactos Ambientais - AIA, pelo UNILASALLE (2015). Especialista em Direito Ambiental Nacional e Internacional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2011). Especialista em Direito Público pela Faculdade Projeção - DF (2008). Possui graduação em Direito pela Universidade Luterana do Brasil (2006). Membro de Comitê de Ética e Pesquisa do Grupo Hospitalar Conceição (2023-2024). Professor bolsista do IFRS da disciplina de Direito do Consumidor, com foco na sustentabilidade, vendas e consumo (2014). Professor de Direito e Legislação – SEDUC/RS - E.E.E.M Bento Gonçalves - Curso Técnico de Administração (2023-2024).

² Pós-doutorado em Geografia pela UFRGS - Projeto: Direito à cidade, financeirização e transformações no regime urbano na metrópole de Porto Alegre/RS. Professora do PPG em Memória Social e Bens Culturais da UNILASALLE. Participa, como pesquisador, do Núcleo Porto Alegre do Observatório das Metrôpoles (INCT/CNPq).

de *whatsapp* (comunicados realizados entre o diretor da escola e os professores), quanto pela breve entrevista realizada com o diretor, acompanhar e refletir à respeito dos acontecimentos desencadeados pela enchente: como possíveis traumas a saúde, os danos e a produção dessa memória pós-enchente.

Para alcançar o objetivo foram utilizados os registros realizados por meio de mensagens de *whatsapp* do grupo da escola, especificamente as mensagens escritas pelo diretor da escola, e as fotos por ele postadas, direcionadas aos professores. Posteriormente, também foi realizada uma breve entrevista com o diretor da escola, via *Google meet* previamente agendada (emitido convite para 10/06/2024) que será identificado como E1 para esse estudo, que gentilmente se dispôs a responder sobre as ações e acontecimentos pertinentes a enchente e a escola, atingidos pela tragédia climática no município em 2024.

O texto está dividido em seções: No primeiro momento, será visto os impactos negativos da enchente sobre a Região Metropolitana, versando sobre a memória, posteriormente reflexões dessa memória envolvendo práticas e procedimentos que integram os profissionais e o diretor da escola, uma identidade territorial e da memória por meio das fotos e registros do período da tragédia. Finalmente será a breve entrevista com o diretor da E.E.E.M Bento Gonçalves.

2 A ENCHENTE, MEMÓRIA E OS REGISTROS DE UM DIRETOR

Se cuidam, rezem e, se puderem ajudar alguém...façam isso.
Amanhã vou à escola ver se está tudo OK. Manteremos contato. Obrigado!"
(SCHOTT, 2024).

O amanhã chegou trazendo uma tragédia jamais vista em Canoas, vitimando pessoas e impactando todos os moradores do bairro Mathias Velho (Figura 1).

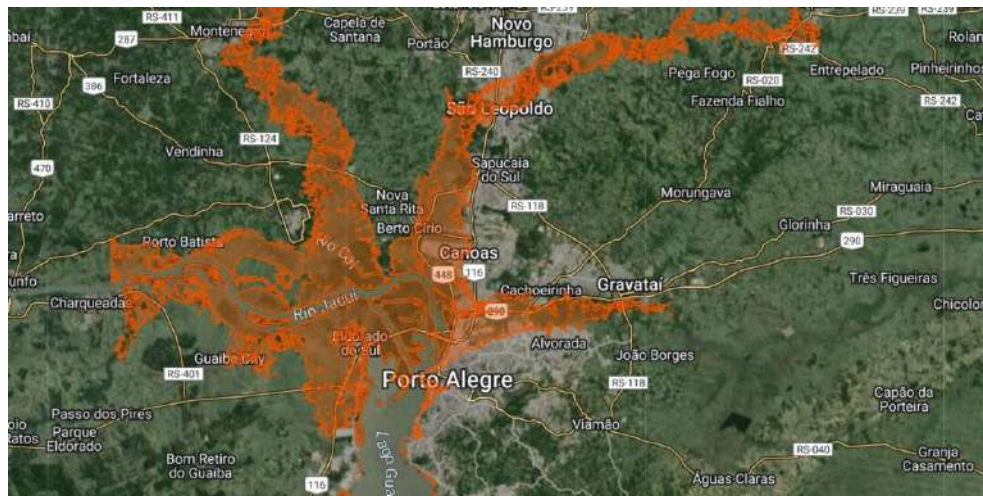
Figura 1 - Acesso ao bairro Mathias Velho pelo viaduto de quem chega da BR 116 em Canoas-RS



Fonte: SCHOTT, 2024.

Todos os bairros do lado leste de Canoas: São Luiz, Mathias Velho, Harmonia, Cinco Colônias, Mato Grande, Fátima, Rio Branco, e Niterói, foram atingidos pela enchente. Além desses bairros, será possível ver as proporções do avanço da enchente na Figura 2, retratando as áreas atingidas da Região Metropolitana de Porto Alegre.

Figura 2 - Mapa da inundação da Região Metropolitana de Porto Alegre



Fonte: IPH/UFRGS, 2024.

Essa inundação proveniente da intensa chuva com volumes acima da média, em curto espaço de tempo ocorrido no Estado, atingiu diversas cidades e, principalmente, as Bacias Hidrográficas limítrofes dos municípios que sofreram os impactos negativos dessa tragédia (danos ambientais, danos materiais, pessoas desaparecidas e vítimas da enchente, etc). Na Região Metropolitana de Porto Alegre observa-se na sinalização em cor laranja a dinâmica das Bacias Hidrográficas do Rio Gravataí, Rio dos Sinos, Rio Caí, Baixo Jacuí, posicionadas no território em direção ao Lago Guaíba. Ainda, as Bacias Hidrográficas, do Rio Taquari-Antas e do Alto Jacuí também se direcionam para o mesmo Lago Guaíba.

Para uma reflexão posterior seria interessante acompanhar seu conceito,

As enchentes em áreas urbanas podem ser decorrentes destas chuvas intensas de largo período de retorno; ou devidas a transbordamentos de cursos d'água provocados por mudanças no equilíbrio no ciclo hidrológico em regiões a montante das áreas urbanas; ou ainda, devidas à própria urbanização. O estudo da ocorrência de chuvas intensas é útil na busca de soluções apropriadas aos problemas de enchentes, entretanto, é por intermédio do estudo dos processos hidrológicos que se definem as ações concretas. (POMPÊO, 2000, P.15).

Com a enchente evidenciada, a inundação tomou conta de casas, comércios, empresas, escolas, espaços de cultura religiosa, postos de saúde, hospital de pronto socorro, parques e praças de lazer, etc. Nesse cenário de tragédia, a primeira fase foi de imediato socorrer as pessoas, os animais (pets) e, na medida do possível, se

formou imediatamente uma corrente de solidariedade com seu front formado pelos socorristas que realizaram constantemente resgates (com lanchas, barcos, jet ski, etc) da população dos bairros inundados em Canoas.

Rapidamente, os abrigos para receber as pessoas resgatadas se formaram em diversos locais (em escolas, universidades, espaços de cultura religiosa, associações, ginásios, casas de parentes, amigos, etc), as doações de todas as formas foram aparecendo no município de Canoas. Por exemplo, a solidariedade externada pelo Diretor Ilton “Pessoal se alguém precisar de ajuda tipo, como tomar um banho, carregar celular, comer uma comida quente cheguem aqui em casa se possível”.

Alô professores (as) como estão todos (as) bem dentro do possível. Estou preocupado. Ainda tem bateria? Conseguiram se ajeitar por aí? Posso ajudar alguma coisa? Podem me dar um sinal. Aqui em casa estamos nos revezando para ajudar. Agora de manhã eu estou em casa. Minha filha está bem abalada com tudo o que está acontecendo. Minha esposa foi ajudar no Colégio Auxiliadora. Lá tem 800 pessoas abrigadas. Está fechado para aulas. Muitos pets também juntos com as famílias. Não é fácil. Dois ginásios ocupados com pessoas humildes que não possuem nada. Precisamos nos manter fortes, cuidar da saúde dentro do possível. Quando as águas baixarem teremos muito serviço. Na escola e nas casas de cada um. (SCHOTT, 04/05/2024).

São atitudes, fotos, imagens e ações que se transformam em memórias. Memórias essas, individuais e memórias coletivas, como referência de um grupo – de moradores do mesmo bairro, de alunos da mesma escola e do diretor e professores da mesma escola. Nesse sentido, se observa a construção de memórias, tanto aquelas pertencentes ao indivíduo quanto a memória coletiva (grupo).

Segundo Maria Luisa Sandoval Schmidt e Miguel Mahfoud para um melhor entendimento da memória individual e coletiva, no sentido de composição dos conceitos halbwachianos³, os grupos poderão ser propostos como condição para a construção da memória.

O grupo de referência é um grupo do qual o indivíduo já fez parte e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos, identificou-se e confundiu seu passado. O grupo está presente para o indivíduo não necessariamente, ou mesmo fundamentalmente, pela sua presença física, mas pela possibilidade que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamento e a experiência comum próprios do grupo. A vitalidade das relações sociais do grupo dá vitalidade às imagens, que constituem a lembrança. Portanto, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso. (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p 286).

³ Para Halbwachs o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito. Ainda, segundo Halbwachs, uma semente de rememoração pode permanecer um dado abstrato, pode, ainda, formar-se em imagem e como tal permanecer ou, finalmente, pode tornar-se lembrança viva. Estes destinos dependem da ausência ou presença de outros que se constituem como grupos de referência. (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p 286).

Nessa construção da memória da enchente de 2024, ainda muitos acontecimentos serão registrados e outros vão se perder. E com isto chegaram boas notícias e as não tão boas. Em 20/05/2024 o diretor segue com as suas mensagens e notícias:

Olá pessoal. Espero que todos (as) estejam bem, com os familiares também. Bem, sempre dentro do possível... Tenho duas notícias. Uma boa, outra, não tão boa. A boa é que em reunião hoje de manhã percebi que a iniciativa privada tem interesse em abraçar a reconstrução da nossa escola. Ainda não é oficial, mas as tratativas estão evoluindo. Eu tenho fé que vai... Temos um bom relacionamento com diversos segmentos que compõe a educação escolar e, também daqueles que dela dependem para a formação da força de trabalho. A notícia não tão boa é que antes de qualquer investimento para reconstruir nossa escola, uma equipe de engenheiros técnicos fará uma avaliação da estrutura do prédio para verificar a segurança. Da mesma forma será feito com a parte elétrica. Se o transformador da subestação ali no pátio da escola estiver danificado, teremos um custo elevado para substituir. Sem falar dos setores como biblioteca, sala de estudos, sala dos professores, cozinha secretaria, direção vice- direção, SOE (Serviço de Orientação Educacional), supervisão que podem estar 100% destruídos. Ainda não consegui acessar a escola. O volume de água ainda é considerável no entorno da escola. Não sei dizer sobre sala dos computadores, e o laboratório. Pode ter inundado também (SCHOTT, 20/05/2024).

Objetivando a prevenção da segurança, a orientação da Secretaria de Educação – SEDUC/RS e a Defesa Civil sugeriram que os diretores de escolas tivessem muito cuidado para retornar às escolas. Nesse sentido, o diretor Ilton compartilha seus pensamentos, externando a preocupação de planejar e trabalhar para encontrar a melhor forma possível para que ninguém saia mais prejudicado do que já estamos.

No que depender de mim, teremos um final feliz. Abraço. Cuidem-se. Qualquer coisa, só chamar. (SCHOTT, 20/05/2024). Professores [...]. Apesar da presente chuva, as águas estão baixando no bairro Mathias Velho. Fui conferir hoje de manhã. Acredito que falta pouco para cada um acessar sua residência e se reinstalar. Da mesma forma, também nas imediações da escola a água baixou consideravelmente. Sinal de esperança. (SCHOTT, 24/05/2024).

Após 26 dias do início da enchente, se fortaleceu o sinal de esperança e finalmente há a informação de que a escola vai abrir. Há um convite para os professores visitarem a escola. *“Se alguém quiser dar uma olhada na situação que se encontra a escola e levar isto como lembrança para sua história pessoal, fiquem à vontade. Estarei lá. Não é para trabalhar. É apenas um convite para olhar. Para quem quiser claro.”* (SCHOTT, 31/05/2024).

A figura 3 mostra uma das marcas deixadas pela enchente no patrimônio físico da escola. Um cenário de guerra e destruição.

Figura 03 - Marcas da enchente deixadas na estrutura física da sala do auditório.



Fonte: SCHOTT, 2024.

Em 01 de junho de 2024 chegou da cidade de Blumenau – SC, o 23º Batalhão de Infantaria do Exército Brasileiro, para realizar o serviço de retirada dos materiais/mobiliários danificados pela enchente, e fazer a limpeza da escola.

Alô pessoal! Amanhã o exército da cidade de Blumenau sc. Vai à escola fazer limpeza. Se algum professor (homem) braço forte quiser dar uma chegadinha até a escola, dos que não foram atingidos pela enchente. Exército Brasileiro – Deslocado da cidade de Blumenau-SC para trabalhar na missão de ajudar a mitigar os impactos pós a enchente que atingiu a cidade de Canoas – RS. (SCHOTT, 01/06/2024).

O Exército chegou com força e disposição para cumprir a missão de limpeza na escola, dias intensos que mostraram a realidade das consequências negativas dessa enchente que atingiu o Estado do Rio Grande do Sul. A escola ficou irreconhecível. Muito serviço!

E dentre tantas memórias dessa enchente de 2024, soma-se o registro da entrega da escola limpa por intermédio do 23º Batalhão de Infantaria, no dia 13/06/2024. A entrega contou com um pequeno e significativo momento foi realizado para referenciar e agradecer todos os esforços prestados pelo 23º BI para entregar em nove dias a escola limpa.

3 MEMÓRIAS, REGISTROS E ACOLHIMENTO – A FORÇA DO DIRETOR DA E.E.E.M BENTO GONÇALVES

No início da tragédia do evento climático, choveu forte desde o final de abril e início de maio/2024 – foi uma semana de chuvarada no Estado do Rio Grande do Sul. Nem nos piores pesadelos pensávamos ver a água que chegou a três metros e meio no ginásio da Escola. Foi tudo muito rápido sem condições de prevenir em tempo hábil para salvar algo. Entre oito a doze horas inundou tudo (E1 - Diretor, 2024).

No momento seguinte, todos estavam atingidos diretamente ou indiretamente, e mobilizados com a sensibilidade do ser humano, de ser solidário. Desta forma, os dias se passaram, e com isto, o cenário apresentado foi de destruição e muitas perdas em todo o Estado. Na E.E.E.M Bento Gonçalves não foi diferente, totalmente inundada, atingida fortemente pela tragédia climática, surge a necessidade e o momento de reconstrução. Diretor (2024)

Questionado sobre a preocupação do retorno pós-enchente, o que será feito, a pasta da educação, em condições normais, busca sempre superar suas adversidades, com essa tragédia vai demorar o restabelecimento da escola, será o momento de se repensar, e melhorar. “Após receber a escola limpa (trabalhos realizados pelo exército foram 20 militares, foi uma grande ajuda, só a comunidade não conseguiria, o exército empregou uma força braçal, são anjos que caíram do céu), agora será o trabalho de restabelecer a elétrica e a limpeza fina” E1- Diretor (2024).

A esperança transformada em momentos difíceis surge com mensagens realistas e ao mesmo tempo registram a necessidade de transmitir o futuro da escola.

Em 32 anos de experiência, foi conquistado um espaço importante, o que importa é perceber que nem tudo foi perdido. A experiência de vida contribui para isto. Não podemos falar em desistir – mesmo tendo perdas, jamais pensar em desistir. Um adiamento, não o fim. É preciso dar a volta por cima e continuar com esperança de que nunca é tarde E1- Diretor (2024).

4 CONCLUSÃO

Um dos grandes desafios foi a capacidade de adaptar e reconstruir aquilo que foi danificado, destruído, e buscar não deixar perdido em meio de tantos acontecimentos, a nossa memória. Essa última, as memórias aqui neste estudo, demonstrada por fotos, mensagens e registros de interlocutores que desempenham diversos tipos de comunicação do saber, voltam-se para o papel da educação, o papel de ensinar, e transmitir o conhecimento aos alunos, representando a finalidade da escola estar de portas abertas para acolher a comunidade acadêmica, e a sociedade.

Nesse momento pós-enchente, como acolher os alunos, os professores, e profissionais que trabalham para a escola, será uma dura realidade que aqui foi possível perceber uma mobilidade imensa de ações que já estão acontecendo na escola, através da limpeza realizada com ajuda do exército, arrecadação de doações,

etc. Nesse sentido, voltar ao statu quo, e porque não, melhor do que era antes. Desta forma, os professores deverão ser resilientes, mostrando superação, e inteligência emocional. Será um momento de aprendizagem, mais as aulas de acolhimento, para conseguir reunir os alunos e mostrar para os alunos que estamos à disposição para compreender e orientar – Não querer somente o que professor quer, e sim o que o aluno consegue fazer no momento (E1).

No estudo proposto, embora fossem conhecidas as dificuldades de enfrentar uma enchente, ainda não se compreendia plenamente a dimensão dos danos e dos impactos que esse evento poderia causar. Essas limitações foram confrontadas com um espírito de solidariedade que permeou as ações coletivas, resultando na união de forças entre a sociedade, o poder público e, principalmente, a comunidade acadêmica da escola. Além disso, destacaram-se as memórias e os registros que ficaram para recordar a maior tragédia climática já ocorrida no Estado do Rio Grande do Sul. Através dessas demonstrações, houve uma união de esforços de todos os envolvidos, incluindo a atuação fundamental do gestor da escola E.E.E.M. Bento Gonçalves.

REFERÊNCIAS

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

IPH/UFRGS. Instituto de Pesquisas Hidráulicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Mapa da inundação da região metropolitana de Porto Alegre**. Publicado em 04/05/2024. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/iph/mapa-da-inundacao-da-regiao-metropolitana-de-porto-alegre/>. Acesso em 13 jun de 2024.

POMPÊO, C. A. **Drenagem Urbana Sustentável**. Revista Brasileira de Recursos Hídricos / Associação Brasileira de Recursos Hídricos, volume 5, no. 1, pag. 15-23, Porto Alegre, RS, 2000. Disponível em: https://abrh.s3.sa-east-1.amazonaws.com/Sumarios/46/c6be0bdb36e71f441b574b6a63d5a75a_2d24ccc39dcc0666232d4d538fcef31f.pdf. Acesso em 14 jun de 2024.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs: memória coletiva e experiência**. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 jun. 2024.

SCHOTT, Ilton Erci. **Imagens e registros do grupo de whatsapp do canal de comunicação entre Diretor/Escola e professores (aparelho de celular)**. Período da enchente de 2024.

SEDUC – **Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul. Orientações – Enchentes**. Disponível em: <https://www.educacao.rs.gov.br/orientacoes-enchentes>. Acesso em 09 jun de 2024.

VEJA, Revista. **De 1941 a 2024: por que as enchentes são desafio constante no RS**. Por Marília Monitchele (maio 2024). Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/de-1941-a-2024-porque-as-enchentes-sao-desafio-constante-no-rs>. Acesso em 10 jun de 2024.

Sobre palavras e ações: pensando a catástrofe climática que atingiu o Rio Grande do Sul em maio de 2024

ANDRESSA C. SCHNEIDER¹

1 INTRODUÇÃO

O processo de constituição subjetiva pressupõe a linguagem. Nomeamos tudo o que está ao nosso alcance e mesmo o que ainda não está e talvez nunca esteja. Para tanto, utilizamos o signo linguístico, que representa o significante e o significado das palavras.

As palavras, em conjunto com os olhares e os gestos (além de outras manifestações), permitem a comunicação. Mas não só. Elas guardam informações que não devemos desprezar, transmitindo em parte a sabedoria de uma geração a outra. Além disso, palavras são ações², registros das nossas perdas e das nossas conquistas.

É considerando essa perspectiva que olhamos para os eventos catastróficos que ocorreram em maio de 2024 no sul do Brasil, país que tem registrada em seu nome a história da exploração ilimitada do pau-brasil, árvore que foi o primeiro bem comercializado pelos portugueses e que há séculos está ameaçada de extinção.

O estado da federação em que houve a maior catástrofe climática, sob diversos critérios, até hoje registrada no Brasil é o mais meridional deles. Chama-se Rio Grande do Sul.

De clima subtropical úmido, caracterizado por chuvas historicamente bem distribuídas, o território gaúcho³ possui grandes reservas de água superficial e subterrânea, com destaque para o Aquífero Guarani, uma das maiores reservas de água doce do mundo.⁴

¹ Graduada em Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialista em Direito do Consumidor e Direitos Fundamentais, Mestre e Doutora em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Advogada. Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). E-mail: andressa.schneider@poa.ifrs.edu.br. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/0286083890164654>

² Conforme dispõe a Lei n. 14.285/2021, que alterou o Código Ambiental. Assim os municípios terão o poder de regulamentar as faixas de restrição à beira de rios, córregos, lagos e lagoas nos seus limites urbanos. Sancionada com vetos pelo então presidente da República, Jair Bolsonaro, a lei alterou o Código Florestal e permite a regularização de edifícios às margens de cursos e corpos d'água em áreas urbanas. AGÊNCIA SENADO. **Sancionada com vetos lei que permite edificações às margens de rios e lagos em área urbana**. Publicado em 30.12.2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/12/30/sancionada-com-vetos-lei-que-permite-edificacoes-as-margens-de-rios-e-lagos-em-area-urbana>. Acesso em: 11.07.2024.

³ Conforme dados disponíveis no site do Poder Executivo gaúcho. GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL. Sobre o RS. **Geografia**. Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/geografia>. Acesso em: 10.07.2024.

⁴ SEARLE, John. **Mente, linguagem e sociedade**: filosofia no mundo real. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Em maio de 2024, em razão da umidade própria da região amazônica e da existência de uma massa de ar seco e quente estacionária no centro do Brasil, formou-se um rio atmosférico durante vários dias entre a região norte, onde fica a Amazônia, e o sul do Brasil e Uruguai, trazendo sobretudo ao Rio Grande do Sul chuvas torrenciais sem precedentes.

O resultado foram os maiores alagamentos e as maiores enchentes já registrados no Rio Grande do Sul, superando a enchente histórica de 1941. Uma cicatriz eterna⁵.

2 AS PALAVRAS

O estado do Rio Grande do Sul sucede a província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Entre seus principais rios, estão os rios Jacuí, Caí, Taquari e Gravataí. Sua capital, banhada pelo Guaíba, se chama Porto Alegre, outrora Porto dos Casais. A rua mais icônica da capital se chama rua da praia. Há ainda os bairros Navegantes, Arquipélago e Praia de Belas. Um dos municípios limítrofes se chama Canoas.

São Pedro é o santo das chuvas no imaginário popular católico e padroeiro do estado do Rio Grande do Sul. “Jacuí”, “Caí”, “Taquari” e “Gravataí” são palavras com origem indígena, especificamente Tupi-guarani. A partícula “i” no final do vocábulo significa rio. “Guaíba”, que também tem origem no Tupi-guarani, significa “encontro das águas”⁶. Apesar de serem palavras familiares aos gaúchos, não seria exagerado dizer que muitas vezes deixamos de lado as razões históricas que fizeram nossos antepassados escolherem estas e não quaisquer outras palavras para nomear o espaço ao seu redor.

As palavras não são neutras e o conhecimento ancestral daqueles que primeiro ocuparam a região do hemisfério sul em que fica o paralelo 30, onde Porto Alegre se situa, seja enquanto povos originários representados pelos indígenas Guarani, seja enquanto imigrantes de diversos países, indica uma relação importante de Porto Alegre e do estado do Rio Grande do Sul com o tema da água.

Entretanto, curiosamente, até hoje não há precisão sobre a classificação técnica do Guaíba: lago ou rio? Ou lago e rio? Ou, ainda, um ecossistema único⁶? Essa hesitação conceitual teria relação com o fato de a legislação⁷ brasileira oferecer maior proteção às margens dos rios do que às margens dos lagos? Estaríamos abrindo mão das matas ciliares e cedendo a área de proteção a interesses eminentemente privados,

⁵ Conforme a teoria performativa de Austin. AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.

⁶ Conforme dados da Agência Europeia do Ambiente. EUROPEAN ENVIRONMENT AGENCY. **Projected change in annual (left) and summer (right) precipitation, 2071-2100**. Publicado em: 11.04.2022. Disponível em: <https://www.eea.europa.eu/data-and-maps/figures/projected-changes-in-annual-and-6>. Acesso em 18.07.2024.

⁷ CAMAROTTO, Murilo. **Série de desastres naturais exige repensar Defesa Civil**. Valor Econômico. Publicado em 09.10.2023. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2023/10/09/serie-de-desastres-naturais-exige-repensar-defesa-civil.ghtml>. Acesso em: 18.07.2024.

a fim de beneficiar, entre outros, o mercado imobiliário, em detrimento do interesse público?

Há certamente diversas questões a responder. Sabemos que a mudança climática tem múltiplas causas e é o resultado, principalmente, da emissão histórica de gases de efeito estufa causada pelos países mais industrializados do planeta. Contudo, a tragédia gaúcha foi acentuada por problemas locais, tais como o funcionamento absolutamente inadequado do sistema de contenção de enchentes de Porto Alegre, há décadas sem a manutenção necessária⁸.

3 AS AÇÕES

No decorrer do mês de maio de 2024, as vezes em que palavras se transformaram em ações que permitiram por sua vez o resgate de vidas humanas e de animais foram incontáveis. Diante da tragédia climática, crianças, adolescentes, adultos, idosos e animais precisaram de socorro. Receberam as palavras de civis e militares, voluntários ou servidores em cumprimento de seus ofícios, que lhes deram orientações para entrar em barcos, amarrar-se em cabos e cordas e subir até helicópteros.

Um estado inteiro em alerta acompanhando a cheia histórica de seus rios e a possibilidade de barragens colapsarem. As pessoas aguardavam com atenção informações sobre o nível da água dos rios na Serra gaúcha, na região dos vales dos rios Taquari e Pardo, na região da chamada Quarta Colônia, na região dos rios Jacuí, Sinos e Gravataí, na região metropolitana, onde está o Guaíba, até que a água enfim começasse a escoar pelo estuário da Lagoa dos Patos, no litoral sul do estado, como em um jogo de dominó. Milhares de pessoas e de animais foram resgatados de suas casas. Infelizmente, centenas de pessoas e milhares de animais perderam suas vidas.

Os danos materiais podem, em parte, ser recuperados. Isso não inclui por certo as fotografias, os documentos históricos, os objetos que formavam o relicário de afetos que todos nós guardamos ao longo da vida. Os danos imateriais, esses não são passíveis de reparação. Cidades inteiras foram submersas, cidades inteiras foram destruídas. A vida como muitos a conheciam deixou de existir tanto no aspecto individual como coletivo.

Contudo, um movimento social espontâneo como nunca antes visto foi a resposta que a sociedade civil pode oferecer no momento de maior dor da história do Rio Grande do Sul. Esse movimento ultrapassou divisas e fronteiras. Doações de todos os tipos e de todas as procedências chegaram, mesmo que com grande dificuldade logística, a milhares de gaúchos que àquela altura já estavam com grande dificuldade de acesso a serviços públicos essenciais em suas próprias casas ou na

⁸ Conforme expõe a Professora Raquel Rolnik. ROLNIK, Raquel. **Reconstrução do Rio Grande do Sul deve favorecer um novo modelo de política urbana**. Rádio USP. Coluna Cidade para todos. Publicada em 16.05.2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/reconstrucao-do-rio-grande-do-sul-deve-favorecer-um-novo-modelo-de-politica-urbana/>. Acesso em: 18.07.2024.

casa de familiares, ou ainda em abrigos públicos, tal como o abastecimento público de água.

Também a resposta estatal foi importante. Vimos a importância da *expertise* dos militares e da Defesa Civil em ocasiões que exigem resgates de alta complexidade. Acompanhamos a solidariedade entre municípios, estados e a União, antes que inclusive enviaram servidores e equipamentos seus para auxiliar as comunidades atingidas. Aprendemos mais sobre o significado de federalismo e de solidariedade enquanto princípio constitucional do que qualquer livro poderia ensinar.

Mas, além disso, o que ainda podemos fazer?

Como alguns modelos científicos⁹ já demonstram, eventos climáticos extremos poderão ser frequentes nas próximas décadas devido, sobretudo, ao aquecimento global. Estamos diante de um ponto de inflexão: ou criamos soluções sustentáveis e alteramos nosso *modus operandi*, que subjugamos a natureza, ou aceitamos o fato de que o planeta se tornará um lugar cada vez mais inóspito.

De forma concreta, há concordância entre especialistas em torno da necessidade de se repensar a ocupação¹⁰ do solo em diversos locais do estado do Rio Grande do Sul, adotando-se uma política que promova uma maior resiliência a inundações, como a que impeça, por exemplo, a ocupação da várzea dos rios e a impermeabilização excessiva de superfícies urbanas. É preciso, também, repensar o sistema de monitoramento e alerta de desastres¹¹, repensar, enfim, nossas atitudes frente a problemas que já são conhecidos e cujas soluções, eventualmente existentes em outras partes do mundo, podem nos servir de exemplo.

O conhecimento ancestral e o conhecimento atual não podem ser desprezados. Ao contrário, devem ser valorizados. Com o conhecimento podemos construir. Sem ele, porém, a destruição continuará a ser um destino, tal como fizemos séculos atrás com os povos originários que foram vítimas de genocídio e com a fauna e a flora que extinguímos pela exploração direta e indireta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há sociedade que possa prescindir de uma comunicação eficaz. A sobrevivência dos grupos humanos é em grande parte consequência do desenvolvimento de recursos linguísticos que asseguram precisão de conceitos, base de toda Ciência.

⁹ Gaúcho é o adjetivo relacionado ao Rio Grande do Sul e também o gentílico.

¹⁰ GUADAGNIN, Demétrio Luis. **Nem rio, nem lago: o Guaíba é único**. UFRGS. Jornal da Universidade. Artigo publicado em 03.06.2024. Disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/nem-rio-nem-lago-o-guaiba-e-unico/>. Acesso em: 27.08.2024.

¹¹ PIMENTEL, Carolina. **Inundação em Porto Alegre foi falta de manutenção, dizem especialistas**. Agência Brasil. Publicado em 24.05.2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/inundacao-em-porto-alegre-foi-falta-de-manutencao-dizem-especialistas>. Acesso em: 28.08.2024.

Se, como vimos, a linguagem é parte constitutiva dos fatos¹², as fronteiras entre a linguagem e o mundo são desfeitas. Que os habitantes do Rio Grande do Sul, estado tão abundante em água, disponham-se a saber mais sobre o sentido das palavras “rio”, “porto”, “navegantes”, “arquipélago”, “praia”, “canoas” e “estuário”.

Afinal, o conhecimento ancestral expresso nessas palavras aponta para deveres de cuidado importantes, como, por exemplo, a necessidade de pesquisas interdisciplinares sobre o nosso ecossistema, que é único. Pesquisas essas que devem ser aplicadas, consequência de diálogo permanente entre Universidades e Institutos e a classe política, que nos representa no espaço público.

Diante da perda de quase tudo, muitos ganharam e deram palavras. Palavras que permitiram expressar o que sentíamos e que, se forem efetivamente escutadas por nós mesmos e por aqueles a quem as endereçamos, poderão transformar nossa realidade, por mais difícil que ela seja.

Um agradecimento a todos os que puderam escutar os incontáveis pedidos de ajuda que o Rio Grande do Sul registrou no mês de maio de 2024.

E um pedido: escutemos aquela que não tem voz e apenas conosco pode contar para continuar a ser como sempre foi. A natureza, que tudo nos dá, e de quem sempre queremos mais.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. **Sancionada com vetos lei que permite edificações às margens de rios e lagos em área urbana**. Publicado em 30.12.2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/12/30/sancionada-com-vetos-lei-que-permite-edificacoes-as-margens-de-rios-e-lagos-em-area-urbana>. Acesso em: 11.07.2024.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.

CAMAROTTO, Murilo. **Série de desastres naturais exige repensar Defesa Civil**. Valor Econômico. Publicado em 09.10.2023. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2023/10/09/serie-de-desastres-naturais-exige-repensar-defesa-civil.ghtml>. Acesso em: 18.07.2024.

EUROPEAN ENVIRONMENT AGENCY. **Projected change in annual (left) and summer (right) precipitation, 2071-2100**. Publicado em: 11.04.2022. Disponível em: <https://www.eea.europa.eu/data-and-maps/figures/projected-changes-in-annual-and-6>. Acesso em 18.07.2024.

FURTADO, Jorge. **Enchentes vão deixar “cicatriz eterna”, diz Jorge Furtado**. Entrevista à DW. Entrevistadora: Julia Dias Carneiro. DW. Publicada em 16.05.2024. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/enchentes-v%C3%A3o-deixar-cicatriz-eterna-diz-jorge-furtado/a-69095413>. Acesso em: 27.08.2024.

¹² Como definiu Jorge Furtado. FURTADO, Jorge. **Enchentes vão deixar “cicatriz eterna”, diz Jorge Furtado**. Entrevista à DW. Entrevistadora: Julia Dias Carneiro. DW. Publicada em 16.05.2024. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/enchentes-v%C3%A3o-deixar-cicatriz-eterna-diz-jorge-furta-do/a-69095413>. Acesso em: 27.08.2024.

GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL. Sobre o RS. **Geografia**. Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/geografia>. Acesso em: 10.07.2024.

GUADAGNIN, Demétrio Luis. **Nem rio, nem lago: o Guaíba é único**. UFRGS. Jornal da Universidade. Artigo publicado em 03.06.2024. Disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/nem-rio-nem-lago-o-guaiba-e-unico/>. Acesso em: 27.08.2024.

PIMENTEL, Carolina. **Inundação em Porto Alegre foi falta de manutenção, dizem especialistas**. Agência Brasil. Publicado em 24.05.2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/inundacao-em-porto-alegre-foi-falta-de-manutencao-dizem-especialistas>. Acesso em: 28.08.2024.

ROLNIK, Raquel. **Reconstrução do Rio Grande do Sul deve favorecer um novo modelo de política urbana**. Rádio USP. Coluna Cidade para todos. Publicada em 16.05.2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/reconstrucao-do-rio-grande-do-sul-deve-favorecer-um-novo-modelo-de-politica-urbana/>. Acesso em: 18.07.2024.

SEARLE, John. **Mente, linguagem e sociedade**: filosofia no mundo real. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Rio Grande do Sul: entre estiagens e enchentes, a esperança!

PROF^a. DRA. RENATA DIAS SILVEIRA¹

PROF. DR. FELIPE DE SOUSA GONÇALVES²

1 INTRODUÇÃO

O ano é de 2024! A história do Rio Grande do Sul é marcada por datas cuja sociedade é a protagonista, seja por conflitos, seja pelas migrações. Mas o ano de 2024 será sempre marcado por um evento promovido pela natureza.

Vemos que a tal *grenalização* – ato que indica a mera divisão da população gaúcha em torcedores de Grêmio ou Internacional, times de futebol da capital – não passa de uma síntese mal terminada e muito pequena da nossa província. Os tais chimangos ou maragatos foram unidos pela tragédia. A natureza mostrou-nos que, das tantas discussões que temos entre grupos fechados ou aleatórios, precisamos mesmo é discutir o que realmente importa: a natureza.

Há algum tempo a natureza vem nos dando sinais. Poderíamos dizer que foi em setembro e novembro de 2023. Podemos dizer que foi antes, em junho de 2023. Ou em maio de 2022, com o ciclone Yakecan. Ou podemos citar as estiagens de 2019 a 2023. Ou a microexplosão em janeiro de 2016 ou o temporal de 2024 no Município de Porto Alegre. As enchentes de julho de 2015, quando as comportas do sistema de proteção contra as cheias em Porto Alegre foram fechadas... Não foi uma surpresa! Em apenas oito meses, entre setembro de 2023 e maio de 2024, o Estado do Rio Grande do Sul viu as mais intensas repercussões de eventos extremos já registradas em nossa Província de São Pedro.

Esse evento de 2024, cujos impactos foram muito noticiados e acompanhados praticamente em tempo real, foi elevado à categoria de desastre ou catástrofe, justamente porque foi além da capacidade de resposta da sociedade e dos gestores. Os modelos meteorológicos num primeiro momento não previram essa quantidade total de chuva (depois foram sendo atualizados), e isso levou a alertas muito vagos no início do evento. Também porque não estamos preparados enquanto sociedade para lidar com esses extremos.

¹ Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente (UNESP), mestra e licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Porto Alegre. É coordenadora do projeto de pesquisa “Monitoramento de eventos climáticos extremos no RS”, composto por docentes e alunos do IFRS.

² Doutor, Mestre, Licenciado e Bacharel em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – *Campus* Restinga. É membro do projeto de pesquisa “Monitoramento de eventos climáticos extremos no RS”.

A enchente de 1941 ensinou muito a uma geração; a nossa vai precisar aprender a partir de agora. Aliás, o termo técnico mais adequado seria inundação, mas como o termo enchente acabou se popularizando, nada impede que possamos usá-lo, pois o que importa, no fim, é a discussão do tema pela população e isso é um dos pontos interessante dessa catástrofe de 2024 – difícil encontrarmos uma pessoa que não tenha se debruçado sobre o tema, mesmo que em conversas informais.

Tivemos muitos transtornos durante o episódio: perda de vidas por deslizamentos e inundações, boa parte do território do estado parado por bloqueios de estradas, impactos econômicos, a saúde física e psicológica afetada, falta de serviços básicos (água e luz) nas áreas afetadas. Tivemos também impactos sociais muito graves e mais duradouros: perda de moradias, desterritorialização (perda temporária ou permanente do seu território pela população), bairros e cidades destruídas, necessidade de auxílio básico (alimentação, reconstrução de moradias, apoio a empresas). Temos impactos ambientais de grande magnitude: perda da vegetação, assoreamento e mudanças de curso dos rios, contaminação do solo por esgoto doméstico e resíduos industriais, doenças associadas à água contaminada, montanhas de resíduos sólidos a serem devidamente destinados e tratados.

Não podemos negar que essas repercussões têm origem em fenômenos que ultrapassam o limite do nosso estado. Somos um só corpo: o Planeta Terra! Os tantos eventos que vêm ocorrendo no mundo estão interconectados. A reação da Terra vem da nossa ação – ou omissão e/ou negação.

2 A GEOGRAFIA

As áreas impactadas pelo grande evento extremo de 2024 têm uma geografia peculiar: o relevo esculpido por milhares de anos também pela água, foi agora impactada pela grande quantidade de chuva. A histórica ocupação humana junto aos rios, contribuíram para que chegássemos até aqui enquanto civilização. Mas é necessário salientar também que o estrago que tal prática vem fazendo na história presente é muito mais intensiva do que ocorreu há dois mil, três mil, cinco mil anos.

A localização do Rio Grande do Sul no continente sul-americano também ajuda nas repercussões dos eventos extremos. Afinal, estamos na rota dos “rios voadores”, que trazem a umidade da Amazônia até o estado durante boa parte do ano. Além disso, o embate entre o ar polar e o ar mais quente (tropical ou polar modificado) acontece semanalmente na nossa latitude, ou seja, de tédio a gauchada não sofre nunca!

A altitude e o relevo tornam a região Norte do estado a mais chuvosa. E nesse evento não foi diferente, os maiores volumes de precipitação ocorreram em áreas do Planalto Meridional, a popular “Serra”, em direção à Depressão Periférica. No contexto das bacias hidrográficas do Rio Grande do Sul, as chuvas ocorreram nas nascentes, no Norte do estado, e escoou rapidamente para os vales, onde também choveu bastante.

No Planalto temos rochas mais recentes, como o basalto, e horizonte de solo em desenvolvimento. É só ver que onde houveram deslizamentos nas encostas, não foram rampas tão profundas, logo a rocha estava exposta. Com a quantidade de água infiltrando, a umidade chegou na rocha rapidamente e carregou todo aquele solo que estava ali para dentro dos rios. Nessas áreas, mais de 5 mil cicatrizes de deslizamentos já foram identificadas. Só no Município de Bento Gonçalves, foram 140 deslizamentos em apenas uma hora. A cor da água que chegou em Porto Alegre e a visível diferença de cores das águas na Laguna dos Patos, demonstrou a presença dessa lama, sendo depositada nas ruas e dutos das cidades. No Guaíba até uma nova ilha apareceu e as ilhas já existentes foram tomadas por montanhas de areia.

Abrangendo 40% da área total do estado, equivalente a 12 mil quilômetros quadrados, a área atingida compõe a Bacia Hidrográfica do Guaíba, composta principalmente pelos rios, e respectivas sub-bacias, Vacacaí, Pardo, Jacuí, Taquari-Antas, Caí, Sinos e Gravataí. Estes rios escoam em direção à Depressão Periférica duramente afetada pelas enchentes, elevando o nível das águas justamente nas áreas de planície de inundação desses mesmos rios. As chuvas de abril e maio de 2024 afetaram diretamente 418, dos 497 municípios do estado, e uma estimativa de 876 mil pessoas.

Mesmo nos territórios menos urbanizados, ao longo dessas sub-bacias hidrográficas já possuem algumas fragilidades ambientais, como o despejo de efluentes domésticos e agroindustriais, a drenagem de áreas de banhados e de cursos d'água para lavouras irrigadas, os desmatamentos, a remoção de camadas de solos férteis, a exploração de água do subsolo, as erosões a partir de atividades agrícolas, o assoreamento dos rios devido à ausência de proteção de nascentes e das margens de rios, dentre outros. Na Região Metropolitana de Porto Alegre todos os problemas ambientais intensificam-se pela configuração do tecido urbano, altamente impermeabilizado, ocupado de forma desordenada em direção às áreas de risco e pela fragilidade socioeconômica das populações e comunidades.

Ao mesmo tempo, as legislações que já nos são impostas, atendem alguns aspectos; quando a gente analisa o contexto da Região Metropolitana de Porto Alegre, não há proibição das leis para que não se ocupe as áreas onde houveram inundações. Vejamos o Município de Eldorado do Sul, os bairros Rio Branco, Fátima, Mato Grande, Harmonia e Mathias Velho no Município de Canoas, os bairros Vicentina e Campina no Município de São Leopoldo, e o chamado Quarto Distrito em Porto Alegre, que engloba os bairros Navegantes, Floresta, São Geraldo, Humaitá, Farrapos, Anchieta e São João. Não há a proibição mesmo que sejam áreas naturais de inundação, o que chamamos de leito maior do rio, no caso aqui do próprio Delta do Jacuí.

Sabemos sim que em muitos lugares em que se deveria preservar as margens, as ocupações urbana e agrícola estão onde deveriam estar as matas ciliares e todo o ecossistema que ali funciona: solo, animais e plantas, com suas raízes, fundamentais para o solo.

3 OS EVENTOS EXTREMOS E AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

O ano de 2023 foi o mais quente já registrado e 2024 vai pelo mesmo caminho. Estamos num processo irreversível a curto prazo, e mudanças nos padrões de umidade e temperatura já causam impactos em todo o planeta (intensificação das ondas de calor e das ondas de frio, enchentes e estiagens). Impactos que foram sentidos com mais intensidade no Hemisfério Norte em anos anteriores (estiagens severas, ondas de calor, incêndios, inundações, enxurradas), estão atingindo o nosso hemisfério com tudo e o Brasil sofre com ondas de calor e secas históricas. As queimadas atingem em 2024 grandes porções do território e a dispersão de fumaça se espalha por boa parte do continente. Eventos que antes faziam parte da dinâmica climática, estão sendo intensificados, e o que mais preocupa é que as projeções não indicam que a temperatura do planeta vai diminuir, pelo contrário!

Até mesmo eventos naturais, como o *El Niño* e *La Niña*, podem ser intensificados e/ou modificados pelo aquecimento global. O grande evento de chuvas do Rio Grande do Sul foi inclusive agravado pela atuação do *El Niño*, que favorece os chamados bloqueios atmosféricos: boa parte do Brasil permanece sob uma grande bolha de calor, enquanto as frentes polares permanecem estacionárias entre o Uruguai e Região Sul do Brasil. No evento desse ano, foram essas condições que levaram à ocorrência de um grande volume de precipitação por um longo período.

4 O EVENTO METEOROLÓGICO DE 2024

Fazendo uma linha do tempo do evento de 2024, em Porto Alegre se inicia em 28 de abril e se estende até 29 de maio. Três dias foram os mais chuvosos, com mais de 100 mm; a média mensal de maio é 112,8mm. Durante todo o período do evento, alcançamos incríveis 728mm!

Na região central do estado, no Município de Santa Maria, choveu 128mm no dia 30 de abril, 204mm em 01 de maio e 118mm em 02 de maio. Isto são 450mm em apenas três dias! No Município de Canela foi semelhante a Porto Alegre; após a chuva intensa na região central do estado no fim de abril e início de maio, os episódios de chuvas mais intensas passam a se concentrar na bacia Taquari-Antas, Região Metropolitana de Porto Alegre e a Costa Doce no sul do estado. Resultado em Porto Alegre: o Guaíba atingiu 5,37m em 05 de maio, superando em 61cm a inundação de maio de 1941.

Essa quantidade de precipitação é explicada pelos vários momentos em que tivemos um sistema frontal estacionário, ou seja, um choque entre massa de ar frio e massa de ar muito quente no centro do país. Isso causou um bloqueio atmosférico, promovendo uma onda de calor intensa no mês de maio no Brasil tropical, intensificados pelo fenômeno *El Niño*. A umidade não conseguiu avançar em direção ao centro do país, ficando estacionada sobre o território do Rio Grande do Sul.

E qual seria a relação com o relevo e bacias hidrográficas? Precipitação em áreas mais altas no Planalto contribuem para as cheias dos rios em áreas mais baixas. A própria Região Metropolitana de Porto Alegre está em área de Planície e Depressão. As bacias hidrográficas estão relacionadas ao relevo, sendo que a água escoar para os rios, que desaguam no Guaíba, passam pela Laguna dos Patos até chegar no Oceano Atlântico. Enchentes históricas como as de 1941 e de 2024 podem fazer o nível do Guaíba continuar subindo, mesmo sem chuvas em Porto Alegre. O vento sul esteve presente em vários momentos no mês de maio, causando também o represamento das águas.

E a ação humana, qual seria a parcela de responsabilidade nos impactos deste evento? Mudanças no uso da terra! A mesma quantidade de chuva caindo em solo com vegetação em comparação com solo desnudo ou impermeabilizado já causa impactos diferentes. Soma-se aí o crescimento das cidades, mudanças no uso da terra no meio rural, aumento de áreas agrícolas e a retirada da mata ciliar intensificam os impactos das chuvas.

5 EM MEMÓRIA ÀS VÍTIMAS

É necessário preservar a memória das vítimas dos eventos extremos no Rio Grande do Sul e não apenas as vítimas de 2024. O estrago material foi tão grande que a mídia tradicional não deu o devido destaque para as perdas de vidas humanas. Seria uma anestesia pós pandemia? Sem contar ainda os refugiados climáticos, que migram em busca da preservação da vida.

De todos os eventos aqui retratados, é perceptível que há uma conexão entre eles. Cada família vive o seu luto. E nós precisamos urgentemente entender que a vida dessas pessoas – das que conseguiram se salvar e daquelas que partiram – são muito caras para tratarmos como “apenas” vítimas e números em estatísticas.

Aqui deixamos a homenagem a todas as vítimas e em especial à nossa grande colega Professora Agnes Schmeling, do IFRS – *Campus* Osório. Ela, junto com sua família, foi vítima de um ciclone em 2023, um daqueles eventos que vinham anunciando a grande tragédia de 2024.

6 ESPERANÇA E RECONSTRUÇÃO

O que nos acometeu em maio de 2024 não foi um evento isolado. Desde a construção do sistema contra as cheias em Porto Alegre, as comportas foram fechadas pela primeira vez em 1984. Só em 2023, enquanto o Vale do Taquari era varrido pelo maior evento de inundação até então registrado, fecharam-se duas vezes as comportas em Porto Alegre, em setembro e novembro.

Se pegarmos o último decênio, tivemos uma grande enchente em julho de 2015 e também em outubro daquele ano, quando as comportas foram fechadas. De lá para cá, tivemos outros episódios de vendavais, microexplosões, ciclones, etc.

Percebam que tudo isso é natural, mas intensificados no tempo e nas repercussões. Até chegarmos em 2024, tivemos muitos eventos extremos que foram elevando a pressão de um ambiente nada preparado para essas situações.

Quando se desliga uma casa de bombas, o que temos que fazer? Quando temos uma temperatura abaixo de 10°C, 5°C, o que temos que fazer? Quando teremos 30mm de chuva? Quando temos mais de 30°C? Somente em 2023, o Rio Grande do Sul teve 56% das mortes por desastre natural do Brasil. É preciso reagir, preparar a população!

As pessoas moram onde o bolso alcança. É dever do poder público regular as áreas de ocupação, via instrumentos urbanísticos como o Plano Diretor. O mercado não se regula sozinho, apesar do desejo de alguns. Se ele se regulasse, nós não teríamos áreas e moradias vazias nos centros urbanos e as periferias cheias de gente e de vida! Há lógica em uma cidade onde existem prédios que servem a estacionamentos em apenas horários comerciais nos centros e as pessoas viverem e até morrerem em áreas de risco de deslizamento, enchentes? As repercussões dos eventos extremos ocorrem em áreas de maior vulnerabilidade porque falta tudo nessas áreas: água potável, saneamento, pavimentação, galerias pluviais, escoamento adequado, boa estrutura das casas, descuido do meio ambiente, etc.

Pensando no caso dos deslizamentos/enchentes em áreas não ocupadas, com características naturais, nos leva a perceber que essas áreas merecem uma atenção. Quando se fala em bacias hidrográficas, a gestão delas deveria ocorrer sobre todas as dimensões e não somente ambiental e muito menos apenas da água. Hoje vemos que é fundamental a visão do todo em uma bacia, como um ecossistema que tem as suas relações mais do que nunca interdependentes. As bacias hidrográficas irão repercutir em toda a sua extensão os impactos de um evento, extremo ou não.

É fundamental a participação social para que possamos compreender o que está acontecendo. Quando se começou a ouvir sobre mudanças no Planeta, começamos pelo Buraco na Camada de Ozônio. Depois veio o tal de Aquecimento Global. Agora, de forma mais abrangente, as Mudanças Climáticas. Era muito distante. Parecia que a ideia era apenas de que os oceanos iriam aumentar o nível e daqui a muitos anos o nível do Guaíba iria subir. Mas não, percebemos com os últimos eventos que todos precisamos entender o que está acontecendo.

Planejamento é a palavra-chave do momento. Precisamos reconstruir os municípios, realocar pessoas, recuperar a economia e para isso precisamos realmente colocar em prática aspectos que já existem em leis, tais como o Estatuto da Cidade, as legislações ambientais, a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil, fortalecer o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), os comitês de bacias hidrográficas e demais instâncias locais e regionais. Também criar novos mecanismos para que tenhamos uma resposta mais rápida aos eventos, planos de ações climáticas realmente eficazes e criar protocolos que assegurem a segurança diante de eventos extremos. E em todo esse processo a participação da população

torna-se imprescindível, seja monitorando as ações, atuando na sua comunidade, reivindicando os seus direitos básicos, de moradia segura e qualidade de vida.

Se a gente não consegue entender o que está acontecendo no mundo diante das mudanças climáticas, é porque ou estamos negando, ou negligenciando, ou ignorando, ou, apenas, esperando ser a próxima vítima. Que a morte de tantas pessoas não seja em vão!

Com esperança, é preciso olhar com fraternidade para o outro e começar a agir com a rebeldia que o nosso tempo merece.

Uma reflexão sobre a enchente de maio

KELLY CRISTINA RODRIGUES GULARTE DA SILVA¹

1 INTRODUÇÃO

Este texto apresenta uma reflexão teórica sobre as chuvas ocorridas no Rio Grande do Sul (RS) desde a última semana de abril e que percorreram o mês de maio, em que se tem o objetivo de pensar como as políticas públicas se deram diante desta enchente histórica.

Usamos alguns conceitos sobre a análise de políticas públicas (Muller, 2018) para a discussão sobre alguns dos muitos exemplos midiáticos relacionados à enchente, que parecia apenas uma chuva forte, mas que se tornou algo inimaginável quando a população passa a assistir as estradas caírem e a água marrom atravessar o estado. A metodologia percorre uma discussão sobre alguns aspectos teóricos que a literatura apresenta sobre políticas públicas e ao mesmo, tempo, são ponderações de quem vivenciou este fenômeno climático.

Esse foi o gatilho, para refletirmos sobre esse excesso de enchentes, em que parecíamos gatos olhando a chuva pela janela, dias e noites nublados, que despencaram o “progresso” construído no estado e que percorreram o mês de maio. A televisão e a internet mostraram inicialmente, uma visão de solidariedade, seguida de sensacionalismo sobre a dor gaúcha, depois seguiram com as responsabilidades das esferas governamentais com sínteses da realidade nas cidades afetadas que não diretamente questionavam o aspecto normativo, ou seja, o dever ser das coisas; e analisar as políticas que ocorrem por ação ou omissão são pontos importantes, mas que não vieram à tona na mídia.

2 AS POLÍTICAS PÚBLICAS

Para pensar sobre o que é uma política, podemos recorrer às catorze páginas do dicionário de Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998) que discorrem sobre diversas vertentes e perspectivas que circulam este substantivo. Os autores ressaltam as divisões do Estado e, nomenclaturas mais modernas para designar o conjunto de atividades do Estado. Em sentido restrito, “política refere-se aos esforços feitos por pessoas ou grupos para obterem o poder, participação no poder ou capacidade de influenciar quem exerce o poder” (Sather; Sather, 2020, p. 118-119).

A política não se reduz ao exercício do poder ou participação no poder do Estado, mas este é uma construção eminentemente política, permeada por relações de poder. Na visão de Afonso (2001, p. 17), o Estado é compreendido como:

¹ Professora substituta das Letras, IFRS, *Campus* Porto Alegre

[...] a organização política que, a partir de um determinado momento histórico, conquista, afirma e mantém a soberania sobre um determinado território, aí exercendo, entre outras, as funções de regulação, coerção e controle social – funções essas também mutáveis e com configurações específicas, e tornando-se, já na transição para a modernidade, gradualmente indispensáveis ao funcionamento, expansão e consolidação do sistema econômico capitalista.

Contudo, frente a transformações que atribuem novas funções ao Estado, a partir da metade do século (séc.) XIX (na França e Inglaterra), surgem as políticas públicas como modo de governo para resolver a questão social, de modo que as políticas públicas são a ação sobre a sociedade, com definições de objetivo, de representações de um problema, das suas consequências e possíveis soluções (Muller, 2018).

Muller (2018) compreende que os atores também são parte indispensável de uma política. Considera a relevância de aprimorar a racionalidade do processo das políticas, porém, segundo ele, é necessário ponderar que a política não é só um conjunto de ações racionais, pois nela operam mecanismos de construção e de interpretação do mundo, uma vez que “as políticas públicas são o espaço onde uma sociedade (vários atores) constroem sua relação com o mundo” (Muller, 2018, p. 52).

Assim, Hill (2006) analisa que muitas ações do programa podem ter (des) continuidades, motivadas por recursos disponíveis, em que podem ocorrer transferências de responsabilidades, mudança no aporte financeiro, modificações estruturais, criações de novas regras sobre administrativas e outras questões do jogo político, como por exemplo, o PDPI que teve uma descontinuidade nos anos de 2014 a 2016. Para Lotta (2019, p. 20):

[...] há muitos fatores interferindo e influenciando a implementação de políticas públicas. A implementação é influenciada por fatores relacionados a sistemas mais gerais (formato do estado, crenças e valores sociais, cultura nacional etc.), organizacionais e relacionados aos indivíduos que atuam nas políticas. As regras, portanto, são apenas um dos elementos importantes para compreender implementação de políticas públicas, mas elas não são suficientes para determinar o que de fato vai acontecer.

A questão é que há referenciais cognitivos que disputam ideias, concepções, visões de mundo e são influentes nas ações dos atores.

O referencial tem uma ordem, embasa a definição de um programa de ação pública, os critérios, os objetivos, ou seja, é um processo cognitivo que funda um diagnóstico que possibilita compreender a realidade, para atuar no real. Os estudos de Muller (2018) sobre referencial, reforçam que há uma imagem cognitiva e normativa

dos atores na forma como se organizam, como têm sua percepção do problema, e que os mesmos confrontam suas soluções e definem suas propostas de ação. Essa visão de mundo é o referencial de uma política, pois “se constitui de um conjunto de prescrições que dão sentido a um programa político (Muller, 2018, p. 55), ou seja, é um referencial normativo e cognitivo.

3 A ENCHENTE DE MAIO

Mostrou-se a sociedade civil se ajudando, dividindo, comprando roupas, comida, material de higiene, grupos de *Whatsapp* mobilizando resgates, enfim, o nome disso é solidariedade, empatia. Há a parte de jacaré em avenidas, facções, assaltos, *fake news*, abrigos, muitos caminhões carregados com doações, embora a discussão sobre a vasta quantidade de plástico no RS oriunda de outros estados (com garrafas de água potável e marmitas) não foram pauta nas notícias.

Visualizamos a solidariedade e contribuição financeira de artistas, *influencers*, clubes, igrejas, instituições variadas, e obviamente a população agradece, mas ao mesmo tempo, nos parece que depois disso tudo: todos terão mais *likes*, seguidores, sócios e entrevistas em *talk shows*, *podcasts* contando sua experiência na enchente de maio no Rio Grande do Sul, listada ao lado de grandes catástrofes como Brumadinho, Mariana, Katrina entre outros.

O governo federal se mostrou presente, organizou planejamento estratégico; na esfera estadual, se pede pix, e se estabelecem planos de última hora para controlar o caos. No âmbito municipal, questionamentos sobre a manutenção e prevenção dos sistemas de água e de contenção são substantivos que aparecem na mídia e entre a sociedade civil, contudo, políticas de prevenção não ocorreram. É um imperativo de que a Constituição Federal precisa ser honrada.

Quem teve recurso foi para a casa da praia. Quem ficou na cidade, se afetado/a, ou ficou ilhado/a dentro de casa ou foi para abrigos. Quem se flagelou migrou para parentes e amigos sobrevivendo entre 15, 20 pessoas em uma casa. A questão é que o direito básico do cidadão/da cidadã que é ter luz e água, ambos privatizados pelo governo estadual evidenciam o quão distante do “progresso” estamos, pois o que isso significa?

Os adjetivos deste momento foram relacionados a horror, caos, guerra, descontrole. Foram alagamentos, destruição para muitos lados. Há quem teve perdas materiais de diferentes níveis, os/as que estão assistindo a tudo nos altos e seguros morros, ou quem está nos resgates. De todo modo, todo cidadão/ã do RS esteve diariamente ligado/a a esta tragédia, mesmo após o término das chuvas. O fato é que todos e todas estamos afetados/das psicologicamente de alguma forma com este mês de maio: de dia das mães, dia da abolição da escravatura e dos aniversariantes que passaram.

Figura 1 – Gatos olhando a chuva



Fonte: Acervo da autora (2024)

Quais são as causas deste pesadelo que já passou o tempo limite de um filme sobre desastres? Há um problema sério de memória política e educacional no Rio Grande do Sul, basta acessar ao Censo de 2023. Existem debates de poder político que passam despercebidos por parcela enorme da população. População essa, em que a maioria não tem ensino médio completo; com um governo estadual e municipal que enfatiza a alfabetização de crianças, mas que diminui verbas para a educação de jovens e adultos. Os sujeitos eleitos, são oriundos majoritariamente de partidos que têm ideias, valores, visões de mundo ligadas ao negacionismo climático, à privatização, ao Estado mínimo, ao empreendedorismo do sujeito,

à diminuição de modalidades educacionais e o que presenciamos na prática são estações de bombeamento de água sem manutenção, a confirmação de que extrair elementos do entorno do Rio e do Lago Guaíba são prejudiciais às cidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São sentimentos de impotência e raiva que não conseguimos descrever. É preciso questionar os mecanismos de construção da ação pública (Muller; Surel, 2002). Os verbos deste momento eram: salvar, abrigar e reconstruir, todavia, o verbo prevenir precisa ser adicionado ao debate político, na conclusão de que precisamos ter um novo olhar sobre a análise das políticas públicas, como o cientista político Pierre Muller preconiza. No entendimento de que as esferas administrativas, diferentes instâncias governamentais e a sociedade civil têm o dever de evitar futuras catástrofes. Fato que pode ser comparado à imagem do resgate, do cavalo ilhado em cima de um telhado, parado, resiliente, que mostra muito do que é o povo gaúcho. Sigamos.

REFERÊNCIAS

AFONSO, A. J. Reforma do estado e políticas educacionais: entre a crise do estado-nação e a emergência da regulação supranacional. **Educação & Sociedade**, ano 22, nº. 75, p. 15-32, ago, 2001. **Disponível em:** <https://doi.org/10.1590/S0101-73302001000200003>

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. trad. Carmen C, Varriale *et al.*; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. Brasília: Editora Universidade de Brasília, v1, 1998, 1.330 p. Vários Colaboradores. Obra em 2v.

HILL, M. Implementação: uma visão geral. *In:* SARAVIA, E.; FERRAREZI, E. **Políticas Públicas**: coletânea, v. 2. Brasília: ENAP, p. 62-87, 2006.

LOTTA, G. A política pública como ela é: contribuições dos estudos sobre implementação para a análise de políticas públicas. *In:* LOTTA, Gabriela (Org.). **Teoria e análises sobre implantação de políticas públicas no Brasil**. Brasília, DF: ENAP, p. 11-38. ISBN: 978-85-256-0123-0, 2019.

MULLER, P. **As políticas públicas**. Tradução: Carla Vicentini; revisão técnica: Maria Antonieta P. Leopoldi. Rio de Janeiro: Eduff, 2018.

MULLER, P.; SUREL, Y. **A análise das políticas públicas**. Tradução: Agemir Bavaresco; Tradução: Alceu R. Ferraro. Pelotas: Educat, 2002

SATHER, A. R.; SATHER, M. R. **150 termos para entender política**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2020.

Campus Porto Alegre: De Acolhedor ao Acolhido

TIMOTEO ALBERTO PETERS LANGE¹

CÉSAR AUGUSTO HASS LOUREIRO¹

ALEX MARTINS DE OLIVEIRA¹

1 INTRODUÇÃO

Em um dia de lindo sol, foi anunciado que haveria uma grande quantidade de chuva, algo inesperado e sem precedentes no Estado do Rio Grande do Sul. Notícias essas veiculadas pela imprensa, pelos líderes políticos e pelos centros de monitoramento climáticos. Já havíamos recebido outros alertas em anos anteriores, não como este, e para muitos era só mais um aviso. Mas não foi. Aqui narro alguns fatos do ponto de vista de quem vivenciou acontecimentos desde o fechamento do campus Porto Alegre até a sua abertura e o difícil processo de limpeza e adequação para o retorno seguro dos estudantes e servidores.

2 O CAMPUS PORTO ALEGRE

O IFRS campus Porto Alegre está localizado em uma área geográfica privilegiada, no centro de Porto Alegre. Esta localização facilita a mobilidade dos estudantes, que são beneficiados pela ampla variedade de opções do transporte público que atendem a região. O campus acolhe mais de 1.300 alunos, são mais de 100 servidores federais distribuídos em diversos cursos, entre eles nível técnico, superior e mestrado.

2.1 PREVISÃO DO TEMPO

A vida segue, sempre segue. No final do mês de abril, iniciaram várias publicações de alertas do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) para uma grande quantidade de chuva que estaria se formando e se dirigindo ao Estado, especialmente na região das cabeceiras dos principais rios do Estado. Os alertas incluíam “*risco de elevados acumulados de chuva no Rio Grande do Sul*”. Já houve outros alertas em um passado pouco distante e que tais eventos climáticos causaram dor e sofrimento a cidades distantes de Porto Alegre. Jamais se cogitaria que pudesse chegar ao campus. Afinal, estávamos protegidos por uma falsa sensação de segurança do muro da Mauá². Mesmo com os avisos, a vida segue no seu ritmo.

2.2 AULAS CANCELADAS

A chuva começou e as aulas estavam normais, até aquele momento. O evento inicial para o campus foi em uma terça-feira pela manhã, dia 29 de abril, onde foi

¹ Professor do Ensino Básico e Tecnológico do *Campus* Porto Alegre.

² O muro de proteção contra enchentes, situado entre o Cais Mauá e a Avenida Mauá, no Centro Histórico de Porto Alegre, RS, é uma estrutura de concreto armado com aproximadamente três metros de altura e mais de 2.500 metros de extensão.

ministrado aula pela manhã. Muita chuva, poucos alunos. A aula transcorreu normalmente, focando em conteúdos que poderiam ser revisados na próxima aula, considerando o baixo *quorum* e o feriado que estava por chegar. Tudo parecia normal, embora que em setembro do ano passado passamos por uma experiência de cancelamento de aulas por risco de alagamento.

À tarde teria mais dois períodos com outra turma e optando por almoçar próximo ao campus, sai correndo pelas ruas do Centro de Porto Alegre, sem guarda-chuvas até o restaurante conhecido por receber os servidores do campus. Na volta, foi a mesma aventura, mas agora tendo que escolher passagem pelas calçadas e nas ruas menos alagadas. Como resultado da aventura, além dos calçados e meias encharcadas, as roupas também estavam molhadas.

Ao retornar ao Campus, um estudante parado na estrada no campus perguntou se teria aula. Pensei comigo “*Como assim não vai ter aula?*”. Respondi em um tom firme e com um sorriso: “*Claro que terá aula!*”. Ele me repreendeu, “*Professor, mandaram um aviso cancelando!*”. Nesse momento, respondi: “*Não recebi nada e por isso terá aula!*”.

Realmente, eu não havia visto um email enviado minutos antes à comunidade acadêmica, pois estava tentando retornar ao campus e me manter seco na minha pequena aventura. Ao constatar o cancelamento e o fechamento do campus, lendo com mais atenção e recordando os fatos de setembro de 2023, procuro o estudante e constrangido confirmou a notícia, “*realmente não terá aula no turno da tarde!*”. Nesse momento me coloquei no lugar dele e me desculpei por ele ter vindo da sua casa até o campus, naquelas condições e ter que retornar sem ter tido a sua aula. Nesse momento, o campus seria fechado por dois dias e o retorno previsto era para sexta-feira, dia 3 de maio. “*Vamos embora! Até sexta!*”

2.3 A INUNDAÇÃO

Chegou a sexta-feira, o dia de retornar, mas não foi bem assim. A chuva não parou e tivemos um feriado molhado. Começaram as notícias de alagamentos nas cidades da região: Muçum, Roca Sales e Lajeado, cidades estas já afetadas em eventos anteriores. Neste momento era sabido que houve perdas, mas até então não se imaginava o tamanho dos acontecimentos.

A direção do campus estava presente na sexta pela manhã no campus avaliando a situação. Embora até o momento não houvessem sido canceladas as aulas oficialmente, o transporte público estava suspendendo a ida ao centro de Porto Alegre e conseqüentemente até o campus, por isso não havia estudantes.

Neste momento, a direção do campus manteve a comunicação com a comunidade acadêmica enviando mensagens sobre a situação. Confesso que fiquei tentado de ir ao campus, mesmo sabendo que não deveria. Mas ajudar no que? Até esse momento, ainda ninguém imaginava ou acreditava que a água poderia adentrar o campus.

Às 08h50min da manhã de sexta-feira chegou a informação de que a água estava na rua de trás no prédio, em frente à saída da garagem. Acredito que o

pensamento coletivo era de água apenas nas calçadas: não vai entrar no prédio se há uma diferença de uns 30 cm.

O inimaginável ocorreu às 11h e 11min, onde toda a comunidade acadêmica recebeu um comunicado de cancelamento das aulas presenciais até o dia 07 de maio. Além disso, várias imagens começaram a circular mostrando o centro sendo tomado pelas águas. Nesse momento, começou um sentimento de inquietação e entrando em contato com alguns colegas professores para ir ao campus para tentar levantar e salvar algo, já era tarde! A água já havia fechado as ruas no entorno do campus. Não havia mais nada a ser feito! O campus estava sem energia, o centro de Porto Alegre estava sem luz, tomada por águas escuras e mal cheirosas. Incrédulo com o acontecido imaginava o átrio do campus, na sua completa escuridão, tomado por essas águas e com esperança de que não passasse de uma mera lâmina de 2 cm de água, mas não foi o que aconteceu.

2.4 SENTIMENTOS DE PERDA

O sentimento de “perder” alguma coisa pode ser definido como “deixar de ter alguma coisa que se possuía, por culpa, descuido ou por força de externa”. Esse era o sentimento predominante: Perdemos algo.

Para uma criança, perder alguma coisa pode ser o seu brinquedo favorito, para o trabalhador, seu emprego. Para a família, pode ser um parente querido. Mas agora, vamos tentar imaginar o sentimento de quem perdeu a sua casa na catástrofe climática. Para quem teve a sua casa inundada, o sentimento é de que perdeu tudo, desde os objetos mais simples, como escova de dente ou um pijama até a sua história como documentos, cartões de bancos, fotos da família, seu passado e o seu legado. Sua identidade!

Não há comparação entre perder a casa e o acontecido no campus. Mas este exercício serve para poder nos colocar e tentar imaginar respeitosamente a dor dessas famílias!

No campus Porto Alegre local de tantas histórias, descobertas, formaturas, onde pode até ter sido o local inicial de várias histórias de amor, de acolhimento e onde trazia segurança para muitas pessoas, agora também estava inundado, isolado e solitário. O local onde a comunidade acadêmica acolhia e era acolhida, agora estava assombrada pelas sujas águas do lago Guaíba, contaminada pelo esgoto das ruas do centro de Porto Alegre.

Uma réplica do acontecido com as famílias que perderam suas casas, aqui também pode ser vivenciado, perdemos computadores, impressoras 3D, impressoras a lasers, arquivos desde o início do campus, instrumentos musicais, auditório, entre outros. Entre os espaços mais significativos, podemos citar o Prelúdio³ e o Poalab⁴.

³ Prelúdio é uma ação de extensão de funcionamento anual. Aberto a comunidade em geral, o Projeto Prelúdio visa a educação musical de crianças e jovens de cinco a dezessete anos e conta, atualmente, com mais de trezentos alunos.

⁴ O POALAB é um laboratório de fabricação digital. Caracteriza-se como uma plataforma de prototipagem rápida para a aprendizagem, inovação e invenção.

Outro local muito afetado foi o Arquivo, responsável pela documentação impressa dos estudantes egressos do campus. Mais de 70 anos de história estavam misturados com água e lodo. Trabalhos e dedicação de anos estavam agora submersos.

2.5 FAZENDO ALGO

No dia 03 de maio nosso campus foi inundado. Devastados não só pela notícia do Campus, começamos a receber relatos sobre nossos estudantes, amigos e colegas. Narrativas das mais diversas. Foi da necessidade de ajudar que surgiu um dos maiores eventos que mobilizou e uniu todo o campus, a “Ação de Arrecadação de Donativos do Campus Porto Alegre”.

Essa ação não seria fácil, pois onde poderíamos criar uma Central de Recolhimento se não tínhamos um espaço físico? Onde poderíamos nos reunir se o campus, nossa referência, estava isolado, alagado? Graças a reitoria do Instituto Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Sul (IFRS) que cedeu gentilmente o espaço de Escritório de Projetos⁵ (Figura 1), foi possível mover toda a direção do campus temporariamente para um endereço pouco conhecido até então, mas que se tornou protagonista no acolhimento de estudantes e servidores do Campus.

Foi lá, no Escritório de projeto do IFRS onde foram tomadas as principais decisões sobre o cancelamento e principalmente sobre o retorno das aulas. Foi desse endereço onde foi realizada a primeira reunião geral para organizar o retorno. Foi ali, no escritório de projetos, que nossos estudantes puderam receber roupas, cestas básicas, colchões e abraços de seus professores.

Figura 1 – Escritório de Projetos do IFRS



Fonte: arquivo pessoal do Autor.

⁵ Atua como articulador entre o IFRS e organizações públicas e privadas, apresentando soluções inovadoras para as demandas da comunidade externa. Localizado na Corte Real, 142, bairro Petrópolis.

Nesse período, um evento bastante dramático vivido foi o resgate ao Prof. César Loureiro. O Prof. César é residente na cidade de Eldorado do Sul, cidade que teve 90% do seu território inundado. Todos sabíamos que ele morava, mas não havia notícias se ele e a sua família estavam bem e a salvo. A cidade estava inundada, sem acesso, sem energia, não havia meio de ir até lá e nem de ligar. As poucas informações constavam que ele e sua família ainda estavam na casa, agora inundada.

No dia 05 de maio, um grupo de professores começou uma comoção de resgate. Por mais que fosse divulgada uma lista de telefones públicos e privados para socorrer pessoas em situação de risco extremo, acredito que por ter tido milhares de demandas, nosso pedido de resgate foi apenas mais um dentre os diversos pedidos de socorro naquele momento. Polícia, bombeiros, barcos particulares e até helicópteros foram acionados para tentar resgatar, todos sem sucesso devido ao alto número de demandas.

Após algumas longas horas de angústia, tivemos a feliz notícia que o prof. e sua família foram resgatadas. Após dois dias, recebemos uma mensagem dele contando os momentos dramáticos vividos:

“Com a cheia das águas, a energia da cidade de Eldorado do Sul foi suspensa, desligando todas as torres de celular e conseqüentemente a comunicação da cidade. Cenas de guerra, helicópteros passando pela cidade de hora em hora durante toda a madrugada, as pessoas sendo levadas para a única área seca da cidade sobre a BR-290, onde também não havia qualquer tipo de abrigo. Foram 4 dias de espera em casa, que felizmente tem dois pisos e pode abrigar minha família e alguns vizinhos até a cidade voltar a ter ligação terrestre com Porto Alegre, quando fomos resgatados por amigos que vieram de Florianópolis trazendo um barco até Eldorado. Nesses momentos é que enxergamos que o bem mais importante que possuímos é a nossa vida”

Outra ação importante adotada pelos professores de informática, grupo ao qual eu faço parte, foi que durante o período de calamidade climática de entrar em contato com todos os estudantes do curso e verificar suas situações. Combinamos que não falaríamos absolutamente nada sobre conteúdo, avaliação ou aulas. Apenas queríamos saber como estavam, se precisavam de algo ou se poderíamos fazer algo por eles. Foi gerada uma lista com os nomes e telefones onde cada professor ficou responsável por falar com certo número. Após o retorno das aulas, recebi alguns retornos emocionados de estudantes sobre a abordagem realizada nesse período.

2.6 A TRISTE REALIDADE

O que era para durar poucos dias se estendeu por muitos dias. O processo de a água subir e logo abaixar não aconteceu. Algo importante a destacar nesse trecho do texto é que toda a nossa infraestrutura de informática estava hospedado no

campus, onde não havia energia, ou seja, toda a nossa infraestrutura de Tecnologia de Informação (TI) estava desligada, isso inclui o portal do campus, uma parte do sistema acadêmico, sistemas administrativos e o ambiente de aprendizagem virtual - AVA (Moodle). Estávamos sem meio de comunicação oficial com os alunos. Precisávamos fazer algo!

No dia 20 de maio, criamos um plano de resgate dos computadores (servidores de rede) do campus. O Prof. Alex Martins de Oliveira, diretor de TI do campus, o técnico de TI, Luis Mauro Garcia Sobotyck e eu fomos até o campus, ainda interditado mas agora com uma camada de 4cm de uma lama mal cheirosa, usando botas de borrachas, luvas e máscaras para resgatar os computadores. Lembrando ao leitor que o centro de processamento de dados do campus, local onde estavam os equipamentos de informática, localiza-se no sétimo andar e o prédio estava sem luz. Além disso, no planejamento não lembramos que cada computador pesava em torno 35 kg e eram 2 computadores, mais os seus acessórios.

Conseguimos descer os equipamentos e com a ajuda do Prof. César, tivemos a autorização da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), através do Vice-diretor do CPD, senhor Rui de Quadros Ribeiro, para alocar temporariamente os equipamentos no Centro de Processamento de Dados durante o período da catástrofe climática. Estávamos novamente conectados com nossa infraestrutura de TI, agora hospedada fora do campus.

A água estava baixando e havia a necessidade de organizar o processo de limpeza do campus. Fui convidado a fazer parte da Comissão de desfazimento do Campus. Aceitei sem imaginar o que poderia presenciar.

No dia 28 de maio, acessei o campus com a finalidade de inventariar os itens que seriam descartados. Foi nesse dia o segundo momento mais marcante. O que eu encontrei foi mistura de uma cena da série de “*Chernobyl*”⁶ com uma cena do filme de “*Fim dos Tempos*”⁷ (Figura 2). Esse trabalho de identificação e descarte durou mais de 15 dias, gerando uma lista de mais de 2 mil itens irrecuperáveis.

Ainda nesse período, não podemos esquecer o processo necessário para o retorno da rede elétrica no campus. O prédio era o antigo hospital da Universidade Luterana, onde havia uma pequena subestação elétrica no primeiro andar para atender a demanda do ex-Hospital. Toda essa subestação foi inundada e em certos lugares por mais de 1,40m de água, inutilizando todos os equipamentos e exigindo uma troca dos equipamentos que levaria mais de 30 dias.

⁶ Minissérie baseada em uma história real sobre o acidente nuclear catastrófico ocorrido entre 25 e 26 de abril de 1986.

⁷ É um filme do gênero suspense apocalíptico de 2008 que trata de um grupo de pessoas que tenta escapar de um desastre natural inexplicável.

Figura 2 – Almoxarifado do Campus Porto Alegre



Fonte: Arquivo Pessoal do Autor.

2.7 DO RECOMEÇO

Para voltar com as aulas, o Diretor do Campus. Prof. Sérgio Viana havia planejado isolar o andar térreo para evitar o contato das pessoas com as paredes contaminadas. Estratégia digna de aplausos e respeito, porém uma pergunta dominava os pensamentos: Como voltar às aulas sem energia elétrica? Foi aí que surgiu a alternativa, aplicada pela infraestrutura do campus, coordenada pelo José Luiz Rodrigues, o “Zezinho” como é conhecido.

O Zezinho foi um, entre outros, um dos que esteve presente durante a colocação do gerador, que energizou o segundo andar e posteriores. A Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE-Equatorial) cedeu um gerador de grande porte para abastecer o prédio do campus. Este equipamento cedido ficou por cerca de 30 dias possibilitando o retorno às aulas enquanto os reparos eram efetuados na subestação elétrica do prédio.

Após o retorno da energia elétrica, fizemos o resgate dos equipamentos de TI que estavam no CPD da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pois aquela hospedagem deveria ser de forma temporária.

3 O FINAL FELIZ - REENCONTRO

As aulas foram retomadas no dia 24 de junho. Foram cerca de 50 dias desde que o Campus Porto Alegre suspendeu suas aulas presenciais e atividades administrativas até o seu reinício. Nesses quase 50 dias de suspensão e isolamento do campus, foi possível testemunhar uma comoção da comunidade acadêmica, sendo em doações, em ajuda de transporte de mantimentos ou simplesmente nos pensamentos positivos. De todos os fatos narrados, que mais surpreendeu ao voltarmos foi que “voltamos mais fortes e unidos do que antes!”.

O espaço prelúdio

BRUNO FELIPE DUARTE¹

1 INTRODUÇÃO

No dia 29 de abril de 2024 (segunda-feira) eu assinei minha posse como professor efetivo de Música - Violão no IFRS Campus Porto Alegre. Na sexta-feira da mesma semana ocorreu um evento que vai marcar minha vida para sempre.

O texto que vocês irão ler representa apenas um pedaço da inacreditável história que o Espaço Prelúdio vivenciou no mês de maio de 2024. Irei relatar a sequência de eventos da qual eu participei, me baseando nas mensagens trocadas no grupo de professores do WhatsApp e em especial na minha memória. Muitas fotos, vídeos e áudios foram registrados e mostram a intensidade do que vivemos.

2 O CHAMADO À AÇÃO

Dia 03 de maio, sexta-feira

Grupo de WhatsApp: Profes Música IFRS-POA

[08h56] Maria

Pessoal, algumas atualizações de agora: Há um pequeno grupo de pessoas no prédio (Sérgio, Zezinho, vigilantes) pra erguer o que for possível do térreo, inclusive Espaço Prelúdio. Sérgio pedem que evitem ir pro centro. A Mauá ainda não está alagada, mas já tem água no túnel da Conceição. Aulas remotas na segunda e na terça já são praticamente garantidas. As 10h eu entro e reunião e atualizo a todos.

Estão todos bem? Suas famílias estão bem? Alguém precisa de ajuda?

[10h22] Maria

Os instrumentos musicais do preludio foram levantados. Sergio esta no campus agora

[10h24] Bruno

Pessoal, eu moro há 8 minutos a pé do Prelúdio. Eu posso ir lá levantar as coisas agora ao meio dia se me deixarem entrar. Ou também, posso ir de carro e trazer algumas coisas aqui para casas se for o caso

[10h25] Áudrea

parece que o diretor já ergueu os instrumentos

[10h26] Clarissa

Tem uma previsão de o qnto vai dúvida? Preocupada com as flautas que estão nos armários. Se pegar água já era.

¹ Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, *Campus* Porto Alegre.

[10h27] Maria

Bruno, vai agora. O Sérgio tá lá.

[10h30] Bruno

Tô a caminho. A pé. 8 min chego

[10h32] Maria

gente, algumas pessoas tão dizendo que não tem mais o que fazer. Se alguém puder ligar pro Bruno, pra ele voltar.

Já a caminho do IFRS, descendo a rua Coronel Vicente, o meu telefone toca:

Pablo

Volta pra casa meu, volta pra casa. Essa água é de esgoto. Não tem o que fazer. Depois a gente corre atrás.

Bruno

Estou na esquina do prédio. Vou encontrar o diretor e ver como está a situação.

Pablo

Cara, no menor risco, volta pra casa.

3 O PRÉDIO

Ao chegar na garagem do IFRS na rua Comendador Manoel Pereira número 60, encontro pela primeira vez o Diretor-Geral do nosso campus, Sérgio Viana. Eu o cumprimento e pergunto como ele está. Ofegante, mas sorrindo (como sempre) ele diz: assinei tua posse essa semana. É um prazer te conhecer! Pena que seja sob essas circunstâncias. Eu pergunto a ele qual a previsão que a água pode subir no prédio e ele me responde: as estimativas dizem que a água pode entrar no prédio pela garagem, mas não sabemos quanto. Nesse momento surge outra pessoa: Zezinho. Nós nos olhamos e entramos no prelúdio. Mal sabia eu que seria a última vez que veria aquele espaço da forma como eu conhecia.

4 O COMEÇO DOS TRABALHOS

Me direciono a secretaria, abro minha carteira e retiro a cópia da chave que tinha guardado comigo. Ao entrar na sala tomo o meu primeiro susto: sempre houve tanta coisa aqui dentro?

Começamos carregando os violões escada acima. Eram aproximadamente 7 instrumentos que estavam pendurados na parede. Após levarmos todos eles, voltamos à sala para verificar o que ainda poderia ser levantado. Fui erguer os gabinetes dos computadores que ficavam no chão, mas estavam cadeados. O professor Sérgio olha ao redor e vê um par de tênis do nosso técnico administrativo. Resolvemos colocá-lo sob a mesa para que não fosse perdido.

Após isso, vamos para o estúdio 02. Essa sala era utilizada pela professora Áudrea nas aulas de laboratório musical, e por este motivo era o local que abrigava mais instrumentos. Não consigo quantificar quantos eram, mas certamente havia mais de 40 tambores, cajons, entre outros instrumentos variados.

Decidimos começar a carregá-los para o andar de cima. Os instrumentos eram pesados e só era possível carregar um ou dois por vez. O trajeto consistia em pegar um instrumento no estúdio 02, carregar ele por um lance de escadas e largar dentro de outra sala. Esse trajeto parece pequeno, mas depois da quarta volta ele fica mais longo. Depois de alguns minutos, já ofegantes, resolvemos criar uma logística. Sérgio me trazia o instrumento até o pé da escada, eu carregava escada acima e o Zezinho os acomodava na sala. Por pelo menos 15 minutos carregamos inúmeros instrumentos do estúdio 02 para o andar de cima. Minha canela começou a doer muito e nos dias seguintes desenvolvi uma canelite (inflamação na canela proveniente de esforço físico intenso).

Sérgio me chama para ver o que ainda restava no estúdio 02 e me pergunta: o que fazemos com estes instrumentos que estão em cima dos armários? Eu sugiro que deixemos ali, afinal, estão seguros. Ainda precisamos visitar outras salas.

Nesse momento lembro da antessala que separa os estúdios. Ao entrarmos no espaço somos surpreendidos novamente. Aquela sala funcionava como um depósito onde guardávamos dezenas de equipamentos, porém não há nada que possamos fazer.

Imagem 1 - Antessala dos estúdios



Fonte: o autor.

O telefone do Sérgio toca e alguém informa que a água está subindo muito rapidamente. Oriente o Sérgio que vá ao estúdio 03 para recolher o máximo de equipamentos enquanto verifico o restante das salas.

Envio uma mensagem no grupo:

[10h56] Bruno

Alguém pode listar o que a gente tem que levantar? Só pra eu não esquecer nada

[10:57] Fernanda

Tem as coisas da sala dos alunos. Tem 10 anos de registros de aulas meus no armário que está na sala 9 (sala dos alunos)

[10:59] Áudrea

teclados do E2, equipamentos da mesa do E3, caixas de som, escaletas do armário aberto (Beatles) no E2

[11:02] Pablo

Contrabaixos

[11:03] Áudrea

o céu

[11:03] Áudrea

uns violinos se der

[11:14] Marcel Santos IFRS

Bruno, os computadores da secretaria

[11:15] Clarissa de Godoy Menezes

Os arquivos...

[11:17] Maria Benincá

recolher os cabos do chão

Corro para a sala 09, abro o armário e encontro muitos materiais guardados. Retiro tudo que está nas duas prateleiras debaixo e coloco em cima da mesa do lado. O que não coube, coloco em cima do armário, afinal, a água não deve subir muito. Clarissa menciona os arquivos que estavam guardados em um armário da secretaria. Corro até lá e retiro os que estão nas prateleiras mais abaixo e coloco em cima da mesa na esperança de que eles sejam salvos.

Ao chegar no estúdio 03 ainda encontro muita coisa. Uma bateria, mesa de som, caixas de som em pedestais. Pensamos em carregar tudo, mas o tempo urge. Já são 11h20 da manhã e a água segue subindo na rua de trás.

Nesse momento, olho para o Sérgio e digo: vamos embora. Não há mais o que tirar. Além disso, eu não me preocuparia tanto com o estúdio 03. Se a água chegar até aqui, teremos problemas muito maiores do que as caixas de som e alguns cabos no chão...

5 REGISTROS PÓS ENCHENTE

Algumas semanas depois, quando a água baixou, foi possível entrar no prédio e registrar algumas imagens de como o espaço ficou. A foto abaixo representa o estado que encontramos a antessala dos estúdios.

Imagem 2 - Antessala dos estúdios



Fonte: Sérgio Viana

A foto abaixo foi tirada pelo Pedro Ferraz, discente do curso técnico em Instrumento Musical e mostra o estado em que o nosso piano ficou após passar semanas na água. O instrumento foi completamente perdido.

Imagem 3 – Piano do estúdio 01



Fonte: Foto de Pedro Ferraz

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever esse relato precisei visitar o nosso grupo de WhatsApp nos dias em a tragédia iniciou. Ao ler aquelas mensagens, ouvir os áudios e assistir os vídeos, fui tomado por uma grande emoção. Naquela manhã, apesar da urgência em tentar subir o máximo de instrumentos possíveis, no meu interior eu pensava que aquilo fosse apenas uma precaução e que na semana seguinte estaríamos todos carregando os instrumentos para o andar de baixo novamente.

Infelizmente não foi isso que aconteceu e todos os materiais que ficaram no térreo, seja em cima de mesas ou de armários, foram completamente perdidos. Alguns por terem caído na água, outros por terem mofado completamente por estarem em um ambiente tão úmido. Além disso, mesmo alguns instrumentos que foram levados para o andar de cima também se perderam, pois, a umidade também alcançou outros andares.

7 AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Diretor-Geral Sergio Viana e ao Zezinho por terem estado presente comigo naquela manhã e terem me ajudado a carregar os equipamentos e instrumentos do Prelúdio. Também gostaria de agradecer ao grupo de professores do Projeto Prelúdio por tamanha garra e força de vontade para manter a chama desse projeto sempre viva.

O dever das águas: vivências e memórias da grande enchente de 2024

TATIANA ZISMANN¹

*Tudo deu certo, meu velho Heráclito,
Porque eu sempre consigo
Atravessar esse teu rio
Com o meu eu eternamente outro...*
Bilhete a Heráclito (Quintana, 2005, p. 513).

Figura 1 – Barricadas no Centro Histórico de Porto Alegre



Em 12 de maio de 2024, foram colocadas barricadas na rua General Salustiano, permitindo o acesso por terra da rua Riachuelo e da rua Duque de Caxias à Usina do Gasômetro, por onde chegavam muitos desalojados, entre pessoas e animais, especialmente das ilhas. Fonte: Zismann, Tatiana (2024).

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS) e Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Substituta de Língua Portuguesa e de Língua Espanhola do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), *campus* Porto Alegre. Analista técnica (revisora de Língua Portuguesa e Espanhola na Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão do Estado do RS (SPGG-RS)).

1 INTRODUÇÃO

O início das minhas atividades docentes como professora substituta do IFRS no *campus* Porto Alegre entrelaçam-se com a grande enchente de 2024. Fiz a seleção em finais de abril de 2024. No mês seguinte, 03 de maio, as águas haviam invadido meu novo espaço de trabalho. As mesmas águas inundaram o Centro Administrativo Fernando Ferrari, onde trabalho como revisora textual da Secretaria do Planejamento do Governo do Estado do RS. Também chegaram à esquina da minha casa, no Centro Histórico de Porto Alegre. O que antes era firme como terra, súbita e intempestivamente, liquefez-se em rio: trabalho e casa. Um continente desmembrava-se em arquipélagos. Estávamos ilhados (Figura 1).

As comodidades da vida contemporânea haviam subitamente desaparecido: água potável, energia elétrica e internet. A chuva durou um mês inteiro, e, a cada gota que caía, aumentava a apreensão. Desenrolava-se diante dos nossos olhos a maior calamidade da história do Estado do Rio Grande do Sul. O chão virou rio. O telhado virou abrigo. Depois do “Gaúcho a Pé”, que sucedeu ao “Centauro dos Pampas”, era chegado o momento do “Gaúcho no Telhado”, uma triste reinvenção das tradições. O Brasil e o mundo assistiram alarmados ao desenrolar dramático da grande enchente. A comoção foi nacional e internacional. A ajuda humanitária chegou de todas as partes. Criaram-se corredores humanitários. O cenário era de destruição, e a adrenalina era a de uma guerra. Voluntários resgataram pessoas e animais e trabalharam em abrigos. Formou-se uma corrente de salvamento. A bandeira do Rio Grande Sul (Figura 2) surgiu por todas as partes a reforçar o nosso pertencimento a uma identidade. Somos gaúchos, estamos juntos nessa! Resistiremos!

Por um longo período, a água ficou estancada em diversos lugares. Essa foi uma das características da histórica inundação da capital gaúcha. Muito lentamente, ela recuou, e, em inúmeros pontos, precisou ser drenada, não sem o protesto das comunidades, como no bairro Humaitá. A água estagnada por tanto tempo putrificou o que era útil: móveis, vestimentas, livros e documentos, por conterem histórias, tornaram-se destroços de memória. Nos lugares atingidos, por muito tempo, sentiu-se o cheiro podre da matéria orgânica em decomposição. As lembranças estão em todos os lugares, a imprimir à memória urbana coletiva, a história traumática da inundação: a incrível altura das marcas nas paredes, o mofo dos tetos, as árvores tombadas, as calçadas e vias destruídas. Animais raros no cenário urbano começaram a ser vistos: um búfalo (excelente nadador) no Pontal, uma capivara perdida no Gasômetro (...). O extraordinário logo passou a ser cena cotidiana. Fato é que as memórias serão carregadas para sempre e ressignificadas ao longo do tempo. Serão traumáticas, doloridas, minimizadas pelos indiferentes e enaltecidas pelos bravios que resistiram. O rio furioso havia passado e tornara ao seu leito. O que nos passará agora, depois dessas águas?

Figura 2 – Bandeira do Rio Grande do Sul na Orla do Guaíba



Orla do Guaíba, ao lado da Usina do Gasômetro, em Porto Alegre. Fonte: Zismann, Tatiana (2024).

Por um longo período, a água ficou estancada em diversos lugares. Essa foi uma das características da histórica inundação da capital gaúcha. Muito lentamente, ela recuou, e, em inúmeros pontos, precisou ser drenada, não sem o protesto das comunidades, como no bairro Humaitá. A água estagnada por tanto tempo putrificou o que era útil: móveis, vestimentas, livros e documentos, por conterem histórias, tornaram-se destroços de memória. Nos lugares atingidos, por muito tempo, sentiu-se o cheiro podre da matéria orgânica em decomposição. As lembranças estão em todos os lugares, a imprimir à memória urbana coletiva, a história traumática da inundação: a incrível altura das marcas nas paredes, o mofo dos tetos, as árvores tombadas, as calçadas e vias destruídas. Animais raros no cenário urbano começaram a ser vistos: um búfalo (excelente nadador) no Pontal, uma capivara perdida no

Gasômetro (...). O extraordinário logo passou a ser cena cotidiana. Fato é que as memórias serão carregadas para sempre e ressignificadas ao longo do tempo. Serão traumáticas, doloridas, minimizadas pelos indiferentes e enaltecidas pelos bravios que resistiram. O rio furioso havia passado e tornara ao seu leito. O que nos passará agora, depois dessas águas?

2 NENHUM HOMEM SE BANHA DUAS VEZES NO MESMO RIO

Heráclito foi um filósofo pré-socrático que nasceu na cidade de Éfeso, na Grécia Antiga. Ele viveu, aproximadamente, entre 540 a.C. e 470 a.C. Dedicou-se à investigação da natureza, sendo lembrado, sobretudo, pela sua concepção da fluidez das coisas. Para o filósofo, “tudo flui”, entendimento que expressou mediante a metáfora do rio, que nunca estanca, o que se aplica a todas as coisas, pois tudo está em constante mudança.

Para Heráclito, ao chegarmos a um rio que já “conhecemos”, pensamos ser esse o mesmo rio de outrora. Porém, dado o fluxo constante da água, ele já não é mais o mesmo. A água que existia antes já desceu rio abaixo. Nós também, ao “adentrarmos” nesse rio, não somos mais os mesmos, já que sofremos processos constantes de mudanças. Duvido que exista pessoa que veja o Guaíba da mesma maneira antes de vivenciar a enchente de maio de 2024. O rio- -lago não é mais o mesmo. Não somos mais os mesmos: nenhum homem se banha duas vezes no mesmo rio (...).

Foi com o poema do gaúcho Mário Quintana, “Bilhete a Heráclito”, — com o qual iniciei estas memórias —, que comecei minhas aulas no IFRS. Precisava de um instrumento dialógico e reflexivo para um momento de acolhimento mútuo: eu iniciando na instituição que reabriu depois de quase dois meses; alunos e colegas, muitos diretamente atingidos, retornando às aulas. Era necessário um *tema gerador* para iniciar o encontro. Eu não era mais a mesma nesse (re)início da aulas, tampouco os alunos. O *campus* não era o mesmo. O átrio que havia recentemente sido pintado — assim me relataram os colegas — estava coberto de mofo. Instrumentos musicais do Projeto Prelúdio, carregados às pressas, muitos cobertos de lama. Recursos básicos didáticos haviam-se perdido (canetas, apagadores, controles, folhas de papel e muitos outros itens). A retomada das aulas foi marcada por um ato bastante significativo, organizado pela direção: as bandeiras do Estado do Rio Grande do Sul e do IFRS embarradas foram substituídas por novas em um ato simbólico de superação (Figura 3). Hoje, figuram no átrio as bandeiras enlameadas a lembrar a intempérie, a fim de manter vivas, como metonímias, a grande tragédia do *campus*, que, graças aos esforços da comunidade acadêmica, reabriu muito antes do previsto. A intertextualidade milenar instaurada pelo poeta gaúcho com o filósofo da Grécia antiga forneceu, assim, os instrumentos reflexivos para aquele momento: era a mais pura verdade aquele bilhete!

Figura 3 – Troca das bandeiras na retomada das aulas no IFRS, *campus* Porto Alegre



Na retomada das atividades presenciais do *campus* Porto Alegre, estudantes realizaram a troca das bandeiras. As bandeiras enlameadas encontram-se expostas no átrio da Instituição. Fonte: Zismann, Tatiana (2024).

Mario Quintana foi um homem antitético: expressava uma leveza ao escrever que em nada coincidia com a vida árdua que levava, marcada pelo alcoolismo e insuficiência de prover os meios de vida. Achei muito interessante esse seu diálogo da poesia com a filosofia. Os versos encerram uma visão positiva do poeta face à existência, uma vez que o eu lírico via como satisfatória seu movimento e/ou habilidade de atravessar *esse rio do filósofo*: “ tudo deu certo, meu velho Heráclito, “porque eu sempre consigo atravessar esse teu rio” (o novo, o que sempre muda), mediante “o meu eternamente outro...”, entendendo-se como ser em constante mudança.

O poeta alegreteense já vivia na capital quando a cidade foi atingida pela que tinha sido, até 2024, a mais devastadora enchente da cidade, em 1941. Sete anos depois, lançou “Sapato Florido”, onde compôs com versos leves e bem-humorados o poema “Reminiscências”:

A enchente de 1941. Entrava-se de barco pelo corredor da velha casa de cômodos onde eu morava. Tínhamos assim um rio só para nós. Um rio de portas a dentro. Que dias aqueles! E de noite não era preciso sonhar: pois não andava um barco de verdade assombrando os corredores? Foi também a época em que era absolutamente desnecessário fazer poemas (Quintana, 1994, p. 99).

Os dias de infortúnio e tragédia vividos pelo poeta, ao se configurarem em reminiscências, ganham ares de lirismo: “um rio só para nós”. Um rio de portas adentro”. O onírico possibilitado pela criação poética, “um barco de verdade assombrando os

corredores”, era a própria realidade tornada memória: “Que dias aqueles!”, daí ser “absolutamente desnecessário fazer poemas” (...). Os versos parecem expressar um apaziguamento frente ao trágico e o arejamento da cidade face ao trauma coletivo. Na época, falou-se muito de que houve uma “revolta” do Guaíba para com Porto Alegre.

Em 1976, o poeta, já com 70 anos de idade, quebrava um jejum de dez anos sem publicar obra inédita com o lançamento de “Apontamentos de história sobrenatural”. Destaca-se, aqui, o poema “A grande enchente”, marcado por versos lúgubres, onde ganham vulto a solidão, a loucura e os cadáveres de pessoas e animais, mas também o descaso pelo o que há de vir. Se tudo flui, também reflui: as lembranças são dinâmicas e ressignificadas com o tempo e, mais uma vez, as águas estão lá, cambiantes, no eterno devir das coisas. Os versos amenos da década de 40 em nada lembram os versos lançados 30 anos depois:

Cadáveres de Ofélias e cadelas mortas
virão parar por um instante às nossas portas.

Porém —sempre à mercê dos redemoinhos —
prosseguirão depois seus incertos caminhos...
Quando a água alcançar as mais altas janelas
eu pintarei rosas de fogo em nossas faces amarelas.

Que importa o que há de vir? Tudo é poupado aos loucos
e os loucos tudo se permitem. Vamos!

Espíritos de deuses, sobre as águas pairamos.
Alguns de nós dizem que apenas somos nuvens...
Outros, uns poucos,
dizem que somos nada mais que mortos...

Mas não avisto, lá embaixo, os nossos próprios
defuntos... E em vão, também, olho em redor...

Onde é que estão vocês,
amigos, amigas, dos primeiros e dos últimos dias?
É preciso, é preciso, é preciso continuarmos juntos!

E, então, num último, e diluído, e triste pensamento
eu sinto que o meu grito é só a voz do vento...
(Quintana, 2005, p. 410-411)

Quintana dialoga, assim, não apenas com Heráclito (que compõe a obra “A vaca e o hipogrifo”, lançada em 1977), mas com suas próprias lembranças nas eternas confluências das águas da memória. Nenhum homem se banha duas vezes no mesmo rio.

3 *MUTATIS MUTANTIS*: EXPERIÊNCIA E VIVÊNCIA NO ANTROPOCENO

Se tudo flui constantemente, se nenhum homem se banha duas vezes no mesmo rio, pergunto o que faremos das vivências da calamidade para convertê-las em experiências? A Porto Alegre de 2024 havia dado as costas para a Porto Alegre de 1941 e, no auge da soberba, pautaram derrubar o Muro da Mauá (tido como obsoleto, afinal, o capítulo da enchente era parte de um livro de História distante), como propalado por inúmeros políticos. Fomos incautos quanto à manutenção — quando tínhamos a técnica ao nosso dispor — das casas de bombas e diques (aquelas deixaram de funcionar e, estes últimos romperam-se na tempestividade das águas), que foram projetados para proteger a cidade. Somos soberbos quando colocamos o rio na condição de invasor, quando, na verdade, foi a civilização que adentrou o rio com seus aterramentos. Oh, *História, Mestra da Vida*, tem piedade de nós! Precisamos, no eterno fluir das coisas, repensarmos nossa condição civilizatória, pois os rios, as queimadas, o calor, o derretimento das geleiras e o aquecimento dos oceanos estão nos avisando que são necessárias mudanças para, com sorte, desacelerarmos o *fim da História*. São necessárias mudanças paradigmáticas. A nossa resiliência, mais do que nos permitir voltar ao padrão “normal” do desenvolvimento, precisa ser um instrumento de reinvenção de um novo *modus operandi*.

Talvez tenhamos aprendido o valor da solidariedade e do trabalho coletivo para enfrentar uma calamidade, mas é necessário que as memórias das nossas vivências nos abram a consciência para uma profunda e prospectiva reflexão: estamos acabando com o planeta. Precisamos ler os signos da natureza e eles estão convulsionados frente ao nosso “desenvolvimento”. Ailton Krenak, em suas palestras compiladas em “Ideias para adiar o fim do mundo”, mediante sua cosmovisão indígena, provoca-nos ao indagar por que nos espantamos com a nossa queda (nosso modelo civilizacional), se, há séculos, não temos feito outra coisa senão cair:

Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados agora com a queda? Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos (Krenak, 2020, p. 30).

A depredação da floresta, o genocídio dos povos autóctones são parte dessa caída. Temos que nos reinventar radicalmente, para que ainda tenhamos capacidade de atravessarmos esse outro rio que o aquecimento global nos “joga na cara”, mas pensamos que podemos ignorar. A enchente trouxe perdas, mortes e destruição. O Vale do Taquari passou por eventos extremos três vezes em um curto espaço de tempo. Não podemos ter a ingenuidade de pensarmos que estamos diante dos mesmos rios. Eles estão nos dizendo algo: “já não somos os mesmos, e vocês, continuarão a operar

da mesma maneira?” Se não dermos essa guinada radical, nosso ápice civilizacional será nosso fim. O Antropoceno marca o nosso triunfo tecnológico, nossas conquistas científicas, mas carrega os germes da nossa destruição. Krenak cita, em suas reflexões, o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, para quem o mundo começou sem os homens e terminará sem ele. Seria um triste fim e, quiçá, o estamos acelerando. Quisera eu que a poesia, com a sua “inutilidade” reflexiva nos salvasse desse dever, dessa queda vertiginosa, nos fornecendo um paraquedas colorido nessa terrível queda.

REFERÊNCIAS

QUINTANA, Mario. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

QUINTANA, Mario. **Sapato florido**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

As memórias de quem resgata a memória

FLÁVIA HELENA CONRADO ROSSATO¹

1 O RISCO DA PERDA DA MEMÓRIA

Era manhã de 3 de maio. Cheguei ao Campus Porto Alegre por volta das 6h30 da manhã com a missão de retirar os documentos das últimas prateleiras das estantes de arquivos e acomodá-los no alto, pensando ser uma precaução a uma necessidade real de impedir o pior. Uma hora depois, a professora Aline Nichele, minha atual chefia imediata, chegou para se somar à atividade. Passada outra hora, estávamos seguras de que o arquivo estaria a salvo caso uma pequena quantidade de água entrasse no Campus. Infelizmente, estávamos enganadas. No momento em que saímos às pressas, com a água chegando na esquina do prédio, meia hora depois de termos erguido os documentos e ajudado o professor Sérgio Viana a elevar alguns instrumentos do Prelúdio, tivemos a certeza de que nossas ações seriam insuficientes.

Particularmente, aquela sexta-feira, seguida do sábado, foram os dias mais difíceis e impactantes. Acompanhei as notícias no rádio, na televisão, nas redes sociais e, pelo *Whatsapp*, tinha notícias da situação do Campus. A cada nova notícia, mais perto a água estava de atingir o acervo de documentos institucionais, onde a vida dos alunos, as ações de ensino, pesquisa e extensão e as atividades administrativas estão registradas.

O leitor deve estar se perguntando: “mas esses documentos não deveriam estar digitalizados, minimizando assim, a perda de memória institucional numa iminente tragédia ambiental?”

Não. Os documentos do Campus Porto Alegre não estão digitalizados e a justificativa passa por questões técnicas que não são muito fáceis de serem resolvidas. Fato é que estes documentos são os únicos testemunhos das ações da Instituição prestes a completar 115 anos de existência e, naquele momento, nada poderia ser feito, a não ser esperar o Guaíba voltar ao seu leito (não tão) natural.

Sob o risco iminente da memória do Campus Porto Alegre ser, literalmente, levada pelas águas da enchente, só me restava lamentar e fazer o que era possível no momento, no que tange à minha atividade profissional: planejar o resgate do acervo. O que não significa que esse planejamento seria executado!

¹ Arquivista do IFRS Campus Porto Alegre atuando no resgate e recuperação do acervo arquivístico atingido pela enchente e sem experiência, até então, em recuperação de acervos em suporte papel.

2 OS PLANOS DE RESGATE DA MEMÓRIA

Como se planeja o resgate de um arquivo atingido pela enchente e que ficaria submerso 15 dias em água suja? Naquele momento eu não sabia. Recorri à literatura e à experiência de quem acabara de passar por algo parecido: a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A literatura da área de preservação e conservação preventiva, praticamente, se resumiu-se, praticamente, a uma publicação do Arquivo Nacional, do ano de 2012, que traz orientações para situações onde o acervo era atingido por água limpa de um cano que rompe, por exemplo, e rapidamente, as ações de resgate e recuperação são executadas. Nada, absolutamente nada na literatura poderia nos preparar e auxiliar para o que estávamos vivendo.

A experiência de inundação da UFSM também era diferente: um arquivo no subsolo, onde a água acumulada pela chuva entrou pelas janelas. Em menos de 24 horas, a água já havia sido retirada e os trabalhos de resgate, com a ajuda do Exército, já tinham iniciado. Nem vou falar no número de voluntários da comunidade acadêmica ajudando (...).

Mas foi baseado no guia do Arquivo Nacional e na experiência dos colegas da UFSM que produzi o primeiro esboço de planejamento, baseado no mundo ideal onde se previa a retirada do acervo diretamente atingido do Campus, o congelamento do material e o uso de todo o material e instrumental adequado. Foi nesse momento que a professora Ângela Flach, especialista em preservação e conservação preventiva passou a fazer parte do grupo (naquele momento, dupla) de quem resgata a memória. A Ângela revisou o plano de ação e referendou as ações que, em seguida, foram apresentadas à gestão.

A partir dessa apresentação, voltamos à vida real. Sem congelamento, afinal, o Campus não tinha energia elétrica. Sem retirar o acervo do Campus. Sem ajuda do Exército: ele estava ocupado ajudando na reconstrução do estado. Sem os equipamentos, por óbvio, uma instituição pública não tem recursos. Voltamos à estaca zero!

Ainda na primeira semana da enchente, o Arquivo Nacional entrou em cena. Virtualmente, reuniu os acervos atingidos para levantamento de dados e primeiras orientações. Foi nesse momento, também, que os arquivistas da reitoria, Claudinelli e Guilherme tomaram conhecimento da situação. Em seguida, foi a vez do coordenador do Núcleo de Memória do IFRS, Marcelo Vianna, estar ciente da situação. Depois de um atrito inicial provocado por mim, o Marcelo foi figura fundamental nos desdobramentos da retirada do acervo do local.

Mas voltando ao planejamento do resgate e de volta ao mundo real! O primeiro passo para o resgate seria tirar o acervo, priorizando, os documentos mais

importantes, digamos assim. E para onde levar? Sem luz - sem elevadores. Andar térreo inundado. Outra instituição - fora de cogitação. Garagem! Oitavo andar da garagem nos daria condições de retirarmos o acervo do local sinistrado e, ao mesmo tempo, estaria perto do acesso à Torre Sul, onde poderíamos montar uma sala para os trabalhos de recuperação.

Como levar os documentos do térreo até o oitavo andar? Com as viaturas do Campus.

Então o plano ficou assim:

Passo 1 - Preparar o oitavo andar com lonas plásticas, onde os documentos seriam depositados, mantendo as caixas, em blocos de 3x3;

Passo 2 - Uma equipe, que denominados de equipe da “área suja”, retira os documentos do arquivo conforme o mapa de prioridades feito e coloca na viatura em caixas plásticas (daquelas de feira);

Passo 3 - A segunda equipe, denominada equipe da “área limpa”, retira os documentos da viatura no oitavo andar e coloca sobre a lona, conservando as caixas e obedecendo o espaçamento definido no passo 1.

Esses três passos seriam repetidos até todo o acervo, molhado ou não, ser retirado da sala sinistrada em um único dia. Mil e duzentas caixas, aproximadamente, sendo retiradas em um único dia! Mas essa não foi a minha única ilusão!

3 O INÍCIO DO RESGATE DA MEMÓRIA

Após um período de indefinição, no dia 28 de maio, foi iniciada a retirada do material da sala do arquivo. Foram quatro dias para retirar todos os documentos de dentro do arquivo.

Do que foi planejado, quase nada foi executado!

A equipe do primeiro dia: eu, Marcelo Vianna, três ou quatro carregadores terceirizados. A do segundo dia: eu pela manhã, dois ou três carregadores e o colega João Müller. À tarde: Marcelo, Ângela, João Müller e os mesmos carregadores. No terceiro e quarto dia pela manhã: eu e meu marido e dois carregadores. Na tarde do terceiro dia: Marcelo e dois carregadores.

Os veículos utilizados foram uma viatura do Campus Alvorada, os veículos particulares do colega João Müller e o meu.

As equipes das áreas sujas e áreas limpas deixaram de existir na segunda viagem. Todo mundo trabalhava em todas as áreas.

Os blocos de 3x3 e a manutenção das caixas não existiram. Mas a maior parte dos documentos ficaram em cima da lona plástica.

Depois de quatro dias de trabalho intenso, esse foi o resultado:

Figura 1 - Finalização do trabalho de retirada dos documentos do arquivo alagado



Fonte: Imagem da autora.

Primeira etapa finalizada, hora de iniciar a intervenção de recuperação propriamente dita. E começou ali mesmo, na rampa do 8º andar da garagem, com uma porta improvisada de mesa. Fui removendo os documentos de dentro das caixas, tentando manter a organização original, fazendo os primeiros interfolhamentos com papel toalha vindo do Campus Alvorada.

Nos dias seguintes, as salas 807, 808, 809 e 810 da Torre Sul, bem próximas à rampa da garagem, viraram nosso QG. Vieram, do Laboratório de Preservação do Curso Técnico em Biblioteconomia, as bancadas de inox e a secadora (verdadeira) de documentos; da Reitoria, três estantes de metal; o desumidificador é um empréstimo do Campus Farroupilha e está conosco até hoje! Ao mesmo tempo, chegaram os EPI's e os primeiros materiais de consumo (basicamente, uma montanha de papel toalha) solicitados.

Aos poucos, uma pequena parte dos documentos foi levada para a sala 810 e depositados no chão coberto de papel kraft. Dali, íamos pegando os documentos para o tratamento que consistia em: retirada dos invólucros plásticos; interfolhamento dos dossiês com papel toalha (com o cuidado de que os dossiês não se misturassem); substituição do papel toalha 24 horas após o interfolhamento; colocação para secagem. Os documentos que já apresentavam a proliferação de fungos não passavam pela substituição do papel-toalha e eram colocados diretamente na secadora de documentos. Detalhe: a secadora de documentos ficou no corredor, pois devido as suas dimensões, não passou em nenhuma porta! Nesse momento, alguns colegas e alunos ajudaram, de forma voluntária.

A essa altura, o leitor deve estar curioso para saber como se seca um documento. Podemos usar calor, tipo um ferro de passar ou secador de cabelos? Não. Podemos

fazer um varal e pendurar folha por folha tal qual uma camiseta? Não. Então colocar os documentos no microondas? Tampouco. A secagem de documentos se dá ao natural, em temperatura ambiente e com umidade relativa do ar em torno dos 50%, sem ventilação direta. E como funciona a secadora de documentos? Esse equipamento permite o “empilhamento” de diversos documentos permitindo a passagem de ar entre eles.

Aproximadamente 15 dias após o início da recuperação do acervo, mais precisamente no dia 14 de junho, saíram da secadora os primeiros dossiês de alunos completamente secos.

Enquanto as atividades de recuperação de documentos seguiam, de forma isolada e solitária, no 8º andar da Torre Sul, o Campus Porto Alegre se preparava para a retomada das aulas presenciais, o que acabou acarretando na necessidade de mudança do local do QG para que as salas fossem ocupadas pelo Projeto Prelúdio. Todo o material molhado que ainda estava na garagem foi levado para a sala 909. As salas 908, 910 e 911 também foram destinadas à recuperação do acervo.

Nesse momento, os equipamentos vindos do Laboratório de Preservação tiveram que ser devolvidos, inclusive o equipamento mais essencial, juntamente com o desumidificador: a secadora de documentos. E foi a partir daí que a gestão criativa no salvamento dos documentos foi ainda mais longe.

4 AS ATIVIDADES DE RECUPERAÇÃO DA MEMÓRIA

Agora instalados em um espaço menor (a sala 910 tem goteira e impossibilitou o uso) e sem o equipamento essencial para as atividades, foi necessário o uso da criatividade para encontrar soluções. A primeira delas foi o uso de uma cadeira de sala de aula onde os documentos foram acomodados na prateleira abaixo do assento: por ser vazada, a prateleira fazia a mesma função da secadora que é permitir a circulação de ar. Mas esse era um gargalo nas atividades: eram muitos documentos para poucas cadeiras.

Depois de receber a foto de uma sala de secagem de documentos da UFSM, meu marido teve a ideia de produzir, de forma artesanal, uma secadora de documentos. Primeiramente, foi separado um material sem uso no Campus para a produção do equipamento, mas no dia da confecção, nos foi dito que tal material tinha outra destinação. Lembro bem das palavras ditas, com mágoa, ao meu marido naquele momento: “pega tuas ferramentas, coloca no carro e me lembra desse momento quando eu te pedir para fazer qualquer coisa por essa instituição”. Dois dias se passaram e eu ouvi dele: “eu tenho umas madeiras sem uso. Vou fazer a secadora.” Eu disse não. E ele insistiu. No sábado, 22 de junho, às 16h, o encontrei no Campus para montar a dita secadora. Mal sabíamos o sucesso que essa secadora faria no universo dos arquivos atingidos pela enchente! A finalização da secadora foi feita por mim e pelo Filipe, bibliotecário. Passamos uma manhã entrelaçando fios de nylon. Mais tarde, a secadora ganhou o acréscimo de coolers de computadores instalados pelo professor Alex González, aumentando assim,

a circulação de ar. Abaixo, à esquerda, a “verdadeira” secadora, aquela do Laboratório. À direita, a secadora desenvolvida a partir da necessidade e pela empatia de alguém que convive com quem resgata a memória.

Figura 2: as secadoras de documentos



Fonte: imagens da autora

Essa secadora foi um divisor de águas nas atividades de recuperação do acervo!

Os colegas do Campus também colaboraram quando foi feito um chamamento no grupo de *Whatsapp* dos técnicos administrativos, solicitando empréstimos de ventiladores para aumentar a circulação de ar. Imediatamente, vários colegas colocaram os equipamentos à disposição.

Outro auxílio importante foi a disponibilidade de colocação de documentos para secar num dos laboratórios da Área de Ciências Biológicas. O laboratório conta com ar condicionado e ventiladores, onde foi possível espalhar os documentos nas bancadas até a secagem.

Concomitantemente às atividades aqui relatadas, o Arquivo Nacional (AN) prestou orientação técnica, inicialmente de forma virtual. Dia 02 de julho, foi feita a primeira visita presencial da equipe de técnicos, com o objetivo de orientar, mas também fiscalizar as atividades. Desde então, as equipes do AN têm se revezado semanalmente no estado, visitando as instituições atingidas. O trabalho que está

sendo realizado no Campus vem sendo elogiado a cada visita, especialmente, a gestão criativa da crise. Mas acreditem: a secadora é a atração principal!

Fruto das visitas *in loco*, foi possível a destinação de recursos exclusivos à recuperação de acervos pelo Ministério da Gestão e Inovação (MGI), através do Arquivo Nacional.

É preciso ressaltar a colaboração da Coordenadoria de Gestão Documental/ Pró-Reitoria de Administração do IFRS. Os colegas Claudinelli e Guilherme, além de estarem virtualmente desde o início da inundação, estão presentes nas atividades de recuperação. Mensalmente, dedicam alguns dias para virem de Bento Gonçalves a Porto Alegre e se somarem ao interfolhamento, à higienização e ao planejamento das atividades e do uso dos recursos vindos do MGI.

Atualmente, o grupo de trabalho conta com três bolsistas, sendo um ligado ao Núcleo de Memória do IFRS e dois do projeto de extensão Recuperação do acervo arquivístico do IFRS Campus Porto Alegre: compartilhando saberes e experiências, cujo objetivo é a troca de conhecimento, através do relato das atividades desenvolvidas e visita guiada aos espaços destinados à recuperação dos documentos.

Figura 3: Bolsista desinfectando parte do acervo que ainda aguarda tratamento



Fonte: Bruna Dias Veras, 2024

Nos últimos dias, foi possível eliminar a etapa de substituição do interfolhamento e os documentos estão sendo colocados diretamente na secadora, agilizando o processo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de falar que todo o processo de resgate e recuperação da memória do Campus Porto Alegre está finalizado ou em vias de ser finalizado. Contudo, esse é um trabalho que levará anos. Estamos na etapa 2. Após a secagem, vem a higienização mecânica, a restauração quando necessária, a reorganização de todo o acervo, o reacondicionamento nas caixas, a elaboração de um inventário e a digitalização. Todas essas etapas serão replicadas ao acervo atingido indiretamente, do qual nem foi falado neste texto. E nem entramos nos pormenores da recuperação, como por exemplo, molhar um documento que já havia sido secado para poder desgrudá-lo de outro.

Fato é que, para além das sanções previstas na Lei nº 8.159/1991, recuperar esse acervo documental é de suma importância para a memória da Educação Profissional e Tecnológica no Rio Grande do Sul, assim como para garantir direitos aos alunos egressos, aos professores e aos técnicos administrativos do IFRS.

Recuperar esse acervo é sinônimo de resiliência. E uma instituição de ensino público sabe ser resiliente.

A enchente de maio de 2024 foi a pior coisa que aconteceu ao acervo arquivístico do Campus Porto Alegre. Mas ela trouxe luz a este acervo e a importância e necessidade de preservação e acesso.

Espero que, ao final dessa longa trajetória que será a recuperação do arquivo, a instituição como um todo, não só o Campus Porto Alegre, olhe seus arquivos com a devida importância que eles têm.

Memórias de um desastre natural

CARLA ANDREZA SILVA DE BARROS¹

É estranho como algo que ajuda a manter o equilíbrio da vida pode se tornar um pesadelo para todos os seres que habitam um Estado. Algumas pessoas, incluindo eu, possuem o hábito de ouvir o som da chuva para se manter calmas ou até mesmo para ter um bom sono. Afinal, de alguma forma, ela traz essa tranquilidade, nos faz respirar fundo, ajuda a nos conectar com nós mesmos. Mas, infelizmente, nos últimos tempos, a chuva foi nosso maior obstáculo.

Vou fazer aqui o relato pessoal de como uma estudante do *Campus* Restinga, mulher, jovem, negra, trabalhadora, moradora da periferia de Porto Alegre, viveu o período de cheias em maio e junho de 2024. Todos fomos atingidos e vivemos a tragédia de perto, de uma forma ou de outra. Estou abrindo meu íntimo ao falar sobre como me senti durante este período e de como presenciei muitas situações diante das quais me senti impotente.

Na primeira semana em que a chuva começou, trouxe com ela um ar de conforto pra mim, um alívio de poder descansar durante o período de greve dos servidores, com uma chuvinha que escorria pela janela. Neste período, estava envolvida em tarefas do projeto de ensino no qual sou bolsista, procurando um assunto para gravarmos um episódio de podcast.

Em um primeiro momento, íamos falar sobre a greve dos TAEs e docentes, que estava iniciando, porém a greve não estava em um momento favorável, então deixamos a ideia na gaveta. Deu-se então o agravamento das chuvas no Rio Grande do Sul. As chuvas não eram tão fortes na maior parte do dia, mas o problema não era a intensidade dela, mas sim a quantidade, pois era uma chuva que não dava trégua.

Apareceram vídeos sendo postados nas redes, alertando que rio “tal” estava subindo, ou que ponte do arroio “tal” estava rachando com tamanha quantidade de água e então começaram as faltas de energia elétrica e a falta d’água. Me lembro que a situação do nosso estado estava tão preocupante que foi repassado nas redes sociais e, acredito que em canais de rádio e TV também, os informes de que não tinha previsão de quando a chuva cessaria, e isso me parecia apavorante.

Os dias foram passando cada vez mais lentos, e a situação ficando cada vez mais difícil para as populações que possuíam suas propriedades próximas às lagoas e rios. Lembro-me das imagens de pessoas saindo de suas casas em Canoas e São Leopoldo. Alguns negando-se a sair de casa, ignorando os alertas por acharem que

¹ Estudante de Licenciatura em Letras, Português - Espanhol do IFRS *Campus* Restinga. Bolsista do projeto de ensino Podcast Conectar IFRS *Campus* Restinga.

nada de tão grave iria acontecer e outras decidindo não pagar para ver, se prevenindo “do pior”. Mas até então, tudo estava acontecendo a uma distância segura, ao menos de mim.

Até que recebi a notícia que havia parentes meus que estavam ilhados. Foi uma das piores noites da minha vida. Minha prima (que também mora na Restinga) e eu, nos comunicamos muito, eu nunca mandei tanta mensagem como mandei naquela noite, era um desespero para solicitar um resgate. Minha outra prima, a que estava ilhada com meus tios, estava ficando sem comunicação, sem luz, sem água potável e sem ter como sair de casa. Eu tentei contato com a Defesa Civil de Canoas, com amigos próximos que pudessem ajudar no resgate, mas estava todo mundo na mesma situação, tentando resgatar um familiar. A noite foi bem longa e por mais que tentássemos, não conseguíamos ficar tranquilas.

O esposo da minha prima da Restinga resolveu ir até Canoas para tentar o resgate. Chegando no local ele nos falou que estava muito perigoso, que estavam saqueando os barcos e agredindo as pessoas que estavam prestando socorro. Conseguem imaginar? Já não bastava toda a situação de ter que resgatar pessoas com água acima das cabeças, ainda tínhamos que nos preocupar com saqueadores tão desumanos, que não poupavam nada nem ninguém.

Depois de um tempo, ele conseguiu um barco emprestado, socorreu não somente meus tios, como alguns animais. Ele me descreveu o cenário caótico: “era escuridão e apenas gritos de socorro para poucos socorristas”. Se para mim, que estava em casa, estava sendo um pavor, imagina para as pessoas que estavam lá? Após todo esse horror, meus tios vieram para Restinga, apenas com as roupas do corpo. No dia seguinte fomos atrás de roupas para eles. Não é fácil recomeçar do zero, não é fácil ver tudo que tinha se perder. Meu tio chorou muito contando toda situação e o quanto seria traumatizante se ele tivesse que voltar lá. Por fim, ele se estabeleceu na Restinga, não quis voltar para Canoas.

Enquanto isso, a situação se agravou em Porto Alegre. Pontes ficaram interditadas, surgiram imensas dificuldades de deslocamento, residências ficaram alagadas, as pessoas começaram desesperadamente a procurar abrigos, sem ter para onde ir. Até então, aparentemente, eu não havia sido afetada diretamente, me resumindo a divulgar informações, compartilhar locais de abrigos, tentando ao máximo ser útil em uma situação daquelas.

Mas então o pesadelo começou a ficar pior. O nível da água do lago Guaíba estava subindo cada vez mais e as comportas e diques, que teoricamente impediriam a inundação da cidade, não estavam mais suportando tamanha força da água. Fui acompanhando as notícias em tempo real, o prefeito da nossa cidade não deu as caras durante esse momento, o governador do Estado dizia “não entrem em pânico”, mas como não entrar com tantas pessoas com as vidas em risco? Com o Guaíba subindo cada vez mais?

Achei um site para acompanhar o nível do lago Guaíba. Eu atualizava aquele site de segundo em segundo. Por esses dias eu já não dormia bem, já não comia bem, não vivia bem, como eu disse anteriormente, eu pensava em descansar com o recesso, pensava em ler um bom livro, colocar o sono em dia com a chuvinha gostosa que caía...mas não foi assim que aconteceu.

Passei noites em claro, revirava na cama o tempo todo, olhava para o Rex (meu cachorro) que dormia um sono tão profundo, alheio a tudo que estava acontecendo, e assim eu fazia com todos os meus bichinhos (Malu, minha cachorra. Apólo, Alemão, Ártemis e Aquiles, meus gatos). Tinha a felicidade momentânea por vê-los tão protegidos, eles foram meu porto seguro nesses momentos de insônia e me ajudaram, sem nem desconfiar do que estava ocorrendo.

Já eu...só sabia chorar e ficar aflita com tudo que estava acontecendo. Pensava que aquela água estava longe de ser limpa, uma água contaminada com todo tipo de sujeira e doença, eu só conseguia ficar mais assustada. Os animais que eram deixados para trás, crianças com água até o pescoço e a tristeza na face de seus pais junto com desespero.

Muitas vezes ao dia me peguei pensando: “se a água chegar até aqui? O que eu faria? Com certeza salvaria meus filhos primeiro. Mas como eu faria isso?” Então dispersava essa ideia: “não, não tem como chegar aqui...” Até que as águas do Guaíba começaram a invadir a Avenida Mauá, no centro de Porto Alegre, cada vez mais e cada vez mais...e, só quando ela começou a invadir alguns estabelecimentos comerciais, o governador do nosso Estado se obrigou a informar a população sobre o risco de calamidade. Já o prefeito pediu para o pessoal ir para as casas de praia. Claro! Todos aqui na Restinga também têm uma casa de veraneio.

A aflição ficou maior quando o carro da brigada militar começou a passar avisos de evacuação no centro da cidade, pedindo para todo mundo ir para suas casas e fechar seus estabelecimentos, foi horrível assistir e ouvir, parecia cena de um filme de apocalipse zumbi. Só que, no nosso caso, o inimigo era a água.

Ao ver toda aquela situação, relativamente, do conforto do meu apartamento, comecei a me questionar “porque da demora sobre o aviso de evacuação?”, “Como é que esse pessoal que está trabalhando vai embora?”, “Com tudo que está acontecendo em outras cidades próximas, porque o pessoal não está convencido que o nível da água pode sim subir mais?”. Então o desespero começou a aflorar mais.

O esposo da minha irmã tem um escritório na rua Otávio Rocha, no centro histórico, e pelas informações que estava recebendo a água já estava chegando lá. Mandeí mensagem para ele e o mesmo disse que não estava mais no centro, porém o meu irmão estava (meu irmão trabalha para ele). Foi então que meu irmão começou a nos mandar vídeos do Mercado Público tomado pela água. Depois de muita insistência, meu irmão resolveu ir embora. No dia seguinte, ele voltou ao centro, pois queria ver como estavam as condições, porém a rua Otávio Rocha já não estava

mais sendo transitável e, nesse bendito dia, ele resolveu voltar para casa, só que o pior estava por vir...

Eu achava que se ocupasse minha cabeça com alguma coisa, talvez eu melhoraria meus dias 1% que fosse, e como eu participo de um projeto de ensino, mantive contato com o professor que o coordena. Foi então que ele deu a ideia de falarmos sobre as enchentes em um podcast, o que em um primeiro momento eu achei ótimo, até porque era um assunto sobre o qual eu estava me informando bastante. Teríamos uma convidada, uma professora do curso de Agroecologia do nosso *campus*. Estava quase tudo certo, estávamos elaborando as perguntas, vendo o melhor dia para gravarmos, mas como eu disse, o pior estava por vir...

Eu vivo no bairro Restinga desde que me conheço por gente, ou melhor, desde que nasci, 27 anos bem vividos dentro da minha comunidade. Sempre que chove, algumas ruas principais alagam, como a Avenida Nilo Wulff, Chácara do Banco e outras ruas localizadas na Restinga Velha. Só que, quando alaga, já sabemos o local, de tão acostumados que estamos com o descaso com a nossa comunidade. Então, por mais que eu soubesse que o centro de Porto Alegre estava alagado, Canoas debaixo d'água, São Leopoldo e outras também, na minha cabeça o meu bairro não alagaria mais do que o "normal".

Eu me sentia segura e com a ideia de que para Restinga alagar, Ipanema, Lami e outros bairros teriam que alagar antes e só assim afetaria nosso bairro. Como eu mantia contato com meu coordenador de projeto, eu sempre perguntava para ele como estava a situação no bairro dele, que é Ipanema, e ele sempre me informava que estava tudo bem, apenas estavam ilhados, que infelizmente alguns vizinhos que moram muito próximos da beira da praia tiveram que deixar suas casas, mas que a água não chegava a avançar para muito longe da orla a ponto de pegar bairros mais distantes. Então, com as informações que ele me passava, eu ficava crente que nada aconteceria na Restinga. Minha irmã, que mora em Itapuã, próximo ao Lami, sempre me deixava informada também, me dizia que estava tudo bem e que as pessoas que moram próximas às praias do Lami tiveram que deixar suas casas também, mas que era pra eu me tranquilizar, que não chegaria na Restinga.

Mas...Quando meu irmão estava voltando para Restinga, se deparou com a cena que eu jamais imaginaria que iria ocorrer, a entrada da Restinga já estava completamente inundada, as águas estavam saindo pelos bueiros, não tinha o que fazer, não tinha como evitar. E como eu estava trocando o dia pela noite, por conta da falta de sono e crises de ansiedade constantes, eu acabava dormindo pela tarde, e não acompanhei nada do que estava acontecendo no bairro. Acordei com minha irmã me ligando para me alertar sobre o que estava acontecendo, ela estava dirigindo indo para casa quando atendi a chamada por vídeo. Ela estava muito nervosa, a primeira frase dela foi, "ainda bem que tu atendeu, me diz que está em casa..." e eu preocupada com a forma que ela estava falando, apenas respondi que estava. Então ela soltou a

bomba, me disse que a Restinga estava alagando, não tinha como entrar ou sair, que não era para eu sair de casa em hipótese alguma.

Ela tentou me tranquilizar ao dizer que já estava chegando em casa, mas pediu, antes de desligar, que eu olhasse os vídeos que ela havia me enviado. Eu nunca, na minha existência, achei que veria algo daquela dimensão. O terminal de ônibus do bairro estava com a água altíssima, alguns ratos saindo dos bueiros, os ônibus mal trafegavam, pessoas espantadas e muitos carros já ilhados. Em outro vídeo, ela me mostrou como estavam as ruas próximas a minha residência e, digo a vocês, foi neste momento que me bateu o pavor.

Neste mesmo dia, um pouco mais cedo, havia conversado com meu professor sobre o episódio de podcast, estava realmente animada para fazer a nossa primeira gravação, minha estreia no projeto com bolsa que tanto queria, minha primeira experiência em editar um podcast e ter o contato direto com a ferramenta de edição, mas infelizmente não controlamos nossas crises de pânico, não controlamos a ansiedade, o sentimento de horror. Quando assisti aos vídeos, e logo em seguida acessei as redes sociais e vi todos os meus conhecidos comentando sobre...eu não aguentei.

Antes eram apenas suposições, que na minha mente fértil não aconteceriam. Mas a partir do momento que as nossas más suposições começam a se tornar realidade o desespero fala mais alto. O que eu faria com meus filhos? Para onde eu iria? Como eu iria? Daria para levar eles? Eu esperaria a água chegar no primeiro lance de escada do meu prédio? Mas como eu sairia depois? Eu precisava ser a responsável, entende? Eu sou a responsável por esses seis bichinhos, a vida deles depende de mim.

Só que ainda não estava “caindo a ficha” do que estava acontecendo, eu fiquei andando de um lado para o outro dentro da minha casa, com meus filhos me observando. Dizem que os bichinhos sentem nossas aflições, nossas preocupações, angústias, tristezas...acredito que eles estavam confusos assim como eu. Postei os vídeos que recebi em uma rede social e em seguida postei que não estava com cabeça para estudar sobre as enchentes, não estava conseguindo pensar em nada na verdade. É engraçado como o “não conseguir pensar em nada” também possa ser algo assustador em diferentes situações.

Logo o professor entrou em contato comigo, informado pelas redes sociais, tentou me tranquilizar a respeito das tarefas do projeto e pediu para que eu ficasse bem. Só que, quanto mais eu tento segurar a crise de ansiedade, parece que mais forte ela fica. Eu sempre tive crises, e apenas duas vezes foram na frente de familiares, e depois prometi para mim mesma que se eu tivesse que passar por isso, passaria sozinha, não precisava de palavras e olhares acusatórios de terceiros. E depois disso, apenas duas pessoas se depararam com esta minha condição, claro que o consolo foi diferente, não recebi olhares acusatórios, foram olhares de “estamos aqui”, mas desde então, busco me consolar sozinha.

Não ter controle do seu próprio corpo é uma das piores sensações. Tu sente que está naquele espaço, mas ao mesmo tempo não está. Muitos relatam a crise de ansiedade como se o coração saísse pela boca, mas o meu nunca quis sair, ao contrário, ele sempre quis atravessar meu peito da maneira mais dolorida possível. O peito parece que está sendo esmagado pelo ar... que tenho que usar o mínimo possível.

Naquele dia o meu corpo estava travado, o olhar petrificado e lágrimas caíam sem parar e sem controle algum. Mas por dentro eu gritava, eu clamava por socorro, mas quem iria? Eu moro sozinha, quem iria me tirar daquela caixa na qual me coloquei? Por fora eu estava estática, mas por dentro eu me sentia trancada dentro de mim, podendo respirar apenas por um pequeno buraco, e essa caixa estava em alto mar, eu balançava com as ondas do meu desespero.

Eu lembro sempre de massagear meu peito, com o intuito de falar para o meu coração permanecer ali, empurrar ele para o devido lugar. Neste dia parecia que nada que fizesse adiantaria. Trinta minutos! Foram os minutos mais longos e, quando eu consegui voltar ao normal, o Rex estava ao meu lado, ele me lambia e chorava baixinho; lembro que a primeira coisa que fiz foi dizer que estava tudo bem e me deitei.

O meu corpo entrou em estado de exaustão, acredito que seja pela tamanha tensão em que ele fica. Eu fiquei muito cansada depois da crise de ansiedade, respirei fundo e me deixei levar pelo breve sono que me abateu. Quando acordei, me veio a culpa. Me senti culpada pelo adiamento do episódio do podcast, me senti envergonhada e fraca por não saber lidar com uma situação dessas, comecei a pensar em diversas possibilidades de ter lidado com toda situação, minha cabeça não me deu descanso algum, eu não havia pego no celular neste meio tempo, estava com medo. Eram muitas emoções que eu estava tendo que lidar, entende?

No dia seguinte, quando acordei, vi nas notícias que a água havia baixado na Restinga. Durante a noite eu decidi que não ficaria apenas em casa, faria de tudo para a culpa não ficar martelando minha cabeça, tentaria ajudar quem precisava. A pós-crise de ansiedade fez isso comigo, coloquei na cabeça que nada do que eu fizesse apagaria o fato de que adiei um grande projeto, o primeiro episódio de podcast.

Comecei então a arrecadar doações, tirei também alimentos do meu armário, divulguei ainda mais sobre o que estava faltando de donativos em abrigos. Em certo momento o *Campus* Restinga virou ponto de coleta de donativos, comecei a me voluntariar para tudo que fosse necessário em relação ao *campus*, separação de roupas, etiquetagem, entrega de alimentos para meus próprios colegas que haviam ficado desabrigados, organização e descarga de donativos de caminhões imensos que pareciam não ter fim, foram dias de muito trabalho.

Enquanto todo desastre estava acontecendo, era orientado que não saíssemos de casa, pois socorristas precisavam de pistas livres e de gasolina, então ficamos

reclusos em nossas moradias. Quando a chuva deu trégua e tive contato com colegas, professores e amigos, foi reconfortante, parecia que estávamos saindo de uma segunda pandemia. Nos abraçamos, tivemos nossas resenhas e foi com essa troca que vimos que estávamos todos na mesma situação.

A situação era de extrema tristeza, ouvimos muitos relatos tristes de pessoas que perderam tudo. A enchente não levou somente casas, mas também levou empregos, levou alimentos, levou familiares, os bichinhos de estimação... Nos imóveis que foram levados, também estavam histórias de vidas inteiras de trabalho suado, de vivências, lembranças familiares, restando apenas frangalhos de um momento de terror. Difícil de esquecer.

É duro ter que encontrar esperança diante de um cenário caótico como este, mas tivemos que fazê-lo, pois era a única forma de ajudar uns aos outros. Todos sofreram com a tragédia do Rio Grande do Sul, se comoveram e tentaram ajudar na reconstrução do nosso Estado. A água foi baixando lentamente, e fomos nos deparando com o estrago, casas destruídas, muros caídos, lixos para todos os lados e lama, muita lama nas paredes, no chão, nos móveis. Estamos vivendo um dia de cada vez e ter esperança é a única solução.

Com as águas baixando, finalmente gravamos um podcast sobre como nós, estudantes, estávamos nos sentindo durante as enchentes. Gravei junto com outro colega, que havia inclusive participado de resgates. Foi importante para desabafarmos e para eu notar que não estava só nas minhas angústias. Também gravamos, logo a seguir, o episódio sobre a crise climática, que havia sido adiado durante minha crise. Foi um momento importante para retomar a esperança em dias melhores, porém alguns sentimentos vão ficar por mais algum tempo.

Sempre que chover, com certeza não será mais a mesma sensação...

Chuva, água, correnteza...

O elemento da natureza que nos fazia sentir tranquilidade, já não nos traz mais essa dádiva. Mas convenhamos, a chuva não é a responsável.

O estudo sobre a crise ambiental: COLECAS enquanto um espaço de críticidade acerca dos fenômenos climáticos

RODRIGUES, JOHN LENNON¹

TORALLES, CHRISTIANO PICCIONI²

1 INTRODUÇÃO

Nos meses de maio e junho de 2024 o estado do Rio Grande do Sul passou pela maior catástrofe ambiental já registrada em sua história, fazendo com que mais de 600 mil pessoas tivessem que deixar as suas casas, devido às fortes chuvas. A cada dia que passa as mudanças climáticas e eventos extremos são sentidos de forma mais intensa pela população. No caso do Rio Grande do Sul, a chuva que começou dia 27 de abril na região dos vales, durando 10 dias, encheu as bacias hidrográficas da região culminando em um desaguar no Guaíba e Laguna dos Patos, na região sul do estado. Essas ocorrências climáticas fazem parte das intempéries da natureza, mas se acentuam em níveis alarmantes devido a ação humana e sua baixa preservação para com a biodiversidade.

O objetivo deste relato de experiência é conseguir transmitir as ações e desafios que o Coletivo de Estudos da Cidade, Arquitetura e Sustentabilidade (COLECAS) enfrentou durante esse período. De modo, que seja possível através desse relato fazer um breve recorte sobre os encontros do COLECAS, correlacionando com a situação que as cidades de Rio Grande e Pelotas vinham vivenciando. Esse texto vai se pautar a partir da metodologia de um estudo de caso, tendo as reuniões do coletivo enquanto ponto central a ser abordado dentro deste espaço.

Propõe-se que ao longo do texto sejam relatadas as iniciativas do COLECAS como a criação de uma cartilha sobre cuidados pós enchentes e explicado alguns dos diversos temas que foram pautados dentro da temática central: “mudanças climáticas”. Apontando assim, a importância dos coletivos de estudo para a formação de futuros profissionais como arquitetos e urbanistas e técnicos em geoprocessamento, que poderão pensar sobre a realidade concreta que estamos inseridos a partir de pressupostos sociais, ambientais e também econômicos. Formando profissionais capazes de exercer suas funções de forma consciente e crítica.

2 O IMPACTO NO ESTADO

As fortes enchentes que ocorreram durante os meses de maio e junho no Rio Grande do Sul, afetaram e vêm afetando a vida cotidiana da população gaúcha no estado como um todo. Como informa o boletim da Defesa Civil do Rio Grande do

¹ Boletim DGRD. Defesa Civil - RS. 11/06/2024

² Instituto Federal de Ciências, Ensino e Tecnologia do Rio Grande do Sul - *Campus* Rio Grande.

Sul³, 478 municípios do estado foram atingidos pela catástrofe climática, isso representa 96% das cidades. O cenário desolador, em algumas cidades com devastação completa, gerado a partir das forças da natureza, fez com que o imaginário estadual estivesse imerso no sentimento de impotência e desamparo, frente ao potencial de destruição que as mudanças climáticas têm em cidades despreparadas e que não levam com seriedade as transformações ambientais das quais a sociedade contemporânea está sujeita.

Cidades como Rio Grande e Pelotas, localizadas no sul do estado, tiveram o impacto com as enchentes mais tarde, em comparação a áreas mais centrais dos eventos, como a região dos vales e a região metropolitana de Porto Alegre. A área mais ao sul teve seu impacto não tanto pelo volume de chuva, mas sim pelo escoar das águas que vinham pela Laguna dos Patos e saíam no Canal da Barra, entre Rio Grande e São José do Norte. Como relatou o *Jornal Cidades*:

“A cidade de Rio Grande, no sul do Estado, já sente os reflexos da elevação da Lagoa dos Patos, que ocorre em virtude do escoamento da água vinda das regiões afetadas pelas enchentes na metade norte gaúcha, como a Região Metropolitana de Porto Alegre e o Vale do Taquari. A projeção da prefeitura é de que o município sofra com a maior cheia da sua história, afetando toda a região das ilhas e dezenas de bairros.” (DIENSTMANN, 2024)

Nesse contexto, tanto os alunos quanto os professores, todos residentes das cidades do Rio Grande ou de Pelotas, tiveram suas vidas abaladas, seja de maneira direta, morando em alguma região afetada, ajudando em algum abrigo que estivesse necessitando de voluntários, doando algum insumo ou peça de vestuário; ou de maneira indireta, conhecendo alguém que teve sua casa invadida pela água, acompanhando os noticiários e a comoção nacional, além do próprio clima de tristeza e aflição nas cidades.

3 AS DISCUSSÕES

Nas reuniões, o coletivo se debruçou sobre o tema das mudanças climáticas, visitando diversos aspectos que podem se encaixar com essa pauta, tais como soluções possíveis para mitigar esses danos, ocorrências de eventos extremos em Rio Grande e as populações mais afetadas. Conforme Rogério Santos Rammê, no cerne das mudanças climáticas há uma questão ambiental, suas consequências não são suportadas na mesma proporção por todas as parcelas da população humana, transmutando-se assim em um problema de justiça social (RAMMÊ, 2012).

Partindo do artigo “Águas de Maio: A enchente de 1941 em Rio Grande”, conseguimos traçar um panorama do que estava ocorrendo conosco e o que havia acontecido no estado há mais de 80 anos. Entendendo que o sentimento que para nós era pulsante, no hoje, já havia sido sentido anteriormente e poderá vir a ocorrer de novo. Sobre a reincidência das chuvas no estado, o historiador Luiz Henrique

³ Direção de Extensão do IFRS *Campus* Rio Grande.

Torres relata que “... foram 22 dias de chuva durante os meses de abril e maio de 1941, resultando na maior catástrofe climática vivida por esta cidade em toda sua história, apesar do registro de várias outras enchentes desde 1823” (TORRES, 2012. p. 248).

No escopo de discussões sobre as enchentes debatemos também algumas propostas que surgiram na mídia para solucionar as enchentes do Rio Grande do Sul, como a implementação de mais diques para conter as águas (LIAO *et al.*, 2023) e a criação de cidades-esponja. Foi abordada também a ideia da criação de um novo canal de escoamento da água pela Laguna dos Patos e o que isso poderia gerar na região. Conforme a matéria do G1, um dos riscos “é o assoreamento do canal de Rio Grande, principal acesso de navios de carga e cruzeiros de turismo no RS e um dos principais portos do Brasil. Isso significa que pode diminuir a passagem de água no local, que ficaria com areia acumulada.” (G1, 2024.)

Outro tema que aparece dentro dos espaços de discussão é sobre o protagonismo feminino dentro de espaços de deliberação acerca das transformações climáticas.

“Embora estejam sub-representadas nas esferas de decisão, as mulheres estão na linha de frente e são as mais impactadas diante dos efeitos das mudanças climáticas, sobretudo as que se encontram em condições de maior vulnerabilidade e têm menos acesso a ferramentas e recursos para enfrentar tais mudanças” (OLIVEIRA *et al.*, 2021, *apud*, VIANNA, 2022, p. 94)

A transformação no meio ambiente é sentida por todos, mas de maneira diferente. Afetando principalmente mulheres, crianças e idosos, dentro de um recorte socioeconômico específico, essas mudanças podem ser sentidas principalmente pela população preta, periférica e de baixa renda. Por mais que seja de conhecimento geral que esses grupos são os mais vulnerabilizados, no centro das discussões sobre o clima, ainda temos uma presença muito aquém do esperado desses setores. Segundo a pesquisadora Maria Daniella de Araújo Vianna, “embora existam esforços e avanços para a inclusão das mulheres nas tomadas de decisão sobre os rumos da política climática global adotadas nas Conferências do Clima, a paridade de gênero ainda está longe de ser uma realidade” (VIANNA, 2022, p. 107).

4 A IMPORTÂNCIA DA DIALÉTICA PARA O TRABALHO

O processo de debate dentro de um grupo como o COLECAS necessita ser dialético, isto é, ele precisa surgir a partir de sentidos e dissensos para formar uma síntese totalizante.

“A dialética é muito mais exigente do que o irracionalismo. Para reconhecer as totalidades em que a realidade está efetivamente articulada (em vez de inventar totalidades e procurar enquadrar nelas a realidade), o pensamento dialético é obrigado a um paciente trabalho: é obrigado a identificar, com esforço, gradualmente, as contradições concretas e as mediações específicas que constituem o “tecido” de cada totalidade, que dão “vida” a cada totalidade” (KONDER, 2012. p. 43-44)

Para conseguirmos desempenhar um trabalho crítico na formação de profissionais é preciso que os encontros dentro do grupo sejam recheados de intervenções apresentando diferentes pontos sobre uma mesma temática, para que assim os participantes possam tirar uma síntese que não negue nenhuma esfera do que foi relatado e nem use apenas da intuição para supor uma condição. Por exemplo, ao debatermos maneiras de mitigar a ação das águas na cidade é preciso entender a parte econômica, social e ambiental do que está sendo proposto, absorvendo tudo que foi relatado e tirando uma síntese disso, sem partir apenas de uma intuição do que seria melhor.

A partir desse exercício de dialética é que, dentro do Coletivo, consegue-se trabalhar diretamente na construção de uma consciência crítica à futura geração de profissionais que irá surgir. Podendo, com esses debates, também desempenhar outras funções como, por exemplo, o *card* (figura 1) que visou auxiliar na retomada e limpeza das famílias que foram diretamente atingidas pela chuva nas suas casas.

Figura 1: Card Instagram Colecas



Fonte: Instagram colecass_ifrs

Tanto o *post* feito no Instagram quanto o próprio *folder* entregue às famílias riograndinas e pelotenses atingidas pelos eventos climáticas nasceram a partir da disposição daqueles que compõem o COLECAS e o projeto “Paisagismo no Campus”⁴ e

⁴ Centro Estudantil Unificado do IFRS *Campus* Rio Grande;

as instituições parceiras, sendo o IFRS⁵, a DEX⁶, o programa “Envelhecer nos Territórios”, o Coletivo “Solidariedade Pelotas”, o CEU Rio Grande⁷, o NEPGS⁸ e o NEABI⁹.

A cartilha (Figura 2) contém informações baseadas no material desenvolvido pela FURG¹⁰, pela secretaria de Saúde do RS e pelo IFRS sobre os cuidados que precisam ser tomados na volta para casa das famílias que ficaram desalojadas, tendo conteúdos como: vacinação, uso de EPIs, cuidados com a energia elétrica e animais peçonhentos, limpeza de objetos e móveis, lavagem de roupas, toalhas e lençóis, atenção aos alimentos e medicamentos, cuidados ao mexer em telhados, e estrutura das casas.

Figura 2: Cartilha pós-enchentes



Fonte: Instagram colecas_ifrs

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que este texto consegue apresentar um panorama da atuação do COLECAS frente à cheia que atingiu as cidades do Rio Grande e de Pelotas, e o estado do Rio Grande do Sul de modo geral. Por se tratar de um recorte, existem limitações que fazem com que esse texto não possa explorar mais sobre o

⁵ Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade do IFRS *Campus* Rio Grande;

⁶ Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do IFRS *Campus* Rio Grande;

⁷ Universidade Federal do Rio Grande.

⁸ Outro projeto do IFRS *Campus* Rio Grande cuja equipe trabalha em parceria com o COLECAS

⁹ Graduado em História bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e graduando em Arquitetura e Urbanismo pelo IFRS - *Campus* Rio Grande.

¹⁰ Professor do IFRS *Campus* Rio Grande. Graduado em Arquitetura e Urbanismo, e Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas. Especialista em Administração Pública e Gestão de Cidades, pela Anhanguera. Licenciado em História pelo Centro Universitário Claretiano.

funcionamento do coletivo, tendo o relato focado principalmente nas discussões que ocorreram e na cartilha criada.

Dessa forma, é possível dar sequência ao que foi apresentado aqui, aprofundando nas discussões já existentes, ou adentrando caminhos ainda não traçados como a própria composição do COLECAS e a necessidade do mesmo para uma formação mais humana dos profissionais da próxima geração.

Esse relato de experiência é fundamental para conseguir fazer uma ligação entre os debates que o coletivo gera, buscando a partir da dialética o propulsor necessário para a formação dos alunos do curso superior e do ensino médio. A construção do saber é dada pelo embasamento teórico e pela prática, nunca se esquecendo do meio que estamos inseridos, pois ele contribui nas concepções que temos. Sendo de interesse da instituição que os profissionais formados aqui, sejam competentes a nível técnico e que consigam conciliar o saber teórico com as condições materialmente apresentadas como sociedade, meio-ambiente e cultura.

REFERÊNCIAS

CHAGAS, Gustavo. Cientistas da UFRGS criticam proposta de abertura de canal para escoar água da Lagoa dos Patos. **G1 RS**. 15 mai 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/15/cientistas-da-ufrgs-criticam-proposta-de-abertura-de-canal-para-escoar-agua-da-lagoa-dos-patos.ghtml>>

DIENTSTMANN, João. Rio Grande Se Prepara Para a Maior Cheia da História da Cidade. **Jornal Cidades**. Porto Alegre, 09 mai. 2024. Disponível em: <<https://www.jornaldocomercio.com/jornal-cidades/2024/05/1153537-cidade-de-rio-grande-se-prepara-para-maior-cheia-da-historia.html>>

G1 RS. Um mês das enchentes no RS: Veja a cronologia do desastre que atingiu 471 cidades, matou mais de 170 pessoas e expulsou 600 mil de casa. **G1 RS**, 29 mai 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/um-mes-de-enchentes-no-rs-veja-cronologia-do-desastre.ghtml>>

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LIAO, Kuei-Hsien; CHIANG, Yen-Sheng; CHAN, Jeffrey Kok Hui. The levee dilemma game: A game experiment on flood management decision making. **International Journal of Disaster Risk Reduction**, v. 90, 2023. DOI: 10.1016/j.ijdr.2023.103662.

RAMMÊ, Rogério Santos. A política da justiça climática: conjugando riscos, vulnerabilidades e injustiças decorrentes das mudanças climáticas. **Revista de Direito Ambiental**, v. 65, p. 367, 2012.

TORRES, Luiz Henrique. Águas de Maio: A Enchente de 1941 em Rio Grande. **Historiae**, v. 3, n. 3, p. 239-254, 2012.

VIANNA, Maria Daniela de Araújo. Mulheres, crise climática e COP27: o protagonismo feminino sob a lente da justiça climática. **Organicom**, São Paulo, Brasil, v. 19, n. 40, p. 90-110, 2023. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2022.206653. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/206653>>

Em 2024 vai ser pior do que 1941

LIVIA AYTER SANTOS¹

Cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul (RS) – setembro de 2024

Depois de terminada a pior fase da Enchente de 2024, passei a ter receio de que, com o passar do tempo, minhas recordações dos principais momentos vivenciados por mim e minha família pudessem ficar esmaecidas. Então, contemplei a possibilidade de compartilhar, por escrito, essas minhas lembranças, além de deixá-las registradas para meus familiares.

Creio que esse receio surgiu por duas percepções minhas: as conversas tidas com meus avós paternos sobre histórias familiares e, também, minha gravidez. Agora, quando olho para trás, relembro a época da gestação, embora lembre de muitas passagens – boas e ruins – mesmo assim, algumas coisas fogem-me da mente, o que é frustrante. Essa frustração vem com um pouco de culpa também, pois quando estava grávida, sempre que perguntava alguma dúvida para minha mãe e ela respondia não lembrar, eu ficava irritada. Não acreditava e a retrucava questionando-a como poderia ter esquecido depois de ter tido três crianças. Ela se justificava dizendo terem-se tornado confusas as memórias em sua cabeça e eu, cheia de mim, mesmo quieta, lá no fundo, desconfiava ser a preguiça do assunto o motivo da resposta.

Então, espantei-me ao perceber o esquecimento aproximando-se, sutilmente, de mim quando a minha filha mal passou dos dez anos de idade. Ter de me esforçar para lembrar algumas coisas me fez, felizmente, agradecer explicitamente à minha mãe por toda a ajuda dedicada a mim naquela época e reconhecer o papel desempenhado por ela na qualidade de vida que tive. Foi ela quem me livrou, por exemplo, de uma mastite, pois percebeu que eu estava começando a mostrar alguns machucados nos seios e, com a orientação dela, consegui reverter sem precisar ser medicada nem receber maiores cuidados. Naturalmente, com o uso de uma lâmpada, as feridas sararam e eu segui a jornada da amamentação.

Ao perceber essa sombra do esquecimento em mim, lembrei-me também, de ter passado boa parte da minha infância ouvindo histórias sobre meus antepassados. Através dos relatos dos meus avós paternos, eu soube por exemplo, quais os entendimentos, os medos e as aprendizagens tidas por eles em relação à Enchente de 1941 no RS, a Segunda Guerra Mundial, como enfrentaram doenças para as quais recém estavam surgindo antibióticos, como a tuberculose. Tomei os seus dizeres como um estofo de experiências não diretamente vividas, mas compartilhadas comigo como uma forma de afeto. Um afeto entendido por mim como o carinho e a

¹ Servidora TAE do IFRS – Campus Rio Grande desde 2011.

atenção dispensados durante as conversas, agora transformados em afeto na medida que as lembranças poderiam ajudar nas escolhas de como agir nos momentos de aperto.

Desde que os piores momentos da Enchente foram passando, o sentimento aflorou em mim sobre qual seria o melhor destino emocional para essa tragédia? O que eu poderia tirar de bom disso tudo?

Inicialmente, a Enchente me fez pensar muito nas perdas de pessoas que tive. Nos últimos nove anos, foram-se: minha mãe (2022), meu avô paterno (2015), minha avó paterna (2019), meu sogro (2019) e minha sogra em fevereiro/2024. Também meu pai, tinha passado por um princípio de derrame em novembro/2023. Eu estava cansada emocionalmente e, no caso da minha sogra, que estava em boa saúde e faleceu em vinte dias, foi mais um baque que precisamos contornar enquanto família.

Então, quando se começou a delinear o cenário da Enchente, minha primeira reação foi de descrédito. Descrédito porque eu não queria mais nenhuma preocupação. Estava evitando qualquer pensamento aflitivo e deixando para enfrentar as situações conforme elas fossem realmente ocorrendo. Quando as águas tomaram conta da região metropolitana de Porto Alegre eu estava assistindo ao Jornal do Almoço na quinta-feira, 02 de maio, e fiquei receosa da situação do G., irmão de coração, morando em Esteio. Fiquei mais tranquila depois de conseguir conversar com a mãe dele e saber que as águas não estavam perto de sua residência, localizada em uma região mais alta da cidade.

No entanto, a partir daí, passei a viver em um estado de apreensão, já que as notícias anunciavam uma enchente pior do que a de 1941 e, acima disso, reforçaram o fato de que toda a água que estava descendo do céu teria de escoar para o mar a partir da Barra do Rio Grande. Bom, meu condomínio fica a duas quadras da Lagoa dos Patos, próximo ao embarque da Balsa que faz a travessia de veículos entre Rio Grande e São José do Norte e, assim, estávamos a poucos metros do trajeto das águas até o Atlântico. Quando meu marido e eu decidimos comprar nosso apartamento, fui conversar com o síndico da época na intenção de saber se correríamos o risco de lidar com alguma enchente. Ele havia-me assegurado que nessa área, mais alta do que outras próximas ao Porto, não precisávamos recuar. Contou-me ainda, serem as áreas do Mercado Público, a Rua Riachuelo e o Clube de Regatas, as únicas a encherem por aqui. Raríssimas vezes a água havia chegado até a Praça Xavier Ferreira. Também disse-me ele, sempre ter morado por esta volta e que sempre fora seca. Eu, de minha parte, estava acostumada com os alagamentos na Rua Henrique Pancada, em parte do Bairro Lar Gaúcho e também na região do Museu Oceanográfico. Mas, tendo sido criada próxima ao cemitério católico local, o mais próximo de alagamento que eu havia testemunhado fora na

Rua Francisco Pastore, a Vila Dias, no início da década de 1980. Desta feita, eu ainda tendo por volta de cinco anos de idade, havia acompanhado meu avô no

“resgate” de uma televisão de uma das irmãs de minha avó. Lembro-me de meu avô entrando na casa com água um pouco abaixo dos joelhos e saindo com a TV, naquela época um item caro para a classe social a que pertencemos. Como ela morava na última quadra, minha avó reclamava de ela não se mudar, pois era uma área que alagava devido ao menor aumento das chuvas. Tanto foi que a tia avó realmente se mudou e o assunto morreu na família. Eu, criança que era, acostumei-me a pensar nos alagamentos como um problema que não era meu. Crescida, continuei morando em áreas não alagadas e agora, com o prenúncio de algo mais severo, não me entendi como uma pessoa capacitada a lidar com o problema. E, assim, alimentava meu descrédito e seguia a vida com as atividades rotineiras.

Os dias foram passando e as conversas por toda parte giravam em torno da apreensão de todos ao que estava por vir, além da tristeza profunda com a tragédia que só aumentava em Porto Alegre e na Região Metropolitana. O G., aturdido, nos informou que a Defesa Civil tinha-os praticamente intimado a sair de casa no sábado (03/05) e que ele só havia conseguido colocar em uma mochila poucas roupas e os documentos pessoais dele e da mãe. Em seguida, segundo ele me contou, as águas passaram a tomar conta de toda a rua e invadir as residências, sem nenhuma cerimônia. Além da experiência de alguém tão próximo, as imagens e reportagens na mídia mostravam a todo instante lugares antes de terra, tomados por água. E destruição. Destruição por toda parte, estradas interditadas ou inacessíveis, plantações devastadas, animais mortos e as pessoas em sofrimento por verem o resultado de anos de trabalho resumidos a barro.

Por aqui, a apreensão só aumentava. Os vídeos que circulavam no Whatsapp e em outras redes, para mim soavam de forma fantasmagórica durante os dias anteriores à elevação das águas na cidade de Rio Grande. Como maneira de desvirtuar a mente dessas preocupações, passei a tentar buscar na memória as histórias contadas pelos meus avós paternos sobre a Enchente de 1941. Lembro-me deles comentando sobre serem adolescentes na época, o avô tendo nascido em 1925 e a avó em 1928. Assim, fiz um “trato” comigo mesma: só me preocuparia realmente se as águas atingissem os marcos geográficos da cidade que meus avós haviam indicado.

Durante o final de semana (04 e 05/05, eu e meu marido fomos ao supermercado com a ideia de estocar mantimentos suficientes para duas semanas. Levamos três horas, quando normalmente gastamos no máximo uma hora, hora e vinte minutos se a compra é grande. Mas, as filas estavam enormes, as pessoas, amedrontadas e cansadas e os atendentes, exaustos. No meio de todas essas sensações, ainda assim os atendentes foram prestativos e as pessoas, empáticos com o cansaço alheio. Felizmente, não presenciei nenhuma cena em que alguém tentasse tirar proveito de outra pessoa. Sentia-se o presságio de um caos que não sabíamos como se abateria sobre nós. Os comentários ouvidos eram... como será para nós essa Enchente? As águas realmente subirão em níveis ainda não testemunhados pelos moradores da cidade?

Vi pessoas na fila do açougue pedindo ao açougueiro para diminuir o pedaço escolhido, vi pessoas entristecidas por não conseguirem pagar pelo produto de seu desejo e precisarem trocar o pedido. Testemunhei os pais negando o pedido de guloseimas dos filhos pequenos, lembrando que eu tinha com quem deixar a minha filha, enquanto aquelas pessoas provavelmente não tinham o mesmo privilégio, precisando cuidar dos filhos em meio àquele ambiente de correria. Ao colocarmos nossas sacolas cheias no porta-malas, não pude deixar de refletir sobre essas questões.

Amanheceu 08 de maio, uma quarta-feira, e conforme se aproximava a descida das águas, minha ansiedade aumentava. Chegou ao ponto de eu atordoar meu marido até ele ter a ideia de consultar a Defesa Civil, pois ficam localizados na mesma rua, praticamente em frente ao nosso prédio. Ele voltou tranquilo para casa, explicando ter sido informado de que, se a água chegasse até nossa quadra, com certeza não atravessaria o canteiro que dividia a rua, pois o nosso lado é mais lado. Eu, novamente repassando na mente fatos ocorridos, também relaxei. Até por volta das 21h00 de quinta-feira.

Por volta desse horário eu estava deitada, assistindo ao noticiário, quando recebi uma chamada telefônica do meu pai. Morando dois andares abaixo do meu, ele disse: “Estou aqui na minha janela e a água está subindo.” “E ESTÁ SUBINDO DE PAU!” Assustada, perguntei se ele queria ir para o Cassino, nossa praia é uma das regiões da cidade fora da zona de risco. Com a concordância dele, perguntei ao meu marido se seria possível sairmos naquele momento. Durante todo o diálogo continuei deitada, mas com a resposta negativa dele e sua cara de espanto “Agora não dá mais tempo, não tem como o carro passar”, resolvi levantar e olhar para fora. Incredulidade foi o que senti ao ver a água correndo aos borbotões e formando ondas acima do nível da calçada. Ali, eu percebi que as previsões seriam fichinha para o que realmente teríamos de enfrentar. Moradora do 4o andar, pensando nisso, resolvi colocar todo mundo na cama e pedi ao meu pai, morando no 2o andar do mesmo prédio, em caso de suspeita de uma suba severa da água, que viesse ao nosso apartamento.

Preferi não olhar pela janela o resto da noite, embora só tenha dormido quando o sono me venceu. Na manhã do dia 10, sexta-feira, recém-acordada, conformei-me em imaginar nossa saída do apartamento pelas janelas, em botes, nós quatro, meu gato e o cachorro do meu pai. Qual foi minha surpresa ao abrir a janela e dar de cara com uma rua sequinha, pessoas passando e carros transitando normalmente. O vai e vem das marés, junto ao vento norte tinha empurrado toda a água de volta ao seu costureiro leito. Ufa! Diferente do que eu esperava, as águas tinham recuado. Quando eu, leiga nessa vivência, acreditava que uma vez chegada a enchente, só teríamos terra seca novamente, ao término da invasão das águas. Ali, aprendi que a nossa posição geográfica nos privilegiava nesse sentido em relação às demais áreas do Estado. As regiões não costeiras como aqui, apresentavam cenário semelhante à minha crença desfeita.

Entre em um estado de euforia, quase histeria, por ter me convencido da necessidade de sairmos de casa enquanto a água não retornasse. Liguei para minha irmã caçula e “comuniquei”, ao invés de “pedir”, nossa ida para a casa dela no Parque Marinha, um bairro também longe da área de risco. Depois do telefonema começou o corre-corre: tínhamos de levar os mantimentos, roupas, cobertores e travesseiros, além das quatro pessoas e mais os dois pets. Como conseguimos? A caçula veio nos resgatar e despedi-me do meu apartamento deixando uma bagunça enorme pra trás. Gritei tanto com meu marido e meu pai pedindo para que não esquecessem documentos, roupas íntimas, algum dinheiro e coisas outras que nem lembro mais. Em determinado momento meu marido sentou-se e meu pai ficou enrijecido como o homem de lata. Somente minha filha, por natureza mais tranquila do que eu em quase todas as circunstâncias, tentava apaziguar meu ânimo. No fim, chegamos na casa da minha mãe e salvos, com as águas retornando somente no período da noite. Essa passagem hoje é motivo de risadas entre nós, mas minha recordação do momento é de uma sensação de urgência em sair o quanto antes com medo de que fôssemos surpreendidos por uma mudança nas marés ou nos ventos. Essa subida e recuo das águas caracterizaram praticamente a maior parte da enchente aqui em Rio Grande.

Foi um período em que nossos assuntos se restringiam à “tábua da maré”, sendo a altura da água no cais, indicando o transbordamento para a cidade, caso o vento soprasse na direção sul; “direção do vento”, sendo sul e suas proximidades os piores cenários para represamento da água dentro da cidade; “escoamento das águas do Guaíba”, as notícias da mídia indicavam a continuidade da enchente quase até o final do mês. Durante quase vinte dias ficamos fora de casa.

Acabamos retornando em 27 de maio, tendo ensaiado uma volta frustrada no domingo, dia 26. Foram dias em que mesclamos os sentimentos de tristeza e frustração por não podermos voltar, com o alívio por sermos tão bem acolhidos pela minha irmã, sobrinha e cunhado. No primeiro dia, meu cunhado diagnosticou-me com “ataque de nervos” e, para apaziguar meu ânimo, nos juntamos para comer pizza e conversar. Até tirei um cochilo com minha caçula, coisa que havíamos feito há mais de dez anos pela última vez. Nossa outra irmã, trabalhando na área da saúde e morando em uma região com menos alagamento do que a minha, preferiu não sair de casa com o marido e o filho – mesmo com vários apelos telefônicos meus –, pois estaria mais próxima ao local de trabalho.

Os dias 15 e 16 foram os piores. A água subiu rapidamente e se manteve sem recuos durante três dias. Recebemos vídeos no grupo do condomínio no Whatsapp, indicando a altura da água quase nas coxas, o avanço das águas para dentro dos prédios na altura de praticamente um metro. Embora a água não tenha subido mais do que o andar térreo, e nós não tenhamos perdido nenhum bem material diretamente, sentíamos uma tristeza sem fim pelos vizinhos do térreo. A água que invadiu a cidade nos primeiros dias tinha uma cor mais escurecida e muitos detritos não-orgânicos (madeiras, por exemplo). Conforme os dias foram passando, houve

uma mistura das águas da Enchente com o esgoto da cidade e, a subida das águas trazia um odor fétido.

Uma reclamação minha é pela atitude da Defesa Civil da cidade. No dia 09 de maio, quando a enchente tomou conta da minha rua em menos de vinte minutos – a orientação dada era de que nem atravessaria o canteiro – fiz um chamado pelo Whatsapp divulgado. O retorno veio só na madrugada. Além disso, o prédio havia sido fechado e, para mim, restou aquela sensação de descaso. Outra vivência tida pela nossa família foi com nosso gato, pois não se adaptou ao primeiro local em que o deixamos e tivemos de levá-lo de volta ao apartamento. Na semana do dia 15, quando veio o alerta de que seriam vários dias sem recuo das águas, meu marido decidiu resgatá-lo. Ao pedir ajuda, via Whatsapp, a orientação foi de que ele precisaria providenciar um barco ou solicitar ao Exército. Acabou que meu marido e minha irmã atravessaram as águas na altura da cintura para resgatar nosso bichinho. Em meio a essas decepções com os órgãos oficiais, o melhor de tudo foi poder testemunhar a boa vontade de pessoas que teoricamente não precisariam se envolver, por morarem em regiões a salvo da enchente. Foram montados vários abrigos e os relatos ouvidos por mim eram de apoio e prestatividade. Claro que, com o passar dos dias e a continuidade da calamidade, os voluntários também passavam por momentos de exaustão física e emocional.

Eu, particularmente, só tive como prejuízo financeiro a máquina de lavar queimada em nosso retorno. Não tenho como afirmar, mas desconfio que a umidade deve ter influenciado, pois meu apartamento apresentou mofo em vários cômodos que antes nunca tinham sido afetados. O banheiro precisou de pintura no forro e até a porta foi trocada devido ao mofo.

Positivamente, creio que essa vivência da Enchente trouxe-nos uma retomada da esperança no outro. Em meu condomínio, em especial, as conversas de corredor só eram frequentes entre moradores bem mais antigos. Depois, o sentimento de acolhimento cresceu e nos últimos meses as pessoas demonstraram interesse genuíno uns pelos outros. Para mim, individualmente, não pude deixar de agradecer pela forma como as mãos de minha irmã, sobrinha e cunhado, em especial, se estenderam para nós. Poderíamos ter ficado em casa, mas com certeza, teríamos transtornos de abastecimento de luz, água e mantimentos. Já havíamos sido comunicados pela empresa administradora do condomínio sobre a possibilidade do corte de energia elétrica e como a bomba de água depende da energia elétrica, conseqüentemente em pouco tempo estaríamos sem água também. Daí, perderíamos os mantimentos estocados e, para buscar alimentos, teria sido necessário andar por dentro da água. Quando avalio todas as situações pelas quais poderíamos ter passado e foram evitadas pelo acolhimento e amor recebidos, tenho uma sensação de gratidão enorme. É um calor que se espalha pelo peito. Em relação aos conterrâneos, percebo uma retomada de comportamentos que eram comuns antigamente, aquele sentimento mesmo de poder contar e confiar na comunidade.

Ainda fico um pouco apreensiva quando o céu escurece. Chuva forte me deixa desconfortável e até dormir à noite fica difícil. Muitas pessoas da minha convivência falam de sentimentos parecidos, além dos gastos inesperados com as perdas materiais. Outro assunto corriqueiro é sobre a possibilidade de esse ser o “novo normal” a que estamos destinados. Por enquanto, ainda com os reflexos da Enchente de 2024 presentes em nosso dia a dia, vamos nos adaptando e buscando maior compreensão de como podemos nos mobilizar enquanto comunidade para que não seja o conjunto de nossas ações a força motriz para futuras calamidades.

Lanchas à deriva: nas águas da adversidade, as vozes da resiliência relatam memórias de sobrevivência num empreendimento náutico, em Porto Alegre

DENIZE GRZYBOVSKI¹

1 INTRODUÇÃO

A catástrofe climática ocorrida no Rio Grande do Sul em 2024 suscitou debates em diferentes espaços da sociedade local, nacional e internacional e (re) colocou questões críticas e polêmicas de conteúdo ambiental, político (ideológico/partidário), sociológico e empresarial, de práticas da administração pública sobre como vivemos e como lidamos com a natureza, os recursos naturais e seus eventos. Os conteúdos dos debates parecem ter um propósito comum para além do relato de um evento específico, que foi diagnosticar as causas, tentar mensurar subjetivamente os seus impactos nas diferentes esferas e pensar coletivamente o que fazer com a experiência vivida.

Para além das perdas de vidas (pessoas, animais e plantas), de patrimônios, perderam-se memórias impressas em fotografias, objetos e paisagens e, em seu lugar, novas memórias (individuais, coletivas, sociais) foram construídas de forma abrupta e ainda o são em cada contação de histórias. É uma história pessoal contada a partir daquilo que conscientemente queremos armazenar enquanto grupo social, num processo racional que Tedesco (2004) descreveu como significação identitária de fatos aos quais a lembrança seleciona para estabelecer continuidade à vida.

O fenômeno “catástrofe climática” interferiu na memória social, que Aguillón-Lombana e Serna-Dimas (2023) demonstram ter uma relação direta com desastres sicionaturais, apesar de poucos estudos estarem sendo realizados para recuperar as memórias de suas vítimas e que as reivindicam como forma de reparação material e simbólica da ruptura que transformou suas existências.

No presente capítulo, a proposta é contribuir nessa recuperação de memórias de vítimas de um desastre sicionatural, recolhendo as vozes das vítimas de um grupo social específico, de empresários e trabalhadores de um empreendimento náutico em Porto Alegre/RS. A escolha dessas vítimas, que também realizaram atos de heroísmo salvando residentes das ilhas e de Eldorado do Sul, se deu em razão de terem experimentado a força das águas sem perder vidas humanas e preservando patrimônios de terceiros, as lanchas de seus clientes.

¹ Administradora. Doutora em Administração. Aluna no curso de Especialização em Teorias e Metodologias da Educação no IFRS – Campus Sertão.

As vozes das vítimas estão expressas no texto como “vozes da resiliência”, pois referem-se às histórias, experiências e testemunhos de pessoas que enfrentaram adversidades, superaram desafios e demonstraram capacidade de se adaptar e se recuperar. Essas “vozes” representam a força interior, a coragem e a determinação diante das dificuldades. No contexto da catástrofe climática no empreendimento náutico, essas vozes são dos empresários e trabalhadores que permaneceram no local durante os dias mais críticos de subida das águas, os quais aceitaram compartilhar suas experiências de sobrevivência e resiliência.

É nesse sentido que as memórias de sobrevivência de um empreendimento náutico são colocadas em debate, pois cada uma traz consigo a experiência vivida num momento singular da história do Rio Grande do Sul, o qual inclui aquisição de informações e aprendizagens. Assim o fazendo, vai-se além da narrativa de uma história contada por quem está de fora (o pesquisador) e adentra-se no campo da memória coletiva (as vítimas), que é a lembrança de experiências compartilhadas (CORAIOLA et al., 2021). Na prática da pesquisa sobre a história empresarial, o campo da memória sobre a catástrofe climática pode revelar dilemas da modernidade (aquecimento global, urbanização desordenada, ocupação do solo, comunicação de alertas para evacuação, capacidade de lidar com eventos extremos), mas também valores e sentimentos individuais silenciados. Esses só podem ser acessados pelas lembranças de quem as viveu.

2 AQUISIÇÃO DE INFORMAÇÕES, APRENDIZAGENS E MEMÓRIAS

Discutir memórias nas suas várias dimensões (individual, coletiva, social), suas manifestações (orais e materiais), seus lugares, suas dimensões epistemológicas e até mesmo seus silêncios vem ganhando mais lugar nas análises em diferentes campos do conhecimento (TEDESCO, 2004) e nos estudos organizacionais históricos em particular (CORAIOLA et al., 2021).

No campo da Administração, os estudos de memória estão auxiliando a compreender práticas de gestão, decisões gerenciais, explorar a identidade organizacional, rastrear silêncios históricos, compreender o processo de elaboração de políticas públicas decorrentes do poder de influência de empresas e empresários nas análises de fatos históricos que fazem parte da história das organizações em geral (CORAIOLA et al., 2021; TURETA; AMÉRICO; CLEGG, 2021; SILVA; COSTA, 2024), mas também contribuem acerca do vivido no presente. Trata-se de “uma forma de fazer o tempo passado se presentificar analítica e oralmente; de construção e reconstrução social de vividos; [...] de entender tempos e espaços que necessitam de valores e significados [...] nem sempre em harmonia entre vividos e concebidos” (TEDESCO, 2004, p. 29), expressos nas condições de existência.

A abordagem acerca da memória se dá num campo controverso por envolver questões técnicas de apreensão das lembranças dos sujeitos que recordam, mas também pelas diferentes perspectivas teóricas (NEUFELD; STEIN, 2001), desde o modelo espacial até o modelo de Mandler e da teoria do traço difuso, incluindo diferentes modelos explicativos.

Neufeld e Stein (2001) afirmam que os modelos de memória diferem quanto à explicação do funcionamento da memória e quanto à disposição das informações contidas na mesma, mas são unânimes quanto a algumas fases para aquisição da memória. A aquisição de informações é a primeira fase para a existência de uma memória, seguida pela fase do armazenamento, a qual se caracteriza pela manutenção da informação na memória e depende da qualidade da codificação. A terceira fase é da recuperação da informação armazenada, ou seja, é a lembrança; uma capacidade humana de recuperar alguma coisa que está armazenada, seja um conhecimento ou sensação vivenciada anteriormente.

3 RELATOS DAS MEMÓRIAS

Eventos climáticos extremos recentes estão ocorrendo no Rio Grande do Sul desde setembro de 2023, quando afetou 93 municípios e ocorreu 54 mortes, 25 mil pessoas precisaram deixar suas casas e 673 mil pessoas foram afetadas. Em novembro do mesmo foram menos mortos (5), mas 237 municípios foram afetados, 28 mil pessoas precisaram deixar suas casas e 700 mil pessoas foram afetadas. No ano de 2024, dois eventos climáticos extremos ocorreram, sendo um de menor impacto em janeiro (1 morte, 56 municípios afetados, 153 pessoas deixaram suas casas e 14 mil pessoas foram afetadas). Outro evento ocorreu começou no mês de abril e se estendeu até o mês de maio que, no entendimento do meteorologista da MetSul, Estael Sias, foi a “pior tragédia” do ponto de vista das chuvas e cheias dos rios, sem precedentes na história.

Durante esse último evento climático extremo, empresários e trabalhadores de um empreendimento náutico localizado na Ilha das Flores, em Porto Alegre, viveram a experiência de sobreviver nas águas da adversidade. Conforme as águas subiam e/ou o vento mudava de direção, as estratégias precisavam ser revisadas. Num primeiro momento, havia um sentimento de que era possível permanecer no local, suspender móveis/pequenos objetos/ferramentas, ir e vir usando trator (depois barco de alumínio) e acompanhando o comportamento da natureza. Contudo, a chuva intensa e persistente foi mostrando que a catástrofe climática já estava em curso como nunca antes visto. As consequências da força das águas ainda podem ser vistas nas ruas e nas casas, com muita lama, entulhos e destruição das árvores, como mostra a Figura 1.

Figura 1 – Consequência da força das águas embaixo da 4ª ponte, na Ilha das Flores.



Fonte: A Autora (julho, 2024).

Com vivências de enchentes anteriores de quem empreende no mesmo lugar há mais de 30 anos, os empresários nos contam que se sentiam preparados para enfrentar as adversidades. As lanchas dos seus clientes estavam bem amarradas em suas carretas, presas em estruturas fixas dos galpões e preparadas para flutuar; os trabalhadores foram consultados sobre a disponibilidade de permanecer no local e assumir a responsabilidade de cuidar do patrimônio; dois deles ficaram, com água potável e comida armazenada, se revezando entre o cuidar e o dormir. Conforme o tempo passava, a situação foi piorando. A energia elétrica foi desligada, a comunicação interrompida, os troncos de árvores, o cercado que os protegia de invasores e quaisquer outras coisas que estavam pelo caminho foram sendo levados um a um. Então os dois trabalhadores passaram a ouvir a chuva, o vento, a força das águas e a voz interior, de que seria possível sobreviver.

O Trabalhador A afirma que: “Quando eu percebi a gravidade da situação, a água já tinha tomado todo o espaço onde estávamos. Por onde eu olhava ao meu redor, só via água barrenta, lanchas flutuando, mas ainda estavam seguras/amarradas”. O Trabalhador B completa dizendo que “o problema maior foi quando as lanchas ficaram à deriva. Foi preciso tirar elas dos galpões, para não serem pressionadas pela água contra o telhado, sob risco de afundar”.

Então, a partir desse momento era preciso vestir roupas de proteção ao corpo na água para suportar o frio e cuidar cada uma das lanchas para não bater nas estruturas. “Andando de lancha em lancha, se segurando para não cair, passamos horas assim. As consequências só foram notadas e sentidas quando dias depois, com muitas marcas roxas pelo corpo”, conta o Empresário 1.

As atividades práticas realizadas no momento do nível mais elevado das águas e as decisões tomadas que habitam a memória de empresários e trabalhadores (memória individual) são descritas como sendo a força interior de cada um, mas a espera de um reconhecimento de quem não estava lá. Entre outras expressões, a mais repetida é: “você não tem ideia do que vivemos!”. Na memória social, no entanto, as lembranças se materializam por meio de vídeos e fotografias, como a reproduzida na Figura 2.

Figura 2 – Lanchas danificadas durante a catástrofe climática.



Fonte: A Autora (julho, 2024).

Os relatos das memórias retratam fragmentos do momento vivido por alguém que demonstra não querer mais ter a mesma experiência. Enquanto o movimento da memória sugere que informações foram armazenadas com qualidade e aprendizagens foram produzidas, as lembranças produzem sentimentos do que poderia ter acontecido com suas vidas e de suas famílias, pelas suas ausências naquele momento de angústia. Nesse sentido, apoiando-se em Tedesco (2004), pode-se afirmar que a memória pertence a mesma parte da alma a que pertence a imaginação, porém essa é relembrada a partir da experiência vivida, a qual ainda está em movimento.

4 SENTIDOS ATRIBUÍDOS ÀS MEMÓRIAS

As memórias (individual, coletiva, social) são construídas em fases com base nas lembranças, das quais decorrem aprendizagens. Os relatos das memórias da catástrofe climática ocorrida no Rio Grande do Sul em 2024, lembradas pelos empresários e trabalhadores de um empreendimento náutico em Porto Alegre,

carregam consigo imagens individuais que não foram possíveis apreender nos relatos, apenas imaginar a partir das expressões faciais (balançar da cabeça em direção ao chão, curvando o corpo para frente) combinadas com a expressão oral “não dá para descrever” ou simplesmente por ter fechado os lábios bem forte.

Em cada memória, muitos sentimentos de dor apenas armazenados, ainda não prontos para serem lembrados. Pode-se dizer que são memórias condicionadas à subjetividade humana, ao dilema vivido por si e por suas famílias no mesmo momento, mas não no mesmo lugar, cujos sentimentos/angústias passaram a ser combinados com a racionalidade do espaço e tempo de ser trabalhador/empresário.

As pessoas entrevistadas retratam eventos passados, mas esses não se sobrepõem ao presente, o que permite escolher o que armazenar na memória e o que lembrar. É a noção de intencionalidade na fenomenologia da memória que expressa quão os dilemas da modernidade refletem a complexidade das interações entre sociedade, meio ambiente e clima, exigindo ações conjuntas para mitigar os impactos e promover a sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

AGUILLÓN-LOMBANA, A.; SERNA-DIMAS, A. Memoria y desastre sicionatural. Una mirada global a los estudios sociales de la memoria y su relación con desastres sicionaturales entre 2000 y 2020. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, v. 32, n. 1, p. 3–18, 2023. <https://doi.org/10.15446/rcdg.v32n1.92332>

CORAIOLA, D. M. et al. História, memória e passado em estudos organizacionais e de gestão. **Revista de Administração de Empresas**, v. 61, n. 1, e00000002, 2021. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020210102>

NEUFELD, C. B.; STEIN, L. M. A compreensão da memória segundo diferentes perspectivas teóricas. **Estudos de Psicologia**, v. 18, n. 2, p. 50–63, 2001. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2001000200005>

SILVA, M. A. C.; COSTA, A. (2024). Practices of normalizing political violence at Volkswagen do Brasil during the brazilian civil-military dictatorship (1964-1985). **Revista de Administração Contemporânea**, v. 28, n. 2, e230162, 2024. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2024230162.en>

TEDESCO, J. C. **Nas cercanias da memória**: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF / Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TURETA, C.; AMÉRICO, B.; CLEGG, S. Controvérsias como método para anti-história. **Revista de Administração de Empresas**, v. 61, n. 1, e2019-0457, 2021. <https://doi.org/10.1590/s0034-759020210105>

Aristóteles e a amizade: uma odisseia inesperada

LAURA DE LIMA DAL BEM¹

JENIFER SOUZA JANNES²

FRANCO NERO ANTUNES SOARES³

Era uma vez seis pessoas que saíram de suas casas na manhã de uma terça-feira para uma viagem na qual deveriam retornar no mesmo dia, porém (cinco delas) voltaram a suas residências apenas no fim da tarde do sábado seguinte. Essas pessoas são um professor e cinco alunas do IFRS campus Vacaria. O objetivo da viagem era pedagógico: participar de um evento sobre mulheres e filosofia no *Campus do Vale* da UFRGS. O destino era a capital do Rio Grande do Sul. O ponto de partida foi o município “Porteira do Rio Grande”: Vacaria.

A viagem teve início pouco depois das sete horas da manhã do dia trinta de abril de 2024. Era uma terça-feira que já amanhecera chuvosa. Neste dia, a maior catástrofe climática da história do Rio Grande do Sul iniciaria – uma das maiores de todo o país. Segundo dados da Defesa Civil do Rio Grande do Sul, em nove de maio, foram 428 municípios afetados, 67.563 pessoas em abrigos, 165.112 desalojados, 1.482.006 afetados, 374 feridos, 107 óbitos e 136 desaparecidos. Segundo a PRF e o DAER, às 13h30min do dia nove de maio, havia 131 bloqueios em rodovias estaduais e federais no RS, 95 totais e 38 parciais.⁴

Dois desses bloqueios totais nas estradas ocorreram entre os km 38 e 34 da ERS-122, em São Vendelino. São Vendelino é um município na região do Vale do Caí com apenas 2.251 habitantes, segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2021.⁵ Localizada em área onde viviam povos caingangues, foi chamada pelos primeiros colonizadores europeus de Colônia Santa Maria de Soledade. Um dos distritos dessa colônia foi por sua vez batizado de Distrito Barcellos. Em 1887, devido a grande devoção dos colonos alemães ao Santo *Wendelin de Trier*, o Distrito Barcellos passa a ser chamado oficialmente de São Vendelino, um Santo Católico que teria vivido na cidade de Trier (atualmente na Alemanha) entre os séculos V e VI.⁶

São Vendelino é importante em nossa narrativa porque é onde começamos a ter consciência de que estaríamos em uma aventura filosófica – até ali era apenas mais um dia de chuva na Serra Gaúcha. O que aconteceu no Rio Grande do Sul no dia

¹ Discente do terceiro ano do Curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio do IFRS Vacaria.

² Discente do terceiro ano do Curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio do IFRS Vacaria.

³ Docente da área de filosofia do IFRS Vacaria.

⁴ <https://estado.rs.gov.br/upload/arquivos/202405/2024-05-09-govrs-coletiva-atualizacao-chuvas-medidas-v1.pdf>

⁵ https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2021/POP2021_20221212.pdf

⁶ <https://historiasvalecai.blogspot.com/2018/01/5240-historia-oficial-de-sao-vendelino.html>

de nossa partida (e nos dias seguintes) todos nós sabemos. Precisamos contar agora que seis pessoas que discutiram a amizade na teoria teriam que experimentar dias nos quais este conceito seria testado na prática. Nos cinco dias que viveram fora de casa, vivenciaram diversas situações, nas quais conheceram e tiveram que estabelecer contato com várias pessoas, algumas já conhecidas, mas outras desconhecidas. Tentaremos contar algumas dessas histórias abaixo, tendo como objeto de reflexão a possibilidade do desenvolvimento da amizade entre seres humanos, a partir do conceito apresentado por Aristóteles. Apesar de terem sido cinco dias angustiantes tentando voltar para casa, nossa aventura não é comparável à terrível tragédia de várias famílias gaúchas que perderam vidas e seus patrimônios. Nosso relato vale a pena ser ouvido, porém, porque eram seis integrantes da comunidade do IFRS que partiram para uma atividade pedagógica e foram engolidos pelo mar das improbabilidades.

Como já dissemos, tudo começou porque queríamos participar de um evento no Departamento de Filosofia da UFRGS.⁷ Éramos seis: um dos professores de filosofia do IFRS Campus Vacaria e cinco alunas de Cursos Técnicos integrados ao Ensino Médio. Entre os critérios utilizados pelo professor para a participação no evento estavam o interesse pela filosofia e por questões feministas. A ideia era transformar a viagem em algo que contribuísse para a formação das estudantes. Acreditamos que a formação integral que o IFRS oferece a seus alunos recomenda que eles tenham contato com eventos como esse, quando possível.

Como os tipos de relacionamentos afetivos que envolviam mulheres seriam um dos temas em nosso destino na capital, o professor que conduziria a comitiva propôs que fizéssemos uma atividade prévia e preparatória às discussões que seriam lá realizadas. Vários seriam os temas abordados no evento, mas foi selecionado apenas um deles para nossa atividade. Como o professor Alfredo Storck (UFRGS) falaria sobre “A recepção da noção aristotélica de amizade na teoria tomista do casamento”, e como o professor Franco Soares tem pesquisado sobre filosofia do amor e da amizade, decidiu-se que toda a comitiva leria e discutiria o Livro VIII da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, dedicado ao tema da amizade. A ideia era compreender o conceito de amizade apresentado e desenvolvido por Aristóteles e refletir sobre as relações entre homens e mulheres baseadas na amizade. A leitura e a discussão foram feitas uma semana antes do início da viagem.

Amor e amizade são temas filosóficos fundamentais. Somos hoje mais de oito bilhões de pessoas vivendo no mundo.⁸ Cada um de nós vai conhecer diretamente e conviver com apenas algumas centenas desses seres humanos. Entre eles, vamos nos envolver emocionalmente de modo mais intenso com um número ainda menor, talvez umas poucas dezenas. Esse número mais restrito de seres humanos será o objeto privilegiado de um sentimento especial que parecemos ter: *o amor*. Essas

⁷ <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/coloquio-tematiza-mulheres-e-o-feminino-na-historia-da-filosofia/>

⁸ <https://desapublications.un.org/publications/world-population-prospects-2024-summary-results>

pessoas serão especiais para nós porque iremos nos importar com elas, iremos nos preocupar com elas e desejaremos cuidar delas; nós desejaremos fazer coisas por elas e para elas.

Algumas das pessoas que amamos serão chamadas por nós de nossas amigas ou amigos. No Livro VIII da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles já concebia a amizade como um tipo de amor dirigido a outras pessoas.⁹ Diz ele no segundo capítulo que a amizade é um “amor mútuo” no qual “se deseja o bem do outro”. Para Aristóteles, o amor não precisa ser recíproco, a amizade sim. Se o desejo de fazer o bem ao outro não for recíproco, então temos “boa vontade” naquele que ama, mas não a amizade. Além de ser uma relação recíproca, a amizade só existe quando os amigos e as amigas se conhecem uns aos outros, convivem e estão cientes do bem que a outra pessoa oferece ou deseja.

Podemos amar aquilo que é útil, agradável ou bom; por isso, diz Aristóteles, três são os tipos de amizade: a baseada na utilidade, no prazer e na virtude. Em todas elas, os amigos querem o bem um do outro. A amizade baseada na utilidade consiste na relação de amigos que são úteis um para o outro, pelo bem do outro. Cada amigo estima o outro pelo mérito da utilidade que ele lhe oferece. Acontece o mesmo com a amizade baseada no prazer. Quando a razão da amizade é o prazer ou a utilidade, afirma Aristóteles, até os maus podem ser amigos uns dos outros, ou os bons podem ser amigos dos maus. Porém, os que se amam por causa da utilidade ou do prazer não se amam por si mesmos, por aquilo que cada um é, e, por isso, esses tipos de amizade se desfazem facilmente, quando desaparece a razão da amizade.

A amizade pelo amor ao bom, aquela baseada na valorização do caráter, é, portanto, a melhor e a mais estável. Diz Aristóteles que a amizade perfeita “é a amizade dos homens que são bons e semelhantes na virtude; pois eles desejam o bem de modo semelhante um ao outro *enquanto* bom, e eles são bons em si mesmos” (1156b5). A amizade baseada no caráter é aquela na qual os amigos e as amigas se preocupam uns com os outros apenas porque amam aquilo que é bom para sua amiga e para seu amigo – ainda que quem é bom em si mesmo seja também útil e agradável. Ela não é frequente porque tais homens e mulheres são raros e porque também requer familiaridade e confiança. A amizade é constante quando os amigos e as amigas amam o caráter uns dos outros e umas das outras.

⁹ Bennett Helm (2021) também considera que a amizade é um tipo de amor, pois envolve “um tipo distinto de preocupação por seu amigo”. Essa consideração “afetuosa” pelo amigo é ilustrada por um dos sentidos que poderiam ser atribuídos a uma das palavras gregas que hoje traduzimos como amor: *philia*. As outras duas palavras gregas são *ágape* e *eros*. *Ágape* é a forma de amor que valoriza o objeto amoroso, enquanto *eros* e *philia* são respostas a certas propriedades que valorizamos no objeto de nosso amor. *Eros* é o amor erótico ou sexual pelo que consideramos belo e agradável. A *philia* também é um interesse que depende do mérito do objeto, nesse caso, do amigo, porém, ao contrário de *eros*, é “essencialmente um tipo de *relacionamento* baseado num tipo particular de preocupação especial que cada um tem pelo outro como pessoa que é”; e, por isso, precisa ter reciprocidade.

A amizade é uma virtude para Aristóteles: nós “louvamos os que amam seus amigos” e consideramos “uma coisa boa ter muitos deles” (1155a25). Ela é necessária para nossa felicidade e para o desenvolvimento excelente de nossas qualidades. A catástrofe climática de maio de 2024 pareceu mostrar que as pessoas se importam umas com as outras – e se importam também pela vida e pela segurança de outros animais. Em nossa viagem recebemos a ajuda de várias pessoas, conhecidas e desconhecidas. Vivemos juntos cinco dias intensos até voltarmos para nossas casas. Como é um problema filosófico indagar sobre os tipos de amor e os tipos de amizade envolvidos nessas relações, ficamos nos perguntando como as experiências que vivemos nesse período podem ser iluminadas por reflexões filosóficas sobre o amor e a amizade? Segue abaixo um pouco do que vivemos nesses cinco dias.

Os seis viajantes saíram de Vacaria no dia trinta de abril, pouco depois das sete horas da manhã, rumo à Porto Alegre. O tempo estava chuvoso, porém em nenhum momento passou pela cabeça de nenhum deles o que aconteceria a seguir. No decorrer dos primeiros quilômetros, a tempestade parecia aumentar cada vez mais. Apesar disso, pensamos que o clima melhoraria assim que chegássemos ao nosso destino. Passamos pelas cidades de Flores da Cunha, Caxias do Sul e Farroupilha sem nenhum problema na estrada. Alguns quilômetros após a entrada da cidade de São Vendelino, na ERS-122, nos deparamos com nosso primeiro problema: uma interrupção. Os carros não estavam encorajados a cruzar por um feixe de água que encobria a estrada. Nós já havíamos andado por trechos um pouco alagados, mas essa parte se encontrava inundada de modo tal que não sabíamos se conseguiríamos seguir em frente. Ficamos ali parados por volta de uma hora. Nesse momento, cogitamos voltar para Vacaria, pois a situação já parecia estar crítica em Porto Alegre e na região metropolitana. Quando já era próximo das 11 horas, e depois de muito tempo esperando, alguns carros na nossa frente arriscaram e conseguiram ir adiante. Caminhões, ônibus, caminhonetes, carros de grande e pequeno porte e também motocicletas conseguiram. Decidimos então tentar atravessar e fomos bem sucedidos, já em busca do retorno na estrada que nos permitisse trafegar no sentido de volta à Vacaria.

No sentido de retorno, o congestionamento da estrada continuava, nos prendendo novamente após sete ou oito quilômetros. Durante o período da tarde inteira, conseguimos avançar poucos metros, com muita dificuldade. Ficamos quase seis horas no congestionamento. Porém, perto das 17 horas, presenciamos algo que nos preocupou bastante. Estávamos parados até que, inesperadamente, um morro que havia em nossa frente, a uns duzentos metros de distância, começou a desabar no meio da estrada, levando uma casa consigo. Entre gritos e correria, entendemos que estávamos em uma zona de risco e que precisávamos sair dali. Passamos entre os carros até chegarmos à cidade mais próxima, São Vendelino, a menos de 1 km de onde estávamos.

Por volta das 18 horas, entramos na cidade de São Vendelino para evitar a zona de risco em que nos encontrávamos momentos antes. Paramos em um pequeno mercado para comprar comida, ir ao banheiro, e também telefonar para familiares e amigos na tentativa de tranquilizá-los. Outras pessoas que também saíram da estrada em busca de abrigo foram ao mesmo é único mercado disponível na área. Foi nesse momento que todos nós começamos a considerar a ideia de que não iríamos voltar para casa naquele dia.

Fizemos alguns contatos, mas não havia lugares disponíveis em hotéis para pernoitarmos. Os poucos leitos acessíveis estavam todos ocupados. Porém, logo depois de uma breve falta de luz (mais essa!), uma senhora que estava fazendo compras, e que mais tarde saberíamos ser Rosane¹⁰, viu nossa aflição e nos ofereceu sua casa para passarmos a noite. Ela era proprietária de uma loja de produtos veganos em frente ao mercado em que estávamos. Aceitamos dormir em sua casa e, num primeiro momento, algumas outras pessoas também ficaram um tempo conosco em seu estabelecimento comercial. Rosane nos ofereceu café, frutas e bolo vegano. Ela fez alguns contatos e moradores locais logo vieram nos emprestar colchões, travesseiros e cobertores. Assim, com a ajuda de pessoas bondosas que encontramos pelo caminho, passamos nossa primeira noite fora de casa, bem alimentados e bem acomodados. Essas pessoas foram atenciosas e nos ajudaram em tudo o que puderam. Enquanto não dormíamos, mantivemos contato com a família o tempo todo. No meio da noite, outra barreira desabou na estrada em que estávamos pela tarde e o barulho foi ouvido por aqueles que ainda estavam acordados.

Quando despertamos na manhã do dia primeiro de maio, o dia do trabalhador, confirmamos a informação de não haver nenhuma rota segura para retornarmos para casa; havia bloqueios de estradas e risco de acidentes. A chuva continuava desde o dia anterior. Agora, pensamos, como e quando iríamos sair de São Vendelino? Ainda estávamos refletindo sobre o que fazer quando um gentil professor do IFRS Campus Farroupilha conseguiu chegar até onde estávamos com o objetivo de nos ajudar. Esse professor tinha sido avisado de nossa situação e foi nos encontrar. Decidimos então sair de onde estávamos, ainda na parte da manhã do dia primeiro de maio, e ir até a residência do professor Jairo, alguns quilômetros dali, no interior da cidade de Bom Princípio. Assim, encontramos uma saída, que nos levava ao município vizinho, guiados por quem iria nos ajudar muito nas próximas horas. Em sua residência, o professor Jairo preparou uma refeição incrível e disponibilizou a casa para descansarmos pelo tempo que precisássemos. Além disso, ele nos ajudou a procurar um modo de viajarmos até Porto Alegre, onde teríamos uma melhor rede de apoio naquele momento.

¹⁰ Optamos por preservar o nome verdadeiro de algumas das personagens que aparecem neste texto, ainda que as histórias e a nossa gratidão a elas sejam reais.

Até ali, as informações que tínhamos eram de que as estradas para chegar até a capital estavam intransitáveis. Porém, depois de algum tempo esperando e planejando, recebemos a informação de que talvez fosse possível alcançar nosso destino provisório. Assim, no meio da tarde, sem alternativas, decidimos sair e tentar avançar na ERS-122. Havia um ponto crítico que nos preocupava, visto que talvez não conseguíssemos ultrapassá-lo, porém o professor Jairo se ofereceu para nos acompanhar até lá. Fomos com os dois carros novamente encarar a estrada alagada. Foram talvez os minutos mais tensos de nossa viagem, mas a alegria foi imensa quando o guarda rodoviário que estava na primeira barreira que encontramos disse que conseguiríamos viajar até Porto Alegre. Nos despedimos do professor Jairo e seguimos nosso caminho confiantes.

Por todo o trajeto até a capital havia casas alagadas, carros ilhados e plantações arrasadas. Cenas realmente horríveis e desoladoras. Chegamos ao bairro Cidade Baixa por volta das 18 horas. Durante toda nossa estada em Porto Alegre, tivemos a grande ajuda de alguns parentes do professor que conduzia nossa comitiva. Entre eles estavam a Cátia e o Joel. Eles nos acolheram em seu apartamento enquanto o professor deu carona a uma das estudantes até a residência de seu namorado, que morava na cidade e esperava ansiosamente por sua amada e por uma sacola de maçãs vacarienses. A estudante já estava preparada para ficar na capital (a única pessoa da comitiva que tinha mala de roupas e pertences pessoais!). A partir dali ela acompanhou a aventura de suas companheiras pelo grupo do *whatsapp* criado na ocasião. Assim que o professor voltou, agora em cinco integrantes, fomos comprar coisas que precisávamos, com a ajuda de Cátia e Joel, passando por farmácias e mercados e parando, por fim, no hotel que passaríamos os próximos dias. Depois de acomodadas, conseguimos descansar naquela noite, sempre mantendo contato com as nossas famílias e buscando um modo de poder voltar o quanto antes em segurança.

No dia seguinte, dois de maio, conversamos e decidimos que ainda era muito arriscado tentar pegar qualquer rota para retornar, sendo melhor esperar até que pudéssemos viajar em segurança. Precisamos, mais uma vez, buscar algumas coisas de uso pessoal que necessitamos e, posteriormente, voltamos ao hotel. A chuva permanecia forte e as notícias que chegavam das estradas e do aumento do Rio Guaíba eram preocupantes. Novamente pernoitamos no hotel, sempre atentos às novidades da situação e em contato permanente com a Direção Geral do *Campus Vacaria*. Na manhã do dia três de maio, sexta-feira, recebemos a notícia de que talvez houvesse um caminho possível. Em vez de voltarmos para onde viemos, pela ERS-122, poderíamos ir até Florianópolis, em Santa Catarina e, de lá, ir até Vacaria por Lages, pelas BR-282 e BR-116. Nosso trajeto de retorno seria de aproximadamente 757 quilômetros – uma diferença de mais de 500 quilômetros do percurso usual.

Assim fizemos. Saímos de Porto Alegre por volta de 10 horas da manhã do dia quatro de maio. Demoramos a conseguir sair, pois o centro da cidade já estava começando a ser inundado. Fizemos duas paradas no meio do caminho, uma para

almoçar, em Osório, e outra em um posto de gasolina, em Araranguá, já no estado de Santa Catarina. Conversamos sobre os perigos de viajar de noite nessa situação em que estávamos e sobre o acerto de nossa decisão de dormirmos em alguma cidade catarinense antes de seguirmos nosso caminho.

Para não nos expormos a riscos, decidimos não viajar à noite e parar em Garopaba, cidade litorânea de Santa Catarina, na casa da mãe de Cátia, dona Eliane, que também já estava acompanhando nossa jornada desde o dia primeiro de maio. Ao chegarmos à casa de Eliane, a delegação vacariense foi recebida por ela e por Cacau, uma simpática Pinscher. O ambiente era muito confortável e aconchegante, apesar da saudade de casa, que estava grande devido à mudança inesperada nos planos. Aproveitamos momentos de descontração e também comemos pinhão cozido, o que nos fez lembrar da nossa região. Jantamos no restaurante onde Vanessa, outra filha de Eliane, trabalhava como chefe de cozinha. Recebendo as pessoas no restaurante estava Joca, um cachorro (gaúcho como nós!) conhecido e muito querido pela comunidade. Joca foi adotado por um dos funcionários do local. Visitamos a praia à noite e também tivemos a oportunidade de conhecer um pouco sobre a história da cidade, que começou como uma pequena vila de pescadores. Assim, chegava ao fim nossa última noite longe de casa. Fomos dormir cansados, porém felizes com a ideia de que no dia seguinte partiríamos em direção a Vacaria.

Após o café da manhã, e um passeio pela praia, nos despedimos de Cacau e da dona Eliane. Finalmente estávamos na última etapa de volta para casa, depois de uma semana de tantas improbabilidades. Saímos de Garopaba pela manhã, por volta das 10 horas. Fizemos mais algumas paradas no meio do caminho, onde comemos, descansamos e entramos em contato com nossos familiares e amigos. Chegando perto da divisa dos estados, pegamos um trajeto chuvoso, porém nada preocupante comparado aos outros dias. Viemos com calma, e após as 17 horas, estávamos os cinco em nossas casas, todos em perfeitas condições, para alívio de nossos familiares. Assim, no sábado do dia quatro de maio, nossa “aventura” totalmente inesperada chegou ao fim. Contabilizamos cinco dias e quatro noites de muito improviso e incerteza, que no final resultaram em uma história com final feliz – ainda que consternados pelas tragédias pessoais de várias famílias gaúchas que tinham sido atingidas pelas inundações.

Aristóteles, no primeiro capítulo do Livro VIII da *Ética a Nicômaco*, afirma que “na companhia de amigos, os seres humanos são mais capazes de agir e de pensar”. Ele afirma também que “a amizade é uma virtude, ou implica virtude, sendo, além disso, sumamente necessária à vida. Porque sem amigos, ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os bens.” A amizade verdadeira requer virtudes como benevolência e generosidade. Portanto, não é apenas um sentimento, mas também a expressão de valores pessoais que enriquecem a convivência humana. A felicidade não pode ser alcançada apenas com posses materiais; o suporte e a companhia dos amigos também são essenciais para a vida.

Nossa história teve um “final feliz”. Passar por tudo isso não foi fácil e só foi possível pela união e, conseqüentemente, pelo estabelecimento de laços de amizade. Tivemos muitos momentos difíceis em nossa jornada. Entretanto, o fortalecimento de nossas relações de amizade em grupo, bem como a estima que desenvolvemos pelas pessoas que encontramos no meio do caminho, foram como uma base para que pudéssemos enfrentar todas as adversidades e voltar em paz para nossas famílias. Muito mais do que estudar teoricamente a amizade no texto de Aristóteles, podemos vivê-la na prática, mesmo que em uma situação não muito agradável, confirmando a opinião aristotélica de que a amizade é fundamental à vida coletiva.

REFERÊNCIAS

Aristóteles. **Ética a Nicômaco**. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HELM, Bennett. Friendship. *In*: ZALTA, E. N.; NODELMAN, U. (ed). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. (Fall 2023 Edition). Disponível em <https://plato.stanford.edu/archives/fall2023/entries/friendship/>. Acesso em: 21 jul. 2024.

Contribuições dos Institutos Federais para a reconstrução solidária do Rio Grande do Sul: ações emergenciais e estruturantes

JOSIANE ROBERTA KREBS¹

1 INTRODUÇÃO

Este texto tem por objetivo provocar reflexões sobre como os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) têm contribuído para a reconstrução do Rio Grande do Sul (RS) após a catástrofe sócio climática e ambiental que tirou 183 vidas, deixou mais de 800 feridos e afetou mais de 2 milhões de pessoas, causando impactos em 478 municípios do estado². Para tanto, além de conhecer as ações desenvolvidas, é fundamental pensarmos como essa situação mobiliza os IFs, os educadores e os estudantes e quais transformações provocam ou podem vir a provocar, não somente no território, mas também, na forma de produzir conhecimentos e de desenvolver tecnologias.

As provocações partem das minhas experiências nesse período como pesquisadora, construindo a tese sobre a formação para o trabalho associado e autogestionário em IFs; como integrante da Rede IF EcoSol (rede de servidores da Rede Federal que atuam no campo da economia solidária) e, especialmente através da participação no Comitê de Ações Emergenciais para a Reconstrução da Economia Solidária no RS, bem como, na interlocução com a Secretaria Nacional de Economia Popular e Solidária (SENAES) junto com outros representantes do movimento de economia solidária no RS. A minha participação nesses espaços foi com o intuito de pensar como os IFs, especialmente o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), do qual faço parte, poderiam contribuir com o processo de reconstrução solidária do RS.

O que me mobilizou a participar desses espaços com tal objetivo foi o sentimento de que precisava fazer alguma coisa para ajudar a enfrentar o caos que estávamos vivendo, pois, não temos como seguir nossas atividades de ensino, pesquisa e extensão sem refletirmos sobre as causas ambientais, sociais, econômicas e políticas que provocaram a situação que estamos enfrentando, nem mesmo podemos negligenciar que as pessoas estão sendo atingidas de formas e intensidades diferentes e que as mais impactadas são das classes sociais mais vulneráveis, potencializando

¹ Professora do Campus Viamão do IFRS. Doutoranda em Educação na UFRGS, na linha de pesquisa “Trabalho, educação e movimentos sociais”, mestre em gestão educacional e integrante da Rede IF EcoSol.

² Informações publicadas em 20 de ago. de 2024 no balanço da Defesa Civil do RS sobre as enchentes. Disponível em < <https://www.defesacivil.rs.gov.br/defesa-civil-atualiza-balanco-das-enchentes-no-rs-10-7-66b67813ba21f-66c4eed627af9>> Acesso em 06 de set.de 2024.

as desigualdades e os problemas sociais que já conhecemos, como a pobreza, a insegurança alimentar e a precarização do trabalho.

Assim, considerando as finalidades, concepções e diretrizes auto declaradas nos documentos dos IFs e, especialmente, a missão do IFRS, presente no Plano de Desenvolvimento Institucional (2024 - 2028) que destaca “a formação integral de cidadãos para enfrentar e superar desigualdades sociais, econômicas, culturais e ambientais” (IFRS, 2024, p.27), temos elementos para afirmar que os IFs e cada um de nós, através da nossa atuação no ensino, na pesquisa e na extensão, podemos contribuir de forma crítica e transformadora, no processo de reconstrução do RS.

Para tanto, precisamos nos posicionar sobre o que entendemos por reconstrução e, isso exige reflexões sobre qual é o modelo de sociedade que queremos a partir dessa reconstrução, sobre quais são os modos de produzir e viver que poderiam diminuir as possibilidades de novas catástrofes similares às que estamos vivendo.

Assim, a partir destas reflexões e escolhas, defendo a atuação dos IFs no processo de reconstrução solidária do RS e, para tanto, nos próximos itens apresentamos uma sistematização de ações realizadas pelos IFs e faço algumas provocações sobre os impactos da catástrofe no processo de produção de conhecimento e desenvolvimento de tecnologias, problematizando sobre ações emergenciais e possíveis ações estruturantes, tanto institucionais, como sociais e políticas, em articulação com o território.

2 A ATUAÇÃO DOS IFS NO ATENDIMENTO DAS NECESSIDADES EMERGENCIAIS

Para problematizar como os IFs têm contribuído para a reconstrução do RS, antes de apresentar as ações, é importante trazer para discussão dois conceitos: a) solidariedade, que tem sido amplamente utilizado relacionado à situação do RS e; b) desenvolvimento local, termo que compõe os documentos e normativas dos IFs e que pode contribuir para pensar sobre a reconstrução.

Conforme Laville (2009, p. 310), o conceito de solidariedade remete a dois projetos opostos, um deles está relacionado a uma solidariedade filantrópica, correspondendo à “visão de uma sociedade ética na qual os cidadãos, motivados pelo altruísmo, cumprem seus deveres uns para com os outros voluntariamente”, e o outro, é a “versão da solidariedade como princípio de democratização societária, resultando de ações coletivas”. Laville (2009) aprofunda a discussão conceitual sobre as duas versões de solidariedade, trazendo elementos que contribuem para a nossa reflexão sobre como vem acontecendo esse movimento de solidariedade no RS. Segundo o autor “a solidariedade filantrópica concentra-se na questão da urgência e na preservação da paz social, concepção que tem por objetivo o alívio dos pobres e sua moralização por meio do emprego de ações paliativas”. (LAVILLE, 2009, p. 310). Já a solidariedade pautada na democratização societária,

[...] baseia-se tanto na ajuda mútua, como na expressão reivindicativa, tangendo ao mesmo tempo, à auto-organização e ao movimento social. Esta segunda versão supõe haver uma igualdade de direito entre as pessoas que nela se engajam. Pressupondo a liberdade de acesso ao espaço público para todos os cidadãos, ela se empenha em aprofundar a democracia política mediante uma democracia econômica e social. (LAVILLE, 2009, p. 310).

A partir dessa problematização, é no conceito de solidariedade como democratização societária que me amparo para problematizar sobre a reconstrução solidária do RS. E, por que essa definição é importante ao pensarmos nas ações de ensino, de pesquisa e, especialmente, de extensão nos IFs? Porque, um dos grandes desafios na realização destas atividades, especialmente em um contexto de urgência, é não assumirmos um papel assistencialista, que se distancia da função dos IFs e da possibilidade de fazer desse espaço de articulação com a comunidade um processo educativo e emancipatório, gerando ações estruturantes e não apenas emergências.

Nesse sentido, é que chamo a atenção para o conceito de desenvolvimento local para pensar o caráter das ações dos IFs no processo de reconstrução. Conforme Amaro (2009) o conceito de desenvolvimento local teve a sua afirmação científica a partir do final da década de 70 e o seu reconhecimento político-institucional a partir dos anos 90. O autor define desenvolvimento local como “o processo de satisfação de necessidades e de melhoria das condições de vida de uma comunidade local, a partir essencialmente de suas capacidades, assumindo a comunidade o protagonismo principal nesse processo e segundo uma perspectiva integrada dos problemas e das respostas”. (AMARO, 2009, p.108).

Essa discussão nos ajuda a pensar como construímos soluções com as comunidades atingidas, pensando, para além da satisfação das necessidades emergenciais e imediatas, a construção de uma relação que retroalimente o processo formativo nos IFs.

Para tanto, é importante conhecer como foi a atuação dos IFs durante a catástrofe e quais foram os desdobramentos das ações. No RS, temos 3 IFs – Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL) e Instituto Federal Farroupilha (IFFAR) – estando presentes em 41 municípios, sendo que destes, apenas 2 não estavam em situação de calamidade ou emergência após a catástrofe do mês de maio. Trago este dado para ressaltar a importância do envolvimento dos IFs no enfrentamento dos problemas, mas, também, para destacar que estes IFs e suas comunidades – estudantes, servidores, terceirizados e participantes de ações de extensão – foram atingidos, o que exigiu das instituições: identificar e atender a comunidade acadêmica atingida; lidar com os casos de inundação e destruição em alguns campus, como por exemplo, o Campus Porto Alegre (IFRS) e o Campus Novo Hamburgo (IFSUL) e contribuir para solucionar os inúmeros problemas que foram aparecendo.

Para atender aos estudantes, já nos primeiros dias de maio, foram mapeados os atingidos e estes receberam um apoio emergencial de R\$1.000,00. Em paralelo, várias ações iniciaram e todas as unidades se envolveram de alguma forma. Na Figura 1 estão listadas algumas das ações que foram sistematizadas a partir da divulgação no site e nas redes sociais do IFRS, IFSUL e IFFAR.

Figura 1 – Algumas das ações emergenciais desenvolvidas pelo IFRS, IFSUL e IFFAR

AÇÕES EMERGENCIAIS	UNIDADE
Abrigamento/Alojamento	IFRS - Campus Canoas e IFSUL - Pelotas/ Visconde da Graça
Centros de Coleta e distribuição de doações	IFRS, IFFAR e IFSUL
Atuação de servidores como voluntários em abrigos e centros de recebimento e distribuição de doações	IFRS, IFFAR e IFSUL
Atuação de servidores e estudantes em atividades de limpeza de escolas e outros espaços atingidos	IFRS, IFFAR e IFSUL
Projetos de manutenção de eletroeletrônicos	IFRS, IFFAR e IFSUL
Projeto Cama Solidária: Fabricação de Camas de Madeira para Vítimas de Enchentes	IFRS - Campus Ibirubá
Atendimento Psicossocial aos discentes	IFRS - Campus Farroupilha
Fabricação de brinquedos e jogos infantis	IFRS - Campus Osório
Auxílio na retirada das famílias das casas atingidas	IFRS - Campus Canoas
Disponibilização de espaço e auxílio para cadastros do Programa Auxílio Reconstrução	IFRS - Campus Alvorada
Confecção de cobertors, jaquetas e pijamas de inverno infantis	IFRS - Campus Erechim
Ações em aldeias indígenas	IFRS - Campus Viamão
Produção de sabão em barra	IFRS - Campus Veranópolis
Resgate de pessoas em área de risco	IFSUL - Campus pelotas e Visconde da Graça
Câmara de descontaminação e recuperação de eletrodomésticos	IFSUL - Campus Novo Hamburgo
Confecção de roupas íntimas pelo curso de vestuário	IFSUL - Pelotas-Visconde da Graça
Confecção de estrados para colchões em abrigos	IFSUL - Campus Pelotas
Produção de almofadas, roupas de cama e sacos para lixos e resíduos	IFSUL - Campus Sapucaia
Descaracterização de roupas doadas pela Receita Federal	IFSUL - Reitoria, Campus Pelotas e Pelotas-Visconde da Graça
Produção e entrega de marmitas	IFFAR- Campus Alegrete
Produção de desinfetante e sabão líquido	IFFAR - Campus São Borja
Participação em campanhas de doação de sangue	IFFAR

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações do site e redes sociais do IFRS, IFSUL e IFFAR (2024).

Além das ações realizadas pelos IFs que estão no RS, muitos outros IFs do Brasil, bem como o Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (CONIF) também passaram a fazer campanhas para arrecadar recursos financeiros e doações para enviar ao RS e contribuir com as comunidades atingidas.

A articulação através de programas de governo e a mobilização da gestão dos IFs demonstram que esse movimento de reconstrução do RS vai além da satisfação das necessidades emergenciais, podendo ser destacadas entre as possibilidades de continuidade das ações o Programa Retomada Cultural RS, uma iniciativa do Ministério da Cultura (MinC) em parceria com o IFRS e o Projeto Envelhecer nos Territórios SOS RS, que tem como referência o Programa Envelhecer nos Territórios, realizado em parceria com a Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa (SNDPI) do Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDHC) e envolvendo os 3 IFs do RS. Além disso, destaca-se o fomento com orçamento do IFRS para ações

de extensão voltadas ao enfrentamento da situação de calamidade resultante da catástrofe climática no RS (Edital Proex nº 18/2024), onde foram selecionados 22 projetos, em 8 campus, que começaram a ser executados em agosto e vão até o final de dezembro de 2024.

3 POSSIBILIDADES DE AÇÕES ESTRUTURANTES

Participando do Comitê de Ações Emergenciais para a Reconstrução da Economia Solidária no RS, bem como, da interlocução com a Secretaria Nacional de Economia Popular e Solidária (SENAES) pude perceber o quanto os IFs poderiam contribuir, pois, para iniciar o movimento de reconstrução era importante fazer uma busca ativa pelos trabalhadores da economia solidária no RS para poder identificar onde eles estavam e como foram atingidos. Muitos destes trabalhadores atuam na informalidade, em suas casas, assim, também perderam seus meios de produção e sua renda.

O referido comitê foi organizado pelo Fórum Gaúcho de Economia Solidária (FGES) e se somaram ao grupo, além de alguns servidores de IFs e Universidades, pessoas atuantes em movimentos sociais. Deste coletivo, a principal contribuição foi um projeto para constituir frentes coletivas de trabalho, estas frentes poderiam realizar serviços essenciais, atuando, por exemplo, nas cozinhas solidárias, nas atividades de limpeza e na construção civil. E, as instituições de ensino, especialmente os IFs, teriam um papel importante na formação continuada dos trabalhadores e na assessoria através, por exemplo, das incubadoras de economia solidária ou de cooperativas populares. No entanto, o tempo foi passando e o projeto não teve força política suficiente para receber apoio e recursos. Mesmo assim, algumas ações foram realizadas, como por exemplo, o mapeamento de trabalhadores da economia solidária que foram atingidos, estando prevista a continuidade de ações para atender as necessidades identificadas.

Neste contexto, aconteceu uma aproximação importante entre os IFs que estão no RS, o FGES e os trabalhadores da economia solidária. Essa articulação pode ajudar na reconstrução solidária do RS. Uma ação que pode contribuir nesse processo é a realização dos cursos de gestão de empreendimentos econômicos solidários e agentes de desenvolvimento cooperativista solidário, que estão sendo ofertados no IFRS e no IFSUL através do Programa Manuel Querino, o qual acontece em interlocução com a SENAES/MTE.

A partir da sistematização destas experiências, na Figura 2, apresento um quadro com as ações emergenciais e busco provocar reflexões sobre possíveis ações estruturantes, tanto no campo institucional (internas), como no campo social e político, através de articulações externas.

Figura 2 – Ações emergenciais e possíveis ações estruturantes

AÇÕES	INSTITUCIONAIS (INTERNAS)	SOCIAIS E POLÍTICAS (ARTICULAÇÃO EXTERNA)
EMERGENCIAIS	Ações para atender as necessidades imediatas da população: resgate, abrigo, água, alimentação, recebimento e distribuição de doações, limpeza, recuperação e reconstrução	Ações em articulação com outras instituições - públicas e privadas - e organizações da sociedade civil
	Identificação de estudantes, servidores e colaboradores terceirizados atingidos	Participação de bolsistas e servidores em ações promovidas por instituições e organizações que fazem parte de projetos e programas de extensão, como, por exemplo, a Cozinha Solidária do MST
	Levantamento de unidades dos IFs atingidas e identificação dos impactos na infraestrutura e equipamentos	Participação de gestores e servidores dos IFs em comitês, comissões e órgãos de enfrentamento aos impactos e reconstrução do RS
	Auxílio financeiro aos estudantes atingidos	Ações do Ministério da Educação, com disponibilização de recursos para auxílio financeiro aos estudantes atingidos e para reparos em unidades atingidas (limpeza, infraestrutura e equipamentos)
	Editais para fomentar ações voltadas aos impactos da catástrofe, especialmente na extensão	Parcerias com Ministérios para execução de Programas voltados à grupos atingidos, como por exemplo, os programas Envelhecer no Território e Agentes Culturais
ESTRUTURANTES	Registros sistematizados e reflexões sobre a catástrofe que poderão contribuir no embasamento de ações estruturantes, sendo a publicação do livro "Relato de Memórias sobre a catástrofe climática no RS" um exemplo.	Articulações com instituições e organizações da sociedade civil que possibilitem ações voltadas à superação das desigualdades sociais, conforme autodeclarado em documentos institucionais, buscando o fortalecimento popular e a geração de trabalho e renda, preferencialmente na perspectiva do trabalho associado e autogestionário (frentes coletivas de trabalho). Para isso, é fundamental a continuidade das parcerias com os Ministérios com captação de recursos para programas estruturantes que possibilitem a reconstrução e, também, a produção de conhecimentos e tecnologias com as comunidades atingidas, buscando minimizar os impactos de situações similares.
	Repensar os cursos regulares e os projetos - ensino, pesquisa, extensão e indissociáveis - a partir da catástrofe sócioclimática e ambiental, provocando reflexões de como cada área de formação e atuação profissional pode contribuir para evitar situações similares	
	Considerar os impactos da catástrofe em cada território, fazendo as devidas adequações locais na implementação do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI)	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Com as possibilidades de ações estruturantes apresentadas no quadro, ressaltando a relevância da articulação com instituições e organizações da sociedade civil que possibilitem ações voltadas à superação das desigualdades sociais, conforme autodeclarado em documentos institucionais, buscando o fortalecimento popular e a geração de trabalho e renda, preferencialmente na perspectiva do trabalho associado e autogestionário (frentes coletivas de trabalho), reafirmo a importância de repensarmos as nossas atividades nos IFs, no ensino, na pesquisa e na extensão e provocarmos reflexões sobre que conhecimentos e que tecnologias são necessárias para minimizarmos os impactos da catástrofe sócioclimática e ambiental de 2024 e para evitar outras situações similares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da sistematização das informações e relato das experiências durante e após a catástrofe sócio climática e ambiental no RS, resalto a importância do envolvimento dos IFs no processo de reconstrução solidária do RS e destaco a identificação de ações tanto emergenciais como o início de ações estruturantes, construídas internamente e em articulação com o território, o que denomino de ações sociais e políticas.

Podemos perceber que muitas das ações mencionadas estão no campo da extensão, o que é muito importante. No entanto, é oportuno pensarmos em como

fazer com que os conhecimentos desenvolvidos e tecnologias produzidas nessa relação dialógica com o território sejam incorporadas na pesquisa e no ensino, provocando a revisão do currículo dos cursos regulares, sendo uma oportunidade de olhar estas ações com a lente da indissociabilidade, contribuindo para a formação dos estudantes e possibilitando transformações sociais.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

REFERÊNCIAS

AMARO, Rogério Roque. Desenvolvimento Local. *In*: CATTANI, Antonio D.,LAVILLE, Jean-Louis; GAIGER, Luiz Inácio e HESPANHA, Pedro. **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra: Editora Almedina, 2009, p. 108-113.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL (IFRS). **Plano de Desenvolvimento Institucional – 2024 - 2028**. Bento Gonçalves, 2024. Disponível em < <https://pdi.ifrs.edu.br/>> Acesso em 06 de set. 2024.

LAVILLE, Jean-Louis. Solidariedade. *In*: CATTANI, Antonio D.,LAVILLE, Jean-Louis; GAIGER, Luiz Inácio e HESPANHA, Pedro. **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra: Editora Almedina, 2009, p. 310-314.

